

Fabiana de Oliveira Lima

Trajecto da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto: uma rede de híbridos

Universidade Fernando Pessoa

Porto 2011

Fabiana de Oliveira Lima

Trajecto da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto: uma rede de híbridos

Universidade Fernando Pessoa

Porto 2011

© 2011

Fabiana de Oliveira Lima

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Fabiana de Oliveira Lima

Trajecto da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto: uma rede de híbridos

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Castro Seixas.

RESUMO

FABIANA DE OLIVEIRA LIMA: Trajecto da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto:
uma rede de híbridos

(Sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Castro Seixas)

Neste trabalho abordamos as principais intervenções da tecnologia na percepção do espaço urbano e nas inter-relações nele estabelecidas. Para este feito, foi realizada uma revisão de literatura sobre a Antropologia da Tecnologia e os novos paradigmas que a tecnologização traz para os estudos urbanos; também foi realizada uma discussão sobre a necessidade de questionar a tecnologia a partir de ferramentas sugeridas pela Antropologia simétrica. Na realização da pesquisa, escolheu-se a cidade do Porto como terreno, mais especificamente, o Projecto Porto Digital, que exalta a tecnologia Wi-Fi. Alguns utilizadores Wi-Fi foram interlocutores para o estudo, além de uma empresa fornecedora de Hot Spots em Portugal. Através de questionários, entrevistas e observações directas verificou-se quais são as alianças que a tecnologia reforça por causa da perspectiva de desenvolvimento e progresso socioeconómico. Por fim, destaca-se como a perspectiva de uma sociedade híbrida contribui para uma compreensão mais ampla dessa complexa relação entre humanos, cidade e tecnologia.

ABSTRACT

FABIANA DE OLIVEIRA LIMA: Route of Wi-Fi Technology in the Oporto city: A hybrid network.

(Under the orientation of Prof. Doutor Paulo Castro Seixas)

In this work we approach the main interventions of technology in the understanding of urban space and in the interrelation established in it. In order to achieve this it was done a review on Anthropology of Technology's literature and the new paradigms that technologization brings to urban studies, as well as a discussion on the need of questioning technology from the tools suggested by Symmetric Anthropology. In order to do the research, the city of Oporto was chosen as a fieldwork, particularly Porto Digital Project that emphasizes Wi-Fi technology. Our survey respondents were Porto Digital users and a Portuguese Hot Spots' firm. By using questionnaires, interviews and direct observation it was noted which alliances technology reinforces, because of the perspective of development and socio-economic progress. Finally, it is highlighted the way a hybrid society contributes to a wider understanding of the complex relationship between men, city and technology.

RÉSUMÉ

FABIANA DE OLIVEIRA LIMA: Route du Wi-Fi dans la ville de Porto: un réseau hybride

(Sous l'orientation du Professeur Paulo Castro Seixas)

En cet recherche nous abordons les principales interventions de la technologie sur la perception de l'espace urbain et les relations qui y sont. À cette fin, nous avons effectué une revue de la littérature sur l'anthropologie de la technologie, la nouvelle paradigmas technologisation de mettre en études urbaines et une discussion sur la nécessité de remettre en question la technologie à partir des outils proposés par l'anthropologie symétrique. Dans cette recherche, nous avons choisi la ville de Porto que la terre, plus précisément, le projet Porto Digital, qui sans relâche la technologie Wi-Fi ont également été les interlocuteurs des utilisateurs de la technologie et un fournisseur de "hot spots" au Portugal. Grâce à des questionnaires, des entrevues et des observations directes ont montré que les alliances technologiques finalement, de renforcer, avec le développement perspective et socio-économique et le progrès. Enfin, il y a la perspective d'une société hybride contribue à une meilleure compréhension de cette relation complexe entre l'homme, la ville et la technologie.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que acreditam no poder das boas alianças. Sozinhos nem sequer existiríamos.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses pouco mais de três anos vivenciei intensas emoções na feitura deste trabalho, para além de todo aprendizado técnico, pessoal e profissional. Gostaria de agradecer a cada uma das pessoas que esteve presente em qualquer altura deste feito. Com mais fervor, agradeço às intervenções Divinas. Minha mãe, Iracema, de nome e personalidade doce, sempre incentivadora, apaixonada pelos filhos, pela vida. Um exemplo de carácter e determinação. Agradeço com muito amor, pois estar tão distante de tudo, por tanto tempo, não é mesmo fácil, mas a cada palavra materna de ânimo o coração fica cheio de força.

Meu pai, Ilton, por suas conversas leves, despretensiosas e por toda simplicidade que sempre expressou, estimulantes de um caminhar mais fluido, solto e de uma mente mais livre e curiosa. Com ele aprendi que todo lugar pode ser nossa casa, pois ela começa dentro de nós. Meus irmãos, Alessandro, Alex Breno e Alexandre, os três As que sempre estiveram presentes, com sua música, suas palavras amigas. Guardo os três no coração e reconheço a reciprocidade. Ainda faremos muitas músicas juntos, como sempre. Meu sobrinho Igor e minha cunhada Cris, que deu-nos esse presentinho pequeno, doce, amável que adora conversar com a tia no telefone.

Meu companheiro Thiago, por compartilhar comigo seus melhores sentimentos, seu conhecimento sempre crescente, sua vivacidade, seu amor, suas leituras, seus estímulos criativos, intelectuais e emocionais. E ainda, sua música, sem nossas tardes de canto e teclado a vida seria bem menos temperada.

Minha amiga Jordânia, que ficou ainda mais presente com a distância, ouvindo minhas histórias e estimulando cada novo passo, com muita elegância.

Claudinho (Pessoa), Fabrício (37 anjos), Kelei, Márcia, Welton, companheiros de conversas maravilhosas, passeios, trocas essenciais para não esquecer do quanto é bom e saudável um convívio leve, amigável e desprendido de empáfia.

Aos meus amigos Sanae, Izabel, Bruno, Rossy (*in memorian*), Fabiana Firmino, Gustavo, Juliana Novais, Luciana, Danielli, Wanda, torcedores incomparáveis.

Meus padrinhos e “orientadores” à distância, Jarbas Araújo e Cida Nogueira, que de tanta dedicação vieram duas vezes visitar-me.

Ao Professor Paulo Seixas, pela atenção, cuidado, leituras, conversas, orientações, por estimular com seus trabalhos uma atenção maior ao outro, às necessidades humanas.

A Universidade Fernando Pessoa, na pessoa da Dra. Ana Moutinho, que cordialmente ajudou-me em cada etapa.

Ao programa Alban, que financiou esta pesquisa.

A Biblioteca Municipal Almeida Garret.

A Câmara Municipal da cidade do Porto.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – UMA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA DA TECNOLOGIA: APONTAMENTOS PARA ETNOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS.....	09
CAPÍTULO II – ENTRE O SUJEITO E O OBJECTO: HIPÓTESES PARA UM ESTUDO URBANO DA TECNOLOGIA.	33
1. Objectivação do sujeito ou subjectivação da técnica.....	35
2. Sair da dicotomia para entender a relação entre sociedade e tecnologia	46
3. Entre a Antropologia e a tecnologia: novas perspectivas para o espaço urbano.....	53
3.1 O que nos impede de questionar a tecnologia?	57
4. Como chegar ao outro e a mim sob a óptica da tecnologia?.....	62
5. Vivência e conhecimento.....	66
CAPÍTULO III – TECNOLOGIA, ANTROPOLOGIA E URBANIDADES.....	69
1. O urbano e a tecnologia	71
2. A cidade de ontem e hoje: conceitos e inquietações nos itinerários urbanos	74
3. Tecnologia e estudos urbanos: que ferramentas são necessárias?	83
4. A Cidade Multidimensional, Polifônica e Híbrida: um espaço de fluxo	89
CAPÍTULO IV – O PROBLEMA DA PROLIFERAÇÃO DOS HÍBRIDOS E SUAS MÚLTIPLAS FACES.....	95
1. A tradução dos híbridos – Relação entre humanos e não-humanos.....	97
2. Híbridos na Antropologia.....	99
2.1 Do Funcionalismo à Tradução Cultural.....	100

3. O que traduzem os híbridos no espaço urbano - linha ténue de conexões	105
4. Tradução do espaço urbano – uma grande rede de colectivos desconectados.....	109
CAPÍTULO V: ITINERÁRIOS ESCOLHIDOS PARA ESTUDAR A REDE URBANA DO PORTO.....	
1. Princípios para uma etnografia do quotidiano.....	117
1.1 Do trabalho de campo intensivo – a cidade fragmentada.....	118
2. Da pesquisa qualitativa.....	124
2.1 A seguir os itinerários das metodologias para pesquisas sobre a cidade.....	125
2.2 O debruçar num terreno híbrido: a problemática	126
3. Dos eixos estruturantes da pesquisa: o poder público, os usuários e os espaços de tecnologia Wi-Fi	128
3.1 O Poder Público.....	128
3.2 Apontamentos das pesquisas sobre tecnologia Wi-Fi e espaço urbano	132
3.3 Os usuários dos espaços de acesso a internet com tecnologia Wi-Fi.....	136
4. Impressões da cidade do Porto.....	137
CAPÍTULO VI – SEGUINDO OS ITINERÁRIOS DA CIDADE DO PORTO ATRAVÉS DO FIO DA TECNOLOGIA.....	
1. A cidade.....	145
2. As alianças e redes de um Porto Digital: seguindo o sentido das pontes.....	152
3. A construção dos caminhos imaginários: a oferta das redes sem fio.....	159
4. Outros Portos: olhares e vozes itinerantes	167
5. A percepção dos usuários a partir dos questionários.....	189
6. Os <i>hotspots</i> através da internet	205
CAPÍTULO VII – O <i>HOMO FABER HYBRID</i> NA CIDADE DO PORTO.....	
1. Uma relação híbrida: a tecnologia que faz o homem e o homem que faz a tecnologia	209
BREVES APRECIACÕES SOBRE A CIDADE, A TECNOLOGIA E OS HÍBRIDOS.	
BIBLIOGRAFIA.....	245
APÊNDICE.....	257

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1. <i>BY SHIFTING ATTENTION TO QUASI-OBJECTS IT IS POSSIBLE TO LOCATE AND ANALYZE TECHNICAL PROJECTS</i>	25
FIGURA 2: ESQUEMA DE DETERMINAÇÃO DO PROCESSO SIMBÓLICO	86
FIGURA 3: ELEMENTOS MOTIVADORES E CONSTITUINTES DO PROJECTO PORTO DIGITAL.....	156
TABELA 1: BENEFÍCIOS APONTADOS PELO PROJECTO PORTO DIGITAL	157
FIGURA 4: IMAGEM DA PÁGINA DA KAPTANET NA INTERNET	162
TABELA 2: QUADRO REFERENCIAL DOS SERVIÇOS OFERECIDOS PELA KAPTANET.	163
FIGURA 5: MAPA GEOGRÁFICO DA CIDADE DO PORTO COM DESTAQUE AOS PRINCIPAIS PONTOS DE HOTSPOTS	165
TABELA 3: OBSERVAÇÕES DA UTILIZAÇÃO DA INTERNET NOS ESPAÇOS COM TECNOLOGIA WI-FI – CENTROS COMERCIAIS	169
IMAGEM 1: PALÁCIO DE CRISTAL, EM 1856.	177
IMAGEM 2: JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL, ACTUALMENTE, COM PARTE DO PAVILHÃO DE DESPORTOS À ESQUERDA, AO FUNDO	178
FIGURA 5: JANELA DE RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ONLINE	191
HISTOGRAMA 1: RESPOSTAS ÀS PRINCIPAIS MELHORIAS QUE GOSTARIAM DE VER NA CIDADE	192
HISTOGRAMA 2: RESPOSTA SOBRE SE TEMOS MAIS TEMPO DISPONÍVEL POR CONTA DA INTERNET	193
HISTOGRAMA 3: RESPOSTA SOBRE ONDE COSTUMAM CONHECER AMIGOS OU PARCEIROS.	195
HISTOGRAMA 4: RESPOSTAS SOBRE COMO PERCEBEM O ESPAÇO QUE MAIS VIVENCIAM	196
HISTOGRAMA 5: RESPOSTAS SOBRE O GÉNERO DOS RESPONDENTES	197
HISTOGRAMA 6: RESPOSTAS ÀS ACTIVIDADE QUE COSTUMAVAM FAZER COM MAIS FREQUÊNCIA ANTES DO USO DA INTERNET.	198

HISTOGRAMA 7: RESPOSTAS ÀS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES AO USO DA INTERNET	199
HISTOGRAMA 8: TIPO DOS PRINCIPAIS SITES QUE COSTUMAM VISITAR	200
HISTOGRAMA 9: RESPOSTAS À PERCEPÇÃO DE MUDANÇAS NO ESPAÇO URBANO	201
HISTOGRAMA 10: RESPOSTAS À INTERFERÊNCIA DA INTERNET NAS RELAÇÕES PESSOAIS	202
HISTOGRAMA 11: RESPOSTAS À PERCEPÇÃO DA INTERNET	203
HISTOGRAMA 12: RESPOSTAS SOBRE A PERCEPÇÃO SE A INTERNET ACRESCENTA MAIS INFORMAÇÃO AO QUOTIDIANO.	204
TABELA 4: NOTÍCIAS RELACIONADAS A TECNOLOGIA <i>WI-FI</i> E <i>HOTSPOTS</i>	205
FIGURA 6: REPRESENTAÇÃO DAS ALIANÇAS CONSTITUINTES DO ESPAÇO URBANO	232

INTRODUÇÃO

A cada dia que abrimos o jornal (seja ele impresso ou electrónico) na sessão destinada a economia, ou ciência, ou tecnologia, iremos nos deparar com um “sem fim” de novas possibilidades para realizar as mais distintas tarefas, inclusive aquelas que nem sabíamos serem tão indispensáveis ao nosso quotidiano. Saímos dos grandes aparelhos domésticos para a tecnologia portátil e vivenciamos a forte disseminação das redes de comunicação online. Seria uma revolução do tempo ou do espaço que ocupamos? Ou já estamos tão acostumados a tudo isso - iPods, iPhones, Twitter, Facebook, actualizações cada vez mais constantes dos nossos “navegadores” de Internet - que sequer nos apercebemos?

Logo, a tecnologia e sua necessidade, cada vez mais evidente, para as tarefas mais corriqueiras foi a primeira força motriz deste estudo. Seguido do nosso interesse sobre os factos e fenómenos urbanos, chegamos a uma ponte já erguida em trabalhos anteriores: a inter-relação entre o espaço urbano e a tecnologia. Tais elementos, se assim podemos nomear, permeiam intensamente as relações interpessoais, de modo imbricado. Ambos, aliançados, são representantes das aspirações e ambições contemporâneas - representações físicas (e ao mesmo tempo imaginárias) das nossas ideias de espaço, grupos, sociedade, religião, trabalho, entre outros.

Partimos assim de um campo amplo para desenvolvermos a problemática deste trabalho: de que forma o desenvolvimento nas tecnologias da informação têm interferido nas relações que estabelecemos no espaço urbano e na percepção da cidade? Embora não seja possível envolver o universo de cidades que conhecemos ao longo dos tempos, a escolha da cidade do Porto como campo de pesquisa foi de grande importância para a delimitação da problemática. Um dos principais factores de motivação para escolha do Porto, deu-se pelas suas ânsias de pioneirismo com os recursos da comunicação sem fios, trazidas pelo Poder Público como proposta de gestão urbana e vivenciadas pelos cidadãos, cada vez mais adeptos da comunicação online.

Muito embora, não esteja registado em recentes estudos estatísticos quaisquer diferenciações no volume de utilização das redes de comunicação na cidade do Porto, em detrimento das demais cidades portuguesas. Mas há no Porto um aparente desejo de “europeização”, ou ainda de acompanhar ao máximo as últimas tendências, conforme poderemos verificar de forma pormenorizada no corpo do texto. Junto a este panorama, há vários pequenos “Portos” que irrompem, repletos de contrastes aos anseios citados.

Portanto, em linhas gerais, o problema que discutimos nesta tese é constituído pela intimidade abrupta com que cada vez mais nos relacionamos com a tecnologia e como tal relação interfere na nossa percepção da cidade, do lugar onde moramos, das relações interpessoais que nele estabelecemos. Porque vemos a tecnologia, maioritariamente, como solução para os “problemas” contemporâneos e/ou como desvio rápido para o desenvolvimento socioeconómico? Sob esta base, tendo em vista a grande disseminação de diversas tecnologias móveis da comunicação, buscamos com esta pesquisa identificar as interferências das mesmas nas relações interpessoais e por conseguinte reconhecer de que forma este entrelace está a modificar o olhar sob o espaço urbano e seus usos. Mais especificamente, a) Apreender a reconfiguração do desenho urbano na cidade do Porto a partir dos usos da tecnologia Wi-Fi; b) Identificar o papel do poder público no incentivo/facilitação do consumo, acesso e convívio com a tecnologia na cidade do Porto; c) Elaborar uma discussão teórica acerca da relação entre Antropologia e tecnologia, questionando suas intervenções na sociedade contemporânea; d) Identificar os principais itinerários dos produtores, gestores e consumidores da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto; e) Inter-relacionar a percepção espaço urbano do poder público, empresários e utilizadores da tecnologia Wi-Fi sobre o espaço urbano; f) Reconhecer as interferências da tecnologia na representação da identidade do cidadão em relação a sua cidade; e, g) Identificar de que modo a tecnologia interfere na percepção e no desejo de cidade de seus cidadãos.

Para alcançar tais objectivos, dividimos esta tese em 7 capítulos mais as conclusões. No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão sobre a relação entre Antropologia e tecnologia, bem como um conceito de Antropologia da Tecnologia. Assim como, discutimos É discutida a importância do referido conceito para a compreensão dos fenómenos tecnológicos numa perspectiva etnográfica que assuma toda complexidade envolvida nas inter-relações entre humanos e não-humanos. No caminho seguido na trilha de uma história da Antropologia da Tecnologia, baseamo-nos no trabalho de

Bryan Pfaffenberger, onde é apontada a lacuna deixada nos estudos antropológicos sobre a relação das culturas com os objectos, para além de uma perspectiva evolucionista. Ao contrapor-se a esta escola, os trabalhos etnográficos estiveram voltados muito mais para descrições dos campos de pesquisa. Por outro lado, a abordagem da tecnologia por parte da Antropologia perdeu em profundidade.

Com o intuito de reforçar a discussão, ainda apresentamos as abordagens de Pierre Lemonier e Bruno Latour que trazem contribuições significativas, sobre as quais poderíamos até sugerir que fazem uma retomada da Antropologia da Tecnologia, mesmo que não nesses termos, mas que privilegiam o entendimento de interdependência entre as duas partes. Tais perspectivas ainda estão presentes, sob outros modos de abordagem, mas com o olhar voltado para a tecnologia ou a técnica, nos trabalhos de Leroi-Gourhan, Marcel Mauss. Todos esses autores abrem caminhos para pensarmos o quanto a fuga de uma instrumentalização do objecto etnográfico acabou por deixá-lo fragmentado e mais difícil de ser apreendido.

Na sequência, apresentamos no capítulo II alguns apontamentos reflexivos sobre a relação, já deveras explorada, mas sempre num intuito de disputa, entre sujeito e objecto. Neste caso, não iniciamos por falar apenas do quanto uma perspectiva objectiva perde sem a subjectiva, ou vice-versa. Mas sim, de como torna-se difícil pensá-las separadamente. Logo, apresentamos um conjunto de diferentes abordagens sobre o sujeito e objecto na Antropologia, a partir de seus principais colaboradores. Além disso, somamos abordagens de consolidados pensadores de áreas diversas. A ideia que prevalece é abordar o tema sujeito e objecto, tendo em vista o nosso objectivo de estudo, de modo distanciado da dicotomia, sem privilegiar quaisquer dos lados.

Na terceira parte do segundo capítulo, demonstramos como tal abordagem insere-se nos estudos sobre a tecnologia nos espaços urbanos. Na quarta parte deste capítulo, a partir do pensamento de Ulf Hannerz, discutimos sobre a relação contemporânea o sujeito com o espaço que vivencia para a construção de sua percepção de mundo e de si mesmo, enquanto cidadão, ou ainda, enquanto parte de um todo. Nesse aspecto, diversos termos contemporâneos ilustram o pensamento do autor, tais como hibridez, transnacionalidade, espaço de fluxo, acompanhados de outros como simetria, visão sistémica. As diversas maneiras de perceber as relações entre o espaço urbano, nós e a tecnologia, apontam para vários questionamentos que fazemos ao longo do capítulo,

afinal, quais seriam os elementos estruturantes desta relação? Ou será que não há uma estrutura definida?

Da mesma forma, representamos alguns aspectos mais específicos da relação entre o urbano e a tecnologia no capítulo III. Quais são os novos horizontes que se abrem nos estudos do espaço urbano com a disseminação intensa da tecnologia? Com o auxílio de Edward Soja, Saskia Sassen, Manuel Castells apresentamos como os estudos urbanos consolidaram-se na Antropologia e em que perspectivas. Além disso, como as escolas fundadoras de estudos urbanos incentivaram as abordagens contemporâneas e que outras ferramentas são necessárias para a compreensão de tais estudos nos dias de hoje. Para ilustração com pesquisas mais recentes, recorreremos aos trabalhos de Setha Low e Paulo Seixas, pois ambos reconhecem a necessidade de novas maneiras de lidar com o urbano diante das grandes transformações sofridas pelo mesmo.

Seriam novas maneiras de encontrar-se com a cidade multidimensional, polifónica e híbrida, pois a actua reconfiguração do contexto urbano pede ferramentas mais flexíveis, muito embora, nada percam do seu carácter científico. Tendo em vista a qualidade complexa da percepção de uma cidade como a descrevemos logo acima, no capítulo IV dedicamos uma discussão que reúne a nossa perspectiva sobre a relação entre sujeito e objecto com a proliferação dos híbridos no espaço urbano, mais especificamente, com a disseminação das tecnologias da comunicação influenciadas e influenciando directamente as inter-relações.

Para tanto, lançamos mão do conceito de tradução, baseado na translação de Bruno Latour, para nos auxiliar na compreensão dos híbridos. Logo, dispomos de mais um conjunto de autores que colaboram com a percepção do espaço urbano como uma grande rede de colectivos interconectados, mas não necessariamente com suas alianças bem definidas. Ainda no capítulo IV, introduzimos nosso interesse de pesquisa na tecnologia Wi-Fi e como ela acaba por encaixar-se favoravelmente numa abordagem mais flexível e simétrica ao olhar para o sujeito e o objecto, ou ainda dito de outra forma, para o homem e a máquina.

No capítulo V, apresentamos as especificações metodológicas escolhidas para esta pesquisa. Fazemos uma contextualização do trabalho de campo e mais especificamente, quando o campo é o espaço urbano. Ao caminhar pelo terreno das pesquisas qualitativas, escolhemos três eixos estruturantes, justificados neste capítulo: o poder

público, os usuários e os espaços de acesso à tecnologia Wi-Fi. Em seguida, para finalizar o capítulo, está disposta uma breve caracterização da cidade do Porto, palco do cenário que escolhemos para este estudo. Contudo, falamos de maneira mais pormenorizada, inclusive poderíamos também chamar de uma descrição simétrica, que é também objectiva e subjectiva, no capítulo VI.

Neste capítulo, segue-se a caracterização o projecto Porto Digital, em que a tecnologia Wi-Fi é o factor motivador dos objectivos de desenvolvimento socioeconómico e cultural para a cidade do Porto. Na sequência, estão os dados recolhidos através de entrevistas e outras pesquisas sobre o projecto e sua dimensão social, personagens envolvidos e resultados obtidos até o momento. Após esta sessão, abordamos as qualificações da tecnologia Wi-Fi na cidade, os principais pontos de acesso, bem como descrevemos as entrevistas realizadas com uma empresa negociadora de pontos de Hot Spot em Portugal. Assim como, junto a impressões pessoais da cidade, estão as observações graficamente representadas, que foram obtidas em distintos períodos em pontos de Hot Spot e auxiliaram na realização das entrevistas realizadas em sítios do mesmo género, também apresentadas nesta mesma sessão.

Para complementar este capítulo VI, apresentamos os dados recolhidos através dos 40 questionários aplicados, representados graficamente. Vale ressaltar que não há quaisquer intenções de estabelecer parâmetros estatísticos de análise. Mesmo porque, não houve delimitação de uma amostra fiável para o universo de indivíduos usuários dos serviços de Wi-Fi em pontos de Hot-Spot, pois esse mesmo universo é desconhecido por esta pesquisa, que não possui foco quantitativo. Os questionários foram uma forma de obter informações que poderiam ser mais difíceis nas entrevistas, tendo em vista que os usuários estavam ocupados com seus afazeres pessoais no momento da entrevista, além do facto de intimidação quando da identificação mais específica que uma entrevista acarreta. No fechamento deste capítulo, temos uma sessão que apresenta um quadro referencial de informações divulgadas através da internet sobre os Hot Spots e uma tabela com os principais pontos gratuitos de acesso a internet na cidade do Porto.

O capítulo VII, apresentamos a análise dos dados, que, por sua vez, segue a mesma perspectiva de imbricamento apresentada nos capítulos teóricos. Indicamos neste capítulo os principais apontamentos extraídos de nossa pesquisa, bem como um diálogo

com pesquisadores, principalmente portugueses que auxiliaram-nos a compreender as nossas assimilações sobre a cidade portuense e sua relação com a tecnologia. Fazemos uma relação da tecnologia com a ideia de consumo e de fetiche, além de apontar meandros da “sociabilidade e convivibilidade” a partir dessa “tecnologização” dos espaços. Por fim, dispomos de uma quadro referencial das alianças que estabelecemos na contemporaneidade.

Para o fechamento do nosso trabalho, as conclusões trazem alguns apontamentos para o questionamento da tecnologia a partir de um conhecido mito. Como não poderia deixar de ser, tais apontamentos pretendem incitar ainda mais a discussão proposta, ao contrário de encerrá-la em categorizações fixas. De qualquer forma e, ainda assim, vimos que os usos da tecnologia na cidade acaba por estimular as relações a distância intensificando uma vivência mais solitária e promotora de afectividade virtual. Isso porque, há sempre um embate entre os nossos interlocutores, que utilizam a tecnologia como meio de socialização e, os chamados “não-humanos”, que actuam para além desta ingénua suposição de controlo. Deste modo, é reforçado um complexo e híbrido colectivo.

**CAPÍTULO I – UMA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA DA TECNOLOGIA:
APONTAMENTOS PARA ETNOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS.**

“Pelas suas técnicas prodigiosas, o homem ultrapassa, ao que parece, os contextos do seu próprio pensamento” (Gaston Bachelard)

Foi estabelecida uma necessidade de fios condutores, de guias, direccionamentos, sinalizações que nos digam por onde ir, como seguir. O medo de se perder em meio ao universo de possibilidades cresce junto as mesmas. Sendo assim, parece salutar que seja dado ao leitor algum género de fio condutor. Logo, iniciaremos por esclarecer algumas colocações que estão ou não estão no texto a seguir.

O texto está na primeira pessoa do plural pois este trabalho não foi construído por apenas uma pessoa¹. Colaboraram nele humanos e não humanos. Os autores que destacamos no texto, muito embora não tenham sido os únicos a abordarem a Antropologia da Tecnologia, ou uma Antropologia da Técnica - ou ainda uma perspectiva antropológica sobre a tecnologia, os artefactos - são aqueles que corroboram o fio condutor que a própria pesquisa acabou por desenhar. Sendo assim, não desconsideramos a importância dos trabalhos de Leroi-Gourhan, Marcel Mauss, Marvin Harris, Maurice Godelier, Edmund Leach, entre outros importantes autores da Antropologia que abordam a tecnologia e estão citados ao longo do texto. Contudo, vamos nos ater a seguir o fio condutor das perspectivas de Bryan Pfaffenberger, Pierre Lemonier e Bruno Latour², pois imbricam tecnologia e Antropologia.

Para nossa investigação é de grande importância que discusemos sobre o papel da tecnologia nos estudos antropológicos. Primeiro, porque nosso objecto de pesquisa está intrinsecamente relacionado a mesma; segundo, houve durante um largo tempo certa

¹ Com efeito, no tocante ao conjunto textual que compõe o trabalho etnográfico e a descrição das paisagens e dos efeitos suscitados pela mesma, utilizamos a primeira pessoa do singular.

² Estes três últimos autores são contemporâneos. Suas actuações como professores e pesquisadores começaram basicamente entre finais da década de 1970 e início da década seguinte. Muito embora seus trabalhos vieram a ter maior reconhecimento em princípios da década de 1990.

resistência a inserir nos estudos antropológicos a matéria propriamente dita das culturas, o artefacto – técnica e tecnologia; e, por fim, por buscarmos entender como se deu a percepção do objecto/artefacto nas principais escolas antropológicas e porque a tecnologia, apesar de acompanhar a humanidade desde seu desenvolvimento cultural, ainda é um tema deveras iniciante para os estudos etnográficos, apesar de sua inegável importância para o entendimento das culturas contemporâneas.

Desse modo, seguiremos o seguinte itinerário neste texto de abertura: faremos uma incursão sobre a história do objecto “tecnologia” nos estudos etnográficos, destacando conceitos e percepções dos principais autores; em seguida, reconheceremos como os mesmos contribuíram para a compreensão das etnografias de temas actuais e sua relevância para a Antropologia contemporânea.

Pensar uma Antropologia da Tecnologia é uma tarefa delicada para aqueles que não querem incorrer na criação de dicotomias excludentes – afinal, onde de facto começa a tecnologia para que possamos diferenciá-la da técnica? Ora, como situar este suposto “salto” que vai do técnico ao tecnológico? Dessa forma, poderíamos pensar que os inúmeros artefactos observados em museus etnográficos são também manifestações tecnológicas. Portanto, torna-se delicado e, um pouco tenso, precisar os aspectos norteadores de uma Antropologia da Tecnologia. Para tanto, faz-se necessário recapitular os momentos desta conceptualização no intuito de apontar a problemática inerente à mesma e fundamentar nossa hipótese: Como veremos adiante, nos trabalhos de Bruno Latour, a separação entre a “ideia do objecto” e “objecto em si mesmo” é fruto de uma tradição de pensamento onde sujeito e objecto foram sempre vistos como instâncias separadas. Portanto, esta presente recapitulação pretende esclarecer os primórdios dessa separação no seio da tradição antropológica.

Antes do mais, é mister lembrar que os trabalhos de Bronislaw Malinowski tiveram como um de seus grandes contributos a vinculação entre o facto e o contexto em que o mesmo se inseria. Com efeito, este posicionamento foi responsável por um dos grandes golpes no evolucionismo cultural de Tylor e Frazer. Para Malinowski, não poderíamos incorrer em comparações abruptas entre um “artefacto” nativo e um “artefacto” presente em nossa cultura por se tratar de um olhar que negligenciava o contexto do mesmo. Assim, não poderíamos comparar uma faca com um serrote de metal sem reflectirmos acerca do contexto sociocultural onde a faca se faz presente. Em suma, o funcionalismo

de Malinowski aponta que os objectos só fazem sentido no contexto em que se encontram inseridos. Certamente, esta postura de Malinowski é tomada para uma série de percepções caras ao trabalho de campo, por exemplo: Um ritual de sacrifício também só faz sentido no contexto onde está inserido. Ironicamente, se o evolucionismo realizou abruptas comparações, o funcionalismo, sob uma justificativa exemplar, acabou por “negligenciar” a importância do próprio objecto. Isto transformou o olhar sobre o objecto num jogo platónico onde as ideias, por detrás de sua manifestação, importam sempre mais que a própria manifestação. Na verdade, a atitude de Malinowski nasce como uma reacção ao olhar reducionista do evolucionismo. No entanto e, embaraçosamente, precisamos “retomar” o gesto evolucionista de apreciação dos objectos – ainda que abandonemos sua forma de abordar. Dessa forma, se o evolucionismo se equivocou em seu exercício desenfreado de comparar os objectos das mais diversas culturas, o funcionalismo, por sua vez, acabou por negligenciar a importância dos mesmos à medida que reduzia-os num arcabouço explicativo onde toda e qualquer manifestação era um a priori a ser aceite – afinal, qualquer artefacto tinha sua razão de ser de acordo com o contexto em que estava inserido. Certamente, o funcionalismo partiu de uma premissa inteligente que, infelizmente, levou-lhe a negligenciar os férteis conjuntos de significados que os artefactos podem representar. Sob uma ligeira comparação, poderíamos dizer que este impasse fomentou um tipo de situação que ficaria bem expressa numa comunidade de historiadores sem o direito de solicitar ajuda à Arqueologia.

Urge neste momento esclarecer os aspectos da historicidade da disciplina³ no intuito de perceber os momentos mais importantes e os encaminhamentos que, ao decorrer do trabalho, iremos sugerir.

Iniciaremos o nosso itinerário pela Antropologia da Tecnologia através dos estudos de Bryan Pfaffenberger, antropólogo pesquisador e professor da Universidade da Virgínia, que desde meados dos anos 1980, tem se preocupado com a relevância da tecnologia enquanto temática das pesquisas etnográficas. Os seus estudos sobre o referido tema foram iniciados quando os antropólogos alargaram o foco de pesquisa para práticas

³ Como veremos adiante, a história da Antropologia da Tecnologia passa muito por uma peleja já bem conhecida na filosofia: aristotelismo versus platonismo; moralismo versus metafísica; pragmatismo versus ontologia. Em suma, todo este percurso de discussão da relação entre sujeito e objecto se insere no problema de que as “ideais” importam mais que sua manifestação – ou, o contrário, e que a manifestação importa mais que a ideia.

quotidianas nos centros urbanos. Contudo, nesse mesmo período os estudos etnográficos sofriam, pelas suas principais escolas, a exigência de um maior rigor científico no trabalho de campo e nas análises desenvolvidas. E nesse quesito, os estudos que de alguma forma destacavam a importância do materialismo cultural não eram academicamente bem vistos. Uma etnografia que estivesse debruçada sobre a tecnologia a partir de uma visão antropológica, não era recebida com entusiasmos. De acordo com Pfaffenberger,

The study of technology and material culture, a topic that was (and is still) perceived as "dry, even intellectually arid and boring" (92, 5), was relegated to museums, where-out of contact with developments in social anthropology and deprived of ethnographic experience-museum scholars lacked the resources to advance the field (1992, p.492).

Muitos estudos sobre os objectos tinham carácter de pesquisa arqueológica, para a catalogação de formas, estilos, períodos. A Antropologia Cultural não aprovava tais estudos por acreditar que não agregavam valor etnográfico, nas palavras de Malinowski (*in* Pfaffenberger, 1992), se tais estudos fossem meramente tecnológicos, seriam estudos estéreis.

Este foi o cenário que impulsionou Pfaffenberger a elaborar justificativas e caminhos para o estudo da tecnologia pela Antropologia. O próprio termo “Antropologia da Tecnologia”, não chega a ser uma escola antropológica, mas é defendido como se devesse ter sido. No mesmo momento em que fala da “Antropologia social da Tecnologia”, defendendo a indiscutível necessidade de inserir a observação dos artefactos tecnológicos nas principais temáticas etnográficas, também utiliza o termo “Teoria Antropológica para estudos tecnológicos”, muito embora, o primeiro termo tenha sido abordado por Lemonnier, como veremos mais adiante. Independente da inserção de uma nova escola da Antropologia ser estabelecida, a preocupação de Pfaffenberger é abordar um dos temas mais presentes no nosso quotidiano, academicamente negligenciado pelos etnógrafos. Para tanto, um dos seus principais argumentos é de que “*for anthropology, jettisoning material culture studies was a necessary step in establishing the scientific basis, the intellectual appeal, and the distinctive subject matter of the discipline*” (1992, p. 492). Portanto, a abordagem do objecto, numa perspectiva da Antropologia social, mais especificamente – conforme veremos em outras afirmações do autor – é importante para pensarmos a Antropologia contemporânea.

Por conta de uma apressada relação estabelecida entre a Antropologia da Tecnologia e a Antropologia Material, havia a ideia de que esses estudos iriam se afastar dos propósitos de compreensão da cultura humana como um todo. Ou seja, iriam repetir o mesmo que a escola Evolucionista fazia: um foco deveras concentrado no objecto, o que a impedia de ter uma maior flexibilidade ao comparar culturas e definir estágios de desenvolvimento através da sua produção de artefactos. Além desse receio, os diversos problemas sociais que eclodiram com a Revolução Industrial⁴, e perpetuaram até 1980 – principalmente pela grande concentração populacional nos centros urbanos – levavam as escolas da Antropologia Cultural a temer um retorno à “Antropologia Física”.

Entretanto, de acordo com o Pfaffenberger, apenas a Antropologia⁵ poderia nos responder: “*What kind of cultural meaning is embodied in technological artifacts? How does culture influence technological innovation-and how does technological innovation influence culture?*” (1992, p. 493). Ou seja, que outras relações são estabelecidas para a produção da tecnologia e como esse movimento acaba por influenciar a cultura? Não são as relações de produção que interessam, mas os impulsos e motivações para o desenvolvimento da tecnologia e da cultura, concomitantemente. Afinal, toda a tecnologia produzida faz parte dos interesses que a humanidade tem.

Um desafio não parecer simples defensor de uma sociedade tecnologizada, ou ainda, que a tecnologia pudesse ser substituída facilmente por quaisquer outros terrenos de pesquisa. Por isso, foi uma tarefa assumida a princípio pela Antropologia social, que possuía então as ferramentas adequadas para compreensão do sentido cultural dos objectos. Assim, da união dos métodos de abordagem da Sociologia com a tecnologia surgiu o conceito de “sistema sociotécnico”. Tal conceito reúne toda perspectiva de relevância da tecnologia enquanto ferramenta de compreensão das construções socioculturais da humanidade. Ou seja, “*collectively, these fields [science and technology], without much anthropological involvement, have developed a concept, the*

⁴ Refirimos directamente aos problemas de habitação, difícil acesso à boa alimentação e condições precárias de sobrevivência sofridos pelos operários ingleses e continuados por toda Europa onde o desenvolvimento industrial passava a estar presente. Nas Américas os problemas trazidos pelo desenvolvimento industrial foram também esses e outros, como o aumento da violência, a saber a cidade de Chicago nos anos 1940.

⁵ Para Jean-François Lyotard (2006), ocorreram transformações tecnológicas do próprio saber: “tornou-se ineficaz o quadro teórico proporcionado pelo filósofo (metafísico)”. Há um impacto directo da tecnologia na configuração científica contemporânea. E nesse contexto, a Antropologia possui uma linguagem que permite uma aproximação mais densa da tecnologia.

sociotechnical system concept (48), that refuses to deny the sociality of human technological activity” (Pfaffenberger, 1992, p.493). Desta forma, a Antropologia da Tecnologia também agregaria conceitos dos estudos sociológicos sobre tecnologia.

A ideia de um sistema sócio-técnico⁶ força-nos a necessidade de observar o homem para além de aspectos culturais pré-definidos; induz-nos a um olhar em busca de um todo maior, parte das vivências quotidianas que também constroem e significam a sua cultura. Com esta perspectiva, seria-nos possível o afastamento da ideia de uma abordagem evolucionista da cultura.

Um maior interesse demonstrado nos estudos sobre tecnologia encontrava-se com os conceitos de modernidade; a mesma, seria a celebração do progresso, que já nascia fadado a se tornar obsoleto, afinal, era dele era exigido uma superação constante. E mais que isso, uma condição de ser “profeta” e estar sempre um passo a frente do tempo Para Pfaffenberger, a Antropologia da Tecnologia trazia de volta uma discussão que os antropólogos resolveram dar por finita: o papel do objecto na cultura. Na perspectiva evolucionista o objecto era observado como representativo das escalas evolutivas de cada cultura; enquanto para os funcionalistas, o objecto não cumpriria mais que uma função e por isso não poderia representar culturalmente um grupo, muito menos que este ou aquele grupo seria mais ou menos evoluído. Contudo, na contemporaneidade não há mais como darmos invisibilidade aos objectos.

Desse modo:

the Standard View [necessity is the mother of invention] puts forth a commonsense view of technology and material culture that accords perfectly with our everyday understanding. All around us are artifacts originally developed to fulfill a specific need-juicers, word processors, vacuum cleaners, and telephones (Pfaffenberger, 1992:495)

Nessas condições, a nossa interdependência dos objectos e a forte interferência que recebemos deles, além do facto de termos multiplicado constantemente as nossas necessidades e também os objectos ao nosso redor, leva-nos a dar importância ao estudo da relação com os mesmos, também no âmbito cultural – mas não era essa relação que importava de facto a visão de que “a necessidade é a mãe da invenção”.

⁶ “The commonsense Modernism of the Standard View desocializes human technological activity, as has just been argued, by reducing the creativity of sociotechnical-system building to the doctrine of Necessity (:502)”

Ora, a percepção de que o estudo dos objectos não amplia a compreensão sobre a cultura estava sustentada nos estudos arqueológicos. Por outro lado, sem tais estudos da Antropologia física, não teríamos a dimensão das possibilidades de criação e aperfeiçoamento – ou complexificação – dos artefactos. Por isso, “*some archaeologists and social anthropologists would break radically with the Standard View in asserting that material culture does not play a decisive role in shaping a human group's adaptation to its environment*” (Idem, p. 497). Pois, se por um lado, a escola funcionalista difundia sua descrença no evolucionismo, por este dispor grande atenção ao objecto - comparando culturas a partir do mesmo – por outro, apontava para o objecto como um artefacto de valor meramente utilitário – obliterando as possíveis relações entre a cultura e o objecto.

Em linhas gerais, nem o discurso funcionalista, nem o evolucionista, ou mesmo o discurso do materialismo cultural são suficientes para explicar a importância da tecnologia no contexto actual. Ao mesmo tempo, todas essas perspectivas são necessárias, pois cada uma delas acaba por contribuir na complexificação e no aprimoramento de uma “Antropologia da Tecnologia”. Portanto, para Pfaffenberger, “*the proper and indispensable subjects of a social anthropology of technology, therefore, include all three: techniques, sociotechnical systems, and material culture*”. (1992, p. 499).

Todo esse esforço requer, segundo o autor, que pensemos um sistema⁷ muito mais complexo para a cultura. Claro que, sem distinguir a importância dos seus elementos na compreensão da mesma – perspectiva também seguida por Latour (1993) e Lemonnier (1992). Pois, mais do que necessidade, a criação de um objecto traz em si o simbolismo material, que a *Standard View* retirou do seu conceito de sistema sociotécnico. Pois criar novos artefactos/produtos não importa apenas para observarmos seu processo de criação e que novas possibilidades trazem para o crescimento económico, por exemplo. Outrossim, é importante observarmos tais objectos por eles trazerem em si os anseios de uma sociedade, e conseqüentemente, carregarem os “genes” de novas configurações sociais pela utilização dos artefactos. Em outras palavras,

⁷ “*In short, sociotechnical systems are heterogeneous constructs that stem from the successful modification of social and nonsocial actors so that they work together harmoniously*” (1992, p. 499).

To construct a sociotechnical system is not merely to engage in some creative or productive activity. It is to bring to life a deeply desired vision of social life, often with a degree of fervor that can only be termed millenarian. (Pfaffenberger, 1992, p.506).

Desse modo, cada vez que olhamos para um objecto é uma nova compreensão que captamos da cultura, da vida social. E, para tanto, importa mais o contexto e utilização dos artefactos do que sua função e estilo.

A partir dessas observações acima, entendemos que a principal contribuição de Pfaffenberger é trazer à discussão a tecnologia de modo mais complexo, podendo e devendo ser abordada pela Antropologia. Esta, na sua visão, seria a única ciência com ferramentas adequadas a reconhecer as relações estabelecidas com a cultura. Com efeito, discute sobre temas caros a Antropologia que procura expandir-se, principalmente nas últimas décadas do século XX. Para o autor, o grande vilão da modernidade foi o colonialismo e não a tecnologia

O autor não apresenta directamente uma definição da Antropologia da Tecnologia, que está também associada à Antropologia Social, como podemos observar em sua afirmação:

by reinstating the social anthropology of technology and material culture, we lay the foundation once again for fruitful communication among social anthropologists, ethnoarchaeologists, archaeologists, and students of human evolution (1992, p.513).

Seria então uma Antropologia social da tecnologia que também agrega o estudo da cultura material e o conceito de sistema sociotécnico. Sua ideia principal é de que houve um negligenciamento quanto a importância que a tecnologia exerce no nosso quotidiano. Tal circunstância foi estabelecida devido às visões extremas das escolas antropológicas quanto aos principais aspectos constituintes da cultura: artefactos, crenças, mitos, ritos, utilização dos artefactos, entre outros; e, às divergências quanto à classificação de culturas mais ou menos desenvolvidas.

Contudo, nossa actual conjuntura impede a negação da influência que os objectos exercem sob nós e vice-versa. Dessa forma, só uma Antropologia da Tecnologia estaria habilitada para observar os trajectos dos objectos e suas inter-relações com as construções culturais. Como falar de tecnologia e não envolver seus aspectos de consumo? E ao mesmo tempo, seus aspectos sociais? Suas interferências nos índices

económicos? Do empenho científico para desenvolver novas tecnologias e estudar seus efeitos físico-químicos na sociedade? Talvez por isso, por sua fluidez, a tecnologia continue sendo um pano de fundo para os estudos dos objectos e suas relações socioculturais.

Na visão de Pfaffenberger, posicionar-se a favor de uma Antropologia da Tecnologia, é justificada da seguinte forma:

The anthropology of technology, must be founded, not on simplistic and ideologically shaped propositions, but rather on a recognition of the role of fetishism-specifically, in disguising the deep interpenetration and dynamic interplay of social forms, cultural values and technology (1988, p. 243)

Desse modo, o objecto de estudo da Antropologia da Tecnologia teria como base identificar os valores socioculturais do objecto produzido; o artefacto tem seu aspecto simbólico reconhecido e utilizado para a compreensão dos interesses que determinada cultura apresenta. Tal objecto de estudo considera a existência de uma rede sociotécnica por acreditar que as produções materiais ao nosso redor estão intimamente ligadas a nossa percepção social, económica, ecológica e cultural. Os objectos seriam algumas das “teias” que constituem essa “rede”. Portanto,

Technology, defined anthropologically, is not material culture, but rather a total social phenomenon in the sense used by Mauss, a phenomenon that marries the material, the social and the symbolic in a complex web of associations (Pfaffenberger, 1988, p.250).

Uma perspectiva similar é possível encontrar nos trabalhos actuais do autor, professor no *Department of Science, Technology, and Society*. Um de seus últimos trabalhos publicados intitula-se *Technology: Anthropological Aspects*⁸. Por fim, continua a defender estudos antropológicos debruçados sobre a tecnologia, considerando-a parte da produção material, mas também simbólica, das culturas.

Ver os objectos sob a óptica das redes, formadas pelos mesmos e seus usos na sociedade é também parte da percepção de Pierre Lemonier sobre a tecnologia nos estudos antropológicos. Para este autor, a técnica e a tecnologia fazem parte do sistema simbólico cultural, de maneira que não é possível separar os aspectos técnicos dos sociais. Diante dos seus artigos, podemos afirmar que dispõe um cuidado significativo

⁸ Para ver mais: *Technology: Anthropological Aspects*. International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences, Neil Smelser and Paul Bates (eds.). Oxford, U.K.: Pergamon Press, 2001).

ao elaborar pressupostos teóricos – que apresentaremos mais à frente - para uma Antropologia da Tecnologia; manteve sempre a preocupação de situar o contexto em que se deu a obliteração do tema tecnologia nos estudos antropológicos.

Lemonnier é director de pesquisa no CREDO – *Centre de Recherche et de Documentation sur l’Océannie* – na Universidade de Provence. Apesar de, neste momento, suas publicações estarem voltadas para os aspectos socioculturais e também ecológicos do referido continente e outras localidades, como a Nova Guiné, contribui e muito contribuiu para a consolidação dos estudos de Antropologia da Tecnologia. Junto com Bruno Latour – que terá suas contribuições apresentadas mais a frente - e o próprio Pfaffenberger, e outros autores, possui um conjunto de publicações deveras significativas acerca do tema.

De acordo com os estudos de Lemonnier, publicados em sua obra *Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*, uma das lacunas deixadas pelos estudos etnográficos da tecnologia dá-se por sua redução aos aspectos estéticos ou de estilo do artefacto:

even when they look into how material culture may partake of culture, anthropologists limit study to the ‘style’ of artefacts, thus reducing the social content of techniques to details of shape or decoration having either no or extremely little physical function (1993, p. 2).

Podemos identificar aqui o mesmo problema apresentado por Pfaffenberger (1992; 1988): é preciso perceber a tecnologia como parte de um sistema sociotécnico. Tal posicionamento é mais claro quando Lemonnier defende-o na sua definição de Antropologia da Tecnologia, em artigo publicado na obra *The meanings of things: material culture and symbolic expression*, de Hodder (1988).

The anthropology of technology is the study of the relationships between technological systems and society, with two requirements. The first requirement is to beware of forgetting that these relationships are not one way: they should be studied through the reciprocal effects of a technological system and the social system of which it is part. The second requirement is that the variations in material culture which hold attention should not only be the so-called ‘stylistic’ ones, those dealing with technological traits aimed to communicate information but also those concerned with the most physical aspects of material culture, i. e. those first involved in the action on matter or energy (1986, p. 156).

Logo, negligenciar o artefacto ou tratá-lo como peça decorativa das produções culturais não irá reduzir ou disfarçar a importância que os artefactos sempre exerceram sobre nós. E para realizarmos tais estudos de Antropologia da Tecnologia, devemos considerar a importância dos objectos e nossas relações com os mesmos; bem como, o sistema social de que esses objectos fazem parte; e por fim, entender que tais objectos são parte material das nossas acções.

A *priori*, não nos parece ser uma grande novidade o que os autores até então apresentados trazem. Afinal, vivemos rodeados de artefactos tecnológicos; nas principais e mais simples acções do quotidiano precisamos deles. Contudo, há ainda uma resistência em olhar para esses objectos como nossos representantes socioculturais. Por isso, Lemonnier destaca as dificuldades em empreender estudos sobre tecnologia na Antropologia:

although technology is still a marginal area of anthropology, it has priceless experience (dating back to the late nineteenth century) in the sociological description of techniques and their analysis, and this from a theoretical as well as a methodological point of view. It has been some decades since interest in what was, in 1930s, rightly called 'material culture' declined, and for years France has been alone in developing institutionalized research in the anthropology of techniques. Recently, though, a few ethnologists in other countries have shown an increasing interest in technology independently from the French tradition (1993, p.7).

São os trabalhos de Latour, Pierre Levy e outros autores – que apresentaremos mais à frente – que insistem numa abordagem, intensa e sistémica, da tecnologia em seus trabalhos de campo. Mas as principais abordagens sobre a tecnologia relacionada ao desenvolvimento humano estão nas ciências económicas, principalmente nos trabalhos iniciados por Schumpeter (1942), Drucker (1996) e Utterback (1983) sobre inovação tecnológica. As afirmações de tais autores compõem um conjunto de predições do desenvolvimento económico e social a partir do aperfeiçoamento tecnológico, enquanto os autores que aqui estudamos buscam desenvolver maneiras de perceber tal desenvolvimento tecnológico socialmente. Além disso, a própria perspectiva económica dispensar tanta importância para a tecnologia, apenas corrobora a ideia de que “*society is the result of sociotechnical system building*” (Pfaffenberger, 1992, p. 501).

Muito embora, apesar de toda importância dispensada à tecnologia enquanto tema de pesquisas, Lemonnier (2004) afirma encontrar nos actuais trabalhos sobre os aspectos socioculturais da tecnologia um outro problema: a maioria dos cientistas que estão

debruçados sobre a tecnologia, premanece estagnada nas ideias de Marcel Mauss (1934) sobre técnica, inclusive Leroi-Gourhan. E no que consiste a ideia de Mauss? Em um trabalho intitulado “Técnicas Corporais”, o autor afirma: “cometemos, e cometi, durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento” (1934, p. 217). E em seguida, explica que o nosso próprio corpo é um instrumento, capaz de desenvolver as técnicas mais complexas e que, inegavelmente, comunicam para além da fala. Refere-se ele à dança, às artes marciais, e a outros movimentos corporais que também designam a técnica a partir do nosso corpo.

Essa foi a grande contribuição para que fossem pensadas outras possibilidades de abordagem da técnica, para além do instrumento, ainda antes da segunda metade do século XX. A percepção do instrumento/artefacto como campo de estudo intimidava aqueles que buscavam compreender os aspectos simbólicos da cultura. Em meio a esta configuração, a seguinte perspectiva de Mauss em muito influenciou:

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição [...] O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo” (1934, p. 217).

Portanto, se a preocupação era estudar a cultura “do homem”, o seu corpo não poderia ser negligenciado; e o seu corpo é também criador de técnicas. Dessa forma, levando em consideração o prestígio de Mauss nas escolas de Antropologia, este era um passo de imensa relevância para o estudo da técnica. Apesar de Lemonnier acreditar que esta perspectiva de Mauss não tenha contemplado toda complexidade que há na relação entre as sociedades e os objectos. Sendo assim, afirma que,

de plus, sachant que la culture matérielle d'une société donnée forme un système au sein duquel de multiples formes d'actions sur la matière sont reliées les unes aux autres (Gille 1978, Lemonnier 1983), décider où commence et finit une technique est toujours un choix ad hoc du chercheur, qui définit le grossissement de son observation, le séquençage temporel et les bornes matérielles de l'action décrite, ce qui implique d'avoir un minimum de compréhension de phénomènes physiques et chimiques en jeu dans ce que l'on observe (2004, p. 2).

Ou seja, para o autor, desenvolver investigações sobre tecnologia implica ter conhecimento de fenómenos físico-químicos que irão ajudar a definir os limites de onde começa e onde termina a técnica na sua observação. Contudo, admite que o próprio conceito de tecnologia pode variar culturalmente; a própria perspectiva tecnológica pede

flexibilização, por toda sua complexidade. E no caso de observarmos a tecnologia cultural, devemos ter em mente que ela

La technologie culturelle n'est, assurément, qu'un point de vue” e tanto por isso, é preciso reconhecer “*celui qui, parmi une multitude de représentations et de pratiques socioculturelles, prend aussi en compte celles qui se traduisent par des actions sur la matière susceptibles de varier d'un peuple à l'autre* (Lemonnier, 2004, p. 11).

Sob esta óptica, os actores que se utilizarão dos artefactos, inclusive os cientistas, exercerão influência sobre as definições e considerações sobre os mesmos. Daí a importância de retomarmos a percepção de Pfaffenberger, de que o sistema sociotécnico envolve os sujeitos e os artefactos, inter-relacionados de maneira que não se poderia falar de um, sem mencionar o outro. Ou ainda, que “*technology can indeed be defined as a set of operationally replicable social behaviours: no technology can be said to exist unless the people who use it can use it over and over again*” (1988, p. 242). Muito embora, Lemonnier destaca que há diferença nos papéis dos actores que observam ou vivenciam a tecnologia como extensão de si próprios e daqueles que a pensam como meio para chegar num ponto novo, nunca alcançado. Ou seja, entre quem utiliza e quem cria; mesmo que ambos acabem por atribuir diversos significados para os artefactos tecnológicos. Desse modo, para o autor,

a technique appears to us (and to the actors) as a means to achieve a given physical goal by particular (and coherent) material means, whereas in the creative process of innovation, these 'technical' elements were in fact chosen mostly in accordance with various 'social' strategies and meanings (Lemonnier, 1993, p. 5).

Em linhas gerais, a relação entre o humano e a técnica é deveras imbricada. O que remete à perspectiva de Bruno Latour⁹ sobre os artefactos e os humanos. Corroborando o pensamento de Lemonnier, quanto à necessidade de observarmos os objectos para que tenhamos uma compreensão mais complexa das culturas, Latour acredita que os objectos exerçam uma influência dialógica sobre os humanos. Ou seja, tanto o objecto transforma o humano, quanto vice-versa. Desse modo, só podemos compreender um se direccionarmos o olhar para o outro.

⁹ O interesse de Latour pelas temáticas da tecnologia e suas derivações, como inovação, estão presentes já na sua primeira obra, publicada em 1979, *Laboratory Life*, resultado de dois anos de pesquisa na Califórnia. De 1982 até 2006 foi professor no *Centre de Sociologie de l'Innovation*, na *Ecole National Supérieure de Mines, Paris*.

O estudo da tecnologia para Latour necessita de uma estratégia que busque abarcar as redes de ligação entre o humano e o artefacto, que define como não-humano. Para este efeito, a Antropologia cumpre a tarefa por ser ciência detentora de ferramentas metodológicas adequadas, capazes de apreender as teias complexas da contemporaneidade. Em capítulo publicado na obra *Technological Choices* (1993), editado por Lemonnier, Latour afirma que,

anthropology of science technology, which deals jointly with the pré-modern and non-modern worlds, is the study of that distribution and of that diversity – and also the study of the efforts of some professions and institutions to unify, limit, extract so purify meanings and natures. Essences have been redistributed back to the networks of actions that shape them through trials. (1993, p. 379).

A discussão que Latour aborda sobre a tecnologia tem como uma de suas motivações principais, questionar a ideia de que a tecnologia é representante directa do progresso; bem como, incitar que a reflexão sobre os benefícios que o desenvolvimento de tecnologias traz para o dia-a-dia; além disso, reforça-nos a importância de rever o papel da própria ciência na construção das ideias de que o desenvolvimento tecnológico é sinónimo simplista da “evolução” humana. Em outras palavras, estaríamos tão imbricados com os não-humanos (inclua-se não apenas os objectos, mas todo o ecossistema que possibilita a existência do mesmo, bem como os cenários que construímos, enfim, tudo que possa fazer parte de uma acção nossa), que não desvinculamos deles, em quaisquer circunstâncias.

Para explicar a sua óptica sobre o artefacto, Latour cita a construção de uma obra na França, na cidade de Lille. Um metro subterrâneo, que desde a implementação de sua linha férrea, resignificou as percepções sobre a cidade. Tantos foram os questionamentos sobre a “nova cidade” que desapontava. Tal facto levou-lhe a pensar sobre esta perspectiva de que os objectos não ampliam simplesmente as possibilidades de utilização, mas recriam conceitos, reinventam os cenários. Isso porque, *“is the same task to define the artefact tying together the various groups or the groups tying together the artefacts. This similarity is all the more visible as the artefact does not yet exist”*. (1993, p. 381). Para ilustrar sua visão, reproduzimos a figura a seguir.

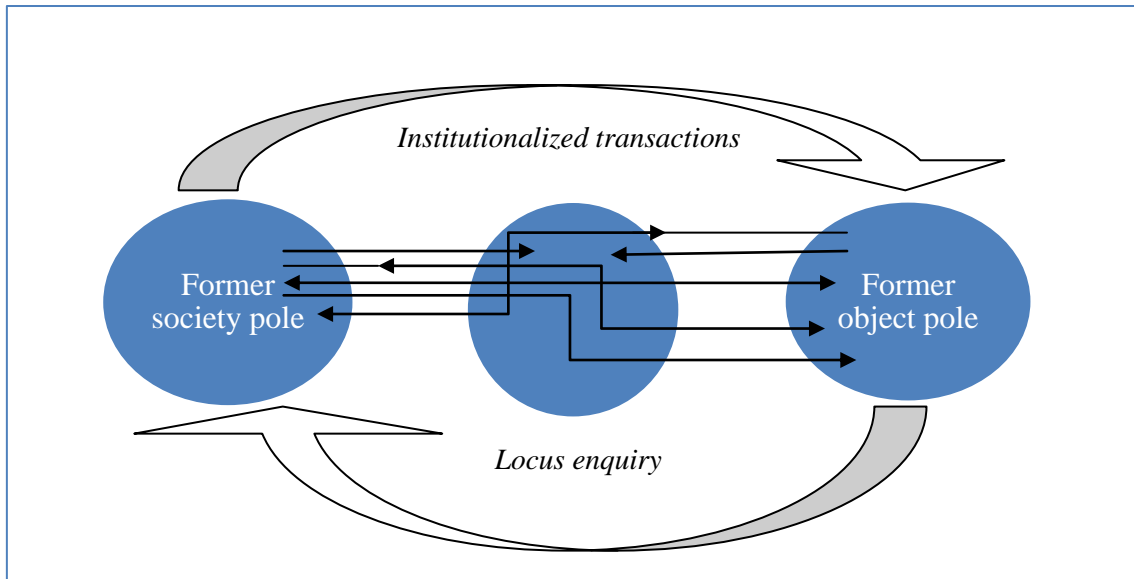


Figura 1. *By shifting attention to quasi-objects it is possible to locate and analyze technical projects.* Adaptado de Latour, in *Technological Choices* (Lemmonier, P – editor) 1993, p. 396.

Com este quadro de relações, podemos perceber os dois pólos, de um lado onde são formados os objectos, e do outro, a sociedade; ao centro, estaria o terceiro elemento, fruto da relação entre os outros dois; são inúmeras as possibilidades (e realizações) de comunicação entre os dois pólos, porém, o mais interessante deste quadro é que, além de nenhum dos pólos ser ressaltado, tudo acaba por convergir na formação do terceiro elemento. Ou seja, por fim, cada uma das partes acaba, não por se fundir, mas por criarem. Esse momento de criação, de acção é um dos eixos de toda a obra de Latour, pois a criação nasce do imbricamento dos elementos; é esse imbricamento que provoca os movimentos necessários ao acto de criar. E notamos também, que cada um dos pólos é um ambiente de feitura, tanto dos objectos, quanto da sociedade. A reunião dos elementos sempre caminha para o fazer.

Nesse sentido, o que seria então objecto e sociedade? O que os separaria? De acordo com o quadro anteriormente apresentado,

trying to link the two arrows and to envelop the two poles by dialectical moves would take the ethnographer still further from the locus of enquiry. This is the paradoxo of dialectics, to have so pitifully failed in studying what it claims so arrogantly to recognise: the subject and the object (Latour, 1993, p. 398).

Embora os paradoxos da dialética enquanto forma de observar pólos conceituais, tais como natureza-cultura, tecnologia-sociedade, sejam também de interesse temático do autor, não são suas motivações principais. Acabam por fazer parte de sua discussão

sobre a impossibilidade de realizarmos de facto essas separações, tendo em vista que quais pólos farão parte de uma rede, e portanto, terminam por estabelecerem ligações.

Tal aspecto pode ser melhor observado em seu artigo intitulado “*Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts*”. Nele, Latour indaga: “*Do you want to cut through this rich diversity of delegates and artificially create two heaps of refuse, ‘society’ on one side and ‘technology’ on the other?*” E enfaticamente responde: “*That is your privilege, but I have a less bungled task in mind*” (1992, p. 162). O seu intuito é demonstrar como esses dois “pólos” entrelaçam os seus interesses de forma tão emaranhada, que torna-se um trabalho árduo, porventura impossível, continuar distinguindo-os de maneira tão exacta. Em suas palavras “*the distinctions between humans and nonhumans, embodied or disembodied skills, impersonation or ‘machination,’ are less interesting than the complete chain along which competences and actions are distributed*” (1992, p. 165).

Desse modo, onde nos levaria toda essa tentativa de distinção – e por conseguinte, elevação – dos pólos, se o que acaba por importar são as alianças estabelecidas entre os mesmos para elaborarem suas acções? Para Latour, actor e acção estão intrinsecamente ligados, pois o actor é aquilo que cria – tudo que é capaz de participar de uma acção é também capaz de criar, portanto, humanos e não-humanos são actores também. E o mais importante, interação. A interacção é o que liga a todos em uma mesma rede – sem cessar. O acto de fazer é inato ao humano, no qual inter-depõe directamente dos não-humanos. Assim, podemos recordar de Michel de Certeau e as “Artes de Fazer”. Nós estamos a todo momento criando não apenas artefactos, mas também elaboramos tácticas e estratégias que nos possibilitarão chegar aos mesmos. Todos os dias, elaboramos um plano do que fazer; antes, adquirimos ao longo do tempo as necessidades de fazer. Somos então de facto o *Homo faber*?

Latour descreve esse homem feitor e sua relevância para pensarmos também de modo metafísico, sem desviarmos o olhar do físico:

*The expression **Homo faber** or, better, **Homo faber fabricatus** describes, for Hegel and Leroi-Gourhan and Marx and Bergson, a dialectical movement that ends by making us sons and daughters of our own Works. As for Heidegger, the relevant myth is that ‘So long as we represent technology as an instrument, we remain held fast in the will to master it. We press on past the essence of technology’ (Latour, 1994, 35-36)*

Portanto, há também grande relevância dos trabalhos que ajudam a construirmos nossa percepção actual das capacidades de fazer do humano. Os trabalhos com conteúdo de carácter museológico colaboram significativamente para que reconheçamos as amplas possibilidades de aprimoramento e transformação cultural da humanidade, observando os artefactos que acompanham o *Homo faber*, ou seja, observando como ele faz a tecnologia.

Por isso, para Latour é importante observarmos as acções, o fazer, quem actua. Negligenciar o artefacto é também negligenciar o *Homo faber*, pois são interdependentes. Assim, estar atento ao fazer, a acção, é um dos métodos primeiros de observação da tecnologia e de quem a faz e utiliza. Nessa perspectiva, a “*action is simply not a property of humans but of an association of actants, and this is the second sense of what I intend by technical mediation*” (Latour, 1994, p. 35). Ou seja, a tecnologia pode ser vista como meio de comunicação do humano com seu ambiente; uma ponte para o fazer, criar, agir; um caminho para construir a sua história, mas nunca separado dele. Tendo em vista que,

Students of technology are never faced with people on the one hand and things on the other, they are faced with programs of action, sections of which are endowed to parts of humans, while other sections are entrusted to parts of nonhumans (Idem, p. 174).

Sob esta óptica, como podemos pensar em realizar estudos sobre tecnologia separando de um lado a sociedade e do outro seus artefactos? Assim, uma das grandes contribuições de Latour é apontar que, não apenas a tecnologia faz parte da construção da sociedade, como também, é ela mesma a própria sociedade. Afinal, “*forgetting artifacts (in the sense of things) has meant the creation of that other artifact (in the sense of illusion): a society that has to be held in place with just the social*” (1996, p. 236). E se não queremos continuar a elaborar visões idealizadas da nossa sociedade, devemos ter em mente que, “*objects do something, they are not merely the screens or the retroprojectors of our social life*” (Idem, p. 236).

Além do mais, se os objectos possuem tal imbricamento com a sociedade, eles não podem ser observados a partir de modelos padronizados. Daí a importância dos métodos etnográficos para a compreensão da sociedade contemporânea: os etnógrafos compreendem a sociedade, primeiro, a partir de interacções locais, particularmente, para

depois, pensar em alguns padrões. Desse modo, não são as separações que importam, mas as ligações.

A perspectiva de Latour considera os estudos sobre a cultura material também de grande importância. É inegável a grande contribuição de pesquisadores como Leroi-Gourhan (1993) para que fosse pensada uma Antropologia da cultura material. Suas principais obras trazem extensas e detalhadas descrições sobre instrumentos e diferenças na constituição física do humano e de outras espécies animais, costumeiramente, comparando e destacando as habilidades humanas. Esses estudos dos objectos do passado auxiliam na compreensão da história e de como a sociedade estava organizada naqueles períodos. Ou seja, a Arqueologia auxilia a história a ser construída. Com isso, poderíamos supor que a Antropologia da Tecnologia possibilita que façamos uma “Arqueologia do presente”, pois ao estudar a nossa relação com os objectos, podemos também compreender a nossa sociedade.

O conhecimento detalhado do que já foi construído auxilia na percepção mais ampla das possibilidades de fazer hoje. Sobre o seu trabalho, Leroi-Gourhan afirma que,

No plano da História, ocupamo-nos do conjunto dos factos diferenciados entre si a nível das suas relações no tempo e no espaço; no plano da Evolução, ocupamo-nos destes factos a nível das suas relações morfológicas; e, caso a História coincida com a Evolução morfológica, atingimos assim uma das formas da realidade, não a única, mas sem dúvida a mais fecunda, na medida em que caracteriza todo o movimento ascendente da indústria humana (1984, p. 48).

Ou seja, é como se a história fosse observada por etapas, e, no aspecto evolutivo, essas etapas são referenciadas pelo desenvolvimento da técnica. Seu olhar sob o objecto é em busca de uma leitura que pudesse ser feita dos mesmos, para que, posteriormente, encontrássemos formas de decifrar o que cada objecto comunica sobre aquele tempo. A seguir este caminho, seria possível perceber de que forma os estudos que almejavam categorizar as culturas a partir de sua produção de artefactos deram sua contribuição para repensar sob o papel da técnica e da tecnologia na formação das sociedades. Afinal, para Leroi-Gourhan,

que toda uma faceta da Evolução tenda a dispersar simultaneamente os homens (imigrações), as técnicas e os valores intelectuais ou morais (adopções), destruindo constantemente alguns grupos já constituídos, isso é algo inegável, mas trata-se de um aspecto inseparável de uma outra faceta, na qual os materiais humanos estão permanentemente animados de um movimento de concentração em blocos de proporções viáveis (1984, p. 327).

E por isso, tais materiais são, indiscutivelmente, parte actuante do cenário social. Mesmo que toda perspectiva evolucionista tenha sido colocada fortemente em questão, a sua forma de olhar os objectos e identificá-los como maneiras de expressão das sociedades, deve ser considerada para que não obliteremos as tentativas de compreensão da complexa sociedade contemporânea.

Um dos aspectos que Leroi-Gourhan destaca sobre os artefactos e sua expansão, é que “as aquisições técnicas tendem a espalhar-se, passando de um grupo para o outro, abrangendo progressivamente zonas cada vez mais alargadas, e, em faixas sucessivas” (1984, p. 327). Nesse contexto, diante da rápida proliferação da técnica e sua contínua transformação, ela faz parte das transformações sociais. E na concepção de Latour (1993), a técnica costuma ser, simultaneamente, produto e produtora de tais transformações.

Portanto, os estudos da tecnologia receberam como contribuição de Leroi-Gourhan seu modo de observar e relacionar o objecto com a sociedade e suas transformações. Para o autor, “o progresso técnico se impõe sem discussão possível” (1984, p. 329). E esta é sua principal motivação para descrever a importância da técnica para melhor conhecer uma sociedade. Ou seja, seu pensamento e seus estudos em muito estimulam uma Antropologia da Tecnologia, pois acabam por ressaltar a relevância da técnica para os estudos antropológicos - aliás, este é um dos principais legados de suas obras.

Apesar de não existir uma escola chamada “Antropologia da Tecnologia”, há importantes antropólogos debruçados sobre os temas tecnológicos, reconhecendo neles, um dos caminhos mais relevantes – senão o mais – para estudar a sociedade contemporânea. Além daqueles que já contemplamos neste texto, podemos referir Pierre Levy, que estuda a partir de ferramentas etnográficas as amplas nuances da tecnologia, mas principalmente o que é chamado de Cibercultura. Inclusive, utiliza o termo “Antropologia do ciberespaço” para os estudos que realizam incursões nos adjectivos virtuais que caracterizam boa parte das relações sociais nos dias de hoje.

Pierre Levy, embora seja filósofo e sociólogo de formação, transita pelos modos de fazer ciência da Antropologia, como é possível verificar em sua obra “*L'intelligence collective: Pour une anthropologie du cyberspace*”, publicada originalmente em 1994, onde ele defende o estudo do ciberespaço através de ferramentas das ciências humanas,

acreditando ser mais adequada à Antropologia, por motivos similares aos de Pfaffenberger (1992), conforme já citados. Para Levy, a tecnologia acabou por nos brindar com a expansão de um espaço de comunicação virtual cada vez mais amplo, o que caracterizaria uma sociedade de cibercultura¹⁰. Aspectos que também foram abordados em seu livro, “Conexão Planetária”, onde demonstra de que modo a tecnologia nos colocou interconectados por todo o planeta. De acordo com Levy (2001, p. 20), “devemos deixar de ver a história do ponto de vista de uma nação, uma região do mundo ou uma religião”, pois as “teias” nos ligam e nos mantêm interconectados globalmente. Em continuidade a esta afirmativa, pontua que,

Desde seus primórdios até há pouco, a história humana é a aventura de nossa espécie sobre o planeta. É nessa perspectiva que o início dos ‘Tempos Modernos’, que datamos do final do século XV, marca um momento importante, pois esse período inicia a reconexão global da espécie humana com ela mesma. (Idem).

Assim, essa reconexão que estabelecemos tem como instrumento o aprimoramento técnico. Como exemplo, declara que “o progresso das técnicas de transporte e de comunicação é, ao mesmo tempo, motor e manifestação desse processo generalizado de contacto” (2001, p. 22). E, em sua concepção, são as **tecnologias da inteligência** que se sobressaem no ciberespaço. Cada novo artefacto que agregamos a nossa vivência estabelece várias possibilidades de comunicação, o que complexifica e transforma as concepções de tempo e espaço. Isso porque,

Cada novo agenciamento, cada ‘máquina’ tecnossocial acrescenta um novo espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. (1996, p. 22-23).

E assim, a capacidade cognitiva também está transformada, interage com a tecnologia, reconfigurando tempo e espaço. São as novas perspectivas de cognição que alimentam as discussões da **tecnologia da informação** que, na óptica de Levy (2001), caracterizam uma **inteligência colectiva**¹¹, para aqueles que se utilizam das referidas tecnologias da inteligência, como os aparelhos de comunicação digital. Portanto, nossas novas perspectivas cognitivas também reconfiguram a noção de espaço quanto ao que

¹⁰ Cibercultura é definida pelo autor, em seu livro homónimo (1999, p. 17), como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

¹¹ Este termo será explicado mais a frente, em capítulo posterior.

definimos por “centro” e “periferia”, de acordo com o novo “mapeamento” do ciberespaço. Nesse sentido, os trabalhos de Levy têm sido fonte de consulta de grande relevância para os trabalhos de Sociologia e Antropologia que queiram discutir as relações tempo-espaço na contemporaneidade, como no caso da Antropologia e Sociologia urbanas. Enfim, as principais contribuições de Levy consistem em apontar significativas bases estruturantes sobre a tecnologia, discutindo-as quanto aos seus aspectos sociopolíticos, antropológicos e filosóficos.

Outros trabalhos, menos conhecidos, que buscam integrar os estudos de Antropologia e tecnologia são de Wilson e Peterson (2002), com o título “*The Anthropology of Online Communities*”, em que apresentam, dentre outros aspectos, distintas perspectivas antropológicas sobre a tecnologia. Neste artigo, os autores concluem que

anthropologists have positioned media as peripheral to culture (Dickey 1997) or have viewed technology in general as a context for, rather than a central part of, culture (Aronowitz 1996, Hakken 1999, Latour 1992, Pfaffenberger 1992). As a result, much of our understanding of new information and communication technology comes from other disciplines through research into online computer-mediated interactions within the Framework of the Internet, whose locus of interaction has been commonly referred to as cyberspace (2002, p. 450).

Para os autores, é importante que sejam pensados e aplicados novos métodos de investigação em Antropologia para o estudo das relações entre cultura e tecnologia, de modo que as mesmas contemplem as inter-relações entre os aspectos virtuais e ‘*offline*’. Ou seja, é importante pensarmos como se dão as inter-relações dos momentos em que estamos conectados e desconectados no mundo tecnológico virtual, tendo em vista que seu estudo relaciona as comunidades virtuais, também quando estão desconectadas.

Também como expoente pouco conhecido, podemos citar o artigo “*Information Technology and Anthropology*”, dos autores Zeitlin e Houtman¹², no qual apresentam de que modo os estudos da tecnologia da informação tem sido desenvolvidos sobre uma perspectiva antropológica. Para os autores, esses estudos são inevitáveis e acabam por agregar importantes contribuições para a percepção da tecnologia e sua relação com a cultura, mesmo que, naquele momento (1996), ainda não tivessem força nas pesquisas antropológicas. Pois, segundo afirmam, o: “*study of the whole of man will thereby take*

¹² Atualmente, Houtman desenvolve pesquisas sobre “*Anthropology and Information Technology*” no *Goldsmiths College*.

on an entirely new significance, and come to include investigations of consciousness and information technology as part of core anthropology” (1996, p. 3). Com isso, percebemos que a tecnologia foi ao longo dos anos ganhando espaço como tema dos estudos antropológicos, principalmente quando falamos de “ciberespaço” e “tecnologia da informação”.

Assim, podemos encerrar esta sessão considerando que, a tecnologia sempre atraiu os estudos antropológicos, pois se a primeira faz parte do conjunto de acções do homem e a segunda estuda o mesmo, como poderiam estar separadas? Muito embora, percepções diversas da escola evolucionista tenham cerceado os estudos etnográficos sobre tecnologia, como se estes corroborassem as ideias da referida escola. De toda forma, a partir do momento em que a sociedade era considerada mais complexa e interligada, não se podia continuar a negligenciar a tecnologia como instrumento de interconexão.

Na sequência, diversos estudos de Antropologia incluem discussões e realizam trabalhos de campo sobre os usos da tecnologia (conforme veremos em sessões posteriores). Aqueles cientistas que consideram para suas pesquisas/análises etnográficas os aspectos socioculturais que são agregados com a complexificação dos usos e produção da tecnologia, estão a fazer, uma “Antropologia da Tecnologia”.

Logo, tendo sido apresentadas as principais características da “Antropologia da Tecnologia” e os principais contributos teóricos para sua construção, iremos discutir no capítulo seguinte que aspectos fomentam a nossa percepção do que definiria o termo. Além disso, trataremos de expor como o mesmo acaba por nortear o desenvolvimento desta tese, que também pretende reforçar a importância de estudarmos as inter-relações entre sociedade e tecnologia.

CAPÍTULO II – ENTRE O SUJEITO E O OBJECTO: HIPÓTESES PARA UM ESTUDO URBANO DA TECNOLOGIA.

Após termos percorrido um interessante caminho pelas reflexões sobre a relação dos estudos antropológicos e a tecnologia, pudemos vislumbrar alguns direccionamentos para o nosso estudo. Em primeiro lugar, faz-se necessária uma breve discussão acerca da relação sujeito-objecto, que é deveras cara para a nossa pesquisa e para um extenso número de estudiosos, não apenas antropólogos, tendo em vista que este assunto suscita muitos questionamentos.

Desse modo, neste capítulo trataremos, a partir da revisão de literatura sobre a “Antropologia da Tecnologia” e de uma reflexão sobre os principais apontamentos teóricos da referida relação, de apresentar qual será o “fio condutor” de nossa pesquisa e que hipóteses emanam do mesmo. Assim, pretendemos tornar mais compreensíveis os caminhos traçados na elaboração deste trabalho. E ao mesmo tempo, discutir as bases teóricas utilizadas.

1. Objectivação do sujeito ou subjectivação da técnica

De acordo com os estudos de Michel Foucault (1984), apesar da necessidade humana em relacionar-se com os objectos, durante a Idade Média havia uma vigilância intensa para tolher tal necessidade. Os inúmeros dispositivos da Igreja, que objectivavam o controlo absoluto da mente e do corpo, precisavam ser afastados para que as “coisas” pudessem ser trabalhadas livremente. Só o afastamento entre mente e corpo possibilitaria uma maior capacidade de experimentação – a desvinculação entre corpo e espírito era essencial.

Custa precisar o momento em que o homem começou a associar o desenvolvimento material e o desenvolvimento “geral” de uma sociedade e, ou, cultura. Contudo, após o abismo entre sujeito e objecto, provocado sobremaneira a partir dos postulados cartesianos, houve a centralização de um Eu diante de um mundo alcançável apenas

pelo corpo como mera extensão que proporcionava o contacto com as coisas. René Descartes é sempre apontado como o grande impulsionador epistemológico da separação entre Sujeito e Objecto. Acredita Jacques Derrida¹³ (1973) que, diante de qualquer dicotomia, um dos pólos sempre será rebaixado – nesse caso, sujeito ou objecto?

Certamente que, diante do poder clerical, Descartes¹⁴ preservou o último princípio de sua nova metodologia ao reconhecimento de Deus como potestade superior. Ao mesmo tempo em que demonstrava a Natureza como representação e prova maior de sua existência – porém, se a natureza se repete em leis constantes, não seria possível observar uma constância na vontade divina? Assim, no momento em que a ciência é designada para responder às questões humanas quanto ao manejo e produção dos objectos, a religião ficaria com o papel de responder às subjectividades. Essa separação, que muito passa pela visão de ruptura entre natureza e cultura, será um momento decisivo para uma percepção oposta entre sujeito e objecto.

A partir da chamada “revolução copernicana na Filosofia”, Emanuel Kant (1995), vai finalmente solidificar as bases de um pensamento onde o Sujeito, o Eu, é o centro agregador de todas as representações da natureza. Para Kant, nascíamos imersos na chamada “estrutura vazia da razão”, onde o Eu supunha a revelação de todas as coisas a partir da sua relação entre o mundo sensível e nossas categorias fundamentais – sendo espaço e tempo as principais. Todo o movimento Iluminista vai, portanto, consagrar a desvinculação definitiva entre Sujeito e Objecto. Muito embora, os europeus não percebessem que a fé depositada anteriormente na Igreja, estava sendo agora entregue à ciência – Voltaire é um exemplo máximo no confiar na ciência como forma de libertação do homem, no confiar desenfreado no “domínio do objecto”.

É significativo perceber que a História não deve ser vista de forma unívoca. Sabemos que a concepção de uma ciência como redentora do Mundo não era uma concepção universal, tampouco, o Objecto, em muitas culturas, passou a ser visto como algo que devemos “dominar”. Ademais, a própria noção de um Eu agregador das múltiplas

¹³ Jacques Derrida utiliza o conceito de fonologocentrismo para demonstrar que todo o pensamento ocidental esteve sempre perpassado pelo problema das dicotomias. A sua preocupação em criticar as dicotomias está justamente no vislumbrar constante do rebaixamento de um dos pólos.

¹⁴ Sua obra “Discurso do Método”, publicada originalmente em 1637 é uma grande revolução nos modos de pensar e fazer ciência.

dimensões do homem também nunca representou um discurso universal. Conforme pudemos verificar no capítulo I, essa noção do domínio do Objecto por um Sujeito central será ainda mais edificada na tradição do idealismo alemão – a partir do pensamento de Schelling & Fichte (1973) e, finalmente, de Hegel¹⁵ (1980). Esse último levará os problemas kantianos até às últimas consequências, acreditando no Eu como princípio de indeterminação-determinação de tudo que no mundo há. Assim, percebemos o ponto crucial da discussão aqui proposta: Na Europa, o domínio do Objecto representa o desenvolvimento do Eu – uma vez que, em toda dicotomia, um dos pólos sempre é rebaixado. Assim, as manifestações dos avanços da técnica (o domínio do objecto por excelência) serão sempre a manifestação do desenvolvimento do Eu. O que, mais tarde, irá culminar em todo o desabrochar da psicologia como ciência de suma importância para entender o mal-estar na cultura.

Se o Objecto pode ser manipulado, de uma forma extraordinária, é porque, certamente, há um Eu extraordinário por detrás desse discurso. Esse Eu, extraordinário e controlador de tudo, é o ápice do corte proposto por Descartes. O problema torna-se ainda mais grave quando a noção de sujeito é confundida com a noção de objecto. Dessa forma, os nativos de outros Continentes tornam-se “objectos” à medida que são “objectos de estudo”. Hans-Georg Gadamer (1999) sempre indica o quão importante é o conhecimento da tradição, da historicidade das coisas para a construção de uma hermenêutica mais adequada. Da mesma forma, se os objectos são a representação das virtudes do Eu, logo, uma sociedade de baixo nível tecnológico, é uma sociedade de Sujeitos rebaixados – de Sujeitos não emancipados.

Assim, a contemporaneidade se desvela um Caos para os países hegemónicos. Pois, não apenas muitos países ditos de terceiro mundo (Brasil, China, Índia) desenvolveram a tecnologia a limites impensáveis anteriormente, como pessoas consideradas de baixo poder aquisitivo aprenderam a burlar as chaves mestras que deixavam fechadas as caixas de Pandora. A tecnologia que era representação do desenvolvimento dos Eus, passa a ser vigiada, controlada, como tesouro – a partir dos diversos microdispositivos de exercício do poder.

Os homens não imaginavam que os Objectos podiam ser rebaixados dessa forma em detrimento do Eu/Sujeito. Porém, o estranho é que houve uma previsão dessa

¹⁵ Viveu entre 1770 e 1831.

problemática, não apenas no pensamento de Karl Marx (uma revisão pragmática do pensamento de Hegel), mas outrossim, na tentativa de promover a sutura entre Sujeito e Objecto. Isso pôde ser visto na revisão do kantismo proposto por Edmund Hursel (1980), e na exaltação da poética do Ser em Martin Heidegger (2002). Acima de tudo, o golpe maior ao problema das dicotomias veio com Friederich Nietzsche (2005) – Deus está morto, mas é preciso vivermos para além do bem e do mal, dizia Zaratrusta. Ainda hoje, pensadores como Edgar Morin dedicaram todas as suas obras para acusar os problemas que o distanciamento entre Sujeito e Objecto podem causar.

Para melhor compreendermos o referido contexto, podemos recorrer a alguns aspectos históricos. Deu-se entre os séculos XVI e XVII um maior interesse às sociedades, seus hábitos e formas de vida, tratados de modo mais detalhado e com um notável interesse acrescido. Mais à frente, Saint Simon (1760-1825) iniciou sua produção académica ressaltando a importância de uma “ciência da sociedade” que pensava estabelecê-la como ciência positiva ao afirmar que pensar a sociedade implicaria pensar o progresso. Suas heranças do Iluminismo e seu pensamento positivista influenciaram claramente o pensamento de Auguste Comte¹⁶.

O que Simon introduziu serviu como base para o racionalismo da Antropologia Inglesa e interferiu nos conceitos de Emile Durkheim¹⁷ (2007) e Lévy-Bruhl (2008). Acreditavam que a sociedade se constituía para além de um contrato social, que a origem da sociedade está na natureza humana e portanto, é preciso reconhecer essa natureza para falar de sociedade. Com esse interesse na natureza humana, já no século XVIII e XIX, as sociedades primitivas se mostravam como valiosos campos de observação dessa natureza, na intenção não apenas de melhor compreendê-la, mas também trazer para as sociedades ditas mais desenvolvidas diferentes experiências sociais que contribuíssem com a continuidade de seu desenvolvimento.

Os esforços pareciam (ou ainda será que parecem?) direccionados para encontrar a maior das respostas, a chave-mestra: a verdade. De acordo com Foucault (1995, p. 15),

¹⁶ O livro “Curso de Filosofia Positiva” foi escrito entre 1830 e 1842, reunindo o conteúdo de suas aulas.

¹⁷ As obras mais significativas do autor foram originalmente publicadas no final do séc XIX e início do séc XX: *De la Division du Travail Social*, 1893; *Les Règles de la méthodes sociologique*, 1895; *Le Suicide*, 1897; *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, 1912; *Éducation et Sociologie*, 1922 (Postumamente).

Essa vontade de verdade, como todos os outros sistemas de exclusão, sustenta-se num suporte institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas, como a pedagogia, como o sistema dos livros, o da edição, o das bibliotecas, ou como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios de hoje.

Logo, quando acreditamos possuir os meios de atingir a verdade, ou de já tê-la atingido, somos claramente defensores de um partido, de um dos pólos. As dicotomias proliferam-se quando exacerbamos nossa condição de seres inteligentes ao patamar de divindades. Entretanto, essa “vontade de verdade” é força motriz dos desejos de poder, ainda de acordo com o autor. Tal perspectiva, corrobora as reflexões de Latour (2000) sobre como os factos científicos são construídos a partir dos interesses particulares, que também são contemplados pelos desejos de poder.

Nessa óptica, as abordagens conceituais sobre a técnica, estariam envoltas nos interesses políticos, tanto quanto os científicos, inclusive numa perspectiva antropológica – daí Bryan Pfaffenberger (1992) defender a importância máxima de uma Antropologia da Tecnologia, pois apesar de parecer uma perspectiva óbvia sofreu de rejeição académica.

Muito embora, de acordo com Harris (1979, p.7),

os filósofos sociais do séc XVIII foram os primeiros a sacar a luz das questões centrais da Antropologia contemporânea e se esforçaram, mas sem êxito, por formular as leis que governam o curso da história humana e da evolução das diferenças e das semelhanças socioculturais.

Nomeadamente, John Locke (1690), Jean Jaques Rosseau (1754). Locke trazia o questionamento epistemológico sobre o conhecimento humano e como este estava relacionado com os indivíduos, tribos e nações, acabando por afirmar que tal conhecimento é transmitido pelas “impressões dos sentidos” e que as desigualdades dos espíritos se davam pela educação. Portanto, quanto mais elevado fosse o nível de educação dos indivíduos, mais elevado seriam seus espíritos. Já Rosseau autor supracitado, tem enorme influência sobre a Antropologia francesa, principalmente por apresentar um homem ligado a um estado de natureza pura e universal¹⁸. E, esse desejo de ver um homem universal e geral, tão típico da Filosofia Continental, que se desenvolverá em analogia a Filosofia Analítica e Pragmática (Inglaterra e EUA),

¹⁸ A ideia de buscar “ser” um homem mais próximo da natureza foi duramente criticada, mas ao mesmo tempo, aproveitada para diminuir os ânimos evolucionistas, como é possível verificar na obra “Antropologia Estrutural Dois”, de Lévi-Strauss; De Jean-Jacques Rousseau, Voltaire dizia “Rousseau quer nos fazer voltar a andar de quatro patas”. Embora não tenha formulado um sistema teórico, Voltaire foi sem dúvida um grande propagador da crença numa razão que salvaria o homem do erro.

influenciará sobremaneira os subsequentes pensadores como Emile Durkheim (2000), Marcel Mauss (2008) e Claude Lévi-Strauss (1993).

Marcel Mauss (1968), inaugura uma atitude antropológica interdisciplinar e fala de máscaras sociais que se sobrepõem ao indivíduo, antecipando os trabalhos de Ruth Benedict (1983) e Margareth Mead (1988). Mauss sugeriu que observássemos as técnicas corporais, os movimentos dos corpos, acreditando que as técnicas de intervenção directa no corpo, tal como o parto, eram grandes concentrados do que seria determinada cultura, como se fossem a substancialização daquela cultura. Ou seja, se a cultura é um processo de criação do homem, todos os seus movimentos criadores, inclusive os corporais irão nos falar dela. Como considera que os hábitos, crenças e tradições variam de uma cultura para outra, considera que a técnica também é algo que pode variar até dentro de uma mesma cultura, nos seus diferentes grupos. O que Mauss chama de técnica “é um acto tradicional eficaz (e vejam que nisto, não difere do acto mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição (1934, p. 217)”.

Portanto, a técnica está imiscuída no contexto cultural, relacionada com as práticas religiosas tradicionais, bem como às práticas económicas e sociais e são representações simbólicas das sociedades as quais se referem. A prática da técnica não está reduzida, neste sentido, ao manuseio ou confecção de um instrumento. Mas também está representada nele. Assim, desconsiderar a técnica é também desconsiderar parte da cultura.

Mauss (1974) também manifestou sua crença na objectivação do sujeito, onde o pesquisador observador é ele mesmo parte da observação. Na sua perspectiva tudo que esteja fora do seu sujeito pode ser objectivado, ou seja, toda sociedade diferente da nossa é objecto, todo grupo de nossa própria sociedade, desde que não seja o de que saímos, é objecto; todo costume desse mesmo grupo ao qual não aderimos é objecto; O objecto é nessa compreensão o que está fora de nós, sujeitos. Daí, observarmos os sujeitos não enquanto sujeitos, mas como parte de uma objectivação, a conduta cultural, a cultura, as técnicas que desenvolvemos nela.

Assim como Mauss, Lévi-Strauss (1993), relaciona a técnica com o desenvolvimento, o progresso social, mas sem fixá-lo como uma regra de caminho para a evolução, e assim,

para o melhoramento cultural. Por isso, criticam duramente o culturalismo americano de Franz Boas (1964), de Ruth Benedict (1983) e Margareth Mead (1988). Para Lévi-Strauss, nenhuma das tentativas de provar a superioridade de alguma nações em detrimento de outras foi capaz de tornar essa teoria razoavelmente aceitável, pois nem mesmo

O neo-evolucionismo de Leslie White não parece mais capacitado a superar essa dificuldade, visto que, se o critério que ele propõe – quantidade média de energia disponível per capita, em cada sociedade – corresponde a um ideal aceito em certos períodos e em certos aspectos da civilização ocidental, vê-se com dificuldade como proceder a esta determinação para a imensa maioria das sociedades humanas, onde a categoria proposta parece, ademais, desprovida de significação (1993, p. 16)

Conforme o capítulo anterior nos permitiu observar, essa busca por ressaltar ou o sujeito ou o objecto, acabou por dificultar uma percepção mais ampla das culturas descritas etnograficamente. Muito embora, a perspectiva de Lévi-Strauss permita pensar que, se os objectos não geram outros objectos, como na natureza, e tais objectos são resultado de um conjunto de representações simbólicas e sociais, não se pode obter respostas satisfatórias que corroborem a ideia de uma sociedade mais evoluída por manusear a técnica de determinada forma. Cada grupo irá utilizar a técnica com base no seu conjunto de símbolos e representações. As particularidades indicam-nos que não há uma evolução cultural, mas diferentes formas de utilização da técnica, bem como diferentes formas de transformação da mesma, de acordo com o referido conjunto de representações.

Na percepção de Lévi-Strauss, as sociedades possuem estruturas simbólicas distintas; os objectos criados ou introduzidos trazem efeitos também distintos, pois a técnica está directamente ligada a construção/organização social. Além disso, afirma que há ‘resistência ao desenvolvimento’ porque as sociedades primitivas preferem a unidade à mudança. Entretanto, podemos recordar que todas as culturas sofrem mudanças e as estabelecem, não necessariamente pelas mudanças materiais, nos objectos e técnicas empregadas. Isto porque, empregar tais técnicas implica investimentos económicos e políticos que para os quais existirem seria necessário que os referidos povos fizessem parte de um circuito que acredita no progresso enquanto solução para atingir um estado humano superior. Além disso, o próprio Lévi-Strauss aponta que muito do que vemos em movimento ou parado, em maior ou menor velocidade, depende do nosso ponto de

vista. O excesso de generalidades leva a recusa da simples ideia de lógicas distintas entre todos os habitantes do planeta.

De acordo com esta concepção, Lévi-Strauss (1993, p. 341), afirma que “os progressos realizados pela humanidade desde suas origens são tão manifestos e brilhantes que qualquer tentativa para discuti-los se reduziria a um exercício de retórica (1993, p. 341)”. Toda a referência que este autor faz à técnica é sempre apontando suas inter-relações culturais e demonstrando, assim como Mauss (1934;1968), - e também Malinowski, como observamos em capítulo anterior - que se observarmos a técnica enquanto mera instrumentalização da cultura perdemos de vista as inúmeras questões que permeiam a ideia de progresso no ocidente, principalmente, no que se refere à disputa entre a América do Norte e a Europa para que se perceba qual delas seria a “nação” superior. Daí que os europeus dêem maior relevância ao que está além da materialização do progresso e valorizem sobremaneira a educação como indício de desenvolvimento. Enquanto os norte-americanos se esforçam por defender que o progresso de uma nação é directamente proporcional ao seu desenvolvimento industrial e tecnológico.

Logo, reafirma-se a ideia de que a tecnologia é desenvolvida com base nos interesses socioculturais, e, desse modo, não poderia ser observada separadamente. Por outro lado, Raymond Williams (2000), propõe uma abordagem materialista para o estudo da cultura de massas e suas influências nos meios de comunicação – também critica por sua valorização do artefacto. Ainda uma outra perspectiva foi trazida, anteriormente, por Espinas, no século XIX:

A tecnologia compreende três espécies de problemas, resultantes de três pontos de vista sob os quais as técnicas podem ser encaradas: primeiro é preciso proceder à descrição analítica das artes, tais como elas existem num momento dado numa sociedade dada. Em segundo lugar, é preciso procurar saber sob que condições, em virtude de que leis, cada grupo de regras entra em jogo, a que causas devem a sua eficácia prática. Em terceiro lugar, tem lugar um estudo do devir desses mesmos órgãos, quer ele incida sobre o nascimento, o apogeu e o declínio de cada um deles numa sociedade dada, quer incida sobre a evolução de toda a série das técnicas na humanidade. O conjunto desses três estudos forma a tecnologia geral (1890, p. 115-116).

Portanto, Espinas admite uma relação de inter-dependência entre a técnica desenvolvida e o contexto cultural do momento; tais elementos somados constituem a tecnologia e permitem pensar a sociedade.

Ainda assim, os estudos americanos que contemplam a técnica continuam a ressaltar uma intrínseca relação com o progresso. Porém, a obra de Marvin Harris (1971), intitulada “*Town and Country In Brazil*”, aponta-nos um precioso contributo a destoar do quadro acima apontado. Nesta última, está expressa a ideia de que a população acredita no progresso como algo que virá de fora para dentro, do governo, por exemplo, mas não pelo seu esforço. Por outro lado, o que vemos hoje é que esse progresso, nomeadamente o tecnológico, já está intrínseco, faz parte de nossas representações culturais, das organizações económicas e sociais. Está tão presente no nosso dia-a-dia que quase nos esquecemos de sua influência, tanto que não conseguimos imaginar a vida sem ele.

Ao observarmos uma das obras de Walter Benjamin (1994), podemos perceber mais claramente a referida influência da técnica. O autor descreve de que modo o avanço da técnica provocou mudanças nas formas de representação artística demonstra como há interferência não apenas no modo de ‘fazer’ a arte, mas também no modo de vê-la, percebê-la e reintegrá-la ao quotidiano. A técnica, portanto, está directamente ligada ao modo de ‘fazer’, ‘saber fazer’, conseqüentemente, ao modo de pensar o fazer, pensar os motivos que nos levam a elaborar determinada acção. Constitui-se num ciclo contínuo de um refazer constante, pois o pensar diferente como fazer e porque, quando, já contém em si o pensarmos diferente sobre o mundo e vice-versa. Nas palavras de Pierre Levy, “por trás das técnicas agem e reagem ideias, projectos sociais, utopias, interesses económicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade” (1999, p. 24).

Diante disso, nossa principal hipótese para este estudo consiste na ideia de que, através da observação dos modos de uso da tecnologia, podemos reconhecer indicadores para a compreensão da sociedade contemporânea, e, para tanto, a perspectiva de não separar sujeito e objecto ampliará essa possibilidade. Ou seja, tentaremos não “cair na tentação” de aderir a um dos pólos.

De facto, até aos dias de hoje assumimos o desenvolvimento tecnológico como um benefício incontestável para a humanidade. Podemos apontar como um dos factores para que tal não fosse questionado a ausência de um conceito de sujeito agente no pensamento dos funcionalistas, que entendiam a sociedade como um organismo, observável a partir de factos totais; e, dos estruturalistas, que entendiam-na a partir da

observação das mais diversas expressões culturais que possibilitassem compreender a sociedade com base em suas estruturas mentais. Ao rejeitarem a ideia de um sujeito, de um indivíduo, negligenciaram o questionamento dos malefícios e benefícios das produções técnicas aprimoradas¹⁹.

Portanto, o que a Antropologia Social vai acrescentar à Antropologia Física é que os objectos não devem ser observados e classificados de forma isolada. Existe um outro factor. O facto etnográfico é uma das principais ferramentas de pesquisa dos antropólogos sociais. Os antropólogos físicos observavam apenas as ferramentas que as sociedades produziam e classificavam a sua “evolução” comparando os instrumentos às técnicas de produção de suas próprias sociedades. Edmund Leach (1976) já nos fala de um antropólogo que observa o contexto de produção e utilização da técnica junto ao comportamento habitual de modo directo e deve buscar um conjunto complexo de factos etnográficos para compreender o que comunica determinada cultura. A Antropologia social busca a variedade existente na cultura e na sociedade, a partir de uma atitude mais empirista que racionalista ao se aproximar mais do funcionalismo que do estruturalismo.

As técnicas não eram observadas pela estrutura de ideias que estava em seu conjunto de produção, mas sim pela sua utilização²⁰. De facto, os antropólogos sociais consideravam que observar a estrutura de ideias de uma sociedade consistia em valorizar uma abstracção de segunda categoria, não observável, mas composta a partir de excessiva indução. Para além dos funcionalistas e estruturalistas, as técnicas não podiam ser observadas dissociadas de todo contexto e conteúdo social que lhes cercavam. Isso porque, a tecnologia, reconhecida em um grupo social, está inter-relacionado desde a sua comunicação até a sua economia.

¹⁹ Partindo da concepção da sociedade como um conjunto orgânico, onde todas as instituições funcionam como órgãos de um corpo maior, os funcionalistas partiram de um pressuposto caro à Émile Durkheim (2007): De que tudo que existe na sociedade, funciona de alguma forma, logo, a técnica é resultado de uma necessidade inerente às instituições que actuam nesse corpo maior. Os estruturalistas, encabeçados por Claude Lévi-Strauss (2003), procuravam demonstrar um equívoco nessa premissa: Nem tudo que existe numa sociedade tem uma utilidade que vise a satisfazer uma necessidade de facto, podemos citar por exemplo as carruagens que atravessam Paris no intuito de conservar um costume antigo, mas que hoje, são inusuais. Ao demonstrar que nem tudo que existe, funciona de facto, os estruturalistas pareciam tentar realizar a primeira crítica realmente contundente ao pressuposto de que a técnica é uma manifestação do progresso. Porém, eles permaneciam no pressuposto de uma Antropologia sem sujeito agente – onde somos, tal como no funcionalismo, fruto de uma conjuntura maior que tende a levar-nos.

²⁰ Muito embora, o estruturalismo tenha feito incursões nesse sentido, acabou por realizar intensos exercícios de composição das mentalidades que, fatalmente, negligenciavam a observação dos objectos.

A exemplo disso, quando Edmund Leach fala da cidade apresenta uma entidade, em que o sujeito tem apenas o papel de trabalhar a matéria-prima: “um cenário de cidade moderna é totalmente construído pelo homem, todas as coisas que nele existem têm nomes, isto é, etiquetas simbólicas, e, por isso, conseguimos reconhecê-las” (1976, p.49). Ou seja, observar as construções, o fazer, o aprimoramento da técnica significava buscar compreender o sentido dos grupos sociais em seu todo. E com isso, compreender como se dava o progresso e em que medida ele poderia ser acelerado.

Ou seja, além da ideia de progresso a ser percebida nos estudos de Leach (1976), podemos compreender que, observar as expressões técnicas, inclusive de uma cidade, é também meio de conhecê-la, de sabê-la. E é esta maneira de fazer Antropologia que se faz interessante para o nosso estudo e não se trata de uma verificação dos níveis de desenvolvimento tecnológico, mesmo que estes estejam presentes, mas são os usos e consumos da tecnologia que irão falar-nos da sociedade. Nesta óptica, estão os estudos de Maurice Godelier (1971), os quais apontam que os modelos formais de estudos económicos acabam sempre por buscar estatizar os dados e traçar perspectivas progressistas, enquanto a Antropologia permite relacionar intimamente o progresso tecnológico e o progresso económico, tendo em vista que a materialização do primeiro era o resultado positivo do outro. Os estudos dos antropólogos - economistas apontavam o desempenho económico como indicativo do desenvolvimento social, observando a produção e consumo de bens. Assim, para Godelier

quanto mais fraco o nível tecnológico e uma sociedade, quanto mais simples o sistema económico, tanto menos alternativas há para uma escolha económica e mais pequeno é o máximo de produção que a sociedade pode atingir. (Idem, p. 152)

Essa ideia de uma maior produtividade como principal factor de crescimento e potencial de expansão social tinha por objectivo incentivar as sociedades chamadas primitivas para que fossem mais competitivas e se constituíssem em novos mercados. Tal pensamento, influenciou directamente o comportamento investidor daqueles que detinham o controlo de produção nas sociedades chamadas desenvolvidas e disseminou a ideia de crescimento económico como necessidade primeira de um grupo social bem sucedido. Mais a frente, verificaremos como esse triângulo: progresso, tecnologia e sociedade está imbricado na actualidade e como têm interferido na organização dos espaços urbanos.

Ainda quanto a relação entre economia e tecnologia, ressaltada pelos antropólogos económicos, coube-lhes diferenciar os dois termos, pois, enquanto os técnicos ao desenvolverem um novo produto ou matéria-prima mantém o foco no manuseio de seus materiais, os economistas estariam objectivados pelas relações sociais implicadas nessa produção. O antropólogo traria uma relação entre ambos. Outrossim, a Antropologia física nos aproximou mais da técnica que da tecnologia. Enquanto a Antropologia social nos aproximava da tecnologia, ou seja, da técnica de produção de materiais usuais e do processo que a envolve, em seus aspectos sociais, culturais e económicos.

Dada a importância e complexidade das questões advindas da tríade progresso, tecnologia e sociedade, os antropólogos não foram os únicos a pensá-la criticamente. Guy Debord (1997) e Raul Vaneigem (1999), os dois maiores nomes do situacionismo²¹ foram grandes críticos da concepção de progresso como algo bem-vindo e representado pela técnica. Para Debord, aspectos mais essenciais de nossa existência, como a felicidade e alegria do quotidiano haviam sido escamoteadas em detrimento da busca desenfreada pelo progresso. Todo o movimento situacionista se preocupou em demonstrar quão doente pode estar uma sociedade que não aceitou as vicissitudes da técnica sem uma devida crítica à sua recepção. Para isso, podemos lembrar de um momento específico da obra do escritor e engenheiro Boris Vian (1997), que dizia estar decepcionado, pois as máquinas ao invés de entregar nas mãos do homem a preguiça, fizeram aumentar nosso trabalho e nossas angústias. De certo, dificilmente esses nomes foram trazidos para a discussão antropológica, uma vez que estão situados no âmbito de uma literatura marginal, mas ajudam a reconhecer que os equívocos de uma concepção fechada de progresso – apenas pautada no desenvolvimento técnico – podem ter causado a criação de pequenos entraves no pensar uma relativização da técnica.

Desse modo, temos a nossa hipótese devidamente justificada. Contudo, ainda devemos discutir sobre relação da sociedade com a tecnologia.

2. Sair da dicotomia para entender a relação entre sociedade e tecnologia

Para Bruno Latour (2005), a distinção entre sujeito e objecto, a partir do *cogito* cartesiano, se manifesta de maneira distinta daquela que sempre foi pensada. Na verdade, para ele, nunca houve a separação entre os dois pólos acima citados –

²¹ O movimento situacionista iniciou no ano 1957, por um conjunto de profissionais ligados à arte, entre outros, que criticavam as formas de expressão cultural e política da Europa deste período.

separação esta que a fenomenologia de Husserl (1980) e Heidegger (2002) procurara resolver. Ora, os objectos nunca foram “passivos” como a “moderna” Filosofia pensou. Um homem e uma arma não é, simplesmente, um homem com uma arma, mas sim, uma espécie de “híbrido²²”. Latour (2005) diz com veemência que jamais fomos modernos, porque os objectos sempre estiveram convivendo connosco numa sociedade de humanos e inumanos – a qual ele preferia chamar “colectivos” ao invés de “sociedade”. Para ele, a diferença do passado para os dias actuais está justamente no que ele chamou de: “proliferação dos híbridos”. Somos arremessados diariamente para uma interacção constante e explosiva com todo tipo de objecto. Sendo assim, pensar a técnica e pensar o *colectivo*, é pensar um modo de ser constitutivo de nossa mundanidade quotidiana.

Da ideia acima referida advém a sua proposta de praticar, ao invés da dicotomia, uma observação simétrica para ambos os pólos. Embora destaque que, uma Antropologia simétrica não acontece apenas se praticarmos

O primeiro princípio de simetria – que só dá cabo das injustiças mais óbvias da epistemologia. É preciso que a Antropologia absorva aquilo que Michel Callon chama de princípio de simetria generalizada: o antropólogo deve estar situado no ponto médio, de onde pode acompanhar, ao mesmo tempo, a atribuição de propriedades não humanas e de propriedades humanas (1994, p. 95).

Desse modo, para colocarmos em prática a nossa proposta e utilizarmos a nossa hipótese como caminho, buscaremos aplicar uma Antropologia simétrica. Apesar desta ser a sugestão de Latour, pudemos verificar na revisão de literatura de uma Antropologia da Tecnologia, que muito se perdeu ao separar sujeito e objecto para estudar as culturas.

Vimos que a técnica acompanha a Antropologia desde seu princípio como ferramenta de observação e elemento complementar de objectos de estudo. Contudo, após iniciarmos a vivência da tecnologia como peça indispensável para a sobrevivência humana, ela deixa de ser apenas um ponto de apoio a observação da humanidade e passa a ser parte desta humanidade, como se não pudéssemos mais dissociar o que é o pensamento humano da tecnologia.

Em todos os campos de observação ela se faz presente, em todas as ciências, desde as biotecnologias dos transgênicos e das células tronco ao pensamento filosófico de Bruno

²² Mais adiante, no capítulo IV, faremos uma discussão extensa acerca do conceito de híbrido e suas mais diversas aplicações. Afinal, tal conceito perpassa os principais problemas abordados nesta tese.

Latour (2000, 2005), Paul Virilio (2000), entre outros. Está muito viva na economia com as “tecnologias da inovação” em gestão, produção e marketing, nas conversas ao telemóvel, nas feiras livres e suas ofertas - a preços democráticos - de aparelhos electrónicos, filmes, jogos. Estamos imersos num processo de tecnologização do qual não temos a senha para sair. Por vezes, sentimo-nos como num labirinto em que cada avanço tecnológico dá-nos pistas da saída, e, ao mesmo tempo, abandona-nos.

Bruno Latour (2002, p. 248) reconhece que a tecnologia “está em todo lugar, desde o termo aplicado a um regime de enunciação ou para colocá-lo em outro caminho, para um modo de existência, uma forma particular de explorar a existência, uma forma particular de exploração do ser”. Todos os mecanismos de idealização e concretização de nosso tempo estão imersos na tecnologia. Ela não é mais um meio, uma mediação entre os homens e seus objectivos, ela é o próprio objectivo humano.

A estreita relação entre a tecnologia e o progresso certamente é o que há de mais encantador e inebriante para a sociedade contemporânea. Fizemos da tecnologia a materialização da comunicação, imprimimos sentidos de mundo à própria tecnologia. Por isso, Paul Virilio (1995) nos incita a questionar a tecnologia e o que foi modificado por seu desenvolvimento, tendo em vista a urgência que permeia as relações. Em sua concepção o autor afirma que o excesso de fenómenos tecnológicos comprime os espaços e confunde as percepções. Já não conseguimos distinguir o que é tempo e espaço. Materializamos o tempo e tornamos o espaço fluido, flexível, permeável. Entretanto, nesse contexto,

Imagina-se facilmente a perturbação desta nova «concepção do mundo», os seus efeitos sobre a própria natureza da PERSPECTIVA, e por conseguinte sobre a orientação das actividades humanas se o tempo é matéria, o espaço é o quê? (Virilio, 2000, p. 25)

O avanço da tecnologia levou-nos a perder a noção de limites espaciais. O tempo toma o lugar do espaço. Não há mais espaço para compreendermos, ou melhor, se quer para percebermos e assimilarmos a quantidade de informação que temos em tão pouco tempo. As nossas percepções vão sendo distorcidas. O tempo substituiu o espaço e agora é o parâmetro de observação da nossa sociedade. A tecnologia aparece como libertadora dos espaços restritos. Mas nos aprisionaria nos labirintos do tempo.

Parece que estamos mesmo diante da revolucionária tecnologia da informação, chamada por Manuel Castells (2003) de informacionismo. Pois, segundo Lévy “cada vez mais

concebemos o social, os seres vivos ou os processos cognitivos através de uma matriz de leitura informática”. Mas o que seria essa rede de informação? Segundo Houtman e Zeitlin, “*to suggest that information technology (IT) the brand of technology concerned with the dissemination, processing, and storage of information, specially by means of computers (1996, p. 1)*”. Os autores relembram a relação da disciplina de Antropologia com o aparato tecnológico para os seus estudos, como a câmara para filmar e a máquina fotográfica, principalmente na década de 1960, fazendo surgir a Antropologia visual, embora não se baste nisso, pois, para Houtman e Zeitlin, “*at the level of methodology, new techniques of manipulating data will increasingly affect the sorts of analysis we undertake*” (*Idem*). Tal afirmação aponta para a percepção de que as tecnologias trouxeram também transformações para a tecnologia.

Os interesses que estão envolvidos na construção tecnológica também são desordenados e ultrapassam a noção de progresso, ou a ideia de progresso que tínhamos. Sob a ideia desta premissa, Lévy afirma que,

hoje em dia, ninguém mais acredita no progresso, e a metamorfose técnica do colectivo humano nunca foi tão evidente. Não existe mais fundo sociotécnico, mas sim a cena das medias. As próprias bases do funcionamento social e das actividades cognitivas modificam-se a uma velocidade que todos podem perceber directamente (1993, p. 8).

Logo, não temos mais alternativa tentando separar o contexto do conteúdo e estudar uma Antropologia utilizando a tecnologia como simples campo de observação, pois é indissociável de nossos objectos/sujeitos de estudo.

Homem e tecnologia são facilmente percebidos isoladamente um do outro? Ou será que fazemos uma Antropologia da Tecnologia mesmo quando não objectivamos este fim? Quando Latour (2000) escolhe como campo de pesquisa um laboratório científico, ainda na segunda metade do século XX, já nos dá indícios de um campo de estudo onde, para compreender a ciência, é preciso despir-se da ideia de uma ciência pronta, acabada.

Houtman e Zeitlin apontam que “*it is also changing the subject of anthropology (...). IT is gradually blurring of the concept of what is signifies to be a human being*” (1996, p. 2). A tecnologia está imbricada em nosso pensamento e em nosso quotidiano de forma tão intensa que nem sequer a percebemos quando tomamos um descafeinado ou aderimos aos suplementos vitamínicos. Ou ainda, quando temos como principal meio de comunicação com os nossos amigos e conhecidos a telefonia móvel e a internet. Há

quem classifique a internet de “quinto poder” no Brasil, por exemplo. É possível encontrar neste país, mesmo nas cidades mais inhóspitas, uma casa de acesso à internet a preços extremamente acessíveis.

Michel Foucault diria que esse poder seria actuante na criação de vínculos, inúmeros vínculos. Não mais por imposição. O poder se mostra muito mais atraente quando se faz flexível. “O que faz o poder se manifestar e ser aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de facto ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (1979, p. 8). Logo, a tecnologia caracteriza-se de facto como um poder, mais que um recurso ou suporte às necessidades contemporâneas.

Junto a isso, está a nova condição do saber e do conhecimento na contemporaneidade. Os actuais trabalhos científicos são elaborados sem a necessidade de darem as respostas. Não são mais os cientistas que detém o saber ou a condição de acessá-lo. E muito disso deve-se a tecnologia, a revolução da tecnologia da informação, referida por Castells: “A revolução da tecnologia, a reestruturação da economia e a crítica da cultura convergiram para o redefinir histórico das relações de produção, poder e experiência em que se baseiam as sociedades” (2003, p.463). De forma mais incisiva, nas questões entre ciência, poder e sociedade, Foucault afirma que os intelectuais de nosso tempo descobriram que as massas não precisam de sua ajuda para pensar, reflectir e saber sobre o mundo. Contudo e, ainda para Foucault, há um sistema de poder que impede a manifestação inteira dessa problemática. Um sistema de poder que acaba por invalidar este discurso, “poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito subtilmente em toda a trama da sociedade” (1979, p. 42). É dessa forma que entendemos agir a tecnologia, de forma aparentemente subtil, necessária, mas claramente invasiva e incontestável.

Quem seriam sujeitos do mundo contemporâneo, nós ou os nossos produtos tecnológicos? Latour compreende que a Antropologia muito contribui para responder a esta questão. Simplesmente porque os estudos etnográficos já fazem um movimento que hoje os cientistas tentam acompanhar: “juntar em uma mesma monografia os mitos, etnociências, genealogias, formas políticas, técnicas, religiões, epopeias e ritos dos povos que estuda” (1994, p. 12). Pois, é ao ampliar o campo de visão que é possível entender que os laços da contemporaneidade estão ligados em rede.

Diferentemente da concepção de Latour, Anthony Giddens afirma que vivenciamos actualmente a ‘tecnologia dos sistemas’. Que nossa concepção conceitual saiu da visão do positivismo lógico e abraçou a filosofia dos sistemas. Isto pode ser verificado, segundo o autor, no momento de inclusão das máquinas junto aos seres humanos nos sistemas de controlo e na observação do surgimento das teorias da informação e da cibernética, que deram condições à referida junção (2000). Entretanto, para Latour (1994) essa necessidade de transição teórica só se dá caso não compreendêssemos que os contextos são indissociáveis de seus conteúdos. Que os factos científicos não são apenas parte de um todo interligado, mas são o próprio todo se bem observados, se há aceitação de que tudo está ligado em rede, inclusive entre nós e nunca esteve separado. É desta premissa, que o autor afirma ‘Jamais fomos modernos’.

A ideia moderna de uma substituição do humano pela máquina, de uma separação nos faria acreditar que para nos libertarmos desse destino moderno deveríamos encerrar este período e avançar, levar o fluido ao extremo da materialidade da máquina. Dessa forma, Latour acredita que

nada mais tem valor, tudo é reflexo, simulacro, são todos símbolos flutuantes – e essa franqueza, segundo eles, irá quem sabe salvar-nos da invasão das técnicas, das ciências, das razões. Será preciso destruir tudo para que seja possível introduzir mudanças estruturais? O mundo vazio no qual evoluem os pós-modernos é um mundo esvaziado por eles, e por eles apenas, porque levaram os modernos ao pé da letra (1994, p.130).

Cada vez que tentamos nos afastar mais da perspectiva moderna, mais nos imbricamos nela. Dessa tentativa, surgiu a proliferação dos híbridos de humanos e não-humanos, os homens quasi-objectos e os objectos quasi-animados.

Tanto o homem biológico quanto o quase-objecto nos levam a pensar quais são as nossas ligações identitárias, Zigmunt Bauman (2005, p.19) fala que em nosso espaço de fluxo “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. E nessa conjuntura em que espaço e tempo trocam de posição (Virilio, 1995) os papéis que representamos se encontram de forma mais desordenada e complexa.

Hoje ouvimos falar da identidade e dos seus problemas com mais frequência do que em qualquer outro período dos tempos modernos. E todavia perguntamo-nos se a obsessão actual não será apenas mais um caso de regra geral que diz que só *ex post facto*, quando desaparecerem, falham ou saem dos eixos, começamos a dar-nos conta das coisas (Bauman, 2007, p. 87).

Essa fluidez da identidade, esse refazer-se e desfazer-se constantes, retratam a própria fluidez das relações que estabelecemos, com os outros, as coisas e o espaço. Por isso, “os contactos tendem a ser tão fragmentários e episódicos como a própria forma de coexistência a que se associam” (Bauman, 2007, p. 61). Logo, a aparência é de que hoje em dia precisamos de mais liberdade, desprendimento, mesmo que essas sejam características opostas à contemporaneidade, para a maioria das pessoas.

Refém dessa liberdade, o indivíduo contemporâneo, imerso em tantas referências simultâneas, aceita-as mais facilmente, sem perceber que está corroborando com uma identidade fluida, dispersa, mais que complexa, indefinível. Nesse contexto, reconhecemos que os grupos sociais que se constituem têm como principal motivação a conveniência. Michel de Certeau afirma que essa conveniência

impõe uma justificação ética dos comportamentos, que se poderia medir intuitivamente, pois os distribui em torno de um eixo organizador de juízos de valor: ‘qualidade’ da relação humana tal como ela se desenvolve nesse instrumento de verificação social que é a vizinhança não é qualidade de um ‘*know-how*’ social mas de um ‘saber-viver-com’ (1996, p.49).

Entre os indivíduos que parecem estar em busca constante de sua identidade, de forma ansiosa, a convivência não é mais uma opção, mas uma condição de sobrevivência. Os laços e referências que nos unem às pessoas são em sua maioria por conveniência social.

Nesse contexto, temos a tecnologia como ferramenta principal de ligação para mantermos os vínculos. Contudo, não há espaço para reflectirmos sobre esses laços mantidos, muitas vezes, apenas pelos meios tecnológicos. Tal afirmação pode ser elucidada através de Virilio (1995) para quem a exploração da tecnologia estrita o espaço de reflexão sobre as relações que estabelecemos com todas as coisas. Pela referida falta de tempo não mais processamos os factos, é como se apenas nos alimentássemos com o que é produzido de informação sobre todas as coisas (economia, família, sociedade, entre outros) mas não nos déssemos o tempo necessário para digerir. Não temos mais a pausa necessária para processar as informações, para tentarmos compreender o que se passa ao nosso redor. E assim não conseguimos questionar praticamente nada que venha das produções tecnológicas. Nas palavras do autor,

Entre o subjectivo e o objectivo, não há lugar, parece, para o «trajectivo», esse ser em movimento daqui para ali, de um para outro lugar, sem o qual não acederemos nunca a uma compreensão profunda dos diversos regimes de

percepção do mundo que se sucederam ao longo dos tempos, regimes de visibilidade das aparências ligados à história das técnicas e das modalidades do deslocamento, das comunicações à distância, empreendendo a natureza da velocidade dos movimentos de transporte e de transmissão uma transmutação da «profundidade de campo» e, por conseguinte, da espessura óptica do meio ambiente humano (Virilio, 1995, p. 49-50)

Para Virilio (Idem), Bauman (1995,1999,2005), Latour (1994) e Foucault (1966), o incentivo constante a um pensamento individualista que a contemporaneidade nos traz é uma estratégia de sobrevivência da mesma. Ora, se pensássemos enquanto um colectivo dispensaríamos muitas das criações da tecnologia de ponta, não alimentaríamos o comércio dos ansiolíticos ou mesmo as pesquisas sobre as chamadas doenças da pós-modernidade, como a depressão com a mesma intensidade com que fazemos nos dias de hoje. Vivenciamos a ideia de que viver em grupo está muito mais complicado, de que partilhar o espaço com o outro está cada vez mais insuportável. Ao mesmo tempo em que cresce a intolerância os livros de auto-ajuda viram best-sellers. O faça por você mesmo.

Essa mesma concepção de transformação está presente na nossa relação com o espaço, a cidade e será este encontro entre Antropologia, tecnologia e espaço urbano que abordaremos a seguir.

3. Entre a Antropologia e a tecnologia: novas perspectivas para o espaço urbano

Os primeiros estudos etnográficos investiram na investigação de grupos em espaços não-urbanos, tribos indígenas e africanas²³, grupos isolados, com vivências distantes da cidade. Tal posicionamento se dava, em parte, pela crença de que os estudos teriam maior valor e relevância se tocassem em temas exóticos e falassem de organizações sociais distantes das quais seus pesquisadores fizessem parte. Foi o crescimento e a complexificação dos centros urbanos que estimulou a busca pelo que ele poderia revelar dos grupos sociais.

²³ Nomeadamente, clássicos da Antropologia tais como: Os Nuer, de Evans-Pritchard (um estudo sobre uma etnia africana); os Argonautas do Pacífico Ocidental (uma pesquisa sobre os polínésios); e, mais recentemente, o trabalho etnográfico levado à cabo por Clifford Geertz com os balineses.

Foi com a chamada Escola de Chicago²⁴ que se desenvolveram as primeiras etnografias no espaço urbano, campo de pesquisa substancial para investigação das mudanças sociais. Heitor Frúgoli Jr. (2005) afirma que o conceito de cultura urbana foi estabelecido na referida escola, inspirado nas teorias de Émile Durkheim, Marx Weber e Georges Simmel, que mantiveram seu enfoque nas sociedades modernas, metrópoles industriais, construindo cada um a seu modo teorias sobre a relação entre o homem moderno e a cidade e como tal relação se reflectia nas formas de organização social, na família, religião e trabalho. Cabe aqui pontuar que Durkheim (2007) não se debruçava sobre o indivíduo urbano, mas sobre uma realidade total, como tal vislumbra a cidade numa perspectiva generalista, onde reinam as leis orgânicas. Os estudiosos da Escola de Chicago buscavam elaborar metodologias adequadas ao seu campo de pesquisa; dentre eles Robert Redfield (1947) destacou-se com seu método que chamava de ‘estudos de comunidade’, inserido numa ideia de contínuo processo de urbanização que mais tarde influencia Ulf Hannerz (1999) a entender o estudo do espaço urbano como um exercício para se trabalhar a relação indissociável entre sujeitos/ cidade/ qualidade de vida/ pós-modernidade/ política / problemas sociais. O autor acredita que do mesmo modo que não se pode controlar todas as plantas que brotem num terreno, não é possível controlar todos os aglomerados que surjam no espaço urbano.

Colocamos alguns autores e apontamentos apenas para referenciar o que envolve a prática da ‘Antropologia urbana’, porém há diversas outras discussões que o termo incita e que trataremos no capítulo seguinte, como a condição do sujeito na sociedade, tendo em vista que alguns autores trabalham numa perspectiva de domínio cultural, pré-determinações culturais que definem o comportamento social urbano, como os estudiosos da Escola de Chicago, diferentemente do tratamento dos estruturalistas franceses, que observavam de modo mais intenso as mudanças nas relações sociais com a industrialização e o crescimento da desigualdade social. Contudo, o nosso interesse pelas práticas sociais, das quais destacamos os usos da tecnologia no espaço urbano é entender as inter-relações que nele se estabelecem e que implicações carregam consigo, por reconhecer os indivíduos como actores que pertencem a uma determinada cena urbana (Certeau, 2005).

²⁴ A Escola de Chicago ao longo dos anos destacou o problema das minorias, relacionadas aos problemas de migração e ocupação do espaço. De facto, as questões urbanas, ou melhor, o urbanismo era seu segundo tema de interesse.

Fomos buscar dentre as incontáveis inter-relações que podemos apontar no espaço urbano, aquela formada pela tecnologia, seus usos e a interferência na nossa perspectiva de lugar e de pertencimento ao mesmo. Hoje o termo “pertencimento ao lugar” é colocado em dúvida. Zigmunt Bauman diz-nos que tal circunstância está embebida por uma necessidade de liberdade, condição inerente ao sujeito pós-moderno:

buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (2005, p. 32).

Nós mudamos constantemente a forma de relação com o espaço e com os outros, resignificamos e criamos diferentes justificativas para a nossa condição móvel e livre, o que também nos leva ao novo, um dos grandes anseios do nosso tempo. De acordo com Sherry Jr, antropólogo e professor de marketing, em seu artigo “*Place, Technology and Representation*”, “*case strives to reveal the hidden on time – a notion largely eclipsed by our fixation on time (2000, p. 273)*”. Nossa caminhada se dá como se não mais precisássemos pertencer a um lugar, mas apenas passar pelo mesmo, com todo despreendimento que nos permita mudar constantemente. Nossa forma ansiosa de vivenciar as relações inter-pessoais está presente também no modo como nos inserimos no espaço ao nosso redor - que hoje parece ser entendido como o mundo inteiro.

Nessa perspectiva, Bauman descreve que,

com fones de ouvido ajustados, exibimos nossa indiferença em relação à rua em que caminhamos, não mais precisando de uma etiqueta rebuscada. Ligados no celular, desligamo-nos da vida. A proximidade física não se choca mais com a distância espiritual (2005, p.32)

Com essa afirmação, Bauman chama atenção sobre como a nossa forma de olhar para o espaço tem se tornado mais aberta e mais fechada, ao mesmo tempo, como se fosse palco de intimidades efémeras.

Quanto a essa percepção do espaço urbano, Lúcia Santos, arquitecta e urbanista, diz que a cidade pode ser definida como um espaço de trocas, *a priori*, de carácter económico, onde fundam-se as classes sociais, entre produtores e consumidores de produtos agrícolas e derivados. Na sua óptica as trocas aparecem “no sentido do encontro da diversidade da interacção na diferença, do encontro com o oposto, da consciência de si, no sentido hegeliano, ou seja, a partir do encontro com o outro” (1998, p.44). A cidade é entendida como um campo amplo de encontros que possibilitam o reconhecimento do

sujeito como participante de um grande mosaico que representa o colectivo, entre a natureza, a cultura e a política.

Portanto, a contribuição de Bauman para pensarmos o espaço urbano nos dias de hoje é o facto de estarmos passando por um momento de resignificação da perspectiva do indivíduo, da sociedade, e, conseqüentemente, do espaço. Em outras palavras, nossos pontos referenciais estão em transformação. Por isso, a ideia do espaço urbano, por excelência um espaço de trocas, também está em transformação, a partir do momento em que a ideia de espaço, de trocas e de referências identitárias movimentam-se em alta velocidade. Com este cenário, precisamos de uma perspectiva mais complexa para compreender o espaço urbano contemporâneo.

Numa abordagem sistémica da cidade encontramos Jöel de Rosnay (1995), que a compreende como um organismo composto por partes interdependentes que se relacionam dialogicamente. Ele nos sugere um mecanismo de localização nesse complexo espaço: o *macroscópio*. Um instrumento simbólico para os tempos em que percebemos o espaço por uma óptica diferente. Se não conseguimos dar conta do que nos cerca olhando de modo indiferente e frio, como cientistas em um laboratório, devemos buscar instrumentos que ampliem os nossos horizontes da percepção sobre nós, os outros, a nossa cidade, a cidade dos outros. O *macroscópio* sugere que olhemos para os organismos, os sistemas nos quais estamos inseridos e as práticas neles realizadas. Ele se propõe a observar as interações entre os elementos do sistema. Considerando a cidade como tal, olhar numa perspectiva *macroscópica* para ela é buscar apreender os sentidos de nossas vivências, os caminhos para onde convergem as nossas acções e, a partir de então, reflectir sobre as formas que actualmente utilizamos para construir a cidade que desejamos.

Este método de observação da cidade colabora na visualização do campo de possibilidades que se abre ao decidirmos espreitá-la. Logo, uma Antropologia da Tecnologia no espaço urbano compreende que houve “um apagamento da distinção cidade/campo e conseqüente surgimento de uma rede urbana onipresente, um novo imaginário do espaço e do tempo” (Lévy, 1993, p.17). A influência do avanço tecnológico no espaço urbano não muda apenas a arquitectura da paisagem, mas reflecte-se na falta de confiança que temos nas ruas, por estarmos entre estranhos.

O espaço acolhedor poderia se estender das casas às ruas, às avenidas. Pois, de acordo com a visão de Gaston Bachelard (1978), o espaço deve ser percebido como acolhedor, também fora das casas, nas ruas, no bairro. O autor percebe o nosso distanciamento entre a casa espaço de abrigo e espaço de dormida, em que se transformou. Com as novas significações do espaço habitado “as casas não estão mais na natureza”; o homem contemporâneo atribui novos significados à situação de ocupar o espaço, em que não mais ‘somos’, apenas ‘estamos’ temporariamente. “As relações de moradia com o espaço se tornam fictícias”. Cada lugar que criamos não nos convence, falta-nos sempre algo mais para gerar uma identificação como o espaço habitado: “Tudo é máquina e a vida íntima [nosso desejo de abrigo] foge por todos os lados” (1978, p.215).

Diante disso, podemos afirmar que a tecnologia ressignifica os espaços de modo intenso e complexo. O que pede flexibilidade do antropólogo que queira debruçar-se sobre a perspectiva de espaço urbano. Ao vislumbrarmos a relação entre Antropologia e a tecnologia, verificamos a importância de lançarmos para a pesquisa uma óptica simétrica. Se não mais podemos separar o que seria propriamente espaço urbano do virtual, tentaremos dar aos mesmos medidas simétricas na tentativa de identificar e analisar os problemas (questões) e as alianças gerados a partir da tríade tecnologia, sociedade e espaço urbano.

Do centro da discussão entre Antropologia, tecnologia e espaço urbano emergem três apontamentos principais para estruturação da nossa pesquisa: (1) Porquê não questionamos a tecnologia? O que nos impede? (2) Quais os itinerários percorridos na ressignificação identitária a partir da tecnologia? (3) Como se dá nosso processo de aprendizado e busca pelo conhecimento num contexto em que a tecnologia reconfigurou as trocas? Com estas questões, seguiremos uma discussão teórica que melhor justifique as mesmas.

3.1 O que nos impede de questionar a tecnologia?

Começamos a discutir a relação da Antropologia com a tecnologia a partir do par de opostos objectividade e subjectividade. A partir dela, reconhecemos o quanto a tentativa de diferenciar ou ressaltar os pólos acabou, na visão de Bruno Latour, por juntá-los ainda mais. Seguindo esta premissa, identificamos uma outra oposição, que conforme

verificaremos, acaba por dificultar o questionamento das ferramentas tecnológicas. Seria esta oposição moralidade e tecnologia.

Num primeiro momento, soam *a priori* como temas antagónicos, isso se pensarmos que a primeira estaria relacionada a um conservadorismo, enquanto a segunda, ao avanço. Porém, quando nos atemos ao facto da tecnologia estar segura nas bases da moralidade, visualizamos a profunda proximidade de ambas.

De acordo com Latour: “*morality is no more human than technology, in the sense that would originate from an already constituted human who would be master of itself as well as of the universe*” (2002, p. 254). É a esta ideia de moralidade como uma forma de governo, de manutenção de uma ordem necessária para o desenvolvimento dos combustíveis das novidades – a economia, religião, política, ciência, entre outras instituições sociais, todas estão perpassadas e envolvidas pela rede da moralidade. Mas o que podemos observar e o que afirmam Latour (2005) e Lévy (1993), o fio condutor da relação entre a moralidade e a tecnologia é o comportamento de evitação apresentado pela tecnologia, portanto, todos os seus movimentos são ditos como supostamente coordenados e aprovados pelos olhos da moralidade.

A tecnologia é tratada num lugar difícil de podermos contestar: como parte indispensável de nós mesmos. Como criação nossa, fazemo-la ao nosso controlo, certo? Diante do que vemos até aqui, não estamos a tratar de uma temática eximida de interferência na nossa forma de observar e vivenciar o mundo.

No ano de 2008, a empresa Google, após sofrer diversos processos legais por conta de abusos de direitos autorais e pornografia infantil, chegou a desenvolver uma nova tecnologia que identifica padrões em imagens disponibilizadas na rede através dos sites da empresa e os qualifica, para tentar encontrar usuários que pratiquem a exposição de pornografia infantil. Isso porque, de acordo com o *Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Abusadas* – NCMEC - dos Estados Unidos, aqueles que utilizam inadequadamente o espaço da internet costuma desenvolver tecnologias mais avançadas do que as utilizadas pelas grandes firmas de tecnologia da informação. Este exemplo demonstra-nos como a rede de internet pode ser usada para rastrear usuários mal intencionados, ao mesmo tempo em que dispõe de um espaço público ainda com poucas

leis que enquadrem e penalizem aqueles que não cumprem as regras de utilização – tais regras ainda contam mais com um bom senso do usuário.

A espreitar esse contexto, Pierre Lévy (1993, p. 61) afirma que,

O ciberespaço poderá se tornar um meio de exploração dos problemas, de discussão pluralista, de processo complexos, de tomada de decisão e de avaliação dos resultados o mais próximo possível das comunidades envolvidas (1993, p. 61)

Ainda poderíamos acrescentar que, a proposta inicial, após a expansão da internet, era de tornar-se um espaço de socialização e inclusão sem quaisquer fronteiras, que mais tarde tiveram de ser limitadas de alguma forma, devido a complexidade de identificação dos indivíduos em casos de mau uso do ciberespaço.

Por outro lado, a internet mostrou-nos o quanto é difícil para as autoridades governamentais controlarem não apenas as fronteiras do ciberespaço, mas também controlarem o tipo de informações que são disponibilizadas na grande rede. Há inúmeros casos de homicídios e suicídios pré-anunciados em vídeos na internet, que ficam expostos a usuários de idades e culturas plurais. Os factos expostos em rede ganham uma proporção oceânica e ao mesmo tempo, uma discussão desproporcional. Isso porque a velocidade da comunicação nos impede de respirar entre uma informação e outra. Portanto, não seria essa «necessidade irrevogável» que caracteriza a tecnologia, um lugar em que a colocamos para não questioná-la?

Para além da internet, uma outra tecnologia, tão presente no nosso quotidiano são os telemóveis. Criados em meados do século passado nos Estados Unidos, os aparelhos de telefonia móvel revolucionaram a comunicação com a tecnologia de propagação de ondas electro magnéticas, a princípio, transmitidas de modo analógico e só depois nos anos 80, de modo digital. Hoje vivemos cercados num campo electromagnético criado pelas ondas de transmissão. No entanto, apesar de ter sido noticiada a preocupação com os efeitos do aparelho móvel para a saúde, o que nos chama mais atenção é a utilização constante e quase incessante desses objectos por bilhões de pessoas no mundo.

O rastreamento de telemóveis já foi utilizado pela Universidade de Boston como ferramenta de pesquisa para um estudo sobre comportamentos humanos. Num outro

estudo²⁵, realizado através de uma parceria entre as Universidades da Califórnia (EUA) e de Aarhus (Dinamarca), afirma-se que o uso de telemóveis durante a gravidez estimula a hiperatividade do bebé. De acordo com o estudo, a utilização do aparelho durante o referido período aumenta em 54% o risco das crianças virem a ter problemas de comportamento. A considerarmos o número de usuários, poderíamos arriscar afirmar que estamos construindo uma geração mutante. Se fôssemos citar todos os estudos científicos realizados por instituições de renome que chegaram a conclusões preocupantes ou intrigantes não parariamos mais de escrever. A radiação do aparelho, por exemplo, discute-se que provoca stress, atrapalha o sono e a comunicação entre membros de uma mesma família reunidos em casa ao mesmo tempo.

Enquanto isso, a solidão que se vê nos centros urbanos parece abrandada pelos telemóveis que estão sempre em actividade. São conversas itinerantes: estou a chegar, estou a sair, estou a entrar, “estou a” um tempo contínuo, como se não houvesse repouso. Junto a isso, os dedos demonstram a agilidade alcançada por horas de treino a digitar as intermináveis mensagens de *sms*. O mercado como um todo utiliza há um bom tempo essas mensagens para vender seus produtos, seja como forma de divulgação ou mesmo na venda directa de músicas, imagens e outras ferramentas de incremento para o aparelho. As empresas de telemóvel são inovadoras e apostam em movimentos de mercado arrojados (para utilizar uma linguagem também comercial) ao investirem em publicidade com grandes personalidades, patrocinarem grandes eventos e desenvolverem tecnologias que ficam obsoletas em tempo muito estreito. O aparelho telemóvel tornou-se uma jóia. Seria um meio de aprendizado mais acessível, usual e sociabilizado que a escola? Logo, não estaríamos a ser alfabetizados pela tecnologia? Apesar da sua complexidade, o seu manuseio parece mais simples e estimulante que estar sentado numa biblioteca a fazer longas pesquisas.

De acordo com Paul Virilio, a tecnologia seria “inquestionável” por sua “utilidade” indispensável. Assim,

Donde a urgente necessidade política de voltar a essa «lei do menor esforço» que funda desde sempre o impulso das nossas tecnologias. Uma lei que se nos impõe, e que se baseia, como a do movimento astronómico dos planetas, na gravidade, essa força de atracção universal que dá ao mesmo tempo o seu peso, o seu sentido e a sua direcção aos objectos que compõem o meio ambiente humano (1995, p. 91).

²⁵ Matérias disponíveis no endereço electrónico do jornal BBC Brasil.

Portanto, se a tecnologia acaba por fazer parte da nossa estrutura social, colocá-la à prova, questioná-la poderia desestruturar-nos?

O filósofo estóico Marco Túlio Cícero²⁶ (2001) incentivava uma vida simples, desprendida, com amizades sinceras, com a preocupação em edificar o espírito a partir de vivências ao lado de pessoas de bom carácter. A tecnologia nos propõe uma vida simplificada diante da complexificação em que o mundo foi transformado, mas seria essa a nossa relação com a mesma? Em Dezembro de 2006, a capa da Revista Times trazia a imagem de um computador com a mensagem “you” escrita na sua tela. As últimas pesquisas – disponíveis no momento de realização deste trabalho - INE/UMIC²⁷ apontam que 40% da população portuguesa possui acesso a rede de internet.

Tal facto remete a perspectiva de Ulf Hannerz,

nos últimos tempos, em vez de buscarmos a confortadora intimidade da vida provinciana, temos debatido a distância cultural que separa navio e terra firme, e as maneiras de atravessá-la. Fluxo, mobilidade, recombinação e emergência tornaram-se temas favoritos à medida que a globalização e a transnacionalidade passaram a fornecer os contextos para nossa reflexão sobre a cultura (1997, p. 7).

Seria então o humano um animal motivado a partir dos problemas e por isso vive à caça dos mesmos, mais do que à caça de soluções? Se esta for uma afirmativa segura, a nossa busca pela tecnologia perfeita está justificada e compreendida. Ao mesmo tempo, “a dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou da multimédia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio” (Levy, 1999, p.24). Mas afinal, o que nos impede de questionar a tecnologia a sério? Porque somos tão condescendentes com ela?

A questão moral que é discutida por Latour parte do princípio de que não podemos considerar a tecnologia como neutra. Como haveria “neutralidade numa ferramenta que nos leva, sem nó, do zero ao infinito?” (2002, p. 255). Conforme os exemplos que apresentamos, podemos visualizar diversos modos de actuação da tecnologia. Porém

²⁶ Filósofo latino que viveu entre os anos 160 e 43 a. C, considerado dos grandes nomes do *estoicismo*, corrente filosófica que promulgava a necessidade da liberdade interior a partir de uma vida pautada na ascese.

²⁷ Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias no período de 2002 a 2007. A pesquisa foi realizada com famílias portuguesas. A pesquisa foi realizada por encomenda da Eurostat (*Survey on ICT Usage in Households and by Individuals 2002-2007* e apresenta comparação entre países da EU quanto a utilização de internet.

não citamos nada relativo a discussões mais complexas sobre a aplicação de pesquisas das ciências da saúde, como as pesquisas com embriões, células tronco e os alimentos transgénicos, entre outros. Logo, será que questionar a tecnologia não desencadearia uma série de problemáticas que procuramos evitar nos dias de hoje, já que vivenciamos o «alge» do desenvolvimento tecnológico e o progresso?

Ainda podemos ressaltar que esta dificuldade de questionamento da tecnologia será um dos norteadores desta pesquisa. Para tanto, estamos a seguir as perspectivas de Latour, Lévy, Virilio e Foucault, conforme apresentamos, pois ajudarão a questionar um esquema que traz consigo uma espécie de redenção para “todos os males da humanidade”. Ou seja, a partir da ideia de Antropologia simétrica de Latour, observaremos os eixos estruturantes da tecnologia e suas microlocalizações, como sugere Foucault, abrindo espaço/tempo para pausa diante do fenómeno, como indica Virilio. Além disso, faremos uso das reflexões de Lévy sobre novas percepções de grupos sociais, indivíduo e espaço.

4. Como chegar ao outro e a mim sob a óptica da tecnologia?

As propostas de avanço tecnológico estão directamente relacionadas às perspectivas da globalização, onde as linhas de fronteira são apagadas ou estão imbricadas, facto que nos remete ao questionamento dos itinerários percorridos para a construção da identidade cultural dos grupos sociais. Por isso, busca-se a restrição, o isolamento em pequenos grupos onde o poder é activo e fortifica as relações (internas e externas) dos mesmos. E nesse contexto, o aparente controlo das relações é reforçado pelos médias que usam constantemente o recurso de criação/representação de um mundo repleto de espectáculos, onde uma explosão sucessiva de “pequenos shows” faz da vida a representação dos objectos espelhados pelos médias. O mundo globalizante acaba por deixar como escolha possível de identificação apenas as imagens por ele veiculadas, fazendo promessas constantes de melhoria a partir da ode ao discurso do progresso.

Embora Jean Baudrillard (1976) tenha sido enfático sobre a utilização de constantes espectáculos para construção de uma identidade baseada na excessiva veiculação de informações, esse problema já havia sido amplamente exposto pelos actantes da Internacional Situacionista, grupo dirigido por Guy Debord (1997). Esse último, procurou sempre desvelar o quão trágica é uma existência onde transferimos a

vitalidade para o grande show de imagens propagado pelos médias. Seu livro clássico, *A Sociedade do Espectáculo*, tem acima de tudo esse objectivo: Trazer-nos de volta à vida, de qualquer forma. Entretanto, por mais que Debord e os demais nomes do situacionismo tivessem alertado sobre a evidência desse mundo tão apocalíptico e, ao mesmo tempo, tão próximo de nós, nada parece ter se transformado. E mesmo naquele tempo, Debord não pode ter sentido o peso da globalização e sua ânsia desenfreada por consumidores que, utilizando da tecnologia e seus componentes tão desejados, acabou por minar as micro-realidades da tradição que estruturavam muitos grupos.

Como seguir em busca de nossas referências em meio a tantas possibilidades, oriundas do contexto tecnologizado? Livro interessante para pensar tal situação, é o clássico *O Tempo das Tribos* de Michel Maffesoli (2000). Onde o autor aponta de forma pormenorizada o retorno das tribos urbanas dentro de um ambiente que, moldado pela lógica da modernidade iluminista, ou seja, as grandes megalópoles como exaltações das velhas *polis*, tenha tornado-se palco para actuação de pequenos grupos com identidades mutáveis. Entretanto, Maffesoli (2000) não parece observar tal fenómeno de forma negativa, ao contrário, vê nisso o sinal da desconstrução de um aparelho racional altamente repressor – a desconstrução da própria ideia de modernidade pautada num sujeito que está constantemente a ser controlado pelo estado e pela sociedade que o circunda. Afinal, se agora eles têm identidades mutáveis, tampouco precisam se preocupar em atender às necessidades, muitas vezes sufocantes, da antiga estrutura de cidade. De facto, não queremos nesse trabalho apontar somente o lado negativo da questão, porém, determinadas evasões imaginadas por Maffesoli (Idem) nem sempre podem ser vistas.

Se a modernidade, filha do iluminismo e da razão, propiciava certos desconfortos, o que podemos dizer da suposta pós-modernidade? Afinal, vivemos um momento de incerteza quotidiana constante. Além disso, devemos lembrar que determinados dispositivos coercitivos estão a actuar de forma ainda mais evidente com a edificação de ideias como da globalização e do progresso tecnológico a todo custo.

Se as tribos tiveram como objectivo desconstruir as ideias estanques de modernidade, pecaram em não perceber que o momento de maior coerção é justamente no consumo – e na cultura do espectáculo. Baudrillard (1976) e Maffesoli (2000) têm opiniões bastante opostas, se o primeiro é considerado o arauto do apocalipse, o segundo é o

arauto do optimismo. Se Baudrillard (Idem) vê na fluidez do mundo contemporâneo um ataque constante ao nosso bem-estar, o segundo vê no mesmo a oportunidade de se libertar de um mundo que tantas vezes lhe pareceu opressor. Haveria possibilidade de chegarmos a uma síntese segura sobre ambas posições? Certamente, não poderíamos chegar numa síntese, entretanto, poderíamos nos situar sob o plano dialógico tão apontado pelos pensadores da complexidade.

Esse contexto descrito é chamado por Ulf Hannerz de transnacionalidade. Segundo o autor, não devemos atribuir a contemporaneidade a ideia de globalização. Por outro lado, não podemos tirar dela a realização intensa dessa ideia. Há outros elementos estruturantes desse período de transnacionalidade que Hannerz propõe. Um dos principais seria a característica do espaço de fluxo²⁸, dos fluxos de cultura. Na óptica de Hannerz, “o que a metáfora do fluxo nos propõe é a tarefa de problematizar a cultura em termos processuais, não a permissão para desproblematizá-la, abstraindo suas complicações” (1997, p. 15). Portanto, a ideia do espaço de fluxo é um convite a olhar para o espaço assumindo toda a sua complexidade, sem reduzi-lo a um resultado dos anseios de desenvolvimento, mas buscando entender os seus nós (Appadurai, 2010). Ou seja, a perspectiva de espaço e de identificação espacial torna-se tão complexa quanto a percepção do espaço. Quais as fronteiras identitárias e também do espaço?

Para Hannerz, esse é outro termo característico da contemporaneidade: fronteiras. As transformações nas percepções de espaço transformam automaticamente as ideias de pertencimento a um lugar, a uma cultura. Isso porque,

A medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como o fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito da maneira de fixar seus próprios limites (1997, p. 18).

²⁸ Catells (1996), na sua descrição da sociedade em rede também fala do ‘espaço de fluxo’ como característica advinda da Revolução das Tecnologias da Informação, desde 1970, que traz ainda o paradigma da flexibilidade. O espaço de fluxo para o autor seria o ordenamento material das acções/fazeres sociais interligados em rede. É como o espaço pode ser percebido num contexto de desenvolvimento das TI.

Além dele, Arjun Appadurai (2010), em seu livro *Modernity and Large* (1996), discute a “Antropologia da Materialidade” que também remete a sua obra anterior *A vida Social das Coisas*. O autor defende a necessidade de pensarmos a materialidade e não a cultura material, compreendendo que nos processos globais existe uma qualidade relacional das coisas, permeada por fluxos e obstáculos.

Os elementos constituintes de uma cultura por estarem todos em movimento em maior velocidade que de costume, acabam por gerar novas condições de reconhecimento identitário, mais intrincadas para assimilarmos. Principalmente por serem essas novas condições de características híbridas. Os híbridos, na percepção de Hannerz, seriam a terceira principal característica do nosso contexto. Imediatamente a tantas situações diversas postas em contacto, ficam as misturas! “Hibridez parece ser actualmente o termo genérico preferido, talvez por derivar sua força, como ‘fluxo’, de uma fácil mobilidade entre disciplinas” (1997, p. 26). Logo, as misturas são evidentes, e delas Hannerz aponta vários termos que surgiram: transculturação, criolização; todos termos que destoem de sociedade homogénea, limpa, pura. Com as contribuições sobre as perspectivas de um espaço fluido, temos importantes caminhos para reflectirmos sobre quão intrincado tornou-se o trajeto para apreendermos nossa identidade, dado que agora ela é também um híbrido.

Entretanto, numa perspectiva de fluxo é preciso estar atento para diante da complexidade obliterar o complexo e sintetizá-lo numa ideia simplista de heterogeneidades, pois é mais que isso (Appadurai, 2010). A relação estabelecida com as engenharias e micro engenharias electrónicas, mais ainda numa busca do “faça você mesmo”, transformação a produção, o consumo, o espaço, e também a percepção identitária: quem é o sujeito nas relações?

A excessiva promoção da utilização de componentes electrónicos acaba por trazer a tona outro elemento clássico da modernidade: O individualismo. Se Maffesoli (2000) pensa que nossa era é um vislumbre da pós-modernidade, da fluidez, da relativização de valores, e da instauração de uma razão que ele procurou chamar de “razão sensível”, esqueceu-se de um ponto importante: A suposta pós-modernidade tem uma intrusa em sua própria festa, uma intrusa que parece ter tomado o papel da primeira dama – a individualização no nível do caos.

Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação apresentam imagens constantes de países pobres a serem devorados pelas guerras, faz-nos alimentar em a busca por uma felicidade pautada na realização estritamente pessoal: Seja feliz a todo custo. Essa ideia de realização pessoal, que hoje parece tão associada a contemporaneidade, é um dos alvos principais das críticas de Pascal Bruckner (2002) – que chega a utilizar o conceito “ditadura da felicidade”. Tal como uma catarse, médias promovem um show do

impossível, oferecendo imagens da miséria às custas de uma espécie de terapia, que parece nos tornar consciente tanto da sua existência como da impossibilidade de fazer algo para reverter aqueles quadros caóticos que montam os produtos do mercado fácil do sensacionalismo.

Logo, apesar de a globalização não ser um anseio próprio do homem contemporâneo, trata-se de um termo presente nas nossas práticas e ideias, desdobrando-se em termos como fluxo, fronteira, híbridos, transdisciplinaridade, simbiose, simetria, todos utilizados para caracterizar elementos da nossa sociedade e seus movimentos. Contudo, não caminhamos para qualquer traço de unificação. A medida da intensidade com que crescem os nacionalismos é a mesma da velocidade com que movimentam-se as fronteiras. Nesse cenário, podemos questionar como a identidade é construída junto à tecnologia, elemento que tanto exaltamos no nosso tempo? Como o espaço urbano participa desse processo construtivo?

5. Vivência e conhecimento

Em meio a tamanho emaranhado, e, aparentemente, tantos itinerários possíveis, como se dá a vivência do espaço urbano? O espaço urbano é ambiente de trocas de conhecimentos, experiências; lugar de referências identitárias, onde construímos uma história. No entanto, a reconfiguração que a tecnologia imprime ao mesmo, transfigura as suas características também, desde os sentidos, os signos à arquitectura, os usos.

Ou seja, a tecnologia tem transformado a nossa sensibilidade (parte edificante do humanismo) na construção do espaço social e urbano. E “o corpo também está directamente mergulhado num campo político” (Foucault, 2004, p. 30). A tecnologia que nos rodeia também parece nos subjugar. Diante das perspectivas de Foucault, poderíamos afirmar que a tecnologia exerce poder. Se não a temos não merecemos o “apreço” social ou ainda mais, estamos ausentes do mundo. A técnica, enquanto extensão do nosso corpo e a tecnologia enquanto domínio da técnica, demonstram como o nosso corpo continua sendo “investido por relações de poder e dominação”, não apenas no campo físico directo, como eram e são as prisões, mas numa prisão virtual. Um campo virtual de subjugação. Questionamos se de facto a tecnologia amplia e socializa as possibilidades de conhecimento ou se cria um campo limitado – um atalho - para o mesmo.

Não seria a tecnologia forma expansiva de controlo, que não mais teme ser descoberto, visto como tal, mas que quer nos convencer a todo custo que ele é um benefício imprescindível a nossas existências? No que se transforma o homem sem tecnologia? Existe outro lugar para além do Cibermundo?

Pierre Lévy (1998, p. 125), convida-nos a adentrar um novo espaço de conhecimento alimentado pelas tecnologias da informação. Nele, é possível que simulemos diversos experimentos. Com isso, podemos explorar “modelos mais complexos e em maior número do que se estivesse reduzido aos recursos de sua imagística mental e de sua memória a curto prazo”. Portanto, caminhamos para aquilo que o autor chama de “ecologia cognitiva”. Segundo seus estudos,

A inteligência ou a cognição são resultados de redes complexas onde interagem um grande número de redes complexas e um grande número de actores humanos, biológicos e técnicos. Não sou ‘eu’ que sou inteligente, mas ‘eu’ com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais o uso da escrita) (1998, p. 135).

Ora, mas até a escrita tem sido modificada pela tecnologia. Não é preciso sabermos escrever para se comunicar bem através do telemóvel ou internet. Contudo, parecemos “esquecer” que nossa inteligência e os caminhos que escolhemos para adquirir conhecimento, fazem parte do nosso processo cognitivo. Que tipo de indivíduos pensantes a tecnologia impulsiona? Quais são as nossas motivações para o conhecimento? O que muda socialmente quando o nosso conhecimento é adquirido longe das trocas sociais no espaço urbano e cada vez mais próximas das TI?

Sim, os modos de chegar ao conhecimento têm estreita relação com os caminhos de organização da sociedade. Por exemplo, nos nossos dias, os conceitos de *management*, inovação revolucionaram as definições de cliente, bens e serviços, o próprio conceito de informação, de consumo e não só esses conceitos, mas suas práticas. Assim, junto às informações e às tecnologias estão os modos de transformá-los em conhecimento.

Todos os dias recebemos avalanches de informação que por vezes (talvez na maioria das vezes), sequer compreendemos do que se trata. Passamos por cima de muitas coisas, mas é exigido conhecer mais as variedades de tudo. O que fala Lévy sobre este aspecto é que poderíamos ao menos desenvolver mecanismos de tornar esse conhecimento

colectivo. Em parte ele vem de toda nossa sociedade, mas não conseguimos processar, digerir, reflectir sobre tudo que nos é dado diariamente.

Nesse e em outros contextos, o mecanismo político terá um papel decisivo nas transformações, porque poderá controlar alguns de seus direccionamentos e induzi-las. A percepção de que investimentos tecnológicos são sinónimo de avanço social é uma prática recorrente até os dias de hoje. As ciências prestam seus serviços à sociedade em busca de soluções aparentes para a desordem, sem perder o objetivo de alcançar o progresso. Segundo Balandier (1997), elas “oferecem suas possibilidades, creditando ao acaso uma virtude organizadora, ao não-equilíbrio uma capacidade geradora de coerência, às flutuações e às turbulências os meios de produzir (paradoxalmente) uma organização”.

Podemos então chegar a questionar que itinerários percorremos hoje em dia em busca do conhecimento e como a tecnologia influencia nossas escolhas. Falamos aqui não apenas de conhecimento científico, mas também daquele que adquirimos nas trocas diárias, extremamente necessário para nossa sobrevivência e convivência saudáveis. Esse conhecimento é inspirado também pelo espaço onde caminhamos, pelas ruas, pelas memórias que os lugares e nós construímos juntos.

Esses apontamentos, que suscitam inúmeras questões, irão nos acompanhar pelos aspectos mais significativos de uma etnografia urbana contemporânea, que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO III – TECNOLOGIA, ANTROPOLOGIA E URBANIDADES.

1. O urbano e a tecnologia

Tendo em vista que a nossa questão de investigação trata-se de como a tecnologia influencia nas relações estabelecidas nos espaços urbanos contemporâneos, vimos a necessidade de abordar os estudos urbanos também dentro de uma perspectiva tecnológica. Portanto, neste capítulo, iremos discursar sobre os principais conceitos que auxiliam na prática dos referidos estudos. Além disso, estabeleceremos uma relação entre os mesmos e a tecnologia, por ser interesse da nossa pesquisa. *A priori*, poderíamos perguntar porque relacionar num estudo as cidades e a tecnologia.

De acordo com o arquitecto Stephen Graham, professor do *Centre of Urban Technology*²⁹, um dos principais factores motivadores da reconfiguração urbana é a tecnologia. Sobre este contexto de mudanças, aponta, como exemplo de intervenção tecnológica na resignificação dos espaços, a expansão das redes de fibra óptica, que ao ligar digitalmente os espaços na cidade acabam por constituir o que ele chama de “*digital districts*”. São essas cidades vivenciadas pela fibra da era digital que estão a proliferarem-se cada vez mais. Desse modo, perante a referida proliferação são apresentados pelo autor alguns desafios para o estudo do espaço urbano contemporâneo, dos quais destacamos dois.

The first is simple: these things must be at the rather than the periphery of any critical or theoretical approach to the changing nature of urban space and urban life in contemporary societies. Second, much more research is needed into the complex practices through which digital technologies and urban spaces are configured and produced in parallel (Graham, 2001, p. 409)

²⁹ Newcastle University.

Os estudos urbanos contemporâneos não apenas devem considerar a interferência da tecnologia, mas também debruçarem-se sobre a mesma a fim de aproximarem-se dos itinerários desse homem/cidadão do *digital districts*. Assim, visualizamos que, a reconfiguração espacial, incentivada e financiada pela tecnologia e a globalização acaba por transformar os aspectos sócio-geográficos e económicos culturais das cidades, conforme observamos também na obra de Edward Soja (2001).

Na óptica urbana de Soja (2000, 2003) – e também de Castells, como veremos a seguir – uma das grandes influências dos últimos tempos na perspectiva das urbanidades foi a globalização das tecnologias. Tendo em vista o seu exponencial interesse pelo espaço urbano e as vivências que nele acontecem, afirma que nos estudos contemporâneos das cidades não cabe mais escolhermos uma perspectiva mais geográfica ou outra mais idealizada. Outrossim, devemos lançar mão de: “*a simultaneously real-and-imagined actual-and-virtual, locus of structured individual and collective experience and agency*” (2000, p. 11). Isso porque, é dessa maneira que vivenciamos o espaço urbano, e se assim é, também assim devemos estudá-lo. Para tanto, apesar de olharmos para as cidades e nela facilmente identificarmos aspirações ao progresso, não devemos esquecer o percurso histórico de cada local, região e nação, pois nele estão importantes traços para compreensão das cidades de hoje. Ao referir a importância de retomar a história para a compreensão da cidade, Soja recorre a Foucault:

Rephrasing Foucault's often-quoted observation comparing how scholars have traditionally viewed space as opposed to time, city space in nearly all these approaches is typically seen as fixed, dead, socially and politically ineffectual, little more than a constructed stage-set for dynamic social and historical process that are not themselves inherently urban (2000, p. 9).

Portanto, quando consideramos o contexto histórico de desenvolvimento das cidades estamos considerando o seu carácter dinâmico, de um espaço sempre inacabado. E é esta ideia que interessa ao presente estudo: a cidade dinâmica, mutante, diante dos avanços tecnológicos, que nela imprimem ainda mais movimento e desejo de mudança. A história das cidades está intimamente relacionada à história das sociabilidades e da expansão económica. Mesmo que tais factos não caminhem de mãos dadas, sempre caminharam paralelamente.

As cidades e seu crescimento fazem parte da ideia e dos ideais de aumento e conservação de riquezas e do território. Para Oswald Spengler³⁰, “a história universal é a história de cidades”. Para pensarmos as sociedades e seus feitos, dificilmente não referimo a uma cidade, que é onde a sociedade intensifica suas características. E o que a nossa relação actual com as cidades aponta?

Segundo Saskia Sassen³¹, forte referência para as pesquisas sobre o espaço urbano e aquelas realizadas no mesmo, são as redes globais que estão ligando as cidades entre si. A reconfiguração do espaço passa também pela expansão económica e territorial. Em suas palavras,

The massive trends toward the spatial dispersal of economic activities at the metropolitan, national, and global levels that we associate with globalization have constructed to a demand for new forms of territorial centralization of top-level management and control functions (2002, p. 3).

Esses novos caminhos seguidos passam directamente por novas redes que têm sido formadas mas agora não dependem apenas de estradas e boas relações políticas entre diferentes territórios. A comunicação, principal meio de ligação entre os povos, a partir das suas complexificações, principalmente de carácter tecnológico, têm produzido múltiplos e incontáveis caminhos de inter-relação. Tal facto seria justificado da seguinte forma:

Communication process – they are facilitated and sustained by an underlying network of individuals, institutions, and Technologies that provide the means and mechanisms for formulating, exchanging, and interpreting information, and for creating the necessary linkages among these activities (2000, p. 40).

Através de sua justificativa, Sassen deixa claro porque considera que são as redes globais que estão controlando as nossas relações (económicas, culturais, entre outras). As tecnologias da informação, responsáveis pelo aspecto cada vez mais intrincado da comunicação, fornecem as ferramentas necessárias para a difusão das redes globais,

³⁰ Importante filósofo e historiador de origem alemã, viveu entre 1880 e 1936. Já estudava, dentre outros temas relativos à política e à construção da sociedade a relação da mesma com as máquinas e seus efeitos nas práticas sociais – em perspectiva conjunta ou individual - na sua obra “*Der Mensch und die Technik*”(1931).

³¹ Sua perspectiva do espaço urbano passa pela *global city*, termo cunhado pela mesma. Embora sua obra não tenha relação com os estudos de Spengler, ou mesmo de outros autores que são referidos neste capítulo, a intensão é exatamente passearmos por algumas das diversas possibilidades que as teorias sobre o urbano oferecem. O fio condutor é a relação da cidade e dos estudos realizados sobre a mesma com a tecnologia.

pois é interesse nosso que assim seja. Para o crescimento dos mercados, dos volumes de lucros e para a valorização do próprio espaço urbano. De acordo com a autora, toda essa propagação tecnológica atribui cada vez mais valor ao urbano, à urbanização como um todo, inclusive dos padrões de pensamento.

Logo, a ideia de relacionar o urbano com a tecnologia como caminho para inteligência das relações sociais é algo que encontramos em Sassen, Soja, Hannerz, bem como em Castells. Para este, “o progresso técnico é frequentemente considerado como a base da metrópole” (2000, p. 54), e o papel da tecnologia na configuração do espaço urbano que conhecemos é indiscutível. Ao mesmo tempo em que a tecnologia está em nossas mãos está fortemente disseminada no espaço urbano: recursos económicos, o desenvolvimento das interfaces de comunicação, a expansão da indústria, do comércio, a expansão das redes em todas as áreas: saúde, educação, relações sociais. Quanto mais se desenvolve a tecnologia mais a configuração da cidade é modificada, acomodada junto aos artefactos. A cidade cresce em torno da grande rede, tecida com incontáveis fios, criados a partir da informação. Esta, fruto dos devaneios humanos e de suas vontades. A cidade se caracteriza como um espaço congregador, catalisador, um espaço de assentamento e desenvolvimento dos ideais humanos. Quanto mais ambiciosos são tais ideais, mais elementos são agregados a este espaço.

Com essas perspectivas, abordaremos apontamentos históricos e conceitos de cidade, a seguir. Consideraremos a importância das interferências tecnológicas no processo de desenvolvimento da cidade e também na compreensão das vivências no espaço urbano contemporâneo.

2. A cidade de ontem e hoje: conceitos e inquietações nos itinerários urbanos

De acordo com Ortega e Gasset, “a cidade clássica nasce de um instinto doméstico. Edifica-se a casa para estar nela, funda-se a cidade para se sair de casa e reunir-se com os outros que também saíram de suas casas” (apud Goitia, 1982, p. 537). Quanto mais cresce o território da cidade e ele se complexifica, mais há possibilidade de distanciamento para estudar e conhecer as diferenças dentro do seu espaço. Por isso, vamos neste capítulo transitar pelos autores e escolas que percebem no espaço urbano uma possibilidade clara de estudar a cultura, a sociedade, o humano e as relações que deste encontro possam ser geradas.

Para Gilberto Velho, “a cidade é em grande parte responsável por essa expansão [social], à medida que os antropólogos crescentemente identificam e constroem objectos de investigação no meio urbano” (2003, p. 11). Logo, a cidade como campo de pesquisa da sociedade cresce gradualmente.

Com a complexificação da técnica, a cidade vai se caracterizar como o espaço representante do progresso, da concentração dos recursos, da formação e aperfeiçoamento do homem. Não há como desvincular o homem contemporâneo da cidade. Conforme já apontamos em outro momento, esse homem contemporâneo está aqui citado apenas para uma referência histórica. Mas muito mudou a cidade desde a ideia de “Cidade Justa” de Platão, o qual supunha que se formássemos a cidade por “homens justos”, aí teríamos um espaço de comunhão. “A génese da cidade como a concebeu Platão é uma cidade ideal, que parte de elementos abstractos para chegar a uma concretização material” (Amzalak, 1959, p. 26). Quais são as principais necessidades do homem? Este é o ponto de partida, pois a cidade deveria satisfazê-las. Para tanto, é necessário que fosse organizada cidade através da divisão do trabalho.

Cidadão, para Platão, não era o escravo. E além disso, o Estado era a maior ordem na cidade. Os cidadãos eram governados sem amarras sociais na família, mas com os braços na causa pública. Com efeito, não havia um colectivo ideologicamente comunista, apenas os cidadãos servindo ao Estado e este retribuindo com o bem-estar social. Muito embora, na prática, o que se observava nos centros urbanos não convergia para um bem-estar comum. Por outro lado, de forma mais específica, a ideia de “comum a todos” referia-se a todos que fossem dignos, de acordo com as ideias vigentes, pois os assalariados não seriam dignos, já que deviam trabalhar para o seu sustento. E mesmo que a nossa ideia de trabalho tenha se complexificado muitas vezes mais, a tecnologia vem como uma ferramenta que se propõe a diminuir a necessidade de esforço. O que prevalece nos centros urbanos é uma corrida diária pelo bem-estar que não está mais direccionado a um bem comum, excepto se nos referirmos aos pequenos grupos.

Contudo, o encanto que as cidades exercem sobre nós, também enquanto objecto de pesquisa, apesar de não ser recente, só ganhou espaço na Antropologia após passar por outras áreas do conhecimento. Gilberto Velho (2009), reconhecido por seus estudos sobre a cidade de São Paulo, apresenta o que seria hoje um dos centros de maior referência nos estudos urbanos, a Escola de Chicago.

Entre 1892 e 1929, como já se sabe, funcionava na Universidade de Chicago um Departamento de Sociologia e Antropologia que teve, entre seus expoentes, figuras como Willian Thomas e Robert Park (2009, p. 11).

O período em que o referido departamento inicia-se coincide com a c ontinuação daRevolução Industrial americana e a ocupação crescente do território urbano. Segundo Velho, foi o crescimento da cidade que acabou por chamar atenção na academia, fazendo das questões urbanas uma área de investigação. Os estudos iniciais não seguiam apenas uma linha de pensamento, mais especificamente,

A Escola de Chicago não apresentava uma unidade de doutrina, mas era constituída por uma rede de profissionais com tipos e graus diferentes de ligação com o interacionismo, o pragmatismo, a fenomenologia, a ecologia e mesmo o marxismo (Idem, p. 12).

Robert Park, por exemplo, discípulo de George Simmel, desenvolveu a Teoria da Ecologia, que sugeria apontamentos ecológicos para compreender a organização social urbana. Foi uma das vertentes mais significativas da Escola de Chicago, que por sua vez, passou a ser conhecida também como Escola Ecológica. A influência de Simmel e sua teoria interaccionista, que sugeria a observação da sociedade a partir da relação entre os indivíduos, sem que estes sejam meros produtos da sociedade e vice-versa, está deveras presente nos estudos que Park veio a desenvolver na Escola de Chicago.

Chicago nesse período em que foi fundada a Escola era uma cidade em expansão, que recebia cada vez mais imigrantes e assim ia complexificando o seu espaço urbano, em velocidade avançada. Muitas vezes ela foi campo de estudo de pesquisadores como Park, para quem a cidade não poderia ser observada apenas pelo seu aspecto arquitectónico, isso porque *“the city is, a state of mind, a body of customs and traditions, and of the organized attitudes and sentiments that inhere in these customs and are transmitted with this tradition”* (1967, p. 1). Logo, a arquitectura, a geografia são apenas alguns dos aspectos da cidade. O foco de estudo estaria nos agrupamentos das mais diversas características do espaço urbano, principalmente nos seus habitantes.

In course of time every section and quarter of the city takes on something of the character and qualities of its inhabitants. Each separate part of the city is inevitably stained with the peculiar sentiments of its population (Park, 1967, p. 6).

Com esta perspectiva, verificamos a sua herança de Simmel, ao destacar a importância de observar as interacções entre os aspectos concretos e abstractos que habitam a cidade. Do mesmo modo, Ernest W. Burgess, colega de Park na Escola de Chicago,

também se debruçou sobre a cidade a fim de reconhecer os movimentos urbanos enquanto processo. Dentre esses movimentos, destacava a expansão urbana, o crescimento da cidade:

Yet the processes of expansion, and especially the rate of expansion, may be studied not only in the physical growth and business development, but also in the consequent changes in the social organization and in personality types (2002, p. 246).

Será então esta perspectiva de observação do espaço urbano como ambiente de movimentos processuais que também utilizaremos em nossa pesquisa. Contudo, para além desta óptica, havia duas grandes vertentes de urbanistas na Escola de Chicago, os progressistas e os culturalistas. Para os primeiros, como Le Corbusier e Ozenfant, a cidade industrial poderia trazer grandes soluções para os problemas sociais. Enquanto, para os segundos, como Sitte e Howard, essa mesma cidade representava a degeneração da cultura e da qualidade de vida nos meios urbanos. Essa divisão de pólos na observação do urbano, como já referimos, foi substituída por uma perspectiva que não desvalorizava nenhum dos aspectos, mas procurava entender com criticidade os problemas sociais provenientes das mudanças no espaço urbano.

Manuel Castells, já referido nos capítulos anteriores, é forte crítico da Escola de Chicago e um dos principais representantes da corrente marxista nos estudos urbanos. Na sua visão,

El espacio es una dimensión fundamental de la estructura social. Por consiguiente, la transformación multidimensional desde la sociedad industrial hasta la sociedad informacional incluye la aparición de nuevas formas y procesos espaciales (2003, p. 117).

O olhar de Castells está voltado para a compreensão da sociedade urbana diante dos aparatos da tecnologia da informação. Desse modo, identifica novas formas de abordagem do urbano, que contemplam não apenas o aspecto económico, mas também as produções culturais. Logo, a concentração de riquezas culturais e económicas está nas metrópoles urbanas. Nelas estão as funções de “criação” mais importantes, tendo em vista que a cidade converge e catalisa:

Estas funciones de innovación y dirección, conectadas globalmente y localizadas en las principales ciudades y áreas metropolitanas, son los motores del crecimiento económico y de la creatividad de su Hinterland: la existencia local depende de la conexión dinámica a redes globales (2003, p. 118).

Assim, são os centros urbanos que concentram, estimulam e recebem a grande parte do crescimento económico, onde a cada instante uma nova rede é formada. Tal facto traz pontos de inegável reflexão: a condição social nesse contexto. Como habitam os homens das grandes cidades? Como convivem? Quais são as suas perspectivas? Motivado por estas e outras questões, Castells vem trazer importantes análises sobre a vida urbana e suas implicações modernas. Relações de trabalho, percepção identitária. Mas o autor não se debruça apenas sobre os indivíduos, vai olhar também para a “máquina”, para os investimentos económicos, as empresas, os governos, enfim, todas as ramificações das sociedades.

Impulsionado pelas transformações advindas da tecnologia, Castells trouxe a discussão para o campo dos estudos urbanos de maneira complexa. De acordo com o autor, a tecnologia acrescenta valor nos problemas entre sociedade e sectores produtivos. Pois, se as relações sociais de produção seriam determinantes no modo de produção e distribuição e nesse quesito, a tecnologia soma forte mudanças. Logo,

Technological revolutions are always part of a broader process of change in the techno-economic paradigm which forms the basis of processes of production, consumption, and management. Scientific discovery and technological innovation are both an integral part and a consequential effect of such change (1989, p. 2).

Com esse quadro de mudanças tecnológicas, vemos que há um crescimento económico que interfere nas relações da sociedade entre si e com o mercado, com o capital. A tecnologia traz consigo um novo tipo de capital, que apesar de não ser nada novo em verdade, vem com um nova importância: o conhecimento. Sob a premissa do conhecimento como principal valor da tecnologia, Castells acredita na necessidade de traçarmos novos modelos de investigação da cidade. Mesmo porque, a transformação tecnológica incita novos caminhos de desenvolvimento social e económico.

Assim, as tecnologias da informação passam a ser um novo valor negociável, apontando novos modelos. Crescem as cidades e a tecnologia. Tal aspecto, leva Castells afirmar que,

Modes of development emerge from the interaction between scientific and technological discovery and the organizational integration of such discoveries in the processes of production and management (1989, p. 11-12).

Essas novas assimilações trazem diferenças na percepção urbana, principalmente entre as áreas de maior ou menor concentração de investimentos e produção tecnológica,

assim como ocorria com a revolução industrial. Portanto, torna-se mais clara a posição do autor em relação aos estudos urbanos: o olhar direccionado a cidade busca captar tudo que nela é construído: as principais relações económicas, sociais, o consumo, a produção, as linhas de comunicação, as fontes de informação, todos em movimento fluido caracterizando o próprio espaço de fluxos.

Numa direcção diversa, porém ainda a atribuir forte destaque às relações de produção, os trabalhos de Loïc Wacquant, seguidor de Pierre Bourdieu e por conseguinte, de Émile Durkheim, debruça-se nos estudos sociais urbanos. A fim de discutir os problemas étnico-raciais provenientes da complexificação dos centros urbanos e de uma diferenciação social cada vez maior entre abastados e pobres, volta-se para os espaços periféricos. A premissa de desordem, directamente relacionada aos grupos que estuda (negros e pobres) é apresentada como termo já consolidado cientificamente e sinónimo de desorganização social. Todavia, acredita que ao contrário, o olhar atento para tais grupos será capaz de identificar novas formas de organização social. Referente a esta temática, afirma que,

À base da ordem metropolitana, a linguagem de classe foi suplantada pelos tropos da ‘subclasse’, nos Estados Unidos, e da ‘exclusão’, na Europa Ocidental, onde quer que bairros de classe operária tenham sido submetidos à involução, e pelo tem da ‘regeneração’ e ‘renascimento’ naquelas áreas assumidas por classes mais altas que migram de retorno à cidade dual³² (Wacquant, 2010, p. 53).

Em meio a este quadro referencial exposto por Wacquant, nota-se de que forma a mudança das relações de produção vem a interferir no espaço urbano e na sua organização, enquanto os locais de habitação são construídos e adaptados aos interesses de um crescimento económico cada vez mais veloz. A ‘reforma’ urbana, ou gentrificação, que se ocupa de construir espaços diferenciados para habitações sumptuosas inseridas em ambientes promissores do paraíso, é exemplo das grandes mudanças metropolitanas embasadas pela expansão do capital. Mudanças essas que,

³² De acordo com Low, a ideia de cidade dual, ou “*dual city*”, refere-se a “*upper-class and upper-middle-class professionals who act as a group in pursuing their own political ends and who effectively diffuse the political influence of more pluralistic neighborhoods*” (1996, p. 393). Logo, a cidade dual reflecte a ideia de um lugar que apresenta uma imagem de solução para todos os problemas socioeconómicos, o que em sequência mostra-se como um caminho de complexificação de tais problemas. Esse mesmo conceito é trazido por Castells que considera a “*dual city*” resultado de um nova configuração sócio-espacial, advinda de “*the specific role of high technology in the complex interplay among economic and institutional processes*” (1991, p. 172).

segundo observações do autor, estão influenciando de maneira substancial os estudos urbanos.

As falsas ‘promessas do marxismo’ e a ‘miragem da mudança cultural’ – para pegar emprestadas as palavras de Michel Stoper (2001) – deixaram um vazio teórico escancarado, o qual logo foi preenchido pelas atrações prosaicas de conduzir pesquisas sobre questões tópicas e pela urgência de encontrar financiamento (2010, p. 54).

Na óptica de Wacquant, tanto os estudos neoweberianos (pós-modernistas) e a tese da globalização incentivada por Sassen, negligenciam o papel do Estado nas relações de produção e consumo nos centros urbanos. Nesse caso, dada a importância que o autor verifica no papel do Estado, os estudos urbanos que exaltam os meios de produção sem inclui-lo estão deixando uma grande lacuna.

Podemos observar que Wacquant não aborda a questão da tecnologia em si, nem mesmo o estudo da cidade ou dos aspectos urbanos. A cidade seria como um palco onde os actores sociais iriam representar seus papéis, dito de modo ligeiro. E por isso, mesmo que traga para suas discussões temas que são de profunda importância para a Antropologia e Sociologia urbanas, como a gentrificação, costuma abordá-lo a partir das relações sócioeconômicas no que diz respeito principalmente à produção e consumo de bens e valores e analisá-los sob a premissa das diferenças sociais.

O olhar voltado para as questões sócio-políticas da cidade é comum aos anseios da Antropologia e Sociologia urbanas. A cidade é intrigante por si, desde os modos de produção, consumo aos modos de habitar, por exemplo. O professor e pesquisador Paulo Castro Seixas, discorre em publicações os problemas urbanos oriundos de uma necessidade cada vez maior em destacar as diferenças sociais a partir das formas de habitação. De acordo com o autor, essas habitações proliferam-se motivadas pelo enclausuramento a que é submetida parte da sociedade contemporânea. “O urbanista metropolitano ocidental da transição do milênio é, assim, um eterno viajante movido pelo desejo e enclausurado nos próprios lugares onde sente esse seu desejo realizar-se” (2003, p. 236). E esse viajante parece criar para suas habitações uma ambiência de castelo, onde pode esconder-se do mundo exterior, mas não propriamente, pois “da casa-castelo com janela aberta à evasão na rede da virtualização” (Idem, p. 239). Dessa maneira, seus estudos chamam atenção para os problemas que o desenvolvimento

económico traz às questões de habitação, principalmente nas suas pesquisas sobre “as ilhas”³³ e novos condomínios na cidade do Porto.

Sobre o habitar na cidade, António Teixeira Fernandes afirma que “os espaços da habitação são espaços poéticos, na medida em que se constroem em memória e se constituem em marcas da identidade” (2003, p. 07). Nele elaboramos nosso plano de vida, mesmo que não o concretizemos ali. Além disso, “o urbano é lugar da coexistência de contrários, do uso de todos os bens e da incapacidade da sua fruição, da liberdade e da opressão, da abundância e da privação relativa” (Idem:8). Dessas assertivas, emerge um dos paradoxos da cidade contemporânea: como construir uma história e reconhecê-la num espaço de fluxo contínuo e desordenado?

Sob este prisma, a cidade acolhe-nos e nos oprime ao mesmo tempo. Se nela estão todas as nossas apostas, nela corremos todos os riscos, nela também estarão todas as nossas frustrações e o nosso desespero. A cidade vive, assim como nós, em momentos de apatia, que oscilam com as respostas tensas e violentas e com os momentos aparentemente assentes em equilíbrio. De acordo com Lúcia Santos,

A cidade é o espaço da troca, agora não mais do ponto de vista da economia, mas sim, no sentido do encontro da diversidade, da interacção na diferença, do encontro com o oposto, da consciência de si no sentido hegeliano, ou seja, a partir do encontro com o outro (1998, p. 41).

Para a citada arquitecta, a cidade é um espaço aberto, inacabado e indecifrável. Por mais que nos esforcemos a desvendá-la mais encontramos-nos perdidos, como no labirinto do Minotauro. As cidades nunca são algo definido nem no passado, no futuro ou mesmo no presente, são uma contínua junção de todos os tempos, refazendo-se e acontecendo na mudança; **ela é no seu processo de transformação constante**. Não se fecha nem no tempo, nem no espaço. É como se fosse uma projecção atemporal dos nossos devaneios, e ao mesmo tempo, palco ideal para contar e fazer histórias.

Também por tudo isso, a cidade despertou e desperta interesses distintos para aqueles que resolveram conhecê-la em carácter científico. Os trabalhos do *Rhodes-Livinstone Institute*, também conhecido como Escola de Manchester, buscam reconhecer a

³³ Conglomerados urbanos de habitações extremamente simples, escondidas em meio ao fluxo do desenvolvimento da cidade. Muitas dessas “ilhas” estão situadas ao fundo de grandes habitações antigas, adaptadas às novas necessidades contemporâneas: os mais abastados mudam-se para localizações distantes dos centros, onde as casas podem conservar a opulência; os mais pobres, residem apertados em espaços com duvidosas condições dignas de habitação.

condição urbana. A principal questão de seus membros era sobre a perspectiva estrutural como ponto de partida para os estudos da sociedade e cultura. Estaria tudo organizado dentro de uma estrutura? Não seria para além da estrutura, contextos que muito poderiam deixar a dever a um modelo? Se a sociedade está em constante modificação, não poderíamos observá-la em busca do que estaria fixo, do que seria seu corpo estruturante, mas sim, partir das suas situações para entender, junto aos actores nela envolvidos, o que seria uma sociedade fluida (fluente).

Por conseguinte, além de optarem pela análise situacional ao invés de uma estrutural, também trouxeram como método de pesquisa o estudo de caso expandido (*extended-case method*). Um dos principais mentores da Escola de Manchester foi Max Gluckman. O instituto foi fundado em 1938, do qual Gluckman passou a fazer parte em 1939. Nesse período, as ideias ecológicas da Escola de Chicago já dissipavam-se, dando lugar a um panorama mais economicista. Enquanto a Escola de Manchester, fundada em África, debruçava-se mais intensamente em estudos pós-coloniais em busca de metodologias que não sobrevalorizassem às relações de produção, enfim, buscavam novos panoramas para além daqueles elaborados pela Antropologia britânica tradicional, como Malinowski. Max Gluckman, em seu artigo “*Ethnographic data in British Social Anthropology*”, originalmente publicado em 1959, afirma que,

Malinowski and the next 'generation' of anthropologists, in which I include myself, used so-called 'cases' in two ways. We made a large number of observations on how our subjects actually behaved, we collected genealogies and censuses, made diagrams of villages and garden, listened to cases and quarrels, obtained commentaries on all these incidents, collected texts from informants about customs and rituals, and discovered their answers to 'cases stated' (2006, p. 15)

Todavia, se cada vez mais os estudos da sociedade e cultura exigem trabalhos mais detalhados, mais dinâmicos, porque a metodologia de pesquisa continuaria a ser a mesma? Além disso, poderiam os estudos em uma localidade responderem por uma totalidade, dada a sua especificidade? A carregar tais questões, Gluckman segue com sua asserção:

I state baldly that the problems which are emerging and which involve the basic problems of the endurance, stability, and different types of change in a social system existing in space-time, can only be tackled-through the use of extended-case method (Idem, p. 21).

A partir de sua assertiva, podemos compreender que a sua ideia de espaço e sociedade levavam-no a pensar a metodologia etnográfica até então aplicada como exígua diante

dos avanços (ou complexificação) sociais percebidas. O estudo de caso expandido traria a possibilidade de melhor reconhecer a situação em que estavam inseridos os problemas sociais, logo, factos que pareceriam estranhos para os etnógrafos estruturalistas, seriam parte de uma situação social específica.

Trabalhos como os de Gluckman e de Victor Turner motivaram a atenção de um dos principais nomes da Antropologia urbana – mais actualmente, Antropologia da vida transnacional. Ulf Hannerz, que já fora apresentado e referido neste trabalho. Este autor aponta a Escola de Manchester, nomeadamente Gluckman, além de antropólogos como Goffman e Geertz. Hannerz possui grande interesse pelas misturas culturais, percebe a cultura como fluida e atemporal, por isso também investiga as redes de relação. Para o autor,

A cidade tende a ser o lugar onde as relações de distância e curtas distâncias coexistem, e onde as pessoas interagem mais intensivamente a partir das combinações dessas relações (1999, p. 155)

Com esta percepção da cidade, Hannerz apresenta grandes contributos para os estudos urbanos e a própria Antropologia urbana com as suas pesquisas sobre o espaço moderno, fluido e repleto de misturas, de hibridizações. No sentido da rede relações constituída na cidade que utilizaremos este autor, para, no nosso caso, estudar a rede de relações entre a sociedade e a tecnologia.

Ao longo desta sessão, apresentamos distintas perspectivas dos estudos urbanos e verificamos a sua grande relevância para pensarmos questões sociais complexas, principalmente na contemporaneidade. Porém, tendo em vista o nosso interesse em relacionar a urbanidade à tecnologia, no âmbito de nossa pesquisa, abordaremos que novos caminhos a relação entre os estudos urbanos e a tecnologia apontam e serão significativos para este estudo.

3. Tecnologia e estudos urbanos: que ferramentas são necessárias?

A nossa cidade, assim como nosso corpo, já integrou a tecnologia a sua estrutura. Goitia (1982, p. 21) desenvolveu um estudo deveras interessante sobre a cidade, em todo seu aspecto orgânico e inorgânico. De acordo com o autor, uma visão poética sobre a cidade fecha as lacunas que o pensamento lógico deixa em aberto, pois nem tudo que vemos de uma cidade faz necessariamente sentido ou segue uma regra. A cidade é por si só

desordem, por mais bem planeada que seja. Se ela tem uma alma, certamente essa alma vive uma crise existencial, ela é inacabada e vive um eterno refazer-se.

O que caracteriza a cidade contemporânea é precisamente isso, a sua desintegração. Não é uma cidade pública, à maneira clássica, não é uma cidade integrada por uma força espiritual. É uma cidade fragmentária, caótica, dispersa, a que falta uma figura própria.

Diante da ideia de uma cidade que mais pareceria uma mixórdia, o que poderíamos esperar do espaço urbano e das relações nele estabelecidas? Tais relações irão reflectir a situação referida? Como encontramos a tecnologia nessas circunstâncias? O escritor italiano Pitigrilli, já em meados do século XX asseverava que,

O mundo corre para a derrocada, porque renunciou à bela simplicidade da vida campestre, para complicá-la com a ilusão da simplicidade e, depois da série complexa de complicações – perdoem-me a tautologia – o regresso à simplicidade será o sinal de que o progresso faliu (1954, p. 30).

Será que o salto objectivado pelo progresso tecnológico foi alcançado? Como a tecnologia, de intensa presença no quotidiano, interfere nas nossas relações? Para onde caminha a metamorfose urbana com a tecnologia?

De acordo com Gilberto Velho (2003), a cidade é em grande parte responsável pelo alargamento da mesma enquanto campo de pesquisa. O crescimento do território urbano e sua valorização cultural e económica, principalmente, incentivaram a curiosidade sobre os modos de vida e suas implicações. Assim como, as redes compreendidas nesse espaço constituem um campo de infinitas possibilidades interligadas, entre economia, sociedade, cultura, indivíduos, colectivos, enfim, os humanos e não-humanos como refere Latour.

É possível observarmos, a partir das referências feitas no capítulo I que os estudos sobre tecnologia avançaram. Junto a eles, os estudos sobre os espaços urbanos também adquiriram um campo de pesquisa maior. Contudo, estudos que relacionem tecnologia e urbanidades ainda são escassos.

Os primeiros estudos, de acordo com Hommels (2005), partiam do princípio de que haveria um ponto máximo de desenvolvimento do capital urbano, “mas num mundo onde as redes de infra-estrutura devem ser encaixadas no espaço, isso é impossível”³⁴.

³⁴ Tradução livre “*But in a world where infrastructure networks must be embedded in space, this is impossible*” (Idem: 326)

Durante os anos 1980, muitos artigos foram publicados levando em consideração a tecnologia como uma força exógena que influencia directamente a sociedade. A força tecnológica seria um catalisador para a “evolução”do progresso no espaço urbano, pronto a abrir todas as janelas. Mas há um congestionamento na comunicação entre tais janelas, um ruído, ou vários ruídos que nos impedem de ouvir nossos vizinhos, mas nos proporciona ampliar nossas redes. Fechamo-nos em nossas janelas mais distantes, as quais podemos fechar a qualquer tempo.

Em meio a essas percepções forma-se a ideia de que qualquer **coisa/feito** é possível com a tecnologia. Surge e fortalece-se uma fé maior no seu poder infinito do que num deus. Então tal pensamento vem a ser compreendido como a salvação, ou mesmo a resolução última. A tecnologia, nos meios de comunicação dentro da cidade, amplia seu espaço virtual e torna obsoleto seu espaço tangível.

Um dos modelos conceituais de abordagem da tecnologia relacionada ao espaço urbano é chamado *Frame*, pois “um quadro referencial da tecnologia é construído durante as interações entre grupos sociais relevantes” (Hommels, 2005, p.331). Na observação de tais interações é importante dar atenção as estratégias de solução mais relevantes criadas pelos grupos sociais para seus problemas, que acabam por indicar o que os une de facto. Um outro modelo é chamado *Embeddedness*, pois os elementos da rede que se forma entre a tecnologia, a cidade e seus habitantes estão intimamente relacionados, encaixados, onde a mudança de um elemento incidirá sobre todo o conjunto³⁵. O terceiro modelo é chamado *Enduring*, tendo em vista que envolve a persistência da tradição nas mudanças sócio-técnicas. As relações são observadas num contexto local, não chegam a ser observações estagnadas, mas pouco dinâmicas por estarem limitadas ao seu contexto de desenvolvimento urbano e tecnológico.

Com isso podemos considerar a importância da observação das relações como ponte entre o urbano e o tecnológico. Ao mesmo tempo em que, o urbano pode ser ponte para a compreensão de nossa relação com a tecnologia e esta ser a ponte para compreendermos nossas relações com o urbano. Os pontos fulcrais são as interações e suas estruturas, naturalmente dinâmicas e fluidas.

³⁵ Do mesmo modo que Bruno Latour refere em suas obras, jamais estivemos separados, fazemos parte de um todo onde não somos o todo, mas contemos ele. Onde o todo não o mesmo sem qualquer um de nós, sejamos humanos ou os não-humanos.

Na perspectiva de uma etnografia urbana, Seixas, ressalta a importância de estarmos atentos aos novos itinerários que o paradigma urbano segue, em suas palavras:

Compreender a estrutura antropológica de uma cidade implica uma estratégia metodológica aberta às representações da Diferença (discursivas, espaço-monumentais, textuais e dramáticas), as quais são, às vezes, metonímicas e outras metafóricas de Diferenças orgânico-estruturais internas e externas à cidade (2006, p. 41).

A cidade cada vez mais rodeada de construções sólidas e espaços físicos de concretude mostra a importância de ser observada pelo prisma do abstracto para que se possa perceber o seu reverso. Castells (2000, p. 308) propõe um esquema para que observemos também os aspectos simbólicos do urbano:

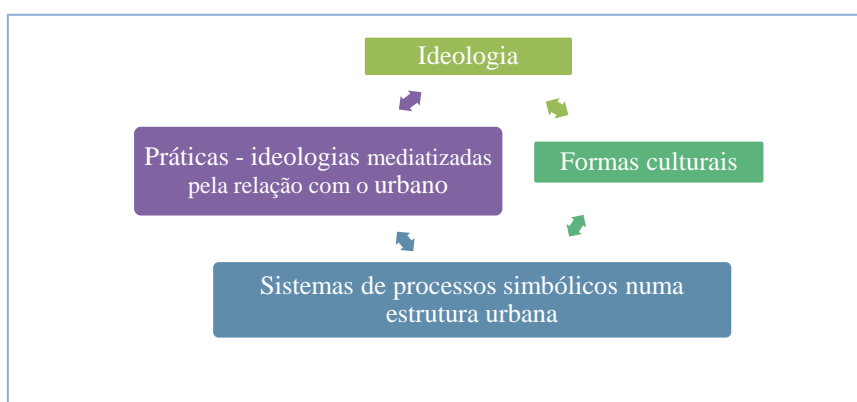


Figura 2: Esquema de determinação do processo simbólico. Fonte: adaptado de Castells, 2000. Representação dos sistemas de processos simbólicos urbanos

No esquema de Castells há uma separação dos processos abstractos e concretos que ocorrem no espaço urbano. O que acrescentaríamos seria a observação de que os processos simbólicos permeiam todos os fatos urbanos, não de uma forma linear, pensando que um causa o outro, mas complementar, os aspectos simbólicos estão presentes nos aspectos observados como concretos, vice-versa. E sob essa óptica percorremos o trajeto da cidade.

Em 1996, a antropóloga Seta Low publicou um importante trabalho sobre os estudos urbanos. Nele, Low relaciona os principais trabalhos, abordagens e contribuições da Antropologia urbana. A autora defende a Antropologia como necessária ao debate dos problemas urbanos dos nossos dias. O urbano é abordado como processo e não como categoria. Nesse âmbito, a tecnologia pós-industrial poderia ser compreendida de diversas maneiras, por diversas escolas da ciência, mas na cidade ela poderia ser melhor compreendida. Para além disso, diante das inúmeras mudanças sociais que vivenciamos neste último meio século, Low acredita que são necessárias novas formas de olhar para

a cidade. Ao fazer referência à Jacobs, a autora afirma que “*new cities require new forms of analysis in which the urban built environment becomes a discursive realm*” (1996, p. 386).

De acordo com Low, e a investigação que realizou nas principais publicações sobre Antropologia urbana a partir de 1990, é nesse período em que os estudos étnicos – assim definidos pela autora - nas cidades ganham cada vez mais espaço. As mudanças trazidas pela interferência étnica trouxeram novas formas de poder, novas configurações político-culturais. Do mesmo modo, a autora apresenta as diversas formas de abordagem do urbano e suas intervenções: sociais, económicas, dentre as quais, a cidade global. Cidade de transformação por excelência, abrem novos caminhos ao desenvolvimento sócio-económico. Isso porque, “*global forces are also reshaping regional systems of cities and the formation of transnacional identities and communitie*” (1996, p. 393). A ideia de globalização das cidades impõe um movimento de maior velocidade nos deslocamentos, sejam eles das etnias, dos grupos sociais, dos interesses económicos. A convergência de anseios urbanos, de melhoramentos na qualidade de vida a partir da vida urbana, enfim, a cidade como centro. Tais deslocamentos são também a base para uma comunicação cada vez mais rápida, fluida. E nesse sentido de um espaço de comunicações fluidas, Low fala-nos da cidade informacional, também extensamente abordada por Castells: “*space flows, however, are organized on the principles of information-processing activities, rather than on the everyday spaces of living and working*” (Idem, p. 394). Portanto, na cidade informacional, as mudanças emergem de modo que parecem atrair-nos mais.

Um dos muitos aspectos interessantes do espaço urbano é que ele recria-se constantemente, e esse processo dinâmico está directamente influenciado por quem ocupa este espaço. Logo, os muitos modelos de cidade que já foram pensados nunca chegaram a um ponto comum. A forma de expansão e desenvolvimento urbano da Europa e Estados Unidos, por exemplo, está deveras distante, política, social e economicamente da China, Japão, América Latina. Mesmo que alguns modelos tenham sido copiados, como o modelo americano do norte copiado por alguns países do sul, não satisfaz, nem ao norte e muito menos ao sul – embora não se possa negar a universalidade de alguns aspectos. Por esta razão, somos levados a pensar que a cidade é um organismo vivo, tal qual o humano e que alguns direccionamentos essenciais para as nossas vidas devem ser dados na condução de uma cidade.

De facto, quando pensamos na aplicação de modelos urbanos de sociedades que são exemplo de desenvolvimento industrial e urbano de modo economicamente mais seguro (ao menos até certo momento do séc. XXI), pensaremos em sociedades subdesenvolvidas (apesar do termo restringir a ideia), sociedades dependentes. Por outro lado, como bem ilustra Castells (2000)³⁶, todas as sociedades são de alguma forma dependentes, cabe então diferenciarmos que tipo de dependências e não simplesmente tratarmos daquela forma caducada: dominantes e dominados. O mais relevante disso tudo é que também não podemos separar a expansão do espaço urbano do pensamento político, das ideias e caminhos de crescimento que são objectivos dos que vivem na cidade.

É por acreditarmos na cidade como ponto de conversão e agregação que a partir dela buscamos apreender sentidos sobre nós mesmos. Como se o papel tivesse invertido, para nos conhecermos melhor olhamos para as nossas cidades e nossos itinerários dentro do conceito de cidade que temos. Isso porque a cidade não é um espaço definido com exactidão e nós não formamos uma sociedade fechada nesse conceito, aliás, para Castells,

A sociedade urbana, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação (2000, p. 127).

Portanto, na menor decisão que tomamos no quotidiano há interferência do espaço urbano que ocupamos, nossas relações pessoais estão permeadas por tal. Como vamos utilizar um espaço aberto de socialização, como uma praça se o nosso contexto urbano é deveras violento? Conforme já verificamos anteriormente, as relações na cidade reconfiguram-se. E tal reconfiguração não segue um processo propriamente lógico, há um encontro fabuloso entre o racional e o fantástico, que não se dá de forma apenas contraditória, mas complementar e salutar (excepto quando elevamos um dos pólos), é o

³⁶ “Uma sociedade é dependente, quando a articulação de sua estrutura social, em nível económico, político e ideológico, exprime relações assimétricas com uma outra formação social que ocupa, frente a primeira, uma situação de poder: Por situação de poder, entendemos o facto de que a organização das relações de classe na sociedade dependente exprime a forma de supremacia social adoptada pela classe no poder da sociedade dominante” (2000, p. 82). Ora, incrivelmente, ou pela velocidade que imprimimos aos movimentos do nosso tempo, hoje todas as sociedades são de alguma forma dependentes, seja boa parte da Europa dependente do gás produzido pela Rússia, ou os EUA dependente do petróleo do Oriente Médio.

que mantém a cidade viva. A apresentação do espaço urbano como campo aberto de estudo dar-se-á seguindo como itinerário as possibilidades que o mesmo oferece-nos.

Podemos então afirmar que, para compreender a cidade contemporânea, seus fenómenos e situações, é preciso que haja flexibilidade. Além disso, que a reconhecamos como inacabada, fluida, porém sem a ideia de que a discussão das questões urbanas acabariam no facto de reconhecê-las intrincadas. No seu carácter de imbricada é exactamente onde devem ser iniciadas as discussões urbanas.

4. A Cidade Multidimensional, Polifônica e Híbrida: um espaço de fluxo

As actuais reflexões sobre a cidade remetem para um espaço de fluxos, onde os sujeitos e objectos em confluência estão interligados por uma grande rede global. Vale ressaltar que a cidade global é entendida como um processo de conexão entre produtores e consumidores, envolvidos numa rede global de interesse pelas facilidades que a tecnologia pode trazer em toda a sua amplitude: social, científica e mercadológica, principalmente no âmbito da inovação. A cidade é também um espaço de fluxos. Nos termos de Castells,

O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interacção entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por actores sociais nas estruturas económica, política e simbólica da sociedade (1999, p. 442).

O novo espaço industrial é composto por mudanças advindas das inovações tecnológicas. Há uma nova percepção do que seria o produto oferecido e do consumidor, por exemplo, essa nova perspectiva do mercado incentivou o crescimento do sector dos serviços, bem como dos serviços de atendimento ao consumidor. Tais factos aumentam o fluxo de informação, de capital e tecnologia, com os quais estabelecemos íntimas alianças, resultando assim, no facto de que os espaços de fluxos são compostos por nós e alianças, conforme podemos observar na obra de Castells.

Numa recente actualização de seu livro “*End of Millennium*”, fala-nos do espaço de fluxo como espaço de poder:

Distinction between the space of flows as the space of power in contrast with the space of places as the space of experience while this appears to be the prevailing spatial logic, the dichotomy is too simplistic. On the one hand, the space of global social movements, largely organized around the Internet, is

also part of the space of flows. On the other hand, experience is not confirmed to the space of places, because human experience now has a fundamental dimension in the virtual space, as online communities and social networks have become a massive social practice that transforms the conditions under which we construct our culture and our sociability (2010, p. XXIV).

Portanto, se admitimos a cidade contemporânea como espaço de fluxo, estaremos a observá-la em seu todo, pois os espaços de experiência e os espaços de poder confluem para um espaço comum. Principalmente, quando estamos a falar sobre os espaços ocupados pela tecnologia da informação, onde também encontramos uma sociedade que não deveria ser identificada apenas como virtual.

Diante dos espaços de fluxo, de tamanho emaranhado que a sociedade da informação tece nas cidades, Certeau (2005) diz que devemos experimentar o voo de Ícaro: sobrevoar a cidade, fitando-a, espreitando-a e em seguida, caindo sob aquilo que de baixo não se conseguia definir da óptica geral. O distanciamento pode mostrar saídas, o voo seria a nossa possibilidade de conhecer o que a cidade mantém oculto e assim entender melhor o que ela deixa aparente. Pois o aparente será a janela para engendramos um caminho pelos itinerários que subjazem no desejo de cidade que temos.

A ideia de Certeau também seria válida para pensarmos as polifonias urbanas. Assim como propõem Canevacci, sendo estrangeiro, podemos diferenciar os mais diversos sons que a cidade emite. O olhar de estranhamento, que talvez muitos cidadãos tenham quando atravessam a sua cidade e dirigem-se para uma outra localidade, pouco comum ao seu quotidiano. Como vimos nas observações de Seixas, há uma tendência a escondermo-nos em nossos castelos, o que caracterizaria um cidadão-turista. Nessa perspectiva, Canclini (2006) chama atenção para o ‘isolamento em espaços próprios’ e a formulação de ideologias urbanas de afastamento e introspecção nas práticas quotidianas. Tal evento vem a ser curioso num espaço de fluxos, onde flui a informação e comunicação, contudo, esse fluxo parece estar concentrando-se pelas vias que de alguma forma resguardam o indivíduo de um convívio com presença física.

O movimento de ‘encastelamento’ remete a Bachelard (1978), quando nos convida a observar o espaço que ocupamos a partir das vivências do imaginário. Cada ser buscará recriar o seu espaço de abrigo, o espaço de sonho e memória. Os sonhos emergem quando falamos das casas habitadas, sentidas, onde cada canto terá um sentido

diferente, que poderá mudar conforme estivermos mais próximos do íntimo ou do exterior do nosso espaço. Assim, temos o poder de ampliar ou reduzir o espaço que ocupamos, conforme sejam os nossos sonhos.

A cidade, no sentido que Bachelard imprime ao espaço, seria um campo de resignificação do sentido de abrigo, construída pelas mãos de seus praticantes e ganha sentidos proporcionalmente a cada um deles. Ela vai mostrando-se fragmentada a primeira vista, mas depois podemos identificá-la com as musas da mitologia grega, que nunca viajam sozinhas, sempre tocando juntas seus instrumentos, apesar de serem distintas entre si. Todavia, em todos os aspectos da cidade estaria reflectido o desejo de cada um de seus habitantes quanto à mesma. A exemplo disso, Santos (1998), afirma que a arquitectura da cidade reflecte e determina a complexidade das relações sociais, económicas e políticas que nela tenham lugar. Olhando para a estrutura física da cidade, podemos reconhecer as condições de vida de seus habitantes, que variam de uma rua a outra. As ruas seriam as veias da cidade, por onde flui a sua vitalidade, que pode ser facilitada ou não pelas formas de organização sócio-espacial e político-económica.

Logo, se compreendemos a cidade como um espaço de fluxo, delimitar o espaço ao seu aspecto físico é traçar uma linha falsa (Bachelard, 1978), negar o que se vivencia, fechar as possibilidades e oprimir os sentidos que construímos, as memórias. Junto aos objectos, às práticas e à construção da cidade estão as nossas percepções do espaço, do outro, dos tantos mundos que criamos, onde cada um de nós dá vida a diferentes cidades.

E todo esse contexto que permeia nossas vidas é parte constituinte de um momento de grande transformação da experiência urbana. “Podemos, assim, estar na presença da segunda maior revolução antropológica de todos os tempos depois do sedentarismo planetário de há 10.000 anos atrás: a do urbanismo planetário” (Seixas, 2006, p. 3). Uma revolução que impossibilita compreender quaisquer questões relativas ao homem contemporâneo sem que conheçamos as nuances da sua cidade. Mesmo diante dos muitos oceanos de diferença que o urbano impõe-nos.

Portanto, estamos diante de uma reconfiguração do sentido de cidade e cidadão, de pertencimento ao lugar, de consolidação das referências espaciais e da compreensão dos limites ou fronteiras dos papéis de cada sujeito no tecer dos fios deste “planeta urbano”,

um tecido cada vez mais elaborado a partir de “espaços intersticiais” que pedem novas formas de abordagem para que seja possível percebê-lo (Seixas, 2006). O modo de pisar no território urbano pede-nos a mesma flexibilidade com que ele se locomove, pede que o pesquisador deixe-se levar também pelo terreno fluido, sem que as delimitações do seu tema fechem as possibilidades de percepção do urbano. Olhando para as linhas tênues dos contrastes apresentados pelo espaço urbano, já que eles não se separam (Como poderia haver ordem sem desordem, vice-versa?)³⁷, podemos pensar numa “macroAntropologia” – tomando emprestado o termo de Hannerz – para estudar uma “macrocidade”, não exactamente no sentido de metrópole ou megalópole, mas no sentido de complexa e fluida.

Contudo, é preciso estarmos atento aos usos do termo “fluxo”. O próprio Hannerz chama-nos atenção para não utilizarmos o termo para justificar qualquer circunstância da cultura, ou mesmo “não é preciso acreditar que ela seja uma substância que se possa colocar dentro de garrafas” (1997, p. 15). Bem como a cidade, por reconhecê-la como espaço de fluxo não significa que irá adaptar-se a quaisquer esquemas ou concepções. É importante compreendermos que há uma influência simultânea da tecnologia junto aos indivíduos e colectivos e a cidade. Nas palavras de Lévy,

Com efeito, a contínua transformação das técnicas, dos mercados e do meio económico leva os colectivos a abandonar seus modos de organização rígidos e hierarquizados, a desenvolver a capacidade de iniciativa e de cooperação activa de seus membros (1993, p.42)

Talvez por isso, Hannerz afirme que a característica de fluxo esteja relacionada aos híbridos. Quanto maior o fluxo de informações, tecnologias, capital, maiores são os encontros, os nós, em que os híbridos emanam. Assim, é possível reconhecer porque “hibridez parece ser atualmente o termo genérico preferido, talvez por derivar sua força, como “fluxo”, de uma fácil mobilidade entre disciplinas (mas muitos dos outros termos também têm a mesma flexibilidade), tais como “colagem, *mélange*, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas” (1997, p. 26). Entretanto, assim como o termo fluxo, a ideia de híbrido também pode se adaptar a distintos interesses. Como esta ideia é

³⁷ Assim como sugerem Bauman (2005) e Balandier (1997), não podemos pensar numa ordem sem antes provocarmos uma desordem. É a desordem que mantém a ordem viva e cheia de seu significado.

fulcral para a discussão que pretendemos sobre a cidade, será abordada em sessão específica em que é relacionada ao espaço urbano.

Portanto, foi possível situarmos o estudo do espaço urbano, dentro de uma concepção antropológica e relacionado com a tecnologia. Para ingressarmos nos itinerários urbanos da tecnologia precisamos lançar mão de conceitos que compreendam a cidade como um espaço flexível, onde as mudanças, as inovações são multiplicadas pela condição fluida.

CAPÍTULO IV – O PROBLEMA DA PROLIFERAÇÃO DOS HÍBRIDOS E SUAS MÚLTIPLAS FACES.

“É inevitável: somos menos que o mundo e o indizível foge ao canto dos homens e a seu sopro” (Ariano Suassuna)

1. A tradução dos híbridos – Relação entre humanos e não-humanos

Como vimos ao decorrer das secções anteriores, nosso objectivo é reflectir acerca das relações humanas nos contextos urbanos a partir da observação dos artefactos tecnológicos, mais especificamente, debruçar-nos sobre a utilização dos chamados *hot spots* na Cidade do Porto. Com efeito e, acima de tudo, trata-se de uma problemática que nos remete de imediato à proliferação dos chamados “híbridos”, afinal, estamos perante interlocutores sempre imersos numa íntima relação com a tecnologia. Contudo, seria ilegítimo afirmar que a problemática da proliferação dos “híbridos” se resume aos momentos em que vislumbramos uma interacção entre homem e máquina. Sendo assim, é importante esmiuçar e construir um extenso panorama acerca dos híbridos no intuito de delinear com clareza nosso objecto de estudo. Para tanto, iniciaremos o capítulo a resumir a ideia de Latour para, em seguida, explicar as mais diversas instâncias atravessadas pelo conceito de híbrido. Feito isto, situaremos esta discussão conceptual nos meandros da Antropologia Cultural no intuito de melhor situar o leitor.

Para que possamos compreender do que se tratam os híbridos, podemos mais uma vez lançar mão de um exemplo emblemático trazido por Bruno Latour em uma de suas conferências: pensemos primeiro uma arma, não-humano. Separadamente pensemos num humano. Em seguida, pensemos um homem com tal arma em suas mãos. Eis que separados não exercem influência sobre o outro. A arma não dispara sozinha, assim como um homem desarmado não exerce o mesmo poder. Os não humanos exercem

influência sobre os humanos e vice-versa. Assim, consideramos os híbridos o encontro de humanos e não humanos, num contexto em que a vontade de estar à frente de seu tempo delega aos humanos o papel do que Latour (1994) chama de quase objectos. Quanto mais tentamos separar os objectos dos sujeitos mais os aproximamos, assim como na física, em que os opostos se atraem. Com efeito, esta íntima relação entre sujeito e objecto, tão bem identificada por Latour, incide numa velha problemática filosófica já apontada nos meandros da fenomenologia de Husserl e Heidegger, só para citar dois exemplos. Da mesma forma, Edgar Morin (2002) também ressaltou extensamente a importância de pensar essa “religação” entre essas duas instâncias. Entretanto, a originalidade de Latour consiste em apontar algo que os homens não assumem, uma espécie de “dependência” com os objectos que, de alguma forma, aparece sempre velada. Para Latour e, ao contrário de Morin, nunca houve um momento singular em que homens e objectos estavam separados. Bem ao contrário, a relação de interdependência apenas foi fortalecida ao longo dos séculos. É justamente esta preocupação de Latour que nos leva a repensar a problemática da tecnologia nos contextos urbanos. É à guisa deste contexto que pretendemos observar alguns aspectos sublevados da urbanidade que, certamente, uma “Antropologia da Tecnologia” tem obrigação de se debruçar.

Dessa forma, é fácil percebermos que todo aparato tecnológico que nos rodeia é teoricamente pensado e elaborado para ampliar a nossa independência, porém tamanha é a dependência que nos causa. Assim, a nossa necessidade de estar conectado ao mundo está também representada nos espaços de acesso livre a *World Wide Web* espalhados nos principais espaços colectivos das principais cidades do mundo. Por isso, Latour afirma que

Quanto menos os modernos se pensam misturados, mais se misturam. Quanto mais a ciência é absolutamente pura, mais se encontra intimamente ligada à construção da sociedade. A constituição moderna acelera ou facilita o desdobramento dos colectivos, mas não permite que sejam pensados (1994, p. 47)

Podemos ainda acrescentar que essa mesma ciência que procurou estar diferenciada de crenças, rituais mágicos e tudo que viesse a subjectivar o conhecimento, acaba por ser dogmatizada, por fazer das suas afirmações as inscrições sagradas de uma religião. E poderíamos nos perguntar, o que a proliferação dos híbridos tem a ver com essa dogmatização da ciência? A ciência é também um híbrido. Quanto mais ela evolui em

suas pesquisas, tal como a *nano tecnologia*, uma das principais promessas para o futuro da microengenharia, mais é utilizada a medicina chinesa milenar como terapia parcial ou integral para o tratamento das mais diversas enfermidades contemporâneas. Entretanto, é importante apontar que falamos da ciência e dos objectos como se fossem “excepções”, como se, de alguma forma, apenas essas instâncias do saber carregassem a problemática do híbrido. Ora, a própria religiosidade, em meio a esta ambiência de hibridação, demonstra algo curioso: quanto mais a fé parecia solução aos problemas da incerteza quotidiana, mais ela se aproximou da política e da economia na garantia de experimentar a concretude da vida. Assim, hoje e, mais do que nunca, a religiosidade promove um desenfreado discurso de prosperidade material. Na verdade, o problema da hibridação não se limita apenas aos problemas formais alimentados pelas “crias da razão”, ou seja, a hibridação não se limita as discussões epistemológicas acerca da ciência e da problemática em relação às discussões entre sujeito e objecto. A hibridação é um eixo constante que perpassa todas as coisas. O absurdo é pensar que, de alguma forma, certos conceitos, como ciência, sujeito e objecto, estivessem livres da mesma. Portanto, é necessário pensar a problemática sob aspectos mais amplos.

Em um sentido mais genérico, Canclini fala da hibridação de culturas, onde “a palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos e pós-modernos” (2006, p. XXIX). Vale pontuar que para Latour (1994) a modernidade, na perspectiva do domínio sobre as máquinas, da separação de sujeitos e objectos, jamais existiu. Como afirmado anteriormente, é aí que reside a diferença crucial entre Latour e Morin, pois para o último, é preciso religar, e para o primeiro, é preciso perceber que eles nunca estiveram separados, mas sim, produzindo híbridos. Os ardis da modernidade acabaram por se virarem contra si. Os híbridos se proliferaram de tal forma que a contemporaneidade não pode mais fingir que não os vê.

2. . Híbridos na Antropologia.

Poderíamos questionar o que a Antropologia tem a ver com a proliferação de híbridos e de conceitos? Na verdade, a discussão acerca do trabalho etnográfico enquanto texto remete ao que há de mais problemático nos meandros epistemológicos da Antropologia Cultural. Afinal, o ideal de objectividade científica, tão fortemente assumido pelas ciências humanas – mesmo quando tal feito se demonstrava inviável – adentrou

fortemente na História desta disciplina. Assim, o pesquisador de campo, enquanto sujeito capaz de obter um conhecimento objectivo acerca dos nativos se transformou num dogma nos trabalhos etnográficos pioneiros. Porém e, como veremos adiante, os “híbridos” também se proliferaram sobremaneira nos trabalhos etnográficos. Isto porque, à medida que os pesquisadores observavam ora seus interlocutores ora o próprio texto etnográfico, mergulhavam numa imensidão de tensões promovidas pela impossibilidade de separar subjectividade e objectividade; sujeito e objecto; pesquisador e interlocutor; antropólogo e sujeitos da pesquisa; dentre outras dicotomias que os obrigaram a repensar a problemática das interações. Veremos em que momentos os híbridos despertaram na Antropologia.

2.1 Do Funcionalismo à Tradução Cultural.

Inicialmente, o funcionalismo de Bronislaw Malinowski (1978) partia do pressuposto de que um olhar institucionalmente treinado poderia desvelar a utilidade peculiar de cada instituição na sociedade em que se desejava estudar. E mesmo após as imensas críticas feitas ao funcionalismo, pelas mãos dos maiores nomes do estruturalismo, como Claude Lévi-Strauss, a pretensão de objectividade científica persistiu. Para Lévi-Strauss, não fazia sentido pensar que todas as instituições tinham uma funcionalidade específica, pois há coisas que persistem na história de um grupo sem oferecer um funcionamento prático. Porém, tal como Malinowski, Lévi-Strauss acreditava na capacidade inerente do pesquisador em desvelar as estruturas inconscientes que se escondiam por detrás dos discursos dos nativos – principalmente no discurso mitológico, palco principal das análises estruturalistas de Lévi-Strauss.

A polémica surge quando Clifford Geertz (1978) declara a importância de observar a cultura a partir da metáfora do texto – afirmando que a cultura é como um texto em que nós lemos por cima dos ombros daquele que o detém. Não apenas isso, a partir de seu arcabouço epistemológico pautado na semiótica e na hermenêutica, Geertz alertará a importância de se perceber o trabalho etnográfico como fruto da construção textual. Em resumo, a cultura é uma teia de significados que é possível aceder e, por conseguinte, interpretar.

Geertz questiona a impossibilidade de objectividade científica a partir da compreensão da ideia de que o trabalho etnográfico é a singular construção de um trabalho textual.

Para Georges Marcus e Dick Cushman (1982), Geertz contribuiu imenso para iniciar a discussão da possível desconstrução da autoridade etnográfica – uma vez que essa última é pautada na pretensão de uma objectividade em que se pretende desvelar verdades duras sobre os grupos sociais estudados. Geertz propõe o trabalho etnográfico a partir do que procurou chamar de “descrição densa” – a hierarquização pormenorizada das estruturas de significado encontradas pelo pesquisador. Feito isto, segue o trabalho de escrita, onde tal produção é organizada no intuito de deixar claro o trabalho realizado. Entretanto, Marcus e Cushman não acreditam que Geertz tenha levado a discussão até o fim. Pois se as culturas devem ser vistas como textos, qual seria a melhor forma de construí-los e, afinal, lê-los?

De modo similar, James Clifford (1988) compreende que o empreendimento de Geertz ainda procura analisar – de forma última – verdades, pretensões de objectividade, na cultura pesquisada. Para Clifford, mesmo após toda desconstrução da pretensão de objectividade científica do trabalho etnográfico, Geertz constrói textos em que parece essencializar os sujeitos através de certos conceitos, como o de “balineses”. Tal quadro, leva-lhe a fazer afirmações generalizadas acerca dos nativos a partir da utilização de premissas gerais. Ou seja, para Marcus e Clifford, a autoridade etnográfica continua a persistir, mesmo após os golpes hermenêuticos de Geertz. Para ambos, urge pensar o trabalho etnográfico para além da simples desconstrução da objectividade, é preciso pensar numa descrição plural, onde a voz do nativo não seja silenciada pelas categorias, premissas e conceitos do pesquisador de campo.

Presumiblemente, la etnografía puede llegar a ser no tanto una interpretación coherente del outro, como una mezcla de múltiples realidades negociadas escritas en textos etnográficos de autoridade dispesa (Marcus, 1982:190).

Consciente dessa problemática, podemos perceber quão satisfatória pode ser a utilização da metáfora da tradução como contributo fundamental para essa discussão. Em que consiste tal proposta?

A tradução cultural trazida pela Antropologia enquanto ferramenta de compreensão das culturas desconhecidas, leva-nos a uma questão significativa para os dias actuais: como poderíamos utilizar seus conceitos para entender as diferentes culturas num contexto em

que as “fronteiras” culturais apontam para uma necessidade de repensar a Antropologia do “outro” e aplicar a “Antropologia do próximo”, sugerida por Marc Augé (1999)³⁸.

Contudo, mesmo diante do “próximo” parecemos tão distantes que a ideia de utilizarmos o conceito de tradução cultural, para apreendermos os sentidos e os meios de comunicação dentro da nossa própria sociedade, é justificável e deveras interessante, principalmente quando recordamos que na ciência e na vida como um todo, “por vezes basta olhar de uma maneira diferente para ver melhor”³⁹. Neste caso, estaremos utilizando uma lente diferente para olhar para um fenómeno tão próximo de nós que parece passar despercebido e invadir, ou melhor, acomodar-se em nossos organismos tecnológicos (o nosso híbrido de humanos e não-humanos).

De acordo com Priscilla Faulhaber (2008), o conceito de “tradução cultural” se refere à comparação de distintos modos de conhecimento, de apreensão e transmissão do saber. A princípio, estava restrito à tradução linguística, porém, o acto de comunicar as percepções que se tem de um lugar, uma cultura, logo se vê que está muito além de traduzir palavras, símbolos. A complexificação da “tradução cultural” está enquanto meio de comunicação, fio condutor entre diferentes culturas, diferentes grupos sociais, diferentes espaços.

Apesar deste entusiasmo em aplicar a ideia de traduzir a linguagem que a tecnologia comunica-nos, quase de forma metafísica, requer muitos cuidados, uma vez que a prática de “tradução cultural” já foi acusada de apropriação cultural. O trabalho de pesquisa do antropólogo reúne um conjunto de ferramentas complexas mas que não são suficientes para compreender as vivências e experiências de outros grupos sociais. A etnografia seria apenas uma descrição do campo óptico do etnógrafo, que busca identificar quais as lentes mais adequadas para qualificar o referido campo. Poranto, desenvolvermos não só novas ferramentas de pesquisa como novas formas de utilizá-las na tentativa de melhor apreender o quadro de significados dos grupos que estuda.

Para James Clifford, *“es tentador comparar al etnógrafo con el intérprete literario y aun más específicamente con e crítico tradicional, quien concite su trabajo como la ubicación coherente particular”* (1991, p.158). Ao mesmo tempo, o autor não nega as

³⁸ (1999). O sentido dos outros: atualidade da Antropologia.

³⁹ (2000). A velocidade de Libertação.

críticas realizadas à Antropologia Interpretativista, por esta esquecer de estabelecer um diálogo, por não implicar a cultura do etnógrafo na compreensão da cultura que estuda.

De facto, o trabalho de campo é deveras vulnerável e cabe ao etnógrafo buscar as formas de suturar as lacunas que surjam de seu trabalho de intérprete. E mesmo que procurasse um distanciamento entre o sujeito pesquisador e os objectos pesquisados, nenhuma palavra do etnógrafo intérprete seria desligada de sua realidade. Tal ruptura não é possível, seria utopia pensar não só nesse recorte como no facto de tal recorte possibilitar uma interpretação mais fidedigna da cultura em estudo. Assim, não basta apenas expor as falas dos interlocutores para que se entenda o objectivo do trabalho do etnógrafo. Ao implicar-se, o etnógrafo elucida o que fala e porque fala. E assim, acaba por contribuir com estudos posteriores e com a aplicabilidade da sua investigação.

La escritura de etnografía, una actividad ingobernable y multisubjetiva, alcanza coherencia en actos particulares de lectura. Pero siempre hay una variedad de lecturas posibles, lecturas que están más allá del control de cualquier autoridad singular (Clifford, 1991, p.169).

De modo semelhante, o antropólogo inglês Edmund Leach (1976) admitia que seria impossível fazer uma tradução fiel do campo, da mesma forma que os linguistas apontam todas as dificuldades para traduzir um texto. Ao mesmo tempo, chamava atenção para a necessidade de estabelecer um método para a tradução cultural que coordenasse o processo tradutor. Mais que compreender a influência que os conceitos exercem na sociedade e por conseguinte, compreender como esses conceitos estão presentes nas instituições, o etnógrafo possui o trabalho de distinguir e relacionar a sua cultura e percepção de mundo a cultura que estuda. Sem que tenhamos que partir para o relativismo extremo, reconhecer sua própria influência no campo e vice-versa, contribui para uma compreensão com menos ruídos e sem aqueles apontamentos quase fantásticos sobre as culturas estudadas na primeira metade do séc. XX.

Portanto, seja através do conceito de tradução ou não, é importante que o etnógrafo esteja consciente de que seu papel não é dar conclusões aos factos, mas discuti-los. Bem como em relação aos conceitos. Não cabe ao etnógrafo colocar os pontos finais às discussões e as percepções de mundo. Não é ele que irá dar o veredicto de como vivem as sociedades e no que isso implica. Cabe ao etnógrafo apresentar peças significativas que contribuam, enriqueçam as discussões antropológicas. Muito tempo foi perdido em disputas etnográficas para que se descobrisse qual a melhor forma de abordar o campo e

descrevê-lo. Tudo que fosse possível para aproximar o etnógrafo da verdade. Até que essa verdade não parecesse mais sólida o suficiente.

O texto antropológico, assim como qualquer texto, é fluido e inacabado, e por isso, vivo. Quando o leitor toma o texto para a leitura ele apropria-se de termos e conceitos. O texto passa a ser seu também e sua interpretação da interpretação do etnógrafo é acrescida de suas percepções de mundo, de seu quotidiano e objectivos.

Tal facto, deve justificar porque conseguimos relacionar tantas áreas do conhecimento com a Antropologia, bem como o facto de termos criado tantos ramos para esta disciplina. A observação de um facto antropológico há muito não está apenas focada a uma cultura, quando nos debruçamos no campo sabemos que estamos automaticamente estabelecendo tantas outras ligações sejam possíveis. Porém o objectivo da tradução cultural não seria apenas explicar a cultura estudada ou compreendê-la, mas também identificar suas implicações na cultura do etnógrafo e vice-versa. Estabelecer relações e construir ferramentas para elucidar o conhecimento antropológico de modo mais aberto.

No momento da descrição do campo o etnógrafo que apenas dispõe as falas de seus interlocutores não demonstra que pontes ele estabeleceu e as implicações de seu trabalho. Apesar de ser uma forma de validar o trabalho de campo, é apenas uma apresentação do que dizem os tais interlocutores e requer a descrição das impressões e percepções do antropólogo, o que mudou ou acrescentou ao seu pensamento após o estudo, seus objectivos de estudo, a contextualização de estudos anteriores, enfim, um complexo sistema que o envolva no trabalho de campo e que tal envolvimento não seja perdido durante a sua descrição do campo.

A chamada Antropologia pós-moderna - referimos aqui àquelas produzidas após as discussões suscitadas por Clifford Geertz - reforça constantemente a importância de desconstruir a pretensão de objectividade científica a partir de uma análise da etnografia enquanto acto de escrever. Nos meandros da discussão, subjaz a polémica: Seria possível uma etnografia objectiva? Seria possível pensar o acto de escrever pelo prisma da herança iluminista? Bem, embora essa crítica seja de fundamental importância para desvelar pretensões de autoridade que anseiam por sublevar-se perante a voz dos nativos, podemos ainda perceber um extracto não abordado nos trabalhos dos etnógrafos pós-modernos e que insiste em não ser pensado: a pretensão de objectividade

científica deve ser questionada não apenas dentro da Antropologia, mas também, perante todo o conjunto de redes sociais. E essa é justamente a preocupação de Bruno Latour – é dessa forma, que ele pensa a Tradução, como veremos mais adiante. Ou seja, é o próprio movimento que o cientista faz em traduzir o que observa como uma verdade científica.

Marilyn Strathern, num artigo em que propõe repensar se a História da Antropologia está de facto pautada em rupturas, aponta quão próximo possa estar James Frazer de Malinowski em seus fundamentos epistemológicos, não apenas isso, demonstra que desde o início do discurso da disciplina, a Antropologia não sofreu assim abruptas revira-voltas como pretensamente afirmou Malinowski. E percebemos igualmente que, as críticas apontadas pelo funcionalismo são bem próximas das críticas apontadas pelos pós-modernos: *“En lugar de ocuparse del problema de los residuos históricos o de la compatibilidad de las creencias, el antropólogo moderno tiende a objetar la estructura narrativa de Frazer. Su obra se critica por ser demasiado literaria”* (1987, p. 221). Ou seja, percebemos que o discurso sempre incide sobre a representação da escrita, sobre a forma como os factos são interpretados. Entretanto: A observação do papel do cientista sob a óptica de um olhar estrangeiro nunca é pensada.

3. O que traduzem os híbridos no espaço urbano - linha ténue de conexões

A tradução, a que se refere Bruno Latour, diz mais respeito a um costume recorrente entre os cientistas: traduzir um facto como verdade absoluta. Assim, o pensamento de Latour incide sobre uma preocupação diversa – repensar as ferramentas que promovem essa tradução a partir de um olhar exterior, apontando a urgência de um etnógrafo que possa ler por cima dos ombros daqueles que costumam traduzir as coisas, e ademais, apontar o contexto em que as mesmas foram realizadas. Como afirmou Letícia Freire acerca do trabalho de Bruno Latour:

Entretanto, não basta aos cientistas fazer com que os outros simplesmente tomem a afirmação em suas mãos, é preciso evitar que estes a transformem tanto ao ponto de torná-la irreconhecível. Assim, a tarefa dos cientistas de transformar uma alegação em um fato científico torna-se ainda mais complexa (Freire, 2006, p. 51).

A tradução cultural esteve presente em grandes obras da Antropologia como *Tristes Trópicos*, porém a abordagem e o modo de fazer dessa tradução eram diferentes da proposta pós-moderna. A relevância da Antropologia está em apresentar as culturas

desconhecidas e seus significados, como a descoberta de um universo que vem mostrar que nossa cultura não está sozinha, pois aquilo que desconhecemos é parte constituinte de um universo imensamente maior do que o conhecido. Entre a Antropologia Cultural e a Antropologia Física das raças, destacou-se a primeira, que assume seu carácter de descrição geográfica, económica e social do campo de estudo.

Sobre os benefícios da Antropologia Levi-Strauss afirmou que, os maiores benefícios dessa pesquisa não seriam para a Antropologia em si, mas sim

Seriam aproveitáveis para uma ciência ao mesmo tempo muito nova, uma Antropologia entendida num sentido mais lato, ou seja, um conhecimento do homem que associe diversos métodos e diversas disciplinas e que nos revelará um dia as molas secretas que movem esse hóspede, presente sem ser convidado aos nossos debates: o espírito humano (2003, p. 99).

Poderíamos dizer que é este espírito que muito contribui para não podermos entender a ciência como algo separado da política ou da sociedade, até mesmo da cultura. Do mesmo modo que os factos científicos não se dão de forma linear, pois a construção deles requer movimentos de translação. Isso porque ao sabermos que os movimentos são sinuosos, vamos procurando formas de direccioná-los de acordo com nossos interesses, que também não são fixos. Como bem afirmam Neves e Portugal em seu artigo sobre a influência do *orkut* nas relações interpessoais,

A multiplicidade e superposição das coisas deslocam a co-presença da relação social humana levando ao abandono da limitação de se restringir à acção dos corpos presentes, nela não há a simultaneidade no tempo e no espaço (2007, p. 06).

Na controvérsia da busca pela expansão da comunicação através de meios que dispensem um contacto físico, encontramos diversas alianças. Nessas alianças estão os deslocamentos, as formas de translações e o processo de tradução, onde tudo se dá. Aliás, as translações são movimentos de tradução que fazemos para adaptar nossos interesses, no tempo e no espaço. Como se o que vemos estivesse sempre nesse meio, nem numa ponta nem noutra, mas a meio, nossas construções são processos contínuos. Logo, Latour afirma que,

Sempre achamos que é importante definir a natureza das alianças: os elementos são humanos ou não-humanos? São técnicos ou científicos? São objectivos ou subjectivos? No entanto, a única questão que realmente importa é: esta nova associação é mais fraca ou mais forte que aquela? (2000, p. 209).

Aquilo que é o principal objectivo da ciência, a verdade, de facto seria a tradução da verdade. Ela tanto pode estar de um lado, quanto de outro, isso nunca seremos capazes de afirmar com toda certeza que a verdade peça, pois o que prevalece são os conceitos que são aceites e isto também dá-se de forma incerta, pois os factos científicos são traduções das construções da ciência. Latour chama de caixas-pretas o conjunto de conceitos, regras e definições das construções científicas, de modo que seu questionamento necessite de todo um longo processo para acontecer e durante esse processo dificilmente conseguimos chegar num consenso para realizar de facto o questionamento. A ciência, portanto, é reconhecida mais abertamente antes da formação das caixas-pretas.

Heidegger dizia que entre inúmeras formas de cuidar do Ser, o Ocidente havia escolhido a via da técnica – foi a cisão entre sujeito e objecto, este último sempre controlável pelas mãos de um sujeito isolado, foi o caminho trilhado para dialogar com essa necessidade ontológica fundamental, a necessidade de cuidar do Ser a partir de nossa mundanidade quotidiana. Dessa forma, com base no que dissemos sobre as reflexões de Bruno Latour, percebemos que a cidade representa um palco ideal para o vislumbre das preocupações do mesmo. Isto porque, é justamente nos grandes conglomerados urbanos, que as interacções entre humanos e não-humanos ocorrem com mais frequência. É na cidade que podemos reflectir com mais propriedade acerca da decisão de Latour quando abandona a palavra sociedade em detrimento de colectivos. Colectivos - humanos e não humanos - porque eles interagem. Estão interligados, imbricados, associados, como numa rede de fluxos. A interacção entre tais colectivos está também associada às formas de tradução ou translação elaboradas no mesmo. Sobre o movimento de translação/tradução, o autor traz a seguinte assertiva:

What the new paradigm attends to are the moves by which any given collective extends its social fabric to other entities. First, there is Translation the means by which we inscribe in a different matter features of our social order; next, the crossover, which consists in the Exchange of properties among nonhumans; third, the enrollment by which a nonhuman is seduced, manipulated, or induced into the collective; fourth, the mobilization of nonhumans inside the collective, which adds fresh unexpected resources, resulting in strange new hybrids; and, finally, displacement the direction the collective takes once its shape extent, and composition have been altered. (Latour, 1994, p. 46)

Logo, a ideia de translação é apenas um dos elementos que fazem parte da rede de múltiplas interconexões que nos cobre. Da tradução que fazemos de uma ideia, por

exemplo, emerge não apenas um conceito explicativo, mas um conjunto de factores sócias, económicos, culturais, íntimos e públicos, individuais e colectivos, que ao interagirem reconfiguram o cenário. O espaço urbano é também um grande cenário trançado por uma rede de conexões, tal qual a ciência. De facto, pelo princípio da simetria, devemos estudar qualquer espaço urbano com os mesmos olhos, com o mesmo olhar atento, independente daquilo que queremos encontrar. Não é preciso querer encontrar vestígios da tecnologia nos espaços urbanos. Mesmo que tal tecnologia nos poupe cada vez mais dos fios que se emaranhavam na parte externa dos tetos das casas e prédios, ela é em sua maioria portátil. Levamos connosco, como uma extensão nossa, para qualquer lugar. E as transformações no espaço urbano não se dão apenas por reformas para que os cabos de fibra óptica possam atravessar as cidades, os países e Continentes. As nossas aglomerações mudaram de formato. Nossos grupos convergem para pontos distintos, atraídos por motivos comuns: a busca por um contacto.

Durante todo desenvolvimento teórico e empírico da Antropologia, identificamos tanto na perspectiva do etnógrafo quanto na traduzida perspectiva dos seus interlocutores, a necessidade de estabelecer contacto, de comunicar. Mesmo que, como refere Niklas Luhmann (1991), comunicação só gera mais comunicação, pois isso não significa que ela resolva algo, temos a necessidade de comunicar. Como se dentro de cada um de nós existisse um sentido de rede e por este motivo precisássemos estabelecer ligações, conexões. Não comunicamos para dar e buscar respostas simplesmente, mas também para mantermos nosso organismo vivo.

Nas grandes cidades, a tecnologia parece ser esse combustível que impulsiona o motor da comunicação funcionar de forma mais eficaz, ou aparentemente mais eficaz, pois não é possível precisar se a excessiva complexificação dificulta a comunicação – tal como pressupunha Niklas Luhmann. Mas como referimos acima, comunicamos com o objectivo de estabelecer pontes, o que não significa que já saibamos o que nos espera do outro lado da ponte.

Uma outra aliança que identificamos entre a expansão tecnológica e o espaço urbano é a ambição por crescimento económico. Um dos pensamentos predominantes dessa percepção é de que não apenas o desenvolvimento cultural ou económico traria benefícios às cidades, mas que eles poderiam ser complementares: *“contending that cities have always had a capacity to generate culture ant by inducing high levels of*

economic innovation and growth” (Scott apud Tucker, 2008, p. 22). Esse desenvolvimento viria de um investimento, cada vez mais perceptível nos grandes centros urbanos, na elaboração elementos que sejam economicamente competitivos para aquela região mas utilizando elementos culturais. Ou seja, nem economicamente nem culturalmente interessa um espaço unicamente global. A ideia do global/universal é como um grande palco onde cada um poderá apresentar suas façanhas sem que haja grandes barreiras políticas. Tal facto reflecte como cada vez mais as redes estão ficando complexas e o quanto o suposto projecto de modernidade não passou de uma construção que não encontrou conexão para construir uma ponte. Assim, através dessas redes, quais são as grandes alianças, as mais fortes, entre o espaço urbano, a tecnologia e nossas relações interpessoais?

Quando, na década de 1980, a tecnologia GSM – *Global System for Mobile Communication* – foi instalada anunciou-se um grande avanço na comunicação móvel. Ondas de rádio FM, de 900 ou 1800 megahertz efectuavam as trocas de informação. Nesse momento, todo território da área de cobertura de tais ondas estava ocupado e demarcado, subdividido em pequenas partes. O espaço que abrange estava tomado por tais ondas. Mesmo quem não possuísse um telemóvel àquela altura ocupava o espaço da rede de comunicação, então, de última geração. Quando as alianças são sólidas, sem que façamos o menor esforço as ideias começam a gerar novas ideias e estas novas outras ideias. O inventor não controla a proporção de abrangência da sua invenção. A tradução da tecnologia no espaço urbano é contínua, intensa e prolifera-se como os híbridos. Um exemplo mais actual, mas ainda que está conectado indirectamente aos telemóveis é o crescimento dos espaços de acesso a internet com conexão sem fio, o *Wireless*.

4. Tradução do espaço urbano – uma grande rede de colectivos desconectados

Estar ligado em rede é situação tradutora da contemporaneidade. Isso porque, segundo Latour, não somos homens puros ou máquinas puras, nem o médico nem o Frankenstein, estamos no *intermezzo*. Recentemente uma jornalista portuguesa, a pedido de uma revista, passou uma semana sem internet e telefone e relatou que se sentiu completamente desconectada do seu mundo, como se estivesse morta. Pensar que os inúmeros dispositivos electrónicos, alardeados como necessidade fundamental entre os homens, não traz mudanças a nível ontológico, é certamente um equívoco – que

infelizmente insiste em permanecer. É evidente um silêncio e uma mudança abrupta na convivência a partir da utilização desenfreada dos encantos da técnica.

Mesmo que não resumamos nossas relações a grande rede de redes virtuais, sem ela nos sentimos “por fora”, desplugados da vida. Ao mesmo tempo, compreender como se dá a nossa relação com a tecnologia é buscar quais são os elementos de ligação, reconhecer seus efeitos a curto e longo prazo, para que não cheguemos a dizer que a causa é toda das máquinas e as consequências só nós sofremos. Por não conseguirmos alcançar o que seria a realidade pura e simples desse facto, temos a tradução cultural como ferramenta para pensar o híbrido⁴⁰ como movimento de translação às nossas relações contemporâneas.

O papel da Antropologia contemporânea é trazer elementos substanciais as discussões sobre o homem e suas relações, suas redes. A palavra do tradutor etnógrafo não é um veredicto sobre a cultura (conceitos, processos, ligações). A ciência acontece na construção de factos e estes acontecem dentro de um processo colectivo. As redes estão em construção e re-elaboração constantes. O telemóvel, por exemplo: são necessários vários elementos, humanos e não-humanos para fazer funcionar essa rede; desde quem projecta os modelos, compra as ideias, fabrica o aparelho, distribui, opera os serviços, vende os aparelhos, consome e utiliza; além da matéria-prima e tecnologias adequadas a cada situação do processo. Sem falar em todo o contexto da comunicação que contribui para que os telemóveis sejam uma extensão da nossa vida prática, pessoal e profissional.

Tal situação apresentada sob o princípio simétrico, teria igual importância ao tratar tanto dos humanos quanto dos não-humanos, tendo em vista que ambos trabalham com a mesma força, de formas diferentes. Todo processo de tradução será um desvio. Todo híbrido é em si um desvio dos extremos, é mais um nó presente na rede global. Rede compreendida próxima do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995), em que os factos vêm a ser na transformação e as ligações estabelecidas na rede são parte de uma teia de significados, que envolve toda uma manipulação de interesses. Vamos seguindo pistas e traçando caminhos, mas sem elevar uma acção ou outra.

⁴⁰ Homi Bhabha é um autor que também utiliza o conceito de híbrido, ou melhor de hibridismo para discutir a autoridade colonial. O hibridismo para o autor “menos que um e o dobro”, é ao mesmo tempo condição e processo, capaz de provocar a autoridade colonial, tendo em vista que o estudo em que primeiro refere o termo trata de sua terra natal neste período, a Índia colonial, publicado na revista *Cultural Inquiry*, 1985. Contudo, a perspectiva de Bhabha sobre híbridos não é a que escolhemos para este estudo.

Em muito recente entrevista a uma das maiores empresas de comunicação das Américas, o grande pesquisador sobre a tecnologia e suas redes virtuais e o ciberespaço (apesar deste conceito já ser tido por alguns como obsoleto), apresentou a proposta de criação de uma grande aliança entre os usuários da internet – enquanto ferramenta de pesquisa - e a tecnologia: uma ferramenta de tradução universal. A proposta de Pierre Lévy (2009)⁴¹ é justamente criar uma linguagem universal que compreenda qualquer ideia em qualquer língua. Quase como criar uma linguagem matemática, mas que de facto possibilite a compreensão daquilo que se quer comunicar. Tal ferramenta resolveria o problema de fragmentação das informações que circulam na internet.

A linguagem que estou propondo pode ser traduzida para diferentes línguas naturais, e pode expressar classificações e ontologias de todas as áreas. Além disso, ela é criada originalmente de uma maneira na qual os computadores podem fazer várias operações utilizando esses termos. E não apenas operações lógicas, como raciocínio automatizado, mas também variações, rotações, conexões diferentes, como se uma expressão fosse um número. Desta forma, é possível fazer transformações geométricas com as informações em um espaço semântico. Essa é a idéia básica (2009, s/p)

Ou seja, aos moldes de Latour, dar vida a máquina para que ela possa funcionar e refletir sozinha. “Máquina como o nome indica, é, antes de tudo, maquinação, estratagemas, um tipo de esperteza em que as forças usadas mantêm-se mutuamente sob controle, de tal modo que nenhuma delas possa escapar do grupo” (2000, p. 212). Chamamos a ferramenta de Lévy de uma máquina gigantesca, que por sua complexidade de ligações, de alianças não seria fácil de controlar. Porém, devido ao crescimento espontâneo e gigantesco das fontes de informação na internet, seria um começo para organizar os ficheiros de busca de modo padronizado, independente dos outros modos de busca. Um dos pontos mais interessantes da proposta de Lévy (2009, s/p) é criar essa grande máquina a partir dos moldes de funcionamento do cérebro humano:

Para essa representação, podemos até repetir a imagem do cérebro e suas conexões, mas em vez de neurônios, temos ideias. No lugar da corrente elétrica entre os neurônios, teremos as relações semânticas de significado entre as ideias. Essas relações são criadas pelas ações dos indivíduos.

Como bem ressalta durante a entrevista, são essas relações semânticas que não conseguimos apreender, codificar facilmente. Mais uma vez há a necessidade de

⁴¹ Entrevista concedida em Agosto de 2009 ao Portal Globo News, da Rede Globo de Comunicações, Brasil.

observar quais são as alianças que temos feito, quais são os laços que estão mais firmes na nossa relação com a internet. O que o pesquisador consegue identificar como produto e produtor dessa relação é a inteligência colectiva. Quanto mais complexificamos a nossa relação com a rede mais complexificamos o nível de informação e compreensão. Porém essa ferramenta que traz como proposta ser uma chave-mestra, quase o fogo de Prometeu, não seria a materialização dessa inteligência, mas o ponto de convergência das forças que trarão a nova revolução do conhecimento.

Nessa perspectiva ele afirma que,

A representação real da inteligência coletiva não pode ser feita dessa forma, e sim por um mapa qualitativo, que mostre o fluxo de conceitos, ideias, assuntos e tópicos pela rede, e que tipo de relação semântica as pessoas estão criando - por meio de seu comportamento coletivo na internet (2009, s/p).

De facto é mesmo complexo identificarmos que tipo de relação semântica ocorre na internet, pois a linguagem virtual é desprendida de outros meios de tensão e reflexão que uma conversa pessoal impõe. Não só pelo facto de criarmos personagens, mas por criarmos um mundo a parte. Acompanharemos o desenvolvimento da ferramenta de Lévy, mas desde já sublinhamos a forte aliança entre a comunicação e a tecnologia, não na busca pelo entendimento mútuo, mas como forma de pistas do itinerário da complexa máquina a qual nos referimos.

A constatação dessa forte aliança é apenas um dos possíveis pontos de observação. Uma das formas de translação que podemos observar é quando as empresas começam a oferecer os serviços de acesso à internet fazendo com que percebamos os seus serviços como nosso interesse. O projecto de expansão do Wi-Fi trata-se de uma séria questão urbana, que é tomada como um passo natural no desenvolvimento das cidades, mas é negligenciada como questão política. Para Makenzie,

As the data flows across many boundaries, they encounter many differences relating to global-local, individual and collective identity, political participation, media, economy and technologies. A phantasmagoria of critical new media consciousness, Wi-Fi, as a constellation of attempts, projects, experiments, marketising initiatives and regulatory policies, generates constantly varying forms (2004, p. 06).

Seria então possível através da tecnologia Wi-Fi mapearmos a cidade de forma ampla e complexa, ou seja, não apenas geograficamente, mas também política, económica e socialmente? De toda forma, essa tecnologia requer que façamos uma nova adaptação do espaço urbano para que ela funcione e as informações digitais fluam mais facilmente.

Ao mesmo tempo que nossas relações também irão adaptar-se a mais esse movimento de translação da tecnologia: tomaremos para nós o interesse de comercialização e expansão dos negócios da tecnologia Wi-Fi como benefícios expandidos a nossa comunicação.

Uma leitura apressada da tecnologia da comunicação e suas ligações, faria-nos percebê-la como um grande sistema em que muitos elementos estão reunidos por interesses comuns. Um olhar mais a fundo mostra-nos que nem sempre os interesses são comuns, pois a própria ideia de que tais interesses convergem é construída como qualquer outro facto – como referem as ‘caixas pretas’ de Latour. Nesse ponto de manipulação e de desvios observamos como actua a tradução e como apenas nela podemos observar os movimentos. Pois, é através dos movimentos/alianças que melhor reconhecemos que também há elaborações induzidas na ciência.

Nas alianças que fazemos, há uma proliferação constante do uso da internet. Incentivada de todos os lados, utilizada como ferramenta de primeira utilidade. Afinal, é como se um estudante andasse com uma biblioteca portátil. O que seria dos cientistas sem a grande rede para pesquisarem artigos científicos actuais? Para trocarem ideias em sites de relacionamento e exporem suas reflexões em sites pessoais. É como se estivéssemos acompanhados, com nossos seguidores e seguidos sempre a mão. É como se aquele aparelho ligado em rede nos conectasse com o mundo real e daí nos fizesse sentir mais ligados, pois “somos todos multicondutores e podemos largar, transferir, deflectir, modificar, ignorar, deturpar ou adoptar as alegações que precisem de nossa ajuda para disseminar e durar” (Latour, 2000, p. 232). A tecnologia dá-nos os braços, as pernas, os outros cérebros que gostaríamos de ter. Será que a alimentamos numa perspectiva de duplo⁴²? –

Todavia, nessa perspectiva de duplo ou híbrido, reconhecemos a importância de não observarmos quaisquer objectos de estudo de modo dicotómico, ressaltando seus pólos, pois será na desordem que identificaremos os “nós górdios” das nossas questões. Por isso, para voltarmos nosso olhar às questões que emergem da relação híbrida entre cidade, indivíduos e tecnologia – ou mesmo entre a cidade e os colectivos – precisamos exercitar a flexibilidade no olhar e a multiplicidade de ferramentas metodológicas que

⁴² Lembrando do filósofo Clement Rosset, não seria a criação do duplo a negação do real por excelência?

forem possíveis, na tentativa de reconhecermos parte do papel que a tecnologia exerce sobre nós e sobre nosso desejo de cidade. Assim, a seguir será apresentada nossa proposta metodológica, assente na ideia de um espaço urbano de fluxos, híbridos, colectivos, mais especificamente, nos híbridos que estão a multiplicar-se através dos usos da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto.

**CAPÍTULO V: ITINERÁRIOS ESCOLHIDOS PARA ESTUDAR A REDE
URBANA DO PORTO**

*“O problema não é se as máquinas pensam,
mas se os homens fazem” (B. F. Skinner)*

1. Princípios para uma etnografia do quotidiano

A Antropologia tem a marca do trabalho de campo – faz parte da mitologia da disciplina, dizia Mariza Peirano (1995). Assim, por mais que tenham ocorridos ímpetus teóricos em detrimento do campo, tal como visto nos trabalhos de Claude Lévi-Strauss, os demais nomes célebres da história da disciplina continuaram a voltar-se para a etnografia como a base fundamental da Antropologia. Com efeito, mesmo os trabalhos de Lévi-Strauss, estão sempre fundamentados nos trabalhos etnográficos de terceiros⁴³. Bem, isso não significa que a Antropologia sempre esteve sob um terreno sólido: Houve diversos momentos em que foi questionado ora o trabalho etnográfico ora as conclusões acerca do mesmo. Ademais, com o conhecimento dos quatro cantos do mundo, muitos pensaram: Para que realizar um trabalho etnográfico? Afinal, já conhecemos tudo que existe, os homens já estiveram em toda parte. Imersa nessa discussão, Peirano demonstrará a importância de não abandonar o trabalho etnográfico, de buscar no mesmo as referências maiores da Antropologia – por isso declarava-se “a favor da etnografia”⁴⁴.

Para Lévi-Strauss, ao contrário da etnografia, o que marca de facto o trabalho antropológico é o olhar sob o diferente – e esse diferente, tal como preconizava, sempre vai existir: Por vezes, numa situação de multiculturalismo global, é bem fácil encontrar a diferença numa mesma cidade, num mesmo bairro, numa mesma rua. Entretanto, para além de encontrar ou priorizar qual seria a marca fundamental da Antropologia? O

⁴³ Claude Lévi-Strauss (1955) escreveu apenas um trabalho de cunho etnográfico, trata-se de seu livro mais célebre: *Tristes Trópicos*. Ainda assim, não se considera que o mesmo tenha feito uma pesquisa de campo intensiva, afinal, a obra discorre sobre uma viagem por diversas regiões do Brasil, não se tratando de uma estadia prolongada (tal como preconizam os antropólogos como algo fundamental para realizar trabalho de campo mais denso).

⁴⁴ Título de um dos seus trabalhos mais importantes, 1995.

trabalho etnográfico ou o olhar sobre a diferença, é mister pensar na contribuição de ambos. Sendo o primeiro, a marca metodológica, e o segundo, o fomentador maior das discussões teóricas. A obliteração de qualquer um desses dois pontos trás o enfraquecimento da disciplina e, conseqüentemente, a produção de Antropologia sem os fundamentos necessários.

Cabe agora delinear de que forma a etnografia surge e estrutura os métodos na Antropologia, construindo aqui uma sucinta História do trabalho etnográfico a partir de linhas gerais para que possamos atingir nossa preocupação primeira: o olhar etnográfico no quotidiano, atitude maior deste trabalho. Ou seja, trazer a discussão que perpassa a historicidade da Antropologia para dentro de uma perspectiva do dia-a-dia – tal como preconizava Michel de Certeau.

1.1 Do trabalho de campo intensivo – a cidade fragmentada

De acordo com James Clifford, Bronislaw Malinowski ficou conhecido por substituir o antigo “*man on the spot*” pela presença do próprio antropólogo entre os nativos. A ideia de que para podermos apreender do campo era necessário estarmos nele, vivenciarmos, tentar com que nos sentíssemos como um nativo. Mas o trabalho de campo na Antropologia não teve modelo definitivo. O próprio sentido que imprime a etnografia não permite tal inflexibilidade. Ao mesmo tempo, para não ser duvidoso, o trabalho de campo pede uma dedicação maior do etnógrafo no planeamento da abordagem do campo, no que irá considerar como dados para sua pesquisa e com que sensibilidade irá analisá-los.

O principal trabalho de Clifford Geertz⁴⁵ tenha chamado bastante atenção ao apontar para a necessidade de uma descrição densa do campo, quase um avessar e escavar, pois o campo tem algo a dizer sempre e o etnógrafo é o intérprete dessa fala, literalmente, inclusive. Conhecer a língua, os costumes, a cultura, como uma forma de tornar verosímeis as observações acerca de um grupo diverso do nosso.

Assim, a Antropologia está sempre a renovar-se, bem como o trabalho etnográfico e as formas de abordagem do campo. João Pina Cabral aponta algumas das mudanças de paradigma do trabalho de campo, principalmente influenciado pelas transformações

⁴⁵ Estamos a referir “*The Interpretation of Cultures*”, publicado originalmente em 1973. Muito embora estejamos a nos basear na tradução brasileira da mesma obra publicada em 1978 pela editora Jorge Zahar, do Rio de Janeiro.

socioculturais sofridas pelo continente europeu na segunda metade do séc. XX e que perduram até o tempo presente. Muitos novos métodos e teorias foram desenvolvidos e aplicados com a ideia de explorar ao máximo as capacidades e relevância dos estudos antropológicos. Diante disso, nos dias de hoje, “o etnógrafo apenas pode pretender produzir uma síntese mais satisfatória uma etnografia mais *user-friendly*, uma abordagem mais complexa e sofisticada” (Cabral, 1991, p. 44). Ou seja, diante de todas as tentativas para fortalecer as compreensões teóricas e empíricas para a Antropologia não há como um etnógrafo ter a pretensão de abordar um tema em toda sua amplitude, mas sim apontar relações relevantes e pouco faladas na tentativa de dar ao tema uma outra perspectiva.

O estudo etnográfico aqui apresentado está muito distante da ideia de que a Antropologia só acontece se realizada fora do seu país, em condições muito desgastantes e difíceis – onde não seria possível passar férias – ou mesmo que houvesse a necessidade de se tornar quase especial como sugeria Evans-Pritchard (1951). Mesmo porque, não há uma separação do etnógrafo entre a sua cultura e a que estuda, há sim diferenciações. São essas diferenças que o etnógrafo persegue, pois a partir dessas diferenças ele poderá tentar traçar uma estratégia de compreensão do seu sujeito de estudo.

As suas percepções sobre o tema são construídas pela forma como vê o seu campo e pelo modo como decide abordá-lo. Assim, as considerações sobre o problema que elaborou não são apenas frutos do trabalho de campo, mas também da instituição a qual esteve vinculado para a pesquisa, das teorias que escolheu, enfim dos itinerários que percorreu, sem que isso esteja focado numa ideia de experiência de vida. Daí a impossibilidade de fazer-se uma *tradução fiel*⁴⁶, de encontrar um método infalível ou filiar-se a teorias irrefutáveis na busca pela interpretação profunda, quase um retrato do que seria o real ou a verdade.

A ideia da diferença para a Antropologia é hoje seu ponto estruturante de maior força. Desde a afirmação de Levi-Strauss de que enquanto houver diferença haverá Antropologia, até aos novos rumos que o trabalho etnográfico tomou devido a diversas mudanças históricas e a abertura interdisciplinar da Antropologia, hoje muito mais

⁴⁶ Tal ideia é desenvolvida por João de Pina Cabral, no cap. II de “Os contextos da Antropologia”, 1991.

ampla do que a Antropologia social poderia presumir. Com essa ideia a pesquisa antropológica não estaria mais tão restrita, nem teórica, nem metodologicamente. Para Pina Cabral, “Por virtude do mergulho que o antropólogo efectua num novo mundo cultural determinado, ele é necessariamente forçado a ver a sua própria cultura como ‘diferente’; assim, também a sua sociedade torna-se um potencial objecto de estudo” (1991, p. 53).

Isso porque, mesmo que a cidade escolhida para este estudo⁴⁷ não seja a minha cidade natal ou de habitação fixa, o tema em questão e as condições em que o trabalho fora realizado – habitando ao Porto durante quase 3 anos, vivenciando a cidade de forma deveras similar ao que os cidadãos estudantes portuenses o fazem – criaram também uma aproximação que merece ser esclarecida. Mesmo quando um tema nos pareça indubitavelmente próximo ao pesquisador isso não exime a sua capacidade de estudar, compreender e apontar, mesmo dentro de uma perspectiva antropológica.

Ao contrário, conforme aponta George Marcus (1995), reconhecer a necessidade de renovar as práticas metodológicas para o trabalho de campo pode trazer ricos resultados e ampliar as discussões etnográficas para as dimensões actuais sem seguir caminhos envelhecidos que já teriam como destino conclusões óbvias. Não apenas Marcus, como Bruno Latour – conforme apresentado anteriormente - testaram caminhos pouco utilizados pela etnografia, mas que demonstraram possibilitar uma “consciência aguda” sobre o tema que esteja em questão. Tal consciência possibilitaria que fizéssemos associações com maior percepção da rede que envolve o trabalho de campo.

Numa preciosa discussão sobre o trabalho etnográfico, em seu reconhecido artigo *Multisited ethnography*, Marcus fala-nos sobre ultrapassar as fronteiras, buscar os fios que devemos pegar e aqueles a soltar, uma etnografia estrategicamente multisituada, reconhecendo as redes em que estão interligados os actores da pesquisa. Mas ao mesmo tempo em que ela dá-se de modo multisituado, considera a busca não apenas pelos itinerários, mas também pelos pontos de encontro desse caminho, pelas alianças que se mostram mais significativas aos olhos do pesquisador. O objectivo de escrever sobre a urgência de uma nova abordagem do campo foi buscar agregar os novos elementos que então emergiam como indissociáveis da etnografia, mais precisamente, a existência de

⁴⁷ Fora escolhida e ao mesmo tempo o próprio estudo fora escolhido pela cidade, diante das condições para realização de uma pesquisa de campo mais significativa.

“new spheres of interdisciplinary work, including media studies, science and technology studies, and cultural studies broadly” (Marcus, 1995, p. 95). Ou seja, uma forma de adaptar o trabalho de campo as necessidades do contexto, hoje com um campo muito mais complexo.

O trabalho de campo não estaria dissociado do mundo em que se insere, assim, não poderia desconsiderar os movimentos que assiste ao seu redor. Numa perspectiva multisituada, cada trabalho de campo realizado é parte de um grande estudo cultural global. O desenho formado pelo itinerário de cada pesquisa etnográfica estará interligado a outro e assim por diante, enfim, o campo da etnografia não se basta no local de pesquisa. De forma mais específica, Marcus afirma que *“for ethnography, then, there is no global in the local-global contrast how so frequently locked. The global is an emergent dimension of arguing about the connection among sites in a multi-sited ethnography”* (1995, p. 99). O campo de pesquisa não é um ponto disperso dentro de um conjunto de teorias e métodos de uma ciência.

A construção de tal desenho também não se daria de forma linear, definindo os itinerários a seguir e caminhando. Isso não seria possível porque o campo de pesquisa é fragmentado, naturalmente mutável e por isso não abre lacunas ao controlo. Deixar-se caminhar é uma condição primeira para aquele que pretende reconhecer na cidade uma fonte de apontamentos para as suas questões. Caminhar sem um destino pré-estabelecido, mas sempre com os seus questionamentos em mente, ao passo que o investigador permita-se invadir pela cidade, antes de fazê-lo. Digo isto, pois, quando pensei que eu havia escolhido a cidade do Porto para habitar por um período definido, fui tomada pelo sentimento contrário ao pisar em território portuense. A constatação de que os planos não se mostram tão fáceis de cumprir – é como se as cidades escolhessem-nos.

Pois o contexto de pesquisa abre possibilidades e acaba por transformar o objecto de estudo, o campo e o pesquisador. Bem como, viver numa cidade distinta, leva-nos a olhar de modo novo para a nossa cidade anterior. Digo nossa, pois naturalmente apossamo-nos do espaço que nos rodeia, tomamos como nosso na tentativa de sentir qualquer segurança mínima necessária a nossa sobrevivência. Um comportamento típico de reconhecimento do território. Mesmo que a todo tempo, eu tenha sido estrangeira como habitante da cidade e como pesquisadora do meu tema. Por mais que o etnógrafo

busque uma aproximação, renegue-a e depois erga a bandeira da imparcialidade, depois volte atrás, enfim, sua condição de estrangeiro possibilita que ele não apenas narre o que observa, mas construa críticas e se permita caminhar pelos novos lugares que o campo apontar. Seria então um estrangeiro no sentido da sua curiosidade acesa, mesmo que não vá usar o olhar de contemplação como ponto de partida, mas vá com cuidado, como quem pisa num território ainda não explorado.

A etnografia que caminha livremente, focada apenas nas suas questões pode adaptar-se mais facilmente as intempéries do campo, bem como as suas surpresas, possibilitando ainda uma visão de inter-relação dos locais de pesquisa. Dessa forma, podemos estabelecer as alianças de que nos fala Latour (2000), reconhecer nesses pontos de encontro os nós górdios das questões que nos colocamos, desmontando as caixas-pretas.

De modo mais específico, a

multisited research is designed around chains, paths, threads, conjunctions, or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicit, posited logic of association or connection among sites that in fact define the argument of the ethnography (Marcus, 1995, p. 105).

A esse mapa etnográfico, ou desenho, como chama o autor, acrescentamos o olhar do Ícaro em busca de uma visão do todo, para depois mergulharmos nas práticas quotidianas da cidade. Olhar para a cidade é também exercitarmos um distanciamento, estarmos fora para estarmos dentro. Um exercício para que possamos sair das vivências urbanas para melhor entendê-las. Para Certeau é a vista da cidade-panorama, onde o deus *voyeur* espreita os movimentos urbanos lá do alto, onde seu olho foca de longe pois dentro dela não conseguiria vê-la. Isso porque, é como se

Uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajectórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece quotidianamente, indefinidamente, outra (1994, p. 171),.

Desse modo, a ideia de permanecermos um estrangeiro durante a observação da cidade auxilia na percepção da mesma.

As comparações são inevitáveis. A nossa escolha para mudança fora de cidade, mas e, conseqüentemente, de país. E com isso, uma mudança brusca de e percepção do mundo acabaram por se manifestar. Sendo assim, por mais que a diplomacia nos leve a afirmar

que Brasil e Portugal são nações irmãs, apenas a vivência em cada um dos territórios nos faz enxergar situações diversas.

Ainda não faremos aqui as comparações breves entre a cidade do Porto e a cidade do Recife, mas já gostaríamos de indicar que elas são importantes para a percepção de nosso eixo de análise, que não trará quaisquer afirmações definitivas, mas simplesmente apontamentos significativos para repensarmos a relação com o espaço urbano dentro de um contexto tecnológico.

Portanto, nossos anseios etnográficos foram permeados pela busca de um caminho e posteriormente do objecto mais claramente definido. Não podemos dizer que este seja o melhor caminho, mas que foi o meio mais adequado e que se mostrou estimulante ao longo do trabalho: tratar o campo como território híbrido, complexo e também meu parceiro.

Conforme estudos de Canevacci e sua cidade polifônica, é preciso “querer perder-se, aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado”. Portanto, ser levado pela cidade. Desde já, destacamos o encontro da polifonia com a etnografia multisituada. A segunda, já foi explicada. A primeira, “significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular, comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autónomas que cruzam” e a todo momento, “relacionam-se sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam” (1993, p. 17). São essas vozes que seguimos, mesmo no silêncio da cidade do Porto, fomos atrás de outras formas de comunicar e assim tentar perceber o que essas pessoas estão a dizer.

Portanto, numa perspectiva oblíqua desenvolvemos a nossa relação com o campo, com uma máxima aproximação e máxima distância, sentindo a cidade, vivendo-a e sofrendo-a. Apenas morando e vivenciando o Porto podemos aproximar as possibilidades da compreensão da melancolia, da saudade que parece nascer imbricada na alma de cada cidadão. A saudade tão exaltada pelos portugueses passou a ser também nossa companheira e nesse sentido o “afastamento” do observador em relação as próprias referências culturais acabou por me aproximar do “sentimento” que acaba por ser transversal no tempo dos portugueses, assim, as memórias biográficas, posteriormente apresentadas, acabarão por elaborar mapas urbanos invisíveis a outros olhos.

Além das ideias acima reflectirem a referida obra de Canevacci, uma outra afirmação desse mesmo autor elucida sobre as dificuldades para encontrar um modelo adequado aos estudos da tecnologia na cidade dos dias de hoje: “a coisa mais opaca de nossa cultura contemporânea é a que nos é mais familiar justamente porque nos envolve directamente com toda a vida quotidiana, bem como a onírica” (1993, p. 30). Por mais que tentemos manter uma distância do objecto (e simultaneamente sujeito) de pesquisa, estamos submersos no mundo em que a maioria das acções de cada dia depende cada vez mais dos avanços tecnológicos, principalmente aquele que podemos dispor mais facilmente, a qualquer momento, os portáteis.

E nos momentos em que as dificuldades para delimitar o campo emergiram insistentemente, lembramos que não compreendemos uma cidade, ou as cidades a partir de um todo, mas a partir dos resquícios que colhemos na relação com elas. E dessa forma, podemos perceber as inter-ligações, pois a cidade religa, constrói as pontes entre os mais distintos elementos.

Os lugares ou estabelecimentos mais frequentados são bastante elucidativos do que motiva ou movimenta a cidade. No caso do Porto, seus cafés, centros comerciais, as praças. Lugares tão comuns em diversas cidades do mundo, mas com personagens tão particulares, observáveis pelo voo e queda de Ícaro e pelo passeio nos itinerários definidos só poderiam ser realizados a partir de ferramentas de carácter qualitativo.

2. Da pesquisa qualitativa

Sobre a pesquisa qualitativa como metodologia podemos afirmar que é a base desse estudo e apesar de já estar deveras justificada a sua presença nos trabalhos etnográficos, podemos acrescentar a sua importância única para agregar valor aos estudos nas ciências sociais.

De acordo com Weinberg (2002, p. 26),

The image of the trader serves further to remind us of two facts central to qualitative research: (1) that as traders we most certainly owe a debt of exchange to those who allow us into their lives and worlds; and (2) that though we will very likely find a great deal that is interesting and unusual in the course of our travels, these discoveries will inevitably be viewed as variously ‘trade worthy’ by our friends and colleagues back home.

É provável que esta pesquisa multisituada desvele um pouco mais de cada canto da cidade, na perspectiva dos usos da tecnologia, do que nos dá adivar com uma visão

intensa de um só ponto. Por isso, as viseiras que não permitem a saída de um trajecto linear não são acessórios adequados a um pesquisador, ávido por saciar seus anseios de conhecimento.

No processo de construção intelectual do objecto antropológico em meio às tendências e pensamentos da moda, o papel do antropólogo traz uma perspectiva distinta por ter seu olhar voltado para a alteridade. Logo, ele estaria repensando a si próprio, sua identidade, seus hábitos, sua cultura, como exercício primeiro diante do diferente. Contudo, os “outros”, que interessam ao antropólogo de hoje, são fortemente distintos dos nativos de outrora. Se antes facilmente esse pesquisador percebia um colectivo de “outros”, grandes grupos étnicos, no actual contexto, o “outro” chega a ser quase intimista. O que vamos buscar na alteridade é também uma referência de nós mesmos, do pesquisador enquanto indivíduo.

2.1 A seguir os itinerários das metodologias para pesquisas sobre a cidade

Os estudos sobre Antropologia urbana têm acabado por “des-teorizar” a cidade. Geógrafos, arquitectos, engenheiros, sociólogos têm conseguido uma voz mais activa para os temas relativos às urbanidades. Essa interdisciplinaridade permite que observemos o urbano mais como um processo do que como uma categoria. E nessa perspectiva, Setha Low afirma que

Theorizing the city is a necessary part of understanding the changing postindustrial, advanced capitalist, post modern moment in which we live. The city is not the only plane where these linkages can be studied, but the intensification of these processes occurs and can be understood best in the cities (1996, p. 384).

Os temas específicos da Antropologia urbana estão de acordo também com os interesses locais. Por exemplo, no Japão há um interesse maior na organização do trabalho; na América Latina, na organização das periferias; na China, pelas hierarquias urbanas, e assim por diante.

Ainda quanto a estudar a cidade através de uma perspectiva tecnológica, Low (1996, p. 386), esclarece sobre outros estudos realizados dessa maneira e ainda ilustra que *“Peattie identified foreign capital investment and Rabinow identified the power/knowledge of the Technologies of planning and architecture as antithetical to*

producing a humane environment for local populations and workers". Ou seja, há diversas possibilidades de olhar a cidade, ela tem múltiplas formas, como se olhássemos através de um caleidoscópio.

Numa perspectiva mais próxima dos problemas étnico-sociais, Loïc Wacquant fala do hipergueto e da segregação espacial das cidades que possibilitam a seguinte classificação: a) *gendered city*, cidades femininas, assim chamadas por serem facilmente representadas por suas características de fraca, oprimida, excluída e pobre, em que as cidades e seus itinerários são observados a partir da figura feminina e suas implicações (trabalho, família, lazer, obrigações religiosas); b) a cidade contestada, onde o foco está em observar os protestos, as formas de contestação da condição urbana de alguns cidadãos; c) a cidade global, em que as forças económicas demonstram mais poder (ou peso) que as políticas locais, mais precisamente, "*world city has also been used to describe the changing economics of large, central cities from a world systems perspective*" (1996, p. 393); d) cidade informacional, onde a pesquisa irá focar o local para reflectir o global e assim discutir a complexidade cultural e assim oferecer "*another version of an informational society based on cultural flows organized according to states, markets and movement*" (Idem, p. 394), a cidade será o centro, o ponto de partida; e) a cidade moderna, como Brasília, projectada para a contemporaneidade; f) a cidade pós-moderna, deslocadas do que as cerca, um híbrido de reais e fantásticas, como a Disney (representando um local) ou Hong Kong.

Logo, as possibilidades são vastas. Contudo, é preciso pensar que problema urbano pretende-se investigar? Quais são as suas implicações? De que maneira será possível trazer contribuições para as discussões da Antropologia urbana contemporânea? Pensaremos nestes aspectos a seguir.

2.2 O debruçar num terreno híbrido: a problemática

Que aspectos são importantes para estudarmos os usos da tecnologia na cidade? Um foco que não se fixe nos aspectos micro ou macro, mas que possamos deixar que o campo mostre-se, apresente num segundo ou terceiro momento, numa segunda ou terceira estratégia de pesquisa, o que ele tem a dizer-nos. Dessa forma, vamos olhar para as alianças que se formam entre nós e a tecnologia nos arranjos das práticas quotidianas. Qual a ideia de aliança de Latour? De Tradução, movimento de translação.

Por isso, seguimos uma rede de aspectos que se inter-relacionam através da tecnologia, formando uma teia de significados que se renova a partir dos movimentos de translação dessa tecnologia. Porque para uma prática em rede, o pesquisador deve seguir esta rede e elaborar sua própria rede de significados.

Quais são as cadeias que se formam na cidade do Porto a partir da tecnologia? Cadeias, trajectórias, enfim, a estratégia de situar a etnografia está em fazê-la **multisituada**. Isso porque a tecnologia não envolve apenas um aspecto, para chegarmos ao seu uso, passamos pela sua produção, pela criação de suas necessidades, pelas mudanças que sofre, enfim, são múltiplos os caminhos. Dessa forma, podemos apreender alguns sentidos da tecnologia seguindo seu próprio itinerário repleto de interconexões.

Seguir experiências individuais para apreender os sentidos que a primeira vista não vemos. Observando as particularidades de um todo para melhor compreendê-lo. A relação com a tecnologia é com o objecto e com os seus recursos, com a ideia de partilhar da sua vida através de uma rede, seja oferecendo/demonstrando seus serviços, compartilhando informações pessoais, percepções da vida, do quotidiano.

Para George Marcus, os textos etnográficos acompanham o desenvolvimento/mudança/transformação da cultura, economia e política. É preciso uma perspectiva actualizada para a reflexão teórica e conseqüentemente para a etnografia. Fazer etnografia é deixar que o campo se mostre, permitir que ele fale através de seus elementos estruturantes. Portanto, a voz do campo não limita-se ao que “falam” os interlocutores, pois ele comunica-se também através dos objectos, dos factos, dos seus hábitos.

Explorar o campo numa perspectiva de sistema: a estratégia de abordagem do campo deve estar adaptada às suas mudanças por isso, usar um único modelo de trabalho etnográfico seria fechar portas para o próprio estudo. Desse modo, este trabalho é baseado também nas ideias de Marcus sobre a etnografia,

la secuencia narrativa y los efectos de la simultaneidad, hacen que el etnógrafo trate en un texto simple de representar lo múltiple, las interdependencias de lo local, así como de explorar, etnologicamente, las actividades inmersas en ello (1986, p. 242).

A cidade é o próprio laboratório em que nos debruçamos, a fim de inquietações, mais que respostas. Desse modo, investigamos quais os movimentos da cidade em relação a

tecnologia? Qual a montagem do Porto e como o cidadão portuense constrói/reconstrói sua identidade frente ou junto à tecnologia?

3. Dos eixos estruturantes da pesquisa: o poder público, os usuários e os espaços de tecnologia Wi-Fi

Com base nos aspectos metodológicos apresentados anteriormente, definimos três eixos para a recolha dos dados da pesquisa. Mesmo que não estejamos com o olhar fixado, apenas a esses três espaços, eles foram o ponto de partida para realizarmos o nosso trânsito pela cidade. De acordo com Marcus, podemos definir as nossas multi-localidades tendo por fio condutor os itinerários. Estes são classificados como a coisa, a metáfora, o lote ou alegoria, a vida ou biografia e o conflito. Escolhemos para falar da cidade e sua expressão tecnológica o poder público – representado por seus projectos e acções direccionados a expansão tecnológica na vida dos cidadãos portuenses – os usuários dos espaços de acesso gratuito a rede de internet e as empresas que ofertam os serviços de *hotspot*.

Os eixos estão inter-ligados de forma íntima, pois o poder público pensa a oferta de espaços gratuitos de acesso, enquanto as empresas de *hotspot* ofertam os serviços que serão usufruídos pelos cidadãos. Não há claramente, a princípio, um determinante nessa relação, uma força maior, nem buscaremos isso. Há nessa tríade uma relação que demonstra explicitamente como a cidade pensa, actua e vivencia a tecnologia e como essa vivência interfere nas suas relações inter-pessoais. Bem como, de que modo essa relação interfere no desenvolvimento urbano, na elaboração quotidiana da cidade, no fazer contínuo, refazer-se, repensar-se, sem que haja sempre uma consciência explícita de seus direccionamentos.

Os estudos sobre a tecnologia dentro do espaço urbano não são tão escassos. Alguns já questionam de que modo os usos da tecnologia tem interferido nas relações pessoais, mas cada cidade em que estudamos tal aspecto nos dará novos apontamentos. A seguir, serão justificados cada um dos eixos escolhidos.

3.1 O Poder Público

O olhar debruçado nas acções do poder público esteve focado nos projectos desenvolvidos e aplicados pela Câmara do Porto, os quais dão prioridade a acessibilidade ou inserção da tecnologia na vida dos cidadãos portuenses. Porém, o foco

está nos acessos a Internet de modo gratuito em distintos pontos da cidade, bem como em demais projectos ligados a educação.

Na cidade do Porto a tecnologia Wi-Fi faz parte de uma proposta de socialização do acesso à internet gratuita, proposto pela Associação Porto Digital. Antes de apresentar no que consiste o proposta, já em execução, cabe melhor conhecermos do que se trata a tecnologia Wi-Fi. O termo refere-se “a produtos e serviços que respeitem o conjunto de normas 802.11 criado pelo *Institute of Electrical and Eletronics Engineers (IEEE)*” e foi utilizado no mercado a primeira vez em 1999, quando da criação da empresa *Wi-Fi Alliance*⁴⁸. Nos releases de divulgação do seu produto a *Wi-Fi Alliance* menciona o termo “*Wireless Fidelity*”, e também ao *Hi-Fi*, tecnologia indicativa de qualidade em aparelhos de som. Por conta da popularização do produto os computadores portáteis passaram a trazer obrigatoriamente um hardware adequado para sua utilização – comumente o WLAN.

O produto funciona da seguinte forma: uma empresa compra os direitos de transmissão das ondas que serão emitidas até determinadas extensões de terreno e assim oferece o serviço aos usuários. Desse modo, onde houver a tecnologia Wi-Fi disponível, qualquer usuário poderá aceder a Internet de modo gratuito a partir de qualquer dispositivo móvel.

O acesso a Internet significa a abertura de um novo mundo, é possível conhecer e reconhecer diversas culturas, possibilidades de vivências, participar de redes de relacionamento, descobrir diferentes modos de ocupação até mesmo remunerada, além de um campo de infinita possibilidades, tanto que contribuem quanto que criem obstáculos para a vivência saudável do quotidiano. Todos os dias nos jornais e revistas electrónicas, além dos blogs (espécie de diário virtual) vemos notícias e pequenas reportagens sobre a influência da Internet no dia-a-dia. De facto, é estranho pensarmos a nossa vivência longe do acesso a *World Wide Web*. Falamos com sócios, parentes, amigos, amores, desconhecidos, acedemos a um campo infinito de conexões, do qual a cidade do Porto optou, enfaticamente, por participar.

⁴⁸ Para saber mais, consultar <http://www.wi-fi.org/>.

O que vem acontecendo na cidade do Porto é parte de um grande projecto chamado Portugal Digital que reúne os principais pólos do país com o intuito de promover a interação cultural, social e económica. Mais especificamente,

O que se pretende com o projecto Porto Digital é contribuir decisivamente para uma alteração estrutural no modo de funcionamento e no modo de estar da cidade do Porto face aos desafios do mundo moderno. Reconhecendo a dificuldade desta tarefa, que não poderia ser mais ambiciosa, seleccionaram-se quatro pontos fundamentais onde se pretendem obter resultados mensuráveis através de uma actuação focada na componente digital:

- Educação - dar um salto qualitativo ao nível das infraestruturas de suporte à utilização das TICs na educação cobrindo todo o percurso desde o ensino básico até ao ensino universitário e aos laboratórios de I&D.
- Emprego - aumentar a competitividade do tecido empresarial da Cidade do Porto e torná-la mais atractiva para o investimento externo.
- Burocracia - reduzir a ineficiência e aproximar os cidadãos da Administração Pública.
- Qualidade de vida - melhorar a qualidade de vida urbana dos habitantes, trabalhadores e visitantes da Cidade do Porto. (2004)⁴⁹

Nesta perspectiva, o projecto reconhece a importância da tecnologia da informação para a ampliação das redes de relacionamento, das redes de acesso ao conhecimento e aposta de forma incisiva no potencial construtivo das TIC, para a ciência, cultura e sociedade. A partir de uma busca detalhada é possível identificar um intuito mais específico do projecto, que parte da utilização e dinamização da internet: a diminuição das diferenças sociais, no que diz respeito a oportunidade de acessos a informação e a aproximação social, numa busca por “equilibrar” essas diferenças. Para tanto foram desenvolvidos seis subprojectos que estão destinados a tratar de cada parte de interesse do projecto, devido a sua amplitude. Esses subprojectos consistem em: infra-estrutura, dinamização (referente às comunidades), acessibilidades, *e-Government*, sectoriais (áreas sectoriais do emprego, economia e cultura), e por fim, acompanhamento e gestão.

De modo ainda mais específico, os 53km de fibra óptica⁵⁰ representam a grande teia que se formará no subsolo da cidade, como uma raiz que sustentará virtual e realmente o

⁴⁹ Através da página www.portodigital.pt é possível conhecer as principais informações acerca do projecto, bem como identificar seus parceiros, colaboradores e as acções em curso.

espaço urbano. Tal sustentação, estará, através de ondas transmitidas por rádio-frequência, presente em toda extensão urbana, em todo plano físico de mobilidade de seus cidadãos, no aspecto concreto, bem como, metafísico, interferina percepção de mundo, principalmente daqueles que irão crescer nessa atmosfera. E qual é a proposta desse mundo que é replantado a partir da fibra óptica?

Para o poder público, promover acções de inclusão digital na cidade é uma forma de promover-se, promover a cidade e ao mesmo tempo, manter-se actualizado às tendências dos grandes centros urbanos. As cidades da União Europeia colaboram entre si, ao mesmo tempo que as mais desenvolvidas servem como exemplo ou parâmetro competitivo para as demais. Mesmo que a cidade do Porto não traga ares cosmopolitas nos seus cartões postais, o poder público procura mantê-la dentro dos altos padrões competitivos, ao menos no que diz respeito a projectos de abrangência local, mas com perspectivas internacionais.

Antes do mais, vale esclarecemos que as acções do poder público não serão expostas como grandes feitos para a população do Porto. Serão colocadas dentro de um contexto de investimentos nas ferramentas mais usuais para a comunicação a partir da tecnologia de ponta, bem como na construção de um imaginário político sobre a cidade. Muito embora, tal facto apenas reforce a importância do Estado da disseminação das tecnologias. Até mesmo porque, basta-nos um olhar mais atento para verificarmos que a administração pública de qualquer localidade não age exclusivamente direccionada aos benefícios para os cidadãos. As acções estratégicas, como aquelas tomadas nas grandes corporações são também frequentes.

E qual o interesse de nos debruçarmos sobre acções do poder público para conhecermos um pouco mais de uma cidade? De acordo com Teixeira Fernandes (2003, p. 13), “o poder político que pretende mudar o homem e a sociedade intervém directamente na construção do espaço urbano”. Como se esse poder emanasse a essência que mantém o fogo aceso na cidade. E fogo, conforme a mitologia, concentra o saber, mesmo que não o faça propriamente.

⁵⁰ “T tecnicamente, a rede de hotspots utiliza a mais recente tecnologia da Cisco, estando estruturada segundo uma malha de canais rádio (mesh) a operar em banda não licenciada (na frequência de 5GHz). Esta interligação em mesh dos hotspots permite um controlo flexível da largura de banda disponível e, sobretudo, a resistência do sistema a eventuais falhas dos equipamentos. Esta estrutura encontra-se, por sua vez, ancorada numa infra-estrutura de fibra óptica, que está igualmente a ser construída no âmbito do projecto **Porto Digital**”, disponível em **Blog do Isag**.

O estudo das políticas é costumeiro nas ciências sociais, inclusive “*the anthropology of policy takes public policy itself as an object of analysis, rather than as the unquestioned premise of a research agenda*” (Wedel, et al, 2005, p. 34). Porém, para esta pesquisa etnográfica não será praticada uma Antropologia das políticas, mas será verificado como estas expressam o desejo de cidade que está subjacente nas decisões políticas.

Será considerado como política “*the standard modern sense of the term understood as a ‘course of action adopted and pursued by a government, party, ruler, statesment etc’, or any course of action adopted as expedient*” (Idem, p. 35). Ou seja, o foco das observações quanto as políticas governamentais para a cidade do Porto é quanto criação/aplicação de projectos de inclusão digital, principalmente através da facilitação ao acesso através da tecnologia Wi-Fi. Posteriormente, analisar de que forma tais acções estão reflectidas na ideia de cidade para os portuenses.

3.2 Apontamentos das pesquisas sobre tecnologia Wi-Fi e espaço urbano

O espaço urbano aparece-nos como receptor de interacções e interconexões entre seus habitantes – no que se estende a seus habitantes virtuais – em que os encontros acontecem impulsionados (ou seriam pré-definidos?) pela tecnologia Wi-Fi. Um ponto de partida interessante e intrigante, extremamente controverso. O paradoxo é perceber que a própria dinamização de informação tenha propiciado uma onda de clausuras sociais. Se antes, víamos uma população inteira a conversar nas feiras e centros comerciais em suas praças de convívio, hoje vemos os jovens imersos em seus computadores e seus dispositivos de media tão alardeados pelos meios de comunicação. De facto, o uso cada vez maior desses componentes, serviu para transformar as comunidades em diversas comunidades dentro de comunidades ainda menores. Se antes a identificação fazia-se a partir de uma linguagem comum, espelhada nos usos da tradição, hoje, se faz pela correspondente utilização de aparelhos e dispositivos comuns.

Contudo, a cidade que agora é de todos, com as fronteiras digitais demolidas, não significa que é uma cidade mais fácil para viver. Os inúmeros problemas, na maioria das vezes ignorados, trazidos pela tecnologia têm também dimensões de repercussão tão amplas quanto o alcance de seus benefícios. O site “*Question Technology*” traz reflexões sobre o que não temos mais tempo de fazer por conta da dificuldade de lidar com tantas informações. Como por exemplo, o Wi-Fi traz males à nossa saúde? O

campo magnético que nos envolve interfere de que forma em nossa saúde? Aqueles que indicaram os supostos males que poderiam ser causados por conta desse campo, num documentário da BBC, foram desacreditados, pois apesar da expansão da tecnologia estar acontecendo sem pesquisas adequadas sofre os efeitos da radiação do Wi-Fi, a Organização Mundial de Saúde declarou que não há efeitos adversos à saúde e baixo nível, a uma exposição de longo prazo. Além disso, os efeitos da radiação Wi-Fi durante um ano correspondem a 20 minutos de utilização de um telemóvel. Mas quem tem disponibilidade para questionar se tudo isso que nos tem sido dado é realmente tão revolucionário, num sentido optimista, para as nossas vidas?

O consultor de cyber leis na Índia, Naa Vijayashankar, disse que “a vulnerabilidade é maior na negligência dos usuários de Wi-Fi do que na tecnologia em si mesmo”. Não há um cuidado com a forma de uso e suas implicações. “A invisibilidade dos usuários da rede induz a complacência”⁵¹ e as leis não são suficientemente adequadas a complexidade que envolve tal rede.

Na Rússia as regras são bastante rígidas, também quanto à possibilidade de utilização gratuita dos pontos de Wi-Fi. É preciso fazer um registo e passar por um processo de certificação. Ao mesmo tempo, governo e polícia não chegam a um consenso se tal especificação deve começar a ser aplicada ou não. De facto, com a quantidade de usuários num país grandioso como a Rússia inviabiliza tal operação. Mas com isso podemos observar o quanto a rede Wi-Fi traz controvérsias, não em sua operacionalização, mas em sua administração. O gestor do serviço de Wi-Fi pode criar restrições de acesso, mas ao mesmo tempo isso se confronta com a liberdade de trânsito proposta pela tecnologia Wi-Fi.

Uma outra questão levantada pela Reuters⁵² é o destino de tantas baterias e os diversos problemas ambientais e de saúde que isso causa e poderá vir a causar. Como também já há muito é pensado sobre os automóveis, o crescimento da indústria automobilística e as alternativas para um não crescimento da poluição.

⁵¹ No site www.merineews.com foi publicada matéria: *Misuse of wireless network*, por Dipak Parmar, 3 Fev 2009. Acedido a 29 Jun 2009.

⁵² Publicado na Reuters. “*Toxic hotspots affect 600 million in developing world*”, Tue May 5, 2009. Acedido a 29 Jun 2009.

São pequenas e importantes questões que aos poucos vem sendo levantadas, mesmo que não ganhem destaque nem cheguem a grande maioria dos usuários de Wi-Fi, estão disponíveis a todos na internet.

Makenzie em sua pesquisa sobre a influência da tecnologia Wi-Fi na cidade de Londres, afirma que *“the analytical problem confronting evaluations of heavily-imagined mobile Technologies I show to hold together images of movement and movement itself”* (2004, p. 02). Nesse caso, com essa tecnologia, a ideia de mobilidade pode apresentar-se como uma questão de difícil resolução, pois a partir de que ponto estaríamos falando de facto da mobilidade, seria ela física ou digital – mais especificamente, seria uma mobilidade das redes físicas ou digitais?

Ao considerar que *“Wi-Fi networks themselves are usually formed on an ad hoc basis, since people come and go, making and breaking connections to the network. Because of the limited coverage, these small networks are usually called ‘hotspots’* (Idem), a mobilidade ilimitada oferecida, ou de alguma forma estimulada pelo imaginário da ‘modernidade’, parece-nos ser controversa e ao mesmo tempo, de uma controvérsia difícil de assimilar, pois na prática podemos atravessar a rua com um portátil e procurar um lugar confortável para acedermos a grande rede sem maiores dificuldades. Enquanto isso, nossa mobilidade é direccionada a partir de um ponto fixo, ali sentados, a espera de entrarmos pelo “portal mágico” que nos proporcionará um passeio, aparentemente, mais seguro.

Um cidade que se reconstrói a partir do fluxo de dados, de conexões incontáveis através do Wi-Fi. Não que qualquer outra tecnologia não nos fale de nossa sociedade, apontando as principais alianças da contemporaneidade. Mas a tecnologia Wi-Fi por sua actual representatividade falará da cidade de modo mais intenso.

Os pontos de observação da tecnologia Wi-Fi e sua interferência no espaço urbano do Porto são: a) O desenho virtual trazido pela referida tecnologia e sua interferência nos usos do espaço urbano; b) Interferência no sistema educacional; c) Interferência nos modos de estabelecer novas relações na cidade. Ou seja, verificar através dos movimentos nos espaços para aceder a rede wireless que outros movimentos estão transformando a cidade, pois é possível supor que **os movimentos gerados por essa tecnologia são tradutores das novas alianças que os cidadãos estabelecem com a**

ideia de participação no desenvolvimento da cidade e ao mesmo tempo, ostentar, através da representação social do Eu, este emblema de progresso.

Uma publicação do New York Times, a 24 de Novembro de 2002 falava da percepção de diversas pessoas sobre a novidade das redes sem fio disponibilizadas nos parques de Nova Iorque. O objectivo do poder público era fazer movimentar o Bryant Park, pois a facilidade de acesso a network do PC fixo acabava por não incentivar os moradores a frequentar o ambiente. Ali, o Wi-Fi funcionaria como um captador de pessoas, para ampliar a rede de pessoas conectadas através de uma pequena antena disposta no centro do parque. Um dos principais atractivos: a gratuidade do serviço. Para um doutorando em estudos urbanos que opinava sobre a facilidade disponibilizada no parque, *“This technology flies in the face of all the ‘death of distance’ and ‘end of geography’ rethoric of the 90’s fiber optic boom”* (Vanderbilt, 2002, p. 2); Para um morador, era uma forma de enfatizar as diferenças sociais, tendo em vista que poucos poderiam comprar um computador portátil, suficientemente menos acessível na época para validar a sua opinião. O estudante, assim como nós que hoje estudamos os movimentos sociais e seus encaminhamentos, percebe a situação de um ponto de vista mais teórico, um campo político mais generalizado, e porque não dizer, globalizado. Afinal, estabelecemos as nossas conexões entre a teoria e as práticas quotidianas a partir de pontes mais abrangentes. Para as pessoas que moram próximo ao parque americano, a mudança na vivência é *a priori*, ínfima, pois para utilizar o recurso tecnológico é preciso ter um aparelho adequado.

Para um outro morador, por exemplo, a possibilidade de aceder gratuitamente a *network* era uma forma de ter ao seu dispor mais entretenimento, filmes, música. Assim, não é possível formar um quadro com indicativos fechados sobre as percepções acerca do Wi-Fi no *Bryant Park*. A condição de “novidade” também acaba por formar uma rede de possibilidades na compreensão do conteúdo, adequando-se a cada contexto e sendo o fio de ligação entre os demais contextos. Em outras palavras, *“In a wireless world, people will meet others, experience places and situations, have opinions, and be more or less aware of what resources are available to them at different points in time and space* (Rudström, et al, 2005, p. 01).

Quanto às facilidades oferecidas pelo Wi-Fi, Rudström (et al, 2005) questiona se de facto são facilidades demasiado necessárias. Precisamos mesmo estar conectados a todo

tempo, em qualquer lugar, assim como são apresentadas as ofertas de conexão sem falhas, a todo tempo? Diante dessa questão, utilizam o conceito “*seamfulness*”, ou seja, plenamente costurado, plenamente interligado a internet. Na linguagem da internet, significa estar sempre activo na rede, como ficam os *hackers*. Mas há uma maneira de utilizar o conceito que nos interessa mais. *Seamfulness* é estar conectado a todo momento entre os espaços físico, virtual e social. E nessa perspectiva, a tecnologia Wi-Fi consolida e inspira o *seamfulness*.

Portanto, escolher esta tecnologia em detrimento de outras justifica-se pela sua proposta de estarmos conectados a todo tempo, em qualquer lugar, como uma ferramenta para a comunicação sem fronteiras. Talvez a afirmação de Nicklas Luhmann (1991) de que comunicação só gera mais comunicação faça mais sentido quando observamos os esforços científicos para o constante actualizar da tecnologia de ponta para ferramentas de comunicação, tanto *hardwares* quanto *softwares*. O Wi-Fi passa a ser mais que uma ferramenta, mas uma ponte invisível e ao mesmo tempo verificável – basta ter um dispositivo que possa aceder a internet – entre o espaço físico e o virtual, tendo como forte mediador a necessidade social de comunicar, já referida nas sessões teóricas. Sem desconsiderar que “*when a Wi-Fi network is installed in a café, a fast-food restaurant, a hotel lobby or departure lounge, it seems to change nothing*” (Makenzie, 2004, p. 11). é uma outra possibilidade de percepção da pesquisa.

Assim, os itinerários do Wi-Fi seguidos na cidade do Porto para esta pesquisa, constam de espaços fechados, nomeadamente cafés, centros comerciais e bibliotecas públicas, além de espaços abertos, como a Praça dos Aliados e o parque do Palácio de Cristal.

3.3 Os usuários dos espaços de acesso a internet com tecnologia Wi-Fi

As propostas de observação anteriormente apresentadas têm como veio os cidadãos portuenses e seu imaginário da cidade. Seu desejo de cidade e sua percepção de como a cidade está próxima ou distante desse desejo. Quando estudamos uma sociedade, para além dos homens, os objectos são pontes que nos levam a eles.

Nos termos de Latour, através dos não-humanos podemos estabelecer uma relação mais complexa com os humanos, de modo que esta acção leve-nos aos imbricamentos dispostos no nosso campo de pesquisa e não as simples constatações de um conjunto de hipóteses. Essa é uma das principais alianças que encontramos na cidade.

Os cidadãos possuem uma ligação umbilical com a cidade. A atmosfera urbana é tratada pelos estudiosos e pelos poetas como feminina, acolhedora ou indiferente, materna e inconstante, tão complexa e indecifrável e por isso, sedutora. Por isso,

A aliança da cidade e do conceito jamais os identifica mas joga com sua progressiva simbiose: planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efectividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular (Certeau, 1994, p. 172).

E por vezes, para acedermos ao que queremos precisamos ir por caminhos indirectos, seguindo de modo lento e impreciso, como quem persegue pistas, perseguir o caminhante sendo também um caminhante, aquele que cria as possibilidades, “ele tanto as faz ser como aparecer”. Isso porque, é um jogador que nem sempre move as peças do jogo de forma estratégica, mas também intuitiva. Utiliza as peças também aos acaso, logo “as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais” (Certeau, 1994, p. 178). Assim, o pesquisador exercita o método, mas também caminha na ciência como nas suas outras vivências.

4. Impressões da cidade do Porto

Nesta pequena parte, falaremos de algumas impressões do Porto, que não a nossa. Através de autores portugueses, alguns deles que também discutiram a interferência da tecnologia nas cidades, vamos delinear um Porto que não será propriamente aquele que quaisquer outras pessoas possam perceber, dado que a cidade é também particular, é uma impressão construída, sentida, é um híbrido entre mim e ela.

João Teixeira Lopes discute como o crescimento da cidade afectou a percepção da mesma, e especificamente fala do Porto:

O cosmopolitismo, a potencialização de redes locais e regionais de equipamentos culturais e de criadores, a formação de técnicos e de agentes de cultura (gestores, animadores, mediadores, programadores, produtores...) constituíram pedras de toque do projecto, a par de ousadas e iconoclastas estratégias de subversão de usos funcionais dos espaços e de jogos com os universos simbólicos da cidade, inclusivamente com seus já lendários fracassos (2003, p. 126).

A cidade parece ter resistido a tantas intempéries, desde sua formação, passando por toda história política de Portugal. Aliás, apesar de essa não ser uma imagem difundida

sobre o país, há nele um engajamento político silencioso, porém rigoroso, talvez até ressentido, voltado ao passado, mas muito presente. O Porto foi feito lugar de referência. Tornou-se palco de inegável importância para contar não só a história de Portugal, mas também da Europa mediterrânea, das batalhas religiosas e políticas. Por isso, faremos um breve passeio pela história portuense.

Uma cidade construída às margens de um rio tão fértil como o Douro, teria mesmo tudo para expandir-se e chamar atenção dos povos nacionais e estrangeiros. Ela começou como ‘cidade pré-romana, ‘no Corpo da Guarda’, e o ‘Portucale Locus’ na margem esquerda do Rio Douro, até a construção de ‘Cerca Sueva’ no séc. V. Seu segundo período, já crescia para fora da cerca de Sueva, nas localidades de Cimo de Vila, Souto, Pelames, Lada, Riteira. Foi capital de Portugal por um século e “nos fins do séc. XIX; o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no carácter dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças políticas e industriais que atingiram o país” (Marques *et al*, 1990, p. 63).

Após esses períodos, vieram a construção da Muralha Fernandina até os Almadas – séculos XIV ao XVIII, onde passaram D. João I até D. Manuel I. Esse também foi o período das saídas marítimas portuguesas, no que segue a ideia do poeta para a nação portuguesa e sua ânsia por descobrir os mares nunca Dante navegados: “navegar é preciso, viver não é preciso”, mesmo que a breve frase e os arranques marítimos sejam de tempos distintos, talvez nos explique um pouco o espírito português de conhecer mais o que está fora do que o que está dentro, de valorizar suas façanhas em terras estrangeiras, ao contrário de outras nações que no mesmo período estavam mais focadas em seus crescimentos socioeconómico.

A seguir, o período dos Almadas: João de Almada e Francisco de Almada. Este foi o ciclo da ‘arquitetura e do urbanismo do vinho do Porto’, com forte influência inglesa na cultura do país, seria o Iluminismo de Pombal. Todas as características expressivas da cidade deram-lhe uma estrutura cultural sólida e a fizeram um centro alternativo de poder. Até a cidade que podemos contemplar nos dias de hoje, a paisagem foi modificada mais drasticamente pelos projectos de habitação. De acordo com José Rio Fernandes, “na sua racionalidade, o funcionalismo fomenta a separação das funções, estabelecendo zonas residenciais, zonas industriais, zonas centrais de comércio e zonas verdes” (2002, p. 10). Zonas facilmente perceptíveis no Porto.

Em seus estudos, Marques (*et al*, 1990, p. 67), afirma que “o Porto tem ainda a marca popular da diversidade de uma ‘cidade de freguesias’ como lhe chama Helder Pacheco, com as suas tradições de vida, as suas romarias urbanas, o seu folclore em saudável revivalismo”. Porém, toda a vivacidade do Porto sofreu diversos abalos económicos ao longo da história, o que veio a combinar os ares nublados e escurecidos da cidade com as condições de crescimento e desenvolvimento urbano organizado. Esses momentos de pouca perspectiva não foram exclusivos da cidade invicta.

Para o país, o 25 de Abril representou ou viria a ser um divisor de águas na história portuguesa. De facto, houve mudanças significativas na elaboração dos rascunhos ou prospectos do desenho urbano que viria a se formar. Citamos aqui este período por ele ser tão emblemático da actual formação sócio-cultural. Nesse objectivo de reorganização muitos projectos de habitação foram revistos e construídos. Com isso, não se afirma que tais revisões encaminharam sempre os projectos para uma perspectiva melhor, mas sim, que a mudança do paradigma urbano está intrinsecamente relacionada com as possibilidades de uso de tal espaço e não lse imitam ao prisma do arquitecto urbanista ou do engenheiro civil. A ideia de habitar numa cidade depende da percepção política e económica das pessoas que ali resolvem construir suas vidas e por conseguinte, aplicam a sua ideia de mundo.

Nessa perspectiva, Teixeira Lopes afirma que,

O Porto comporta, numa intensidade estatística extremamente relevante, um forte contingente de outros socialmente destituídos e ‘invisíveis’; por detrás das fachadas, físicas e simbólicas; da edificação oficial (2003, p. 126).

A ideia dos contrastes perpassa todas as cidades, não apenas no que se refere às diferenças sociais. Num passeio despretenhoso pela cidade do Porto, é possível encontrarmos grandes aglomerações de senhores reformados que conversam e observação/participam de jogos lúdicos numa manhã de sol comum na Praça do Marquês. Ou deparamo-nos com a indiferença e o individualismo numa paragem de autocarro no Campo 24 de Agosto. Poderíamos dizer que esse processo contraditório é também transformador, característica dos sistemas vivos. Ademais, como a concentração de pessoas dá-se nos centros urbanos, as contradições e os contrastes comuns à vida também concentram-se em território urbano.

Parece um processo deveras “estranho” à adaptação aos centros urbanos, à vida compartilhada com centenas de milhares de pessoas: seria como forma de resguardo praticarmos a indiferença que vivencia-se nas cidades mais comumente que o envolvimento com os outros em toda parte do mundo? A configuração urbana fala muito da forma como as relações são incentivadas entre os portuenses:

Na cidade do Porto a segregação espacial das classes populares foi ainda produzida pela ocultação das respectivas habitações dentro do espaço urbano: a «ilhas», construídas no interior do quarteirão, geralmente em quintais de habitações da classe média, permaneceram invisíveis desde o início do séc. XIX até aos nossos dias (Teixeira Fernandes, 1998, p. 16).

Dessa forma, percebemos que esta parte significativa da população perdeu suas referências em relação às suas origens e foram reconstruir suas vidas, criar suas famílias (as novas gerações) distantes do centro urbano. A cidade foi assim repartida e suas partes deslocadas, afastadas, de modo que todas as pontes que possui hoje não seriam suficientes para reunir e acender o sentido de pertencimento ao lugar, de “ser daqui”, como se a cidade passasse a ser uma espécie de “local de trabalho” e de vivências reduzidas.

Para além das pontes de concreto, hoje são construídas mais rapidamente as pontes virtuais no Porto. Diante dessas informações, como pensar a relação dessa cidade com a tecnologia? Teixeira Lopes discorre sobre os espaços públicos virtuais e os espaços reais concretos, onde pontua que,

Imediatamente associamos os primeiros à fantasmagoria do espaço, isto é, à dissociação entre espaço e lugar, de que nos fala Giddens, e que se traduz na cada vez maior intensidade das relações sociais à distância. Podemos pensar na net e nas comunidades virtuais, mas também nas cidades-fantasia, nos parques temáticos e nos centros comerciais onde a arquitectura pós-moderna do neobarroco, do pastiche, da citação, do ecletismo e do ornamento. Numa procura a popularidade e a comunicabilidade imediatas (2008, p. 71)

Será então aplicado o princípio da simetria nesse acto de debruçar sobre a cidade, ao mesmo tempo em que emergimos dela. Afinal e, acima de tudo, estamos a lidar com a relação constante entre dois géneros de espaço: o virtual e o urbano – ainda que ambos operem sob uma simetria de constante retroalimentação. Sobre o princípio da simetria Latour explica:

The principle developed from ethnomethodology by Lynch (1985) according to which the only social explanation is to be found in the specific technical resources used by the actors themselves, and that the only metalanguage to use is their language, completely dissolves the 'pure factors' which until now were the ingredients used to Cook up na explanation of science and technique (2002, p. 375).

Uma tentativa de dar os mesmos pesos a quaisquer medidas que surjam durante a pesquisa e assim reforçar a escolha por ensaiar a compreensão do espaço urbano em toda a sua amplitude, se não territorial, simbólica. Aceitando a implicação que o pesquisador também exerce sob seu objecto, sem receio de adentrar o terreno ermo, híbrido e multifacetado da cidade que escolhemos pesquisar. Urbis de tom cinzento que suscita inúmeras impressões de segredos e, ao mesmo tempo, o esforço inconsciente de permanecer numa eterna tensão entre a sumptuosidade e a discrição.

**CAPÍTULO VI – SEGUINDO OS ITINERÁRIOS DA CIDADE DO PORTO
ATRAVÉS DO FIO DA TECNOLOGIA**

*Vede as moças nas varandas, neste imenso
isolamento: umas penteiam as tranças, outras
tangem pensamentos; (...)
Isso é uma cidade antiga, (...) que a cada
momento, fica um girassol de saudade
procurando a despedida entre o tempo e a
eternidade. (Cecília Meirelles)*

1. A cidade

Era uma dessas temporadas de calor no Brasil no ano de 2006, na cidade do Recife e eu nem havia pensado sobre a existência da cidade do Porto, mesmo sabendo dela. Numa lista de instituições portuguesas disponibilizada por um órgão de fomento a pesquisa e formação académica, havia várias opções, mas o acaso, ou o destino, ou a condição – não há parâmetros claros para definir – levou-me a escolher a cidade do Porto. Tudo que eu sabia sobre ela vinha das impressões de amigos e imagens da internet. Enfim, nada que realmente soasse aos meus ouvidos distantes da fantasia que criamos quando vemos a descrição de uma cidade.

Quando chegamos numa nova cidade – ainda mais de um novo país – levamos além da bagagem vontades e desejos, a responsabilidade de sermos novos dentro do novo espaço. Nosso olhar está todo impregnado dessas sensações e necessidades que delegamos como a parte que a nova cidade cumprirá nesse contrato. A primeira imagem que eu vi da cidade do Porto foi a ponte D. Luís I, numa fotografia de internet e me deixou com a impressão de se tratar de uma metrópole, grandiosa e movimentada, assim como as metrópoles brasileiras. Mesmo vindo do Nordeste do Brasil, onde o desenvolvimento económico é compartilhado, digamos, de modo menos democrático que no Sudeste do país, as capitais têm esse carácter de movimento, de velocidade e grandiosidade. A exemplo disso, a Região Metropolitana do Recife – RMR – possui cerca de 3 milhões de habitantes, sendo que 43% desses vivem na cidade do Recife, ou seja, 1.422.905. Suas riquezas são geradas basicamente do sector de serviços e do

comércio, além de um grande número de instituições privadas de ensino superior que têm impulsionado a economia local⁵³.

A área metropolitana do Porto está dividida em 6 regiões político-administrativas, das quais fazem parte 94 freguesias. Bem, tudo isso para clarear o caminho que o meu pensamento percorreu ao imaginar uma cidade europeia, a segunda principal de Portugal, quase uma segunda capital para este país. Imaginava não apenas uma grande cidade como também uma vida académica intensa e da mesma forma movimentada. Isso porque também sempre acabamos por partir de nós para observarmos o mundo. A Universidade Federal de Pernambuco, de onde vim, aos olhos do Brasil, nem é tão grandiosa assim, mesmo sendo a principal do Norte-Nordeste e uma das 10 melhores públicas do país, tanto para cursar a graduação/licenciatura, quanto a pós-graduação, possui uma movimentação diária de mais de 50 mil pessoas⁵⁴ em todos os seus campus. E com esse olhar inebriado de expectativas, vim para a cidade do Porto, em busca do novo, mas partindo das minhas referências.

Não diria que esse seria propriamente um olhar antropológico. Mas tudo que se imagina antes de conhecer o novo pode ir por terra – normalmente vai – quando estamos a frente dele. E para quem já tinha experienciado estudar a cidade morando nela, nada mais estimulante do que não ter suas expectativas atendidas, de ver esse novo pulsar a sua frente ao mesmo tempo desafiar você em todos os sentidos – no tacto, olfacto, visão, paladar e audição. E é isso que a cidade nos faz. Por mais que tentemos montá-la anteriormente, mais nos deparamos com o inesperado, pois o desejo da cidade ultrapassa o nosso desejo. Parafraseando Ítalo Calvino (2006, p.18), ao chegar ao Porto, meu olhar percorreu as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Porto, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

Muitas foram as caminhadas realizadas em busca de reconhecer o território que eu viria a ocupar por três anos para desenvolver meu projecto. Nos primeiros dias, acordar cedo, tomar o café da manhã, ou pequeno-almoço, e seguir ainda sem muito rumo, em busca de conhecer o lugar e estabelecer parâmetros de identificação, essenciais para a

⁵³ Dados disponíveis em www.recife.pe.gov.br, acedidos em 11/02/2010

⁵⁴ Informações disponíveis em www.ufpe.br, acedidas em 11/02/2010.

sobrevivência num país estrangeiro. Não fui primeiro para os pontos turísticos, mas para a freguesia de Paranhos, onde está localizado um grande pólo universitário da cidade. E meu primeiro cenário, ao sair do residencial era o Hospital São João, o caminho pela Faculdade de Engenharia e depois de Economia que me levavam através do cemitério da freguesia para a Igreja de Paranhos e enfim a praça 9 de Abril, endereço da Universidade Fernando Pessoa.

Na sala de aula, os colegas deram sugestões dos principais pontos turísticos da cidade, dos principais centros comerciais, dos locais de atendimento aos cidadãos portugueses e estrangeiros e assim os roteiros eram elaborados.

Mais tarde, já durante a pesquisa, tomaria conhecimento de que Oporto, como é conhecida a cidade na UE, nos últimos anos é referência para estudar, desenvolver pesquisas. A sua principal universidade é também a mais produtiva do país e uma das principais da Europa, o que faz do Porto também uma grande aglomeração de estudantes. De acordo com dados (2008/09) do Ministério da Ciência e Tecnologia do Ensino Superior – MCTES são 36.105 alunos matriculados no ensino superior público e mais 17.058 nas instituições privadas, todos contabilizando licenciaturas, mestrados e doutoramento. Apesar de toda população jovem estudante, a cidade possui altos índices de envelhecimento⁵⁵ e baixos índices de crescimento efectivo (-2,61%) da sua população de 263.131 habitantes. De facto, um estranhamento que considero comum aos que vêm das Américas é o encontro de uma população mais velha tão presente, e aparentemente, crescente na sociedade, levando a haver menos espaços de socialização para os jovens e também a hábitos nocturnos reduzidos ou mesmo muitas vezes escassos. Uma cidade prioritariamente diurna, com poucas opções de lazer a partir das 24h e a impressão de pouco convívio intenso entre os jovens, de um estilo mais reservado de viver a vida, uma forma mais desconfiada e formal de vivenciar o quotidiano. Apesar de estar localizada numa área de litoral onde a população em Portugal tende a se concentrar e também na região norte, onde de acordo com as últimas informações do INE⁵⁶, habita a maior parte da população economicamente activa do país, acompanhada da região de Lisboa. A taxa de natalidade é de 9,0 e de mortalidade

⁵⁵ De acordo com os dados do INE, 2008, 20,67% da população do Porto possui mais de 65 anos de idade.

⁵⁶ De acordo com os dados do Anuário estatístico de 2008, INE, a cidade do Porto está entre os municípios com maior concentração habitacional, por apresentar-se entre os índices que variam de 1000 a 7238 hab/km²

13,0 permilagem, o que caracteriza a cidade como um espaço pouco jovem na população.

Todas essas características e tantas outras, não passam pelo pensamento de quem olha a cidade como morador temporário, talvez nem mesmo de quem venha morar definitivamente ou mesmo nasça aqui. Ao longo dos anos vamos acumulando tantas percepções e nos desfazendo delas na mesma proporção que por vezes não nos damos conta daquilo que está a nossa frente. Vemos, mas não questionamos, ou relacionamos.

Talvez por isso, apesar de compreender como comum o facto de uma cidade portuguesa vir a ser basicamente sustentada pelo seu comércio e pelo sector de serviços em geral, por muitas vezes estranhei a quantidade de cafés e restaurantes disponíveis. Os cafés são como uma extensão das casas dos portuenses, um local onde reúnem-se com os amigos, onde lêem o jornal, vêem o jogo de futebol e os jornais televisionados, onde ficam muitas vezes em silêncio apreciando o café e algum acompanhamento – não necessariamente uma torrada ou pastel de nata, os pensamentos muitas vezes são a principal companhia. Além disso, vão ao café para trabalhar, levam algum material, muitas vezes seu computador, sentam-se e ficam por horas. Também para conversar com os amigos através da internet, ou realizar suas pesquisas, ver vídeos, enfim. Quase tudo é possível num Café.

De facto, oficialmente, a principal actividade económica é realizada pelo sector dos serviços, que compreende a empregabilidade de 124.050⁵⁷ pessoas, seguida daqueles que trabalham na função pública, 34.231 pessoas, além das 30.935⁵⁸ que servem ao comércio. A cidade é a principal da região norte do país e suas actividades económicas tem grande influência no bem-estar nacional como um todo. O Grande Porto, composto pelos municípios do Porto, Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Póvoa do Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia totaliza uma população de 1. 259. 001 habitantes, num total de 130 freguesias. Essa ideia da importância da área metropolitana é fácil de constatar no movimento de suas ruas, no fluxo de turistas, na agitação de suas festas, bem como na pobreza nos seus arredores/contornos, diferenças típicas de uma região desenvolvida.

⁵⁷ Dados do INE 2005, disponibilizados pela Câmara Municipal do Porto – CMP. .

⁵⁸ Base de dados da administração pública, 2005, disponibilizados pela CMP.

O céu cinza da cidade, que eu imaginava ser a princípio um fenómeno do Outono, quando cheguei, logo pude verificar que o aspecto cinzento não era só de um período. Alguns moradores justificavam com as antigas construções com pedras escuras, outros a geografia da cidade, e outros a até ao saudosismo portuense. Bem, quanto ao saudosismo, não diria ser propriamente portuense, mas inerente ao povo português como um todo. Uma saudade de tudo que foi, ou teve, ou que não foi e não teve, não saberia exactamente explicar, apesar das explicações históricas e sociais, há questões mais profundas, ou mesmo mais simples do que se julga, motivadoras das buscas portuguesas fora de seu território, bem como de uma relação política mais flexível com os imigrantes e estrangeiros.

Essa flexibilidade portuguesa com as idas e vindas foi incentivada também pelo comércio através de seus rios. O Porto banhado pelo Rio Douro, que tem origem na Serra de Urbião com sua foz nesta cidade, com um percurso de 330km pelo território português, cresceu basicamente a partir de suas águas – conforme foi descrito em sessão anterior. O Douro tem uma importância impar para a cidade, é seu principal cartão de visitas, a sua paisagem mais divulgada, sua referência. A Ribeira do Porto é o ponto convergente das aglomerações turísticas e sociais em geral, do centro da cidade, como se a cidade toda fosse ali levada pela correnteza, se não apenas a correnteza fluvial, mas a correnteza urbana, do desenho do centro do Porto que converge todo para o seu rio.

Talvez essa correnteza seja agora influenciada pelos ventos da tecnologia e tenha seu curso modificado. A união proveitosa dos baixos índices de violência mais a facilidade de poder comunicar-se dos mais diversos cantos da cidade incentiva os cidadãos portuenses a buscar espaços ao ar livre, ou simplesmente fora de casa e dos locais mais formais para acederem a internet. Transitar com o notebook pela cidade é um movimento comum, não só nos maiores centros urbanos de Portugal, mas de todo o mundo. Observamos que parte desse movimento na cidade do Porto é incentivado por programas de projectos do poder público local, e dessa nossa percepção vislumbramos essas acções, passíveis de investigação e análise sistemática, como caminho indicado pela própria cidade para melhor conhecemo-la.

Ainda de acordo com a publicação do INE (2008) o Porto possui um número médio de um computador⁵⁹ com internet para cada 8,2 crianças no ensino básico. É o município que possui de longe a maior taxa de escolarização no ensino superior da região Norte, são 8.950 alunos de escolas públicas no ensino secundário e 7.560 escolas privadas. Possibilitar o acesso desses jovens e crianças a internet passa então a fazer parte de um processo não de modernização, mas sim de actualização da cidade e ao mesmo tempo de preparo para o futuro, que aparenta reservar ferramentas tecnológicas cada vez mais complexas em suas funcionalidades e simples em sua utilização, o que exige um reconhecimento cada vez mais amplo das formas e possibilidades de manuseio.

O Grande Porto tem 68.991 alunos inscritos (INE, 2008) no ensino superior e a principal área de escolha é saúde , com 12.448 estudantes. As despesas da CMP em actividades culturais e desporto (por habitante) são de 73, 30 euros, o que custa no total 16. 046 milhares de euros.

As impressões de uma cidade pequena misturam-se a paisagens de grande cidade, como na praia da Foz, ou mesmo na Ribeira do Douro. A cidade é um conjunto de percepções, tão distintas que vão se refazendo a cada nova caminhada.

O telemóvel parece mesmo o grande amigo dos jovens e adultos da cidade. A escolha, ou falta de escolha, por estar mais sozinho, mais recolhido é notória através dos dispositivos móveis de comunicação. Os dedos não param, até mesmo creio que deviam desenvolver um estudo sobre as novas habilidades do corpo humano desenvolvidas através dos usos da tecnologia. A agilidade é incrível, e as expressões nos rostos de quem escreve e recebe as mensagens vão dando um tom na conversa para quem os observa.

Se cada pessoa está mais focada em sua vida, o interesse pelo confronto diminui, pois aparentemente, cada um enxerga no outro seu semelhante com os mesmos direitos que ele a construir e viver a sua vida. Mas esse comportamento individual encontra cumplicidade na solidão tão presente entre as pessoas pela cidade. O diálogo é pouco, apesar disso ajudar a manter o silêncio. Os olhares são discretos e as opiniões medidas.

⁵⁹ Dar acesso à tecnologia informática é propósito do governo português junto aos alunos do 1º ciclo, a saber, o Projecto Magalhães, que conta com a parceria da Samsung e da Microsoft, grandes corporações no sector de informática, a fim de desenvolver um aparelho que estimule o conhecimento e aproxime as crianças do mundo informatizado. Para saber mais, <http://www.portatilmagalhaes.com/>.

Talvez seja isso, uma constante vigilância impeça as pessoas de expressarem-se como gostariam. Mas tudo isso, falo a partir da visão de uma latino-americana, acostumada ao barulho, as longas conversas com estranhos, a nunca estar só, a não ser que queira, mesmo que tudo isso não represente segurança. Enfim, seria um assunto a ser discutido de forma mais sistemática e não apenas em poucas linhas. Mas aponta quais foram as primeiras impressões ao seguir aleatoriamente itinerários do Porto e a partir deles, encontrar um fio condutor para elaborar esta história de estudos sobre a cidade.

Desse modo, a ideia inicial, trazida do Brasil, seria pesquisar de que modo a tecnologia é utilizada pelas periferias como forma de interacção com o centro urbano, e não só isso, mas também como meio de expressão da sua capacidade de encontrar caminhos mais curtos através da produção não autorizada de cds e dvds e sua comercialização nas feiras livres. Porém, tendo em vista as dificuldades de interacção com os produtores, até mesmo por conta do seu tipo de produção, considerada ilegal, fomos trilhando outros caminhos pela cidade e chegamos a ideia de verificar as formas de interacção no espaço urbano a partir das tecnologias móveis, nomeadamente *Wi-Fi*. Isso porque também é uma forma de mapear a cidade, de desenhá-la num misto de real e virtual que retrata nosso quotidiano, nas mais distintas faixas etárias e sociais. A interacção no espaço urbano depois dos avanços tecnológicos vem se transformando rapidamente e urge pensá-la e estudá-la de modo a verificarmos até que ponto nos identificamos com essas mudanças, até que ponto nos posicionamos de modo

O primeiro ensaio para verificar a relevância, ou o interesse dos habitantes da cidade pelo uso da tecnologia *Wi-Fi* foi verificado através de 24 questionários aplicados através da internet, direccionado a comunidades de relacionamento, como *Orkut* e *Hi5*. Posteriormente, foram aplicados mais 16 questionários pessoalmente e nesse mesmo período iniciou-se a realização de entrevistas com usuários nos espaços de *Hotspot* gratuitos. Já na elaboração do questionário aplicado através da internet, havia uma questão sobre o reconhecimento de projectos desenvolvidos pela iniciativa pública ou privada que envolvessem ferramentas tecnológicas direccionados a socialização das mesmas para a população residente e visitantes. Apesar do desconhecimento dos projectos, a utilização crescente dos referidos espaços é constante.

Enfim, os itinerários seguidos não serão apresentados num ordem cronológica, mas sim na sequência estruturante para pesquisa, a saber, o poder público, os usuários e as empresas.

2. As alianças e redes de um Porto Digital: seguindo o sentido das pontes

Iniciarei esta sessão a falar das dificuldades de comunicação encontradas no trabalho. Muito embora pareça que estamos a falar a mesma língua, tanto em Portugal quanto no Brasil, a nossa percepção de mundo, nossa cultura, nossos comportamentos são deveras distintos. O facto de pensar em marcar uma reunião com um responsável por um projecto de significativa importância para uma cidade numa cultura tão distinta, por vezes causou receio. Mas sempre que esse receio aparecia no campo, lembrava-me de dois pensamentos: o trabalho do antropólogo também é relativizar a si mesmo, seus interlocutores, tudo que está a sua volta; depois, desenvolver uma pesquisa não é sair como porta-voz de uma verdade, ou mesmo buscá-la. Enfim, a reflexão que deveria estar focada nos questionamentos teóricos e metodológicos para a construção de uma tese acaba por conter o pesquisador por inteiro, suas limitações, suas angústias, seus sonhos e vontades.

Comecei por buscar na própria universidade um caminho para chegar até o Projecto Porto Digital, pois em consulta a seu site identifiquei-a como um parceiro. Consultei então o Gabinete de Comunicação e Imagem que depois de uma busca de duas semanas deu-me o contacto da Dr^a Lucínia Barros⁶⁰, engenheira que está à frente do Project-Q⁶¹ (Projectos de Gestão Estratégica e de Qualidade). A entrevista com a mesma foi realizada na sede do Project-Q no dia 22 de Maio de 2009, durante a tarde, tendo em vista sua disponibilidade para todo este período.

Meus questionamentos eram todos os possíveis quanto ao projecto Porto Digital, principalmente quanto ao seu desenvolvimento, como estava sendo feita a sua aplicação e se algum resultado já teria sido avaliado. Essa minha ansiedade dava-se tendo em vista o tempo de idealização do Projecto, conforme apresentado em sessão anterior. A Dr^a Barros recebeu-me simpaticamente, com um documento de contracto, onde constava o

⁶⁰ Entrevista 1

⁶¹ Sector designado a desenvolver acções estratégicas e bem como avaliar projectos e outros veículos de cunho empreendedor que visem o crescimento e a qualidade das propostas da instituição.

acordo de parceria entre a Universidade Fernando Pessoa e o projecto. E era apenas isso.

O acordo havia sido firmado, mas não havia quaisquer trocas de informações sobre o andamento da proposta de cidade digital e como as instituições de ensino superior iriam participar. Foi assinado um protocolo em 2003 para a colaboração entre as instituições após a criação de um anel de fibra óptica. Apesar da fibra óptica já estar em fase avançada de aplicação, não houve qualquer actividade do projecto desenvolvida com a universidade. A engenheira trabalha na instituição há um ano e por isso não possui informações detalhadas sobre o projecto. De súbito, cheguei a acreditar que o projecto não teria sido posto em prática. Ao mesmo tempo, ideias tão ambiciosas não iriam trazer diversas e amplas vantagens políticas para quem o empreendesse? Por fim, fui indicada pela interlocutora a procurar directamente o director de desenvolvimento do projecto na Câmara Municipal do Porto. E fui em busca do nome que tinha.

Antes de apresentar o itinerário da minha entrevista com o vereador e seu conteúdo, gostaria de pontuar sobre a observação e divulgação de projectos do sector público. Não há qualquer intenção de divulgar, propagar ou incentivar partidos políticos neste trabalho. Portanto, as descrições, críticas – sejam de que carácter for – não possuem o viés da propaganda de ideias político-partidárias, políticas talvez, pois nossa visão de mundo por si só já é uma ideia política, mas sem partido definido. O foco não está mais só no projecto. Ao entrar em contacto com o sector público, ou se fosse privado, o investigador percebe que pode ampliar suas percepções sobre seu objecto – mais desejo que de pesquisa? Não saberia responder – de modo a perceber as intenções do projecto como um todo, de seu objectivo pretendido e alcançado, enfim, tentar perceber a linha que muitas vezes pode ser ténue, mas outras é longa, que separa o fala do facto.

O primeiro contacto foi feito através de telefone, no dia 6 de Julho de 2009. Fui orientada pela secretária do interlocutor pretendido a oficializar meu pedido por correio electrónico e o fiz no dia 8 do mesmo mês. Tendo em vista agenda apertada pelo ano de eleição, só consegui que minha entrevista fosse marcada para o dia 03 de Setembro de 2009, após as férias. Assim, passados os dias mais quentes do verão portuense, dirigi-me a Câmara do Porto um pouco antes do horário marcado (10hs) e fiquei a esperar enquanto caminhava discretamente pelos corredores do prédio, ali mesmo, no andar em

que atende o Sr. vereador Vladimiro Feliz⁶². Passados quinze minutos, sua secretária levou-me ao seu encontro. Simpaticamente fui atendida, com minha série de questionamentos, distribuídos em pontos semi-estruturados. Foi de facto uma conversa com um tema bem definido: O projecto Porto Digital.

No topo dos meus apontamentos estava **reconhecer o seu momento de envolvimento com o projecto, para saber como ele foi criado, com que intuítos?** Logo, informa que “*O projecto faz parte de um todo maior, iniciado em 2005 através de uma rede nacional de projectos digitais, incentivado pelo UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, chamado Cidades e Regiões Digitais, ou Portugal Digital*”. O objectivo principal seria “*desenvolver a Sociedade da Informação e do Conhecimento ao nível Regional*”. Há o desenlace da ideia ao nível nacional, mas cada região irá desenvolver seu projecto de forma autónoma, de acordo com as suas características e necessidades.

Para construir um Portugal Digital, todos os projectos regionais convergem na formação de uma grande rede de ideias para uma Sociedade da Informação. Para que possamos entender de maneira mais objectiva como pretende actuar o grande projecto digital, fiquemos a saber do seu Plano de Acções⁶³, dividido em sete etapas:

1. Massificação do acesso e utilização da Internet em todo o país e para todos os Portugueses e cidadãos residentes em Portugal;
2. Promoção de uma cultura digital, da habilitação e do conhecimento dos Portugueses para a Sociedade da Informação;
3. Garantia de serviços públicos de qualidade, apoio à modernização da Administração Pública, racionalização dos custos e promoção da transparência;
4. Melhoria da qualidade da democracia através do aumento da qualidade da participação cívica dos cidadãos;

⁶² Entrevista 2

⁶³ Disponível em www.cidadesdigitais.pt. A saber, fazem parte desse projecto as seguintes localidades, além do Porto: Viana do Castelo, Bragança, Braga, Vila Real, Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria, Castelo Branco, Portalegre, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Faro.

5. Orientação do sistema de saúde para o cidadão, melhorando a eficiência do sistema;
6. Aumento da produtividade e competitividade das empresas através dos negócios electrónicos;
7. Promoção dos conteúdos, aplicações e serviços com valor para a sociedade, incluindo o património cultural.

Cada localidade que seja área de interesse para o projecto, apresenta sua candidatura e passa a integrar a grande rede. Portanto, o Projecto Porto Digital é resultado de uma candidatura. Desde a sua idealização até o presente momento, o projecto Porto Digital conservou suas ideias quanto à implementação de infra-estrutura, de incentivos à cultura e da disponibilização de ferramentas tecnológicas para os cidadãos.

Porém, segundo o Sr. Feliz, foi inserido no projecto “*estender as facilidades do centro da cidade para as habitações sociais, além das universidades e escolas do 1º e 2º ciclos, enfim, todo território do Porto, tudo até o ano de 2013*”. Ainda de acordo com o vereador, “*pretende-se criar uma grande **rede aberta** com capacidade de iniciativa para **minimizar a solidão** através da ampliação das linhas de comunicação*”, ou seja uma **revolução silenciosa que tem a tecnologia da fibra óptica, com potencial para converter tudo que é real em digital**.

Aliás, a partir do primeiro ponto colocado por mim durante da entrevista, fui contemplada com um longo discurso sobre o projecto, suas pretensões e possibilidades, além de ressaltar toda a importância do mesmo. Desse modo, quando chegar a resposta do meu questionamento seguinte, sinalizarei. Por enquanto, continuarei a descrever quais os potenciais do projecto apontados durante a entrevista.

Para além dos pontos que destaquei anteriormente, são apontadas outras vantagens/pretensões do Porto Digital: **ganho económico** para a localidade somada a **educação do próprio cidadão**, aumentando assim seu **potencial de colaboração** com seu espaço na cidade. Isso refere-se aos serviços que podem vir a ser realizados através da internet, dispensando por exemplo, o uso do papel para emissão de facturas impressas que seriam/são trocadas por facturas electrónicas. Essa foi a demonstração que tive quando questioneei de que forma a tecnologia da informação incentivaria uma maior colaboração do cidadão.

Nesse âmbito de benefícios e pretensões do projecto, os principais **desafios** estariam “na implementação da rede de fibra óptica, no envolvimento do meio académico no acto de implementar a ideia e na escolha das empresas que irão fazer a rede funcionar propriamente”. Essa última barreira é apontada por conta da necessidade de inovação na percepção social, bem como na gestão do espaço urbano, o que amplia a complexidade de execução do projecto como um todo.

Ainda de acordo com as palavras do interlocutor, “a tecnologia seria como um meio uma ponte: acesso é essencial, mas sem competências não funciona”. Portanto, a tecnologia Wi-Fi não é o fim do projecto, mas uma ferramenta que se acredita capaz de estimular o desenvolvimento local. Após ser solicitado por mim um exemplo de como tudo isso viria a funcionar, **como tem sido o desenvolvimento do projecto?** Responde-me da seguinte maneira: “As salas do quarto ano teriam quadros interactivos somados a um plano de formação de professores e também aos conteúdos. Nesse sentido, algumas parcerias já estariam sendo feitas com a Universidade de Aveiro para estimular o interesse e o envolvimento de todas as partes envolvidas”.

Diante da entrevista e da pesquisa sobre o referido projecto, foi desenvolvido um quadro representativo do mesmo. Entedemos como uma representação sistemática do funcionamento descrito do projecto:

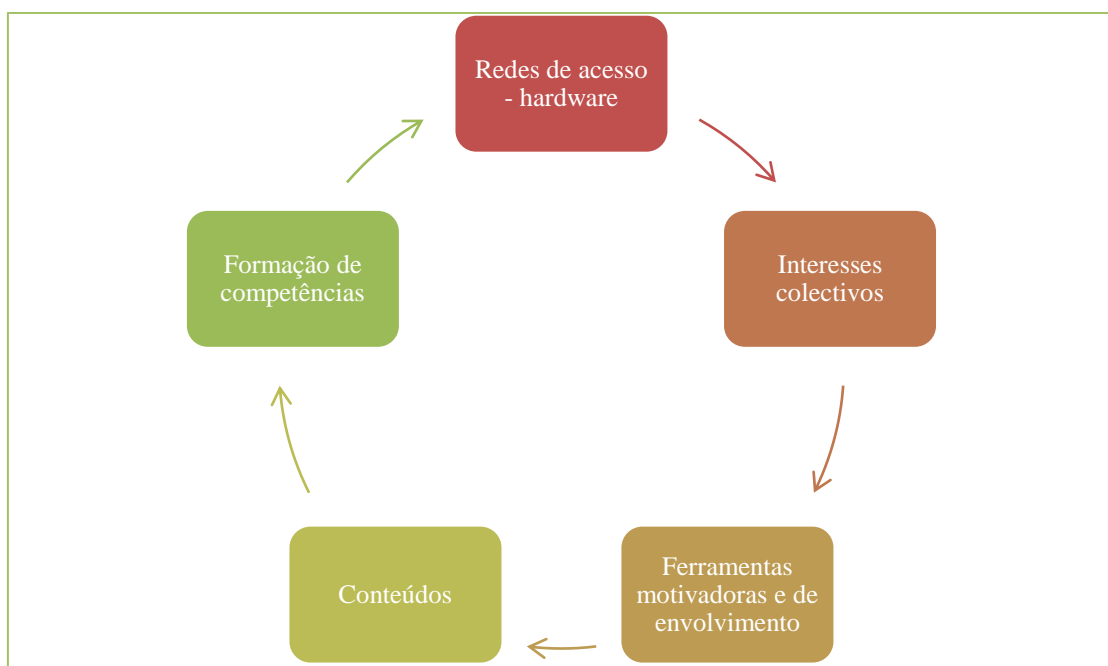


Figura 3: Elementos motivadores e constituintes do Projecto Porto Digital

Esse seria um desenho adequado a todos os pontos de importância do projecto, e que serviria também como base para os investimentos a serem feitos para os alunos e professores do quarto ano na rede pública de ensino. Essa figura não foi criada então com base nas afirmações do interlocutor, na tentativa de melhor compreender do que se trata, mesmo que a figura não tenha uma representação clara daquilo que propõe. Se isso acontece, muito provavelmente é por não ter ficado claro também na explicação cedida na entrevista **como** esse projecto irá ou está a funcionar. Mas essa maneira de exemplificar com o envolvimento dos alunos e professores foi resposta também ao meu questionamento sobre **como a comunidade seria envolvida no projecto**.

Na continuação dessa resposta, fala-me da criação do Portal do Executivo, uma ferramenta de apoio aos 13 vereadores que trabalham na Câmara e hoje não precisam mais imprimir todo o material das reuniões e assembleias de que participam, atitude que rendeu um prémio por acção ambiental. Os vereadores e seus colaboradores estão aprendendo a gerir a nova ferramenta e meu entrevistado acredita que essa é uma forma de criar a confiança, a partir do momento que podem demonstrar os benefícios da utilização da tecnologia.

Quais seriam então os benefícios e os malefícios trazidos pelo projecto? Responde-me separando a partir de uma visão interna e outra externa, quanto aos benefícios, a saber:

Benefícios do Porto Digital	
Visão Interna	Visão Externa
Eficiência (inclusive na protecção do meio ambiente)	
Optimização dos processos em tempo real	Conforto
Qualidade de vida para os colaboradores – sistema que poderia ser acedido mesmo em casa	Agilidade – para pagamentos e consultas a processos
Dinamização dos processos como um todo	Maior transparência no modo de desenvolvimento dos serviços da CMP

Tabela 1: Benefícios apontados pelo Projecto Porto Digital

Os principais benefícios viriam da integração dos sistemas para gerar uma reforma perceptível pelo cliente final através de uma **estrutura multicanal de atendimento**. Bem, mais a frente nas análises, discutiremos o teor de todas as respostas.

Os malefícios podem ser trazidos principalmente através de informações mal geridas criando novos focos de exclusão digital, por exemplo, informações para crianças e adolescentes sem protecção. Além disso, num âmbito mais complexo, uma grande controvérsia do projecto é gerar mais confiança nos cidadãos sem contacto físico.

Na perspectiva ambiental: o acúmulo de componentes e materiais de difícil degradação pela criação gradual de resíduos sólidos com componentes electrónicos.

Mas, **em termos de organização urbana, como é que o projecto interfere?** O projecto é considerado referência pelo modo como utiliza os recursos públicos e interfere directamente através de subprojectos que fazem parte da proposta do Porto Digital. Um exemplo é o subprojecto **Cidade das Profissões**, um espaço de aconselhamento e encaminhamento profissional, que oferece também formações de curto tempo, espaços de acesso a internet e programas para confecção do currículo. Todo conteúdo trocado pelas experiências, como a relação oferta-demanda de empregos e estágios é compartilhado através de uma rede.

Ainda há outros dois subprojectos que foram citados durante a entrevista como importantes ferramentas de intervenção directa com o público: o projecto Bolsa Imobiliária, que dependeria de fundos do poder central do país e o Portal da Qualidade de Vida, ainda sem qualquer acção desenvolvida.

Além dos subprojectos, a fase de implementação da rede de fibra óptica já está avançada e pretende 1.500km de fibra na vertical, com um custo de 80 milhões de euros. Em termos relativos, até 2013 toda implementação estará concluída e fará do Porto a cidade com a maior rede de fibra óptica da Europa.

O projecto pretende então atingir todos os sectores da sociedade: relações interpessoais, empregabilidade, inclusão social e digital, adaptação da saúde e educação aos recursos tecnológicos mais avançados. Enfim, de forma metafórica, seria um grande cobertor sob toda a cidade, com fios que estão ligados a cada cidadão e também a outros territórios

fora da cidade, com condições de adaptação às necessidades do tempo, fosse ele mais frio ou mais quente, e com os fios ligados através da fibra óptica.

Pergunto então, dada a proporção gigantesca das pretensões do projecto, **porque não há grande divulgação do mesmo e os cidadãos que entrevistei através de questionário, que será apresentado mais adiante, desconheciam o Porto Digital?**

“O projecto foi concebido de forma discreta e pretende-se que a expansão dos serviços originados pelo projecto acabe por divulgá-lo já demonstrando como funciona”. Outro facto importante, é que o foco de sensibilização inicial é o mercado, ou seja, empresas que estejam dispostas a gerir os pontos de Wi-Fi pela cidade, tendo em vista que a CMP fornecerá a infra-estrutura, mas não necessariamente a gestão de todos os pontos espalhados pela cidade. Portanto, ao final da entrevista, disse-me que o objectivo de expansão da rede de fibra óptica não mudará significativamente a vida das pessoas, mas através dos subprojectos e do estímulo advindo do projecto maior, haverá uma implicação positiva no quotidiano de quem vive no Porto.

Portanto, as empresas que irão administrar os espaços *Wi-Fi*, para além daqueles que já são geridos pela CMP, terão um importante papel no desenvolvimento da proposta. Só a infra-estrutura criada, sem que haja condições para sua utilização não funciona, pois é como se criassem as estradas sem que se pudesse comprar os carros. E como essas empresas pretendem oferecer seus serviços, ou até mesmo, como já oferecem, tendo em vista que muitas já trabalham com os serviços de *Wi-Fi* disponibilizando os *hotspots* pela cidade.

3. A construção dos caminhos imaginários: a oferta das redes sem fio

Fui em busca de empresas que pudessem me ceder informações de suas pretensões para a cidade do Porto em termos de oferta dos serviços e também que falassem sobre as expectativas geradas pelo Porto Digital. Colhi números de telefone e endereços electrónicos dos principais pontos de *hotspot* pela cidade, nomeadamente dos centros comerciais do Grande Porto. Efectuei ligações telefónicas e enviei-lhes correspondências electrónicas, anexando nas mesmas, um comprovativo de vínculo institucional como estudante de doutoramento. Mesmo desse modo, não obtive resposta de qualquer empresa que forneça seus serviços principalmente para a região do Grande Porto. Mais especificamente, contactei a Infotel (11/04/2009), a Telecom (09/06/2009),

a TMN (09/06/2009) e ainda solicitei nomes de empresas directamente ligadas ao projecto Cidades e Regiões Digitais (23/06/2009). Nenhuma dessas comunicações foi respondida, negativa ou positivamente.

Essas empresas foram escolhidas por estarem citadas em reportagens sobre *hotspots* em Portugal, bem como através de sua sinalização em alguns pontos de *hotspots*. Outrossim, identifiquei uma empresa de Leiria, através de um colega também pesquisador, a Evok que iniciou seus serviços pela região centro-sul e hoje já trabalha também como sócia de algumas empresas no Porto. Foram feitos contactos telefónicos e em seguida através de correio electrónico nos dias 18, 24 e 25 de Março e 11 de Abril de 2009, todos com o Dr. Asdrubal Carvalho. Após todos os contactos, decidimos por realizar a entrevista através Messenger. A entrevista foi realizada com o objectivo de identificar **como funcionam os serviços** que oferece e de **que forma percebe a influência** dos mesmos nas relações com o outro e com a cidade.

O nosso interlocutor é sócio-gerente da empresa Evok - Tecnologias de Informação e Telecomunicações Lda e um dos supervisores do projecto Kaptanet, participa implementando os serviços. A empresa propõe-se a ofertar o serviço de facilitação de pontos de hotspot, desde Outubro de 2008, por conta de uma pesquisa que confirmou “a massificação de dispositivos portáteis com tecnologia WiFi”. São os clientes dos parceiros que utilizam seus serviços, ou seja, sua empresa e os utilizadores dos pontos WiFi estão ligados em rede. Portanto, a empresa possui dois tipos de clientes potenciais, **os parceiros** que compram seus serviços de hotspot e posteriormente, **os clientes** que utilizarão os serviços para aceder a internet. Em suas palavras, chama aqueles que compram a tecnologia *Wi-Fi* que lhes oferece de parceiros porque: “irão permitir fidelizar novos clientes e os seus clientes, **rentabilizar uma net wireless** segura sem colocar em risco a sua intranet”, além disso, esses estabelecimentos podem fazer publicidade gratuita através do portal Kaptanet. Esse portal é parte do seu site e disponibiliza uma área reservada para seus clientes usufruírem de serviços especiais, ao mesmo tempo que podem divulgar seus serviços e participar de uma lista de *hotspots* publicada pelo site. Já os **clientes** desejam “acesso a uma **net rápida**, gerida em velocidades pelo número de utilizadores e acima de tudo bastante acessível em termos de valores”. Nos *Hotspots* esse é um dos principais atractivos: o preço. Normalmente, o usuário nada paga pelos momentos de navegação na Web. E hoje essa forma de acesso

torna-se uma facilidade quase indispensável aquele Café que queira ampliar seu movimento.

Pergunto-lhe então qual a sua percepção sobre o crescimento tão intenso de acessos a *net*? “*A conjuntura actual está a dificultar esse crescimento, mas a boa aceitação dos parceiros tem ajudado o projecto a crescer*”. Para ele há tanto maior necessidade de acessos a *net* como também um aumento pelo interesse no mesmo. Ou seja, as pessoas fazem como usufruir de uma ferramenta utilitária e também para entreterem-se. Ele mesmo utiliza o *Messenger* como ferramenta de trabalho, realiza pequenas reuniões e mesmo teleconferências com seus sócios e parceiros através da *net*. Também a utiliza como espaço para conhecer pessoas, principalmente através de sites de relacionamento, como o caso do *Facebook*. De facto, existe um aspecto prático inegável que essas tecnologias trazem para a comunicação, tanto em termos de internet quanto de intranet, ou seja, entre quaisquer pessoas que estejam ligadas a rede e também entre os parceiros, para que possam trocar importantes informações, gerenciar banco de dados e tantas outras tarefas.

É uma empresa que **oferece** não apenas um serviço, mas também uma **ideia aos seus parceiros**. Ao invés de os cafés e espaços públicos de consumo ofertarem a internet gratuita, sem condicioná-la a um consumo mínimo, a ideia é trazer vantagens simultâneas, aos clientes e aos seus parceiros, ou seja, **incentivar o consumo no estabelecimento através do chamariz da internet sem fios**. Além de ofertar serviços de elaboração e instalação de softwares e hardwares. Esses pontos em cafés e restaurantes, principalmente, são como pequenas alianças dentro da grande rede. O crescimento do mercado, segundo o Dr. Carvalho só não é estabelecido de forma mais incisiva “*por falta de incentivos públicos e toda a ideia de crise que foi espalhada nos últimos anos*”. Tendo em vista que o público jovem (até 35 anos) é o principal usuário dos serviços de internet e que cada vez mais as pessoas optam por incrementar os espaços de refúgio para a escrita, a conversa nos sites de relacionamento e também o próprio ambiente de trabalho, é um mercado em potencial e em crescimento: **a oferta de espaços hotspot**.

Em seu site, a empresa está apresentada da seguinte maneira

A Evok incide em duas áreas de negócio”, a primeira área de negócio consiste na assistência a clientes pela comercialização, concepção e

desenvolvimento de aplicações (software) de gestão e outras, desenvolvidas pela própria e/ou em parceria com outras empresas, quer nacionais quer internacionais. A Evok estabeleceu um acordo de exclusividade com uma empresa de S. Paulo - Brasil na distribuição e revenda (em Portugal e mais tarde em Espanha) da sua aplicação que corre via Internet. O comércio e assistência a equipamentos informáticos (Hardware) também estão incluídos nesta área de negócio.

Mas a sua grande aliança com os parceiros está em oferecer a possibilidade de expandir seus próprios negócios, como se o investimento deles tivesse um retorno garantido. **Há aqui mais um movimento de translação, em que cria o interesse para seu cliente.** (Latour, 2000)

A empresa através do Portal Kaptanet disponibiliza a lista de *hotspots* livres e nesse portal o cliente pode buscar um ponto de *hotspot* que esteja ligado e aceder a net. Para tanto, é preciso estar cadastrado e ter posse de um *voucher*, disponibilizado nos estabelecimentos parceiros.



Figura 4: Imagem da página da Kaptanet na internet

Esse é o segundo foco do seu negócio, “A segunda área de negócio que se encontra em fase de crescimento no mercado nacional, ainda não deu o esperado “boom” e resume-se à concepção de *CybersCenter's*, ou na sua expressão mais comum: as *Lan Houses*.” A Evok pretende neste âmbito, criar a sua própria Lan House assegurando uma imagem própria para que através da concretização de acordos com os seus parceiros a possam comercializar seguindo a metodologia de “chave-na-mão”. Enfim, essa expansão permitirá que cada vez mais residentes em todo Portugal tenham acesso facilitado, tanto

os clientes, quanto os parceiros. Para melhor visualizarmos os serviços oferecidos pela Evok, foi desenvolvida uma tabela, a seguir:

Quadro referencial de serviços da Evok

Potenciais clientes	Parceiros	Usuários
Principais serviços oferecidos	Pontos de Hotspot	Pontos de tecnologia Wi-Fi
Formas de acesso aos serviços oferecidos	Merchandising no site da Evok e Portal Kaptanet	Vendas/Ofertas de Vouchers nos pontos de Hotspot parceiros
Serviços estendidos	Manutenção de hardware e software	

Tabela 2: Quadro referencial dos serviços oferecidos pela Kaptanet.

Em âmbito geral, as empresas que ofertam os serviços de Wi-Fi apenas seguem uma tendência de mercado, e acreditam que as ferramentas de comunicação, cada vez mais sofisticadas, auxiliam e acompanham o ritmo mais acelerado que vivenciamos quotidianamente. Aliás, o Dr. Asdrubal afirma dar preferência aos Cafés que possuam o serviço de Wi-Fi, mesmo que esteja condicionado a um consumo mínimo ou fidelização, acredita ser mais proveitoso e permitir que o cliente aprecie seu café ao mesmo tempo que pode, por exemplo, *“participar a uma reunião de negócios ou solucionar pequenos problemas junto aos seus parceiros de negócios”*. Dessa forma, temos a **empresa** apresentando-se como **fornecedora e consumidora** do seu produto, talvez de uma forma mais **imbricada** do que, por exemplo quando falamos dos negócios dos fabricantes e consumidores de automóveis. O acesso aos serviços de *Wi-Fi* são em sua maioria gratuitos e o equipamento necessário para utilizá-lo tem sido também cada vez mais acessível em termos de preço e mobilidade.

Conforme já apresentamos em sessões anteriores, a busca pela comodidade é o ponto de partida para que possamos cumprir nossas tarefas quotidianas de modo que, aparentemente, não percamos tempo com detalhes dispensáveis e possamos usufruir daquilo que é representativo de atitude inteligente. Assim sobraria mais tempo, por exemplo, para apreciarmos a nossa cidade? Enquanto moradora temporária do Porto, tive por diversas vezes minha rotina condicionada a tecnologia: acordar, verificar o

correio electrónico e planear o dia a partir daí. Enquanto pesquisadora da cidade, caminhar por suas ruas e ficar a olhar as pessoas, a observar quantos em um Café estão a usar o computador ligado a *net*.

Moro na Rua de Costa Cabral, quase uma linha recta preenchida por muitos Cafés, restaurantes, prédios residenciais e algumas farmácias, com uns poucos mercados e mini-mercados. Não sei se a consideraria uma rua típica da cidade do Porto, mas pela descrição, sim. Não posso esquecer das lojas chinesas que dão cor a Costa Cabral. Nunca interessei-me por saber quem seria Costa Cabral, mas foi essa rua meu ponto de partida para o restante da cidade. Cada um de nós tem um ponto de perspectiva da cidade. Foi onde comecei a perceber a paisagem que construí da cidade e todas as emoções e memórias que ela desperta e cria, pois “a imaginabilidade paisagística é um magma representacional dinâmico, pessoal e, ao mesmo tempo, colectivo consoante se trate de um património de emoções, de um património de sociabilidades ou de um património cultural” (Seixas, 1999, p. 51).

Por questões práticas da pesquisa, também como forma de praticar alguma actividade física e estimulante para o cérebro, como faziam os gregos antigos, resolvi caminhar sem pensar inflexivelmente no destino, como sugere Teixeira Lopes (2008). A rua de Costa Cabral levou-me diversas vezes à Praça do Marquês, onde eu poderia escolher, caminhar até a Rua de Santa Catarina, seguindo à direita da praça, ou ir até a Lapa, virando à direita, assim que chegasse ao Marquês. Em outros momentos, segui até a meio da Costa Cabral e no Combatentes, tomei o passeio da esquerda, seguindo para a Rua da Alegria que me levava ao centro do Porto. Ainda pude, deixar a Costa Cabral na altura da rua de Santa Justa e seguir a longa recta da Avenida Fernão de Magalhães e chegar às Antas, ao Estádio do Dragão. Cada caminho desses mostrou-me fragmentos de cidade, que reunidos, não encaixam-se, mas imbricados, formam o meu mapa do Porto, o que vivenciei mais intensamente. E apesar de seguir esses itinerários tantas vezes, cada vez que o faço, encontro novos elementos.

O mapa do Porto que mostraremos a seguir, apresenta os principais pontos de hotspots, de acordo com pesquisa realizada no site da empresa Wi-Fi Alliance. É uma maneira de visualizarmos a cidade com outros pontos de interligação. Nele, os pontos amarelos apontam aproximações da localização dos pontos de acesso a tecnologia Wi-Fi.

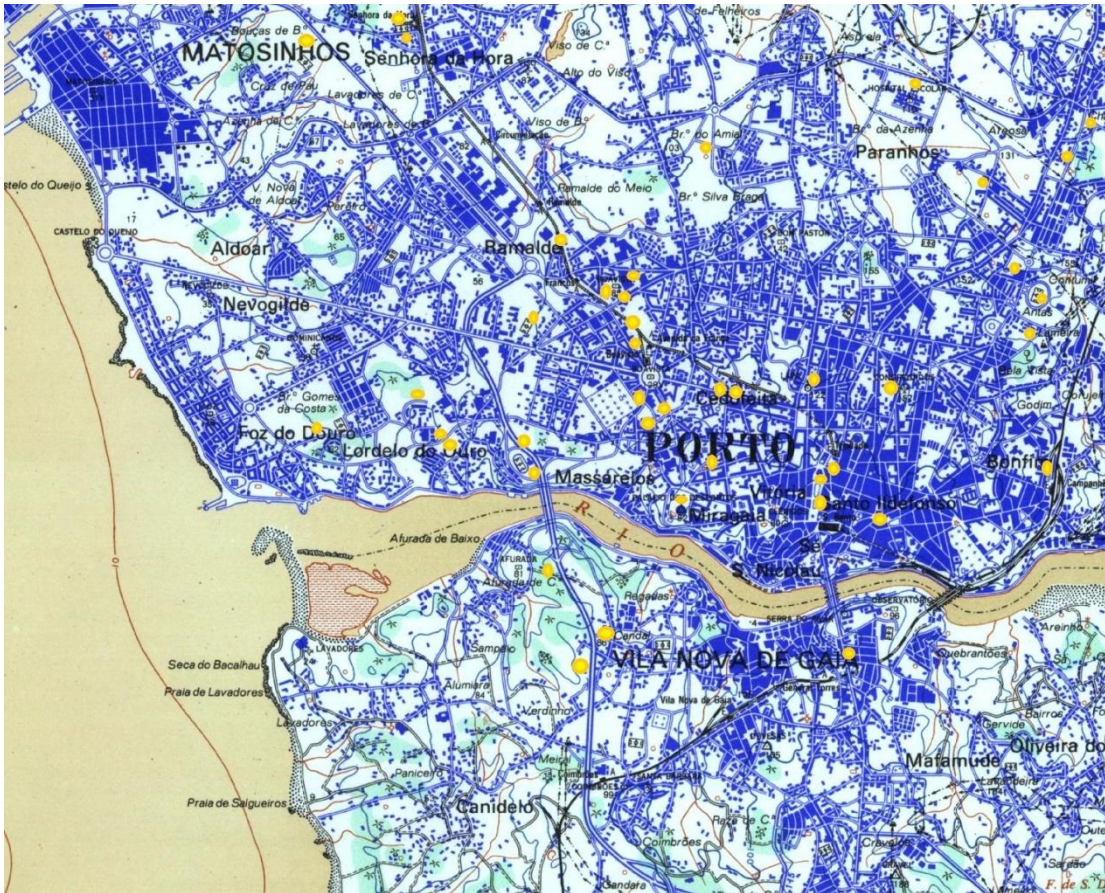


Figura 5: Mapa geográfico da cidade do Porto com destaque aos principais pontos de hotspots. Fonte: Raquel Maciel⁶⁴, com edição e adaptações de Fabiana Lima.

Os vários cenários do Porto não parecem combinar com a aparência jovem e fresca que inspira a tecnologia. Talvez a paisagem histórica da cidade leve-nos a vivê-la como se estivéssemos em um tempo passado usufruindo de ferramentas do futuro. Curiosamente, o estabelecimento que encontrei por esses arredores, que permanece aberto até as 02h00 da manhã não possui esse cenário histórico. O Barcarola, na Costa Cabral, atrai muitos jovens, até os 35 anos, para assistir os jogos de futebol das ligas europeias, nacionais e regionais, e muitos usuários do *Wi-Fi*. Chegam mais sozinhos, ou melhor, acompanhados unicamente de seus auriculares e do portátil. Outros vêm em pequenos grupos. Os primeiros, costumam ficar mais tempos no bar, aceder sites de relacionamento. Os segundos, fazem trabalhos da escola, vasculham sites que acham interessantes. Ambos costumam jogar os já bem conhecidos *Rolling Playing Games – RPG, online*. Os funcionários do estabelecimento, sempre muito dispostos, sempre responderam as minhas breves questões sobre a ideia de trazer para o ambiente o acesso gratuito ao *Wi-Fi*. Segundo eles, faz parte de uma ambiência descontraída e ao mesmo

⁶⁴ Disponível em: http://www.mapas-portugal.com/Mapas_Cidade_Porto_Portugal.htm

tempo aconchegante que o bar quer passar aos seus clientes, junto com a venda de jornais, revistas, jogos de lotaria e afins dentro do estabelecimento. Tanto que o foco não é oferecer refeições completas, mas sim as ligeiras, além da bebida e desses outros serviços.

Um espaço que me pareceu pouco usual na cidade. Mesmo os bares da Cedofeita, que costumemente atendem aos jovens estudantes até as 04h00 da manhã, não oferecem serviços de HotSpot. Para tanto, o interessado terá que se deslocar a uma das lojas do MacDonalds, na praça dos Aliados, por exemplo, mas que funciona até à 00h00.

A admiração por um objecto, sensação, situação ou pessoa é também mutante e muitas vezes, aquilo que conseguia deslumbrar o nosso olhar não o faz mais. Quando cheguei no Porto em 2007 lembro-me de achar a cidade muito grandiosa, pelos prédios históricos, pelas Av. Dos Aliados e a sumptuosidade do prédio da Câmara do Porto. Num restaurante da Rua Sá da Bandeira, jantei no ano que cheguei e achei toda aquela situação tão ímpar, sentada no primeiro piso do restaurante, que a mim naquele momento parecia unir elementos rústicos ou tradicionais com a subtilidade dos guardanapos tão bem dobrados e o vinho e tudo mais. Passados dois anos caminhei pela mesma rua e não entendi porque achava, ou melhor, via tudo tão mais grandioso, tão mais imponente. Os cenários vão ficando comuns e é como se não nos surpreendessem mais tão facilmente, mesmo para um estrangeiro. Mas talvez seja por isso mesmo, o costume vai aos poucos desfazendo o estrangeiro, transformando ele também parte daquele lugar estranho. Poderia reunir as ideias que me vinham a cabeça nesse intenso poema de Florbela Espanca:

Nostalgia

*Nesse País de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as jóias que plas aias reparti
Como outras rosas de Rainha Santa!*

*Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!
Foi por lá que as semeiei e que as perdi...
Mostrem-se esse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!*

*Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!
Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra
Por entre tanta sombra igual a mim!*

4. Outros Portos: olhares e vozes itinerantes

Minhas caminhadas foram tantas que aquela cidade tão organizada que me parecia a princípio, foi mostrando-se tão por fazer, tão sem início e sem fim, que a primeira vista de organização chegou a parecer mais uma maneira de esconder o que está nos arredores da cidade. E assim como Recife, que estudei em uma pesquisa anterior, o Porto vive seu centro como se as suas outras cidades não existissem. Mas estão todas lá, é só caminhar que encontramos as ilhas, os cenários que me lembravam com tristeza as fotografias de ruínas de guerra. Principalmente adentrar os subúrbios do Porto e caminhar nas sobras de suas Quintas, ora tão sumptuosas, hoje parecem o refúgio de um aglomerado de pessoas que não podem ter uma vida melhor.

Tais ambientes despertavam meu receio. Talvez no meu íntimo lutasse por guardar a imagem da cidade tão sumptuosa que eu conheci em 2007, desfazendo desse imaginário apenas aquilo que fosse inevitável desfazer. Mas o tempo não permite que nada permaneça inalterado até o fim. Fui conhecendo primeiro as localizações mais pobres nos arredores da minha morada. Segui a rua de Costa Cabral no sentido de Gondomar e sempre em frente, até que cheguei num área que mais parecia uma fronteira entre a cidade e o campo. Muitos terrenos cultivando alfaces, repolhos, alguns galináceos, muitos cachorros. Casas que escondiam por entre o lodo, as muitas folhas e plantas os anos de glória de uma família, que outrora, construía seu pequeno castelo, e agora só restavam as ruínas, os remendos de um telhado parcialmente destruído, o cachorro esguio latindo ao infinito. Um varal de poucas roupas escuras e ao lado, muitos pequenos cômodos, todos aparentemente ocupados. Ao lado desses cômodos, um grande portão, completamente aberto. Hesitei por uns instantes, mas entrei e encontrei logo a frente uma torre, abrigo dos pássaros. Ao lado do terreno daquilo que já foi uma Quinta, há uma fábrica e fiquei ali por uns instantes a contemplar aquele cenário que nem me fazia recordar o Porto das fotografias, nem mesmo aquele que já havia visto tantas vezes. Um senhor, morador de um outro conjunto de cômodos, contou-me rapidamente a história da torre e da Quinta. A família havia saído e abandonado o espaço, agora ocupado por aqueles que encontraram abrigo ali. A torre, não podia ser

vendida nem derrubada, pois o município de Gondomar estava a estudar a possibilidade de fazê-la património.

Resolvi seguir o caminho até o conjunto de cómodos, ou melhor, de casas que via à frente. Para a rua davam as pequenas casas de banho. Ao centro, o lavador. Do lado oposto as casas de banho, as casinhas. Acima do lavador, mais casinhas. Tudo cercado por um muro baixo que deixava todo esse cenário visível. Talvez isso não surpreenda quem está acostumado com o cenário mais pobre do Porto. Não que eu não tenha visto cenários tão ou mais pobres que este, mas não é isso que falam da Europa lá de onde eu vim. Não imaginava que isso acontecesse, dessa forma. Outros cenários foram familiarizando-me com essas paisagens. Como a primeira ideia seria seguir os produtores de dvds piratas, ainda com a intenção de estudar de que forma as pessoas da periferia conseguiram ultrapassar todos os artefactos de segurança daqueles que criam a tecnologia de ponta, visitei algumas feiras do Porto: Vandoma e Senhora da Hora. Da feira de Vandoma, que finda por volta das 13h00, armada próxima a Ponte..., com a bela vista do Douro, segui os itinerários de pequenos bairros montados ali sobre as altas pedras que beiram o rio. Outros aglomerados de casinhas com fartura de varais, coloridíssimos que chamaram a minha atenção e de uns amigos brasileiros em busca de interessantes paisagens para fotografias. Entramos num desses pequenos bairros, conversamos com uma simpática senhora que tomava um ar fresco. Era verão. A nossa curiosidade era para saber como ela morava ali. Rindo sempre, respondeu que mora ali há mais ou menos 20 anos, pagava 24 euros mensais como se fosse uma renda. No inverno, por ser muito frio, fazem reuniões na cozinha com o fogão aceso. Foram essas paisagens que me ajudaram a elaborar uma percepção do Porto.

Como uma breve conversa com dona Rosa, funcionária do cemitério da Lapa. Numa tarde de sol tímido ainda no fim do inverno, fui conhecer os túmulos de Camilo Castelo Branco e Almeida Garret e conheci a senhora, ali sentada a limpar alguns canteiros. Quando percebeu que eu era brasileira começou a falar que a filha tinha amigos brasileiros, que assistia aos programas de um canal de televisão também brasileiro, enfim, deu-me espaço a conversar. Enquanto discutíamos sobre as questões sociais de nossos países, perguntei-lhe como era o tempo de Salazar; “nada bom”, disse-me, “passava muita necessidade, hoje pode-se comprar sapatos, roupas e até telemóveis”.

Mesmo que minha busca tenha sido pelas interferências da tecnologia no quotidiano, minhas caminhadas que levavam para outros pontos da cidade faziam parte do mesmo Porto Digital e fizeram-me querer ir além dos projectos e projecções de uma cidade modelo de inclusão das tecnologias da comunicação. Cada cidade apresenta uma bacia semântica que desagua significados distintos a cada olhar e eu tentei seguir esse curso. Por isso, para além do Barcarola, sempre frequentado por jovens adeptos das tecnologias em rede, fui a centros comerciais do grande Porto, com o intuito de observar como funcionava a utilização das redes *Wi-Fi*.

Independente das minhas visitas a centros comerciais com a motivação de lazer - principalmente durante o inverno, a cidade não oferece muitas opções de lazer além desta – foi quando mudei-me no início de 2008 para uma rua paralela a Costa Cabral que comecei a frequentar o centro comercial Parque Nascente para utilizar os serviços de internet sem fios e observar o comportamento das pessoas que estivessem conectadas. Nesse centro comercial fiz algumas observações que opto por descrevê-las em uma tabela, bem como num outro centro, o Norte Shopping, que fica já no município de Matosinhos.

Observações da utilização dos espaços de Hotspot		
Parque Nascente		
Data	Hora	Situação
22/09/2009	20h45	3 senhoras, aparentando mais de 50 anos compartilham 1 portátil
		1 rapaz sozinho assiste a vídeos no youtube
		1 senhor e 1 criança compartilhar 1 portátil
24/09/2009	22h00	1 senhora trabalha sozinha no portátil
		1 senhor assiste a vídeos no youtube
Norte Shopping		
Data	Hora	Situação
18/11/2009	17h45	3 senhoras faziam um trabalho académico
		1 senhora preenchia uma tabela no Excel
		1 rapaz assistia a vídeos no <i>youtube</i>

Tabela 3: Observações da utilização da internet nos espaços com tecnologia Wi-Fi – Centros Comerciais

Sejam pessoas que possuem internet em casa ou não, parecem aproveitar a comodidade de poder estar ali, sozinhos ou acompanhados de amigos e da família a utilizar a *net*. Porém, desses observados pontuados na tabela, a cena repetia-se da seguinte forma: aqueles que estavam a trabalhar costumeiramente estavam em pequenos grupos, aqueles que estavam apenas a pesquisar ou assistir vídeos, facto bastante corriqueiro, costumavam ter apenas o portátil por companhia, os restos de uma refeição ou de um

café, ingerido às pressas, enquanto aproveitavam um dos inúmeros pontos de rede eléctrica para que assim alimentassem suas máquinas sem que se preocupassem com o fim rápido da maioria das baterias. Confesso que observar os poucos usuários a que me ative pareceu-me mais interessante que contabilizar todos que estavam por ali naqueles momentos de observação. Pois eles estarem ali já é um facto, mas o curioso é espreitar, às vezes quase como um *voyer*, mas no fundo, querendo entender porque na maioria das vezes permanecem sós, como aquela pequena máquina seduz para que fiquemos ali horas e horas.

Digo “fiquemos”, pois como comecei a descrever anteriormente, também fiz uso dos espaços de *hotspot*, nomeadamente do Parque Nascente, Norte *Shopping* e do Palácio de Cristal. No meu primeiro sítio de utilização, frequentei por dias seguidos, aproveitando que minha recente mudança havia me deixado sem acesso a rede em casa. No primeiro dia, 03 de Abril de 2009, uma sexta-feira, final de tarde, perto das 18h30, as pessoas já chegavam para jantar, não consegui acento na praça de alimentação. Então dirigi-me para uma poltrona no primeiro piso, próxima a uma grande loja de médias, sentei e tentei activar a função *wireless* no meu portátil. Mas não conseguia conectar a rede. Vi uma menina sentada à minha frente, já aparentemente utilizando a *net* e pedi ajuda. Explicou-me que era assim mesmo, com insistência até que a rede fosse reconhecida. Após um tempo razoável de 15 minutos tentando – o que é uma eternidade quando se trata de querer a internet a funcionar – consegui conectar através da TVTEL 4, isso porque o centro comercial possui mais de uma rede disponível. Resultado: fiquei ali, quase na mesma posição, até as 23h45, quando percebi o movimento de arrumação das lojas para fechar o estabelecimento. Bem, não vou aqui falar de tudo que falei em outras sessões, sobre como parece que somos realmente levados, mas era essa a sensação.

Para um estrangeiro, principalmente aquele que está habituado a uma vida social diversificada, com bons e animados amigos, estar num país europeu – apesar das diferenças entre a Europa oriental, central e mediterrânea – ficar sem uma forma de contacto com os seus não é agradável. Um passeio ao centro comercial, estando sozinho, faz com que você apenas tenha que falar caso resolva adquirir algum produto, ou se alguém porventura venha perguntar se o acento do seu lado está desocupado. O restante do tempo é silêncio. Um silêncio ensurdecedor, assim como a ausência de luz nos deixa sem enxergar, o silêncio leva-nos o hábito de ouvir, de querer conversar, isso ao que parece, aliás, ao que se observa. Porém, há que se lembrar, de facto, no mundo,

não existe silêncio, mesmo numa sala programada para absorver todos os sons, como no laboratório de música da Universidade de Havard, ainda assim é possível ouvirmos nosso pulso. Onde há vida, há som. Ainda melhor, como diria Reville (1992), “Nenhum silêncio existe que não esteja grávido de som”. A questão aqui é, o silêncio aqui parece uma ordem, uma forma de manter a ordem, assim como o facto de termos um sério problema em estabelecer relacionamentos contínuos por aqui. É possível passar 4 anos numa cidade e nunca ser convidado espontaneamente a casa de algum portuense? É sim! É possível passar dias sem que se converse com uma pessoa, apenas fale-se o essencial: cumprimentos, agradecimentos, solicitações, enfim? É sim!

E se o silêncio é gravidez, então é vida anunciada, mas não vivida ainda. Talvez essa seja a diferença. E em busca de um pouco menos de silêncio, fui buscar a conversa dos meus conhecidos, indo constantemente ao Parque Nascente, alguns finais de semana alternados ao Norte Shopping, durante todo o restante mês de Abril. Algumas vezes consegui chegar mais cedo, ficar na praça de alimentação e tomar um café. As vezes que olhei ao meu redor vi como vários espelhos meus, ou era eu o espelho, não sei. Mas havia uma repetição vasta da cena que eu protagonizava em minha mesa, conectada.

Sair do lugar é dar-se uma grande chance de perdê-lo e como a procura é grande, todos os pontos mais confortáveis logo ficavam preenchidos. No Parque Nascente eu tinha maior dificuldade de encontrar uma vaga, mas no Norte Shopping, como costumeiramente ia mais cedo, não havia problemas. Hoje pergunto-me porque não aproveitava aquele tempo todo gasto na internet para caminhar mais pela cidade, para ir ao cinema, para ler, para pensar na vida, para planejar algo. Não sei bem ainda, mas a sensação é de que, passado aquele momento em que a vontade foi saciada, resta uma sensação de insatisfação pelo mal aproveitamento do tempo.

Após as observações e usos decorridos nos espaços de tecnologia Wi-Fi, realizei algumas entrevistas com usuários com a intenção de perceber como e se aquele uso interferia na forma como busca relacionar-se com as pessoas e se percebe essas interferências a partir dos seus amigos e conhecidos. Ou seja, se o usuário se observa e observa a utilização da internet em espaços abertos de forma questionadora de suas interferências nas relações interpessoais.

A primeira delas, no Parque Nascente, no dia 24 de Setembro, por volta das 22h00, assim que havia acabado a observação, percebi um senhor sozinho que tentava transferir um vídeo para o youtube – curioso que é quase sempre possível observar as actividades que uma pessoa realiza no seu portátil nos espaços de acesso gratuito. Havia acabado de terminar a apresentação das Terças de Fado, havia de facto muitas senhoras e senhores na praça de alimentação que ali estavam por conta do breve concerto. A platéia nesses dias é composta em sua maioria pelos menos jovens. Aquele senhor, sentado sozinho com seu portátil, logo ao pé do palco, chamou-me atenção e fui tentar conversar com ele. Cumprimentei-o, apresentei-me, expliquei o que me levava a ter aquela conversa com ele e logo, simpaticamente, disponibilizou-se a ser entrevistado. O senhor Jorge Ferreira⁶⁵ é fadista, vive no Porto a cantar fados em pequenos estabelecimentos, grava suas apresentações em vídeo e também as de outros colegas e as disponibiliza através de se canal do youtube.

Ou seja, mal acabem as apresentações, lá está o Sr. Ferreira a dispor os vídeos em rede. Por isso mesmo, costuma usar os espaços de acesso gratuito a internet, em cafés e centros comerciais mais habitualmente. *“A Internet ajuda os fadistas a trabalhar”*, diz-me. Aliás, pede que eu o descreva como Jorge Ferreira Fado, pois considera que esse estilo musical já faz parte de sua vida tão intensamente que deve mesmo estar no seu nome. Curioso que afirma não fazer mais nada na internet além de postar os seus vídeos e os administra. E quando não pode postar os vídeos no mesmo dia, o que faz? – pergunto. *“Vou ao café mais perto de casa, ou ao que me apetece, se tudo estiver calmo, posso trabalhar em casa também”*.

Acha que a tecnologia poderia vir a interferir no seu quotidiano de modo negativo? – pergunto em seguida. *“As coisas só atrapalham quando não se tem consciência do que são as coisas”*. Por isso não costuma conversar pela internet, apenas postar os vídeos. A cada pergunta, a conversa vai ficando mais espontânea e logo dá-me o seu endereço na rede: <http://jorgeferreirafado.sapo.pt> e conta-me ser um coleccionador de moedas e admirar mesmo muito a numismática, apesar de sua paixão ser o fado. Faz esse trabalho com os vídeos para divulgar a importância do mesmo, além disso, assim como ele, muitos fadistas pouco conhecidos, ficam sem meios de divulgar seus trabalhos. Com a

⁶⁵ Entrevista 4.

internet ganham um meio que considera eficaz: “[internet] é instrutivo, tem cultura, a gente divulga o fado em todo os quatro cantos do mundo”.

Segundo o Sr. Ferreira Fado, “o computador veio mudar o mundo, as pessoas de mal carácter estão muito próximas da polícia – com os telemóveis de cartões descartáveis é preciso que a polícia saiba os movimentos das pessoas. O computador conta todos os movimentos das pessoas, para investigar e tudo mais”. A sua percepção é de que através da tecnologia é possível saber o que cada pessoa faz, seguir seus passos, identificar cada uma de suas acções. É como um grande vigia eficaz, que está sempre atento, uma sentinela. Mas não só isso. Quando pergunto da interação através da internet, responde-me sobre algumas outras vantagens. “Hoje nem vale a pena sairmos de casa para adquirir determinada coisa”, pois a grande rede facilita a compra de um CD, por exemplo. E para conversar com as pessoas – pergunto mais directamente. “Para conversar com as pessoas, [elas] têm que estar na minha frente”. Dito isto, avisa-me de sua pressa para terminar o trabalho e ir embora, pois já está tarde e ainda faltam alguns vídeos antes que o centro comercial encerre por aquele dia. Avisa que ainda não foi convidado para apresentar-se no Parque Nascente, mas que se convidassem, o faria com muito gosto. Para finalizar, reitera o motivo de disponibilizar os vídeos através do youtube: “a internet cria uma rede entre os fadistas e isso é muito importante, para os fadistas e para a cultura portuguesa”.

Os seus 50 anos são conservados com muito bom humor e simpatia, necessários também a condição de artista. Terminada a minha conversa com os Sr, Ferreira Fado, dei-me por satisfeita por aquele dia, afinal encontrar um usuário que trata a internet como canal de divulgação dos seus trabalhos acrescenta um dado interessante e ajuda-me a pontuar esse facto no trabalho. Pessoas de todas as idades possuem o costume de manter canais para divulgação de seus trabalhos artísticos como músicos, artistas plásticos, atores, poetas, escritores. A internet permite que, no selectivo mundo de hoje, dada a grande quantidade de artistas nos mais diversos sectores da arte, exponham suas ideias criativas para o mundo. Tal facto leva-me a pensar em dois aspectos. Primeiro, que a facilidade de divulgação permite que cada pessoa conectada em rede possa sentir-me como um artista e até mesmo adquirir fãs ou seguidores através das redes de relacionamento. Portanto, o híbrido formado entre nós e a internet, nesse aspecto da **possibilidade** é uma **relação imbricada de poder, motivação e ideias**, que estão

sempre a movimentar-se, a reformarem-se e reposicionarem-se, podemos interpretar diversos personagens, ser um pouco do pintor que nunca ousamos ser.

Além disso, muitos dos artistas que já estavam sem espaço, devido à grande concorrência e à disseminação intensa da ideia de que antes de uma arte, ser artista é mesmo profissão – e por vezes, das bem sucedidas – conseguem divulgar seus trabalhos, serem ouvidos. Inclusive há vários canais específicos, por exemplo, para a divulgação de músicas através das *nettables*. Nomeiam-se gravadoras virtuais, mas de facto, aceitam as músicas já gravadas de forma independente pelos artistas e as divulgam. Possuem uma rede não só com os artistas, que acabam por se conhecerem entre si, como também com rádios locais, espalhadas por todo o globo terrestre e assim uma música desses artistas feita na Finlândia pode vir a tocar numa rádio Argentina, por exemplo – esse exemplo poderia ilustrar um dos movimentos no espaço de fluxos (Castells, Hannerz). Sem que para isso precise ser reconhecida pelos meios oficiais. Para os artistas que não conseguiam espaço algum, é um excelente meio de divulgação, que se não deixa ninguém milionário mas também não exige que qualquer quantia em dinheiro seja desembolsada, mesmo porque muitos desses músicos gravam suas músicas em seus próprios computadores. A exemplo disso, em Portugal há a *Plastic for Records*, *nettable* desenvolvida com o fim de divulgar música electrónica de artistas desconhecidos.

Essa é uma das imensuráveis possibilidades de uso da internet, mesmo que seja sentado numa praça de alimentação ou na mesa de um Café. A interferência da internet, ou das tecnologias em geral na vida das pessoas parece ser feita silenciosamente, mas nas outras entrevistas que descreverei talvez possamos visualizar de modo melhor definido como essa intervenção ocorre. Ainda na mesma semana em que havia conversado com o Sr. Ferreira Fado, num passeio pelo centro comercial Via Catarina, bem ao centro do Porto, na rua de Santa Catarina, junto com meu companheiro, encontrei um jovem a utilizar internet na praça de alimentação. De facto, nesse centro comercial, não há grande disponibilidade de lugares para sentar a não ser na sua praça de alimentação, não sei se quem o planeou acreditava que por situar-se bem ao centro da cidade, não havia necessidade de criar espaços de convívio no estabelecimento, para além do espaço de alimentação.

O Via Catarina foi também o primeiro centro comercial do Porto que conheci. Sempre repleto de turistas, sua ambiência e decoração permitem que o visitante sintase bem ao passear pelo centro comercial e curiosamente, não é o típico não-lugar de Marc Augé, pois mesmo dentro dele lembramo-nos bem que estamos no Porto. Inclusive, sua praça de alimentação possui ao frontispício de cada loja a simulação de um antigo estabelecimento de restauração da cidade. Não de um lugar que houvesse existido, mas como se aqueles restaurantes actuais fossem mesmo a moda antiga, ao menos em sua aparência. É mesmo o estilo de decoração que cria um ar menos impessoal ao centro comercial.

Pois ali, sentada a tomar um café, identificamos o jovem. Situação atípica, pois já havia visitado o lugar diversas vezes e não costuma encontrar pessoas a usar a *net*. Utilizei o mesmo tipo de abordagem da entrevista interior, falei da minha pesquisa, do meu interesse e se permitia uma conversa sobre o assunto. Permitido, apresentou-se. Mendes Malojo⁶⁶, filho de uma portuguesa com um espanhol, residente no Porto desde os 12 anos, agora com 23. Mais precisamente, vive em Gaia, região do Grande Porto. Pergunto-lhe se já sentiu falta de estar conectado a internet ou dos telemóveis, enfim, das tecnologias da comunicação. E conta-me uma interessante história. No fim-de-semana anterior, havia estado em casa de uma amiga, uma pessoa com posses. “*É um grande sossego. Céu estrelado que aqui não se vê, em Covas, Ponte de Lima. Mas não havia rede para os telemóveis. Só em alguns pontos da casa e não podia se mexer ou a rede sumia.*” Isso apenas durante um fim-de-semana, programado para estar entre amigos e descansarem. “*Não gostava de morar lá, prefiro o stress da cidade*”. Aliás o jovem Malojo está bem acostumado com a utilização do seu telemóvel, ou melhor dos telemóveis. Trabalha como tele-atendente de uma operadora de serviços móveis de internet e telefone. “*Estou habituado a estar ao telefone e a usar o computador, é a base do meu trabalho*”. Todo o sistema de atendimento é operado em rede, através da internet. Podem comunicar-se com outros operadores em qualquer parte do território português e consultar antigas informações de atendimentos anteriores de um mesmo cliente.

Pergunto-lhe como foi então a sensação de passar um fim de semana inteiro, praticamente sem poder comunicar-se: “*Horrível, não imaginava que ficasse tão*

⁶⁶ Entrevista 5. Ressalta-se que nas entrevistas o nome dos entrevistados era resguardado, caso fosse do interesse dos mesmos.

ansioso. Hoje em dia quase ninguém vive sem telemóvel, é como se andasse nu". Apesar de não se considerar um usuário compulsivo do telemóvel ou mesmo da internet. Mas reconhece que tais tecnologias trazem **facilitações**, pois é "*uma forma cómoda de estar na mesma com os amigos*". Principalmente nos dias mais chuvosos, por exemplo. Ainda considera que a *net* é mais um divertimento, como a televisão, pois não costuma utilizá-la para pesquisa, apenas para falar com os amigos e mesmo assim não passa muito tempo.

Termina nossa conversa ressaltando que precisava ir embora. Agradei sua disponibilidade e fiquei a pensar sobre as formas de interacção na cidade do Porto. Nos grupos de amizades sempre já estabelecidos, bem, fica difícil falar de certos aspectos quando se é estrangeiro e isso interfere directamente na aceitação de um elemento novo no grupo. Aliás, elemento novo representa o desconhecido, sendo estrangeiro ou não e o habitantes nascidos no Porto, nesse período de convivência, pareceram-me deveras desconfiado, ou em outras palavras, que precisa de muitas garantias para aceitar de facto o novo elemento como amigo, apesar de toda simpatia. Mas se pensarmos a vida como um arriscar-se constantemente em busca do bem-estar, de melhorar este bem-estar, não estaremos livres dos riscos.

Poderia mesmo dizer isso para mim, pois acabei ficando tímida, não em falar com as pessoas, mas em abordá-las para entrevistar, até mesmo por ser um momento em que estão ocupadas com suas vidas. Apesar de não ter encontrado objecção quando abordei as pessoas, mas o fiz sempre observando um bom tempo antes.

Os centros comerciais são mesmo um bom lugar de encontro e por isso também de observação. Um lugar de transição, um emaranhado de motivações que torna o ambiente rico para uma pesquisa, mas também por muitas vezes, deveras confuso. Não pode representar isoladamente uma cidade inteira. E por esses motivos, resolvi fazer observações em outros pontos urbanos, mais abertos, como o Palácio de Cristal e a Biblioteca Almeida Garret, situada dentro das instalações do mesmo. A ambiência do Palácio de Cristal, a primeira visita que fiz, em busca de lazer, transmitiu-me muita calma, paz, alegria também, pois durante os meses mais quentes é mesmo gratificante caminhar pelos vários jardins do Palácio. A entrada com altos portões parece mesmo delimitar fronteiras entre o movimento dos carros, muito por conta da proximidade com o Hospital Santo António, na Cordoaria. A mesma rua que abriga o palácio, abriga

também diversas galerias de arte, uma livraria, museu, e dá abertura para a Boa Vista. É uma das localizações mais bonitas da cidade, na minha modesta opinião. Certamente fiquei envolvida com a vista do Porto, dada pelo miradouro de um dos jardins do palácio. Eis então uma imagem do que foi, mais ainda é, no imaginário da cidade, o Palácio de Cristal.



Imagem 1: Palácio de Cristal, em 1856. Fonte: www.portoantigo.blogspot.com

Eu aqui a falar de um palácio, quando de facto ele não existe mais. Sim, mas só descobri quando fui visitá-lo. O Palácio de Cristal existiu até 1951, demolido para dar lugar a um pavilhão de desporto. Não creio que tenha sido uma boa mudança arquitectónica, pelas fotografias que pude ver, a estrutura de vidro, granito e ferro era muito mais harmoniosa a paisagem dos jardins. O edifício foi inaugurado pelo Rei D. Luis em 1865 recebeu diversas exposições artísticas e por toda sua expressividade, mesmo tendo sido demolido, todos continuam por conhecê-lo como Palácio de Cristal e não como Pavilhão de Desportos, o que oficialmente é.



Imagem 2: Jardins do Palácio de Cristal, actualmente, com parte do Pavilhão de Desportos à esquerda, ao fundo. Fonte: Fabiana Lima.

Mais que isso, é um conjunto de jardins temáticos, como o Jardim do Namorados, ou o Jardim Aromático, estátuas, fontes, pequenas construções, miradouros, bancos, diversos espaços agradáveis para o lazer ou relaxamento. Há sempre programações culturais, além da beleza e graciosidade dos animais que vivem soltos, como patos, coelhos, pavões, entre outros. Dentro de todo o espaço é possível aceder a internet gratuita, ao mesmo tempo em que se desfruta do agradável perfume das flores e plantas. Ainda para completar toda ambiência bucólica do lugar, há uma biblioteca pública, logo à extrema direita da entrada central.

Comecei minhas visitas para observação na Biblioteca Municipal Almeida Garret - BMAG em 26 de Outubro de 2009, por volta das 15h00. A Biblioteca possui três pavimentos, no primeiro, à entrada, está o espaço para guardamos nossos guarda-chuvas, logo a frente a recepção que cuida também do amplo espaço de exposições, logo à direita. À esquerda, estão as escadas que nos levam a recepção da biblioteca. Todos os funcionários são muito cordiais e solícitos. Nesse segundo pavimento há um Café, que fica à direita da recepção, próximo aos sanitários. Também há acesso para uma sala aberta, com jogos e livros infantis. Logo a entrada do salão onde estão as estantes de livros, há um espaço com as revistas e jornais actuais, assim como um computador para portadores de necessidades especiais. A arquitectura do espaço permite a fácil utilização de um portátil, ou mesmo do acto de espalhar alguns livros para estudar. Todo espaço é amplo e silencioso, propício para estudar, conversar na

internet ou apreciar a literatura, as notícias do dia. Ao fundo, próximo ao balcão de empréstimos, há vários terminais de acesso a internet, onde é possível ocupar uma máquina por até uma hora e meia.

Havia 5 jovens que utilizavam o grande espaço da biblioteca para fazer pesquisas em seus próprios computadores, estudavam e ao mesmo tempo conversavam entre si. Por vezes, deixavam os computadores e iam em busca de jornais e livros, provavelmente para a elaboração de seus trabalhos. Também aproximava-se um período de exames e passadas tantas semanas na praxes, estudar parecia necessário. Ali sentada com meu bloco de anotações, que posso sim chamar de caderno de campo, sentou-se uma jovem ao meu lado. Eu ocupava um dos espaços de estudo. Como a vi lendo lentamente uma revista, enquanto esperava que seu portátil ligasse, cumprimentei-a. Fui recebida com simpatia, e apresentei o meu estudo a ela. Perguntei se poderia entrevistá-la e respondeu positivamente.

Maria João⁶⁷, estudante de Ciências da Informação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e costuma vir a BMAG pela tranquilidade e estrutura que possui: *“Venho com meu portátil para cá porque é muito mais quieto para o período em que tenho muitos trabalhos a fazer”*. Considera que, a facilidade proporcionada pela internet é muito grande, mas gosta de acedê-la neste espaço porque pode consultar também alguns livros e vivenciar o ambiente em que pretende um dia trabalhar, também sair do ambiente puramente académico. Costuma vir a BMAG de uma a duas vezes por semana e chega a passar até quatro horas no local. Pergunto-lhe então porque não utiliza a biblioteca da sua faculdade: *“Nesse período de muitos trabalhos, tenho mais concentração aqui”*. E também por ser um local que tem acesso a internet? *“Sim, claro, para as minhas pesquisas”*. Em algumas conversas com os amigos? *“Não vejo a net como a melhor forma de lazer. Gosto de ir ao Piolho (Bar tipicamente de estudantes, na Cordoaria), ao cinema, prefiro o contacto pessoal com meus amigos”*. Já tendo iniciado todo sistema do seu portátil há algum tempo, pediu-me para terminar pois precisava estudar. A jovem magrinha, de média estatura e cabelos castanhos curtos, tez clara, estava mesmo a fim de continuar seus estudos.

Continuei ali sentada, a observar os utilizadores de portáteis por mais uns instantes. Levantei, caminhei discretamente. Confesso que enquanto observador senti-me algumas

⁶⁷ Entrevista 6.

vezes invadindo um pouco a vida alheia, coisas também da tecnologia, dá-nos essa sensação de intimidade distorcida. Visivelmente, muitos estão a assistir vídeos de entretenimento ou a jogar online. Um lugar seguro e silencioso, diferente dos centros comerciais, que são seguros, mas bastante conturbados. Além disso, com um sistema de segurança mais facilmente administrado, os objectos pessoais são deixados mais livremente. A estrutura que o espaço oferece assegura bons livros, empréstimos organizados, prazos adequados, acervo diversificado, quietude; características que inter-relacionadas transformam o local num espaço perfeito para o estudo e para momentos de estar consigo mesmo, pensar na vida enquanto lê-se o jornal ou a revista. Outros ainda aproveitam para aceder ao arquivo de filmes e músicas, que fica no terceiro pavimento, apesar de ser possível fazer downloads do próprio portátil.

Como ainda assim permaneceu meu interesse pelos usos daquele espaço, resolvi conversar com uma funcionária do local, entrevistá-la sobre o espaço e sobre a tecnologia também. Colocar nome da funcionária Ana Ferreira⁶⁸ falou-me que a proposta de acesso gratuito a internet na biblioteca faz parte do Projecto Porto Digital e é um grande sistema interligado através da rede de conhecimento e demais bibliotecas públicas do município. O acesso é fácil, basta preencher uma ficha, apresentar documentação pessoal (BI, comprovativo de morada) e será designada uma *password* e um número de identificação pessoal. Mas mesmo quem não possui o cadastro, pode utilizar a internet a partir de um dos computadores do espaço, por até uma hora por dia.

Pergunto-lhe se também costuma utilizar espaço de acesso gratuito: “*Sempre que estou fora da cidade*”. Mas acredita que não há grande interacção através dos computadores. Por isso pergunto-lhe, que importância vê nesses espaços gratuitos? “*É importante que haja locais públicos, [para as pessoas] não terem que se deslocar a um sítio específico. Mas tem suas limitações. Um turista fica num só lugar e não usufrui da cidade*”, isso se for, claro, deixar-se seduzir pelos espaços *Wi-Fi*, o que não parece ser muito comum para um turista. Percebe que **cada vez mais as pessoas vão à biblioteca para utilizar a internet**. Mas ela não utiliza esses espaços para conversar com os amigos, prefere vê-los ao vivo, conversa pela internet apenas com aqueles que estejam longe. Uma senhora que aparenta ter por volta de 35 a 40 anos e dedica boa parte do seu tempo ao trabalho e declara mesmo preferir encontros para descontrair **junto de seus amigos**. Como estava

⁶⁸ Entrevista 7

também em seu local de trabalho, pediu-me brevidade, e sua simpatia e delicadeza em me conceder a entrevista já havia sido suficiente. Talvez a realidade dela não seja compartilhada por boa parte dos jovens de 30 anos, na Europa como um todo, que passam por um difícil período na busca pelo primeiro emprego e por sair da casa dos pais.

Na edição de número 142 da Revista Superinteressante, encontrei uma reportagem que descrevia dessa forma a sociedade que em outros tempos estaria no auge de sua carreira:

Vivem com os pais e já desistiram da ideia de comprar um casa ou carro, pois não poderiam enfrentar os juros e as prestações. Têm ótimas habilitações académicas mas não encontram trabalho, e gastam a maior parte do tempo a participar nas redes sociais da internet (2010, p. 38).

A reportagem intitulada “juventude frustrada” chamou minha atenção ao demonstrar no contexto dessa juventude o uso contínuo das redes de relacionamento e jogos online. Dos 18 aos 24 anos, as dificuldades estão mesmo em arranjar o primeiro emprego. Dos 25 aos 34 anos, em estabelecer-se com uma profissão, sair da casa dos pais e construir uma vida mais independente. De acordo com dados da OECD⁶⁹, disponíveis na reportagem, 51% dos portugueses entre 25 e 34 anos estão desempregados, a maioria mulheres - esta percentagem está um pouco acima da União Europeia. Ainda há o agravante da cidade do Porto passar por denso momento de desemprego. A exemplo disso, um colega de doutoramento, morador do Porto, estava com sua tese suspensa por conta do trabalho e durante a escrita desta sessão, encontrei-o de volta aos estudos, estava desempregado e sabia da importância de ter uma formação mais avançada, ia tentar dedicar-se deliberadamente a tese naquele momento, enquanto também é usuário assíduo do *Farmville* no *Facebook*, uma espécie de jogo contínuo, em que seu personagem – que é você mesmo – administra uma fazenda virtual, com direito a prémios por muito boas ou muito más acções, é um dos maiores atractivos actuais, digamos assim, dessa rede de relacionamento em expansão.

As redes de relacionamento tornaram-se um dos principais meios de expressão dessa geração “sem fios”, já que os costumeiros troféus de “bem sucedido” mudaram abruptamente de forma e contexto, e mais, não param de mudar, o que torna a situação cada vez mais instável.

⁶⁹ *Organization for Economic Co-operation and Development*

Por esse prisma, o aumento do uso na internet em espaços públicos e de acesso gratuito não viria apenas pela disseminação da ideia de que a internet faz parte impreterivelmente de nossas vidas, mas por ela muitas vezes, apresentar-se como alternativa as dificuldades sociais enfrentadas, por ocupar tempo e proporcionar o desenvolvimento de actividades, como escrever textos ou poesias, divulgar trabalhos artísticos em geral, construir redes de relacionamento, ou mesmo compartilhar as experiências com outras pessoas que vivenciam situação semelhante.

Os problemas para preenchimento, se assim pudermos chamar, do tempo e das lacunas que as relações sociais parecem ter alargado por conta de sua complexificação estendem-se a todas as idades. E essa percepção das grandes dificuldades de relacionamento, não simplesmente entre amigos, mas entre familiares, colegas de trabalho ou escola, deu-se muito por me encontrar fora dos grupos pessoais de convívio habitual. E não só por isso, pois de volta às caminhadas pelos centros comerciais nos dias de mais frio e vento, resolvi verificar um novo espaço que havia inaugurado no Dolce Vita. Um centro comercial localizado nas Antas, em frente ao Estádio do Dragão, casa do Sport Clube do Porto. O Dolce Vita, segundo o que me contaram alguns comerciantes, logo assim que comecei a visitar o centro comercial, ainda em 2007, já foi apontado como um dos centros comerciais da Europa de arquitectura mais bonita.

Dos centros comerciais que visitei foi o único que não verificava a movimentação dos usos de *Wi-Fi*. Mas no início de 2010, em busca de ampliar as observações de terreno, resolvi voltar lá. Para minha surpresa, no segundo piso, mais especificamente, na sua primeira praça de alimentação, verifiquei placas indicativas convidando o usuário de wireless a desfrutar do seu mais novo espaço, o *Cyber Lounge*. O espaço fica no primeiro piso, junto às lojas de bens e serviços de comunicação. O ambiente é convidativo, tanto a utilizar a internet quanto a descansar e conversar com os amigos. São três conjuntos de bancadas, que totalizam doze pontos de tomada, que funcionam também para ajudar na recarga dos telemóveis. Ainda há *puffs* e sofás que complementam a funcionalidade de um sítio de encontros. Cheguei ao local por volta das 10h30 da manhã, o que não parecia ser um horário muito atraente a ocupação do espaço, havia apenas três rapazes, dois a utilizar o computador e um a espera da recarga do telemóvel enquanto lia uma revista. Bem, fui primeiro a uma das lojas de aparelhos

de comunicação e falei com uma funcionária⁷⁰ do local. Expliquei meus objectivos e pedi uma entrevista, ali mesmo. Começamos então a conversar. Perguntei-lhe quais eram os principais frequentadores do espaço, se poderia me dizer uma média da faixa etária, e no que aquele espaço tinha modificado o movimento do centro comercial. Contou-me então que desde Janeiro deste ano o serviço foi implementado, mas não é de internet gratuita a todos, apenas aos clientes de uma companhia⁷¹ de telecomunicações, que também possui loja no local. Os principais frequentadores são jovens do sexo masculino, **entre os 18 e 35 anos** e sua frequência no local é tão certa que o movimento das lojas tem aumentado muito. Os assinantes dos serviços de telecomunicações dessa empresa podem solicitar uma senha de acesso gratuito, mas os demais usuários podem adquirir o serviço a baixo custo por hora de uso. Os rapazes costumam vir em grupos de 2 ou 4 pessoas, raramente vêm sozinhos. “*A grande maioria dos compradores dos serviços móveis de informática são homens*”, diz-me de forma bastante enfática. Esse é um dado interessante, pois mesmo que isso acontecesse apenas com essa empresa, nas observações que realizei nos espaços de acesso gratuito, a maioria dos usuários eram homens. O espaço é incentivado pelas lojas que vêm seu movimento crescer, tanto que a nossa entrevista é terminada com a chegada de um cliente. Bem, mas o meu interesse era mesmo conversar com usuários, mesmo que a descrição dos serviços seja importante.

Voltei-me ao *Cyber Lounge*, bem ali nas minhas costas e vi os dois homens que havia reparado anteriormente ainda a utilizarem o computador. Aproximei-me e cumprimentei-os, perguntei se havia tempo para uma breve conversa, mas infelizmente estavam ocupados, e não utilizavam a *net*. Apenas tentavam gravar um disco de fotografias para um amigo, mas poderiam aceder gratuitamente, pois assinam o serviço em domicílio da referida empresa de telecomunicações. Mas não teriam tempo a uma conversa, devido a pressa com seu compromisso.

Algo que reparei ao longo das entrevistas que fui realizando é que, quanto mais eu me sentia segura para abordar os meus possíveis entrevistados, mais as conversas iam ficando apressadas, curtas, repletas de sinais de que estavam ocupados e não poderiam conversar naquele momento. De facto ser abordado para conversar sobre qualquer tema

⁷⁰ Entrevista 8

⁷¹ Tentei também conversar com funcionários dessa empresa para saber detalhes do funcionamento do serviço, mas o movimento estava tão intenso que não havia possibilidade de conversa.

tão corriqueiro não parece chamar atenção das pessoas facilmente. Mas isso foi uma impressão particular, quando estamos abordando um tema que está muito imiscuído no quotidiano, há maior dificuldade de falar sobre ele, de achar interessante dizer quantas horas fica-se ali naquele ambiente, ou que fala muito ou pouco com seus amigos pela internet de pontos de acesso gratuito, ou se percebe diferenças nas relações interpessoais por conta da disseminação do serviço de internet sem fios.

Embora eu tenha também uma outra impressão, de que os nossos temas de pesquisa têm momentos de ápice e queda durante nossos estudos. Quanto mais nos aproximamos do tema na prática, mais nos distanciamos do suposto encantamento inicial. Fiquei então a degustar um café no primeiro piso, logo à entrada de uma livraria, enquanto pensava nessas questões que indiscutivelmente permeiam minha pesquisa. Por mais que tentemos manter certa imparcialidade quanto aos interlocutores, a forma como recebem o tema também afecta-nos. Mas terminado o café e os pensamentos, segui um último conselho da funcionária que entrevistei e fui tentar conversar com os administradores do centro comercial, no que me dirigi ao balcão de informações. A funcionária explicou-me que os administradores não estavam no local e acabou por repetir-me as informações que havia conseguido na primeira entrevista. De toda forma, anotei as informações de utilização apresentadas num breve conjunto de normas de utilização disponíveis no espaço destinado à internet e serviços afins: “O Cyber Lounge encontra-se disponível para todos os nossos convidados que necessitem de ligar seu computador portátil à corrente eléctrica, para realização de actividade profissional, educacional ou lúdica. As crianças devem estar acompanhadas pelos pais”. De facto, **oferecem um serviço de Wi-Fi, mas não é gratuito, o que acaba por não ser tão atractivo a um grande público.**

Algo similar acontece com o centro comercial Norte Shopping, situado em Matosinhos, Grande Porto. Durante minha estadia no Porto já frequentei o espaço por diversas vezes, algumas delas para observação dos usos da internet sem fios. A primeira que registei foi em Novembro de 2009, conforme já demonstrado. Excepto às segundas-feiras, o local costuma estar lotado, e na sua extensa praça de alimentação, raramente há muitos portáteis, e quando há, normalmente estão a ser compartilhados por duas ou três pessoas. Mesmo já tendo feito pessoalmente a utilização da internet sem fios nesse centro comercial, sei que **há necessidade de um cadastro** junto a uma das principais lojas de eletro-electrónicos, como a Rádio Popular e a *Worten* e além disso, torcer para que a rede funcione, coisa que não é fácil. Eu mesma cheguei a pensar por diversas

vezes que havia algum problema técnico com meu portátil, e levá-lo a uma breve verificação na Rádio Popular. Esse deve ser um dos motivos que desencoraja as pessoas a irem ao Norte *Shopping* com o intuito de aceder a internet. O mais comum é as pessoas que estão a navegar possuírem serviços pagos que permitem o acesso a rede de qualquer parte do continente português. Na minha última ida ao local para fazer entrevistas com possíveis usuários, a situação não era muito diferente quanto a pequena quantidade de pessoas. No dia 22 de Fevereiro de 2009, dei diversas voltas pelo centro comercial, para tentar perceber quem poderia parecer mais disponível para uma breve conversa. Sabia que era uma das minhas últimas buscas por entrevistas, tendo em vista os prazos de conclusão do trabalho estarem se estreitando. Isso porque, um trabalho de campo pode durar mesmo anos, sempre haverá um dado diferente a ser percebido ou um dado repetido a ser questionado.

Neste dia consegui reparar num dado que havia colhido no centro comercial Dolce Vita, **a grande maioria dos usuários é do sexo masculino**. Sentei então para antes de questionar um possível interlocutor revisar os principais pontos estruturantes. Voltei a dar as voltas e resolvi aproximar-me de um casal⁷². Cumprimentei-os e falei sobre a minha pesquisa. Disseram estar ocupados, a trabalhar num empreendimento novo e em comum. Então comecei a fazer-lhes alguns questionamentos, se costumavam ir ao local, se preferiam utilizar a internet fora de casa. **Eles preferem trabalhar fora de casa**, mas não vêem muita facilidade em utilizar o portátil em espaços públicos em Portugal, pois não há *starbucks*⁷³ como costuma haver nos Estados Unidos, onde a senhora costuma ir a negócios. Enquanto o escritório do novo empreendimento não fica pronto, vão trabalhar ali mesmo no centro comercial. Pergunto então porque escolhem espaços como o centro comercial para trabalhar, se por conta de facilidade de consumo, por exemplo. Respondem-me então, “*não buscamos esses ambientes por conta da possibilidade de consumo*” – referindo-se às inúmeras lojas e restaurantes disponíveis. O casal de amigos aparentava ter entre 35 e 40 anos, foi mesmo simpático, porém logo disseram que precisavam voltar às actividades, pois a bateria de um dos portáteis já tinha ido abaixo e agora só lhes restava o outro. **A falta de pontos de tomada no Norte Shopping** foi outro ponto de reclamação do casal, afinal, além de haver a necessidade

⁷² Entrevista 9

⁷³ Tornou-se um conceito de café + conexão entre pessoas, seja ela virtual ou pessoalmente. Há mesmo uma empresa com esse nome, que pode ser visitada através de sua página na rede: www.starbucks.com.

de já possuir um serviço pago de internet móvel, ainda é preciso ter uma bateria de longa duração para ficar a usar o portátil nesse centro comercial.

Após despedir-me e agradecer ao casal de amigos, observei uma menina que via alguns vídeos e parecia esperar companhia, pois havia duas bandejas prontas com uma refeição em sua mesa e desisti de abordá-la. Fiz uma breve pausa para um café, enquanto anotava algumas impressões da entrevista anterior e uma menina chegou na mesa a minha frente, retirou seu portátil da bolsa para esse efeito, ligou a máquina e enquanto esperava que o sistema iniciasse, tirou o casaco e sentou-se. Não parecia ser portuguesa, mas esse dado de ser ou não cidadã portuguesa não traria qualquer diferença a minha proposta de estudo como foi pensada. Terminado meu café, sorri, cumprimentei-a e falei sobre minha pesquisa. Simpaticamente, Sandra⁷⁴, colombiana que reside há pouco mais de cinco anos na cidade do Porto, é estudante de doutoramento em Biologia, na Universidade do Porto. Menina alta, de cabelos muito lisos e escuros, disse-me que **costuma utilizar sempre a internet em espaços públicos, ao menos uma vez por semana**. As principais motivações são verificar a caixa do correio electrónico e realizar alguma pesquisa geral. Quando questionei-a sobre um aumento na quantidade de pessoas que utilizam a internet em espaços abertos ao público, se isso causaria uma reconfiguração urbana, disse-me que *“há uma reconfiguração urbana, cada vez mais vejo mais pessoas, principalmente durante a semana”*. E porque acha que as pessoas estão saindo mais de casa para utilizar a internet? *“É uma questão económica, pois há muito espaços gratuitos, e depois, por serem espaços abertos”*. Mais do que nos centros comerciais, hoje passeando pelas ruas mais próximas ao centro do Porto encontramos diversos Cafés que possuem os serviços gratuitos de acesso a internet, ou mesmo aqueles condicionados a um consumo mínimo, como os oferecidos pelos parceiros da Evok, por exemplo. Não apenas Cafés, mas também restaurantes, enfim, os espaços que costumam ser bem frequentados pelos portuenses acabam por investir no atractivo do acesso gratuito como forma de manter a clientela.

Continuando minha conversa com Sandra, pergunto-lhe se todo gosto que possui em ficar em espaços públicos a utilizar a internet a fariam deixar de estar com seus amigos, ou mesmo ficar a conversar com eles pela internet? *“Não mesmo, não trocaria ficar em casa ou em um lugar a usar a internet e deixar de estar com meus amigos”*. Pelos

⁷⁴ Entrevista 10

vistos, não apenas Sandra, mas entrevistados anteriores já respondiam a essa questão de forma enfática negativamente. Há mesmo uma mudança no desenho urbano por conta da facilidade de acesso a internet e também a comercialização de portáteis mais baratos, o que estimula as pessoas de facto, a saírem de casa, a estarem com amigos fora de casa, e não trancados horas e horas em casa. **A internet por si só também não parece se caracterizar como um serviço completo.** Ela necessita de outros valores agregados, como a possibilidade de realizar outras actividades, incluindo o acesso a rede. Entre os pensamentos e a boa receptividade de Sandra a minha conversa, deixei-a aproveitar sua navegação e terminei agradecendo por sua presteza.

Apesar de os Cafés serem ambientes em que se percebe um maior movimento de usuários, os donos dos estabelecimentos ao serem consultados sobre a possibilidade de uma entrevista, ou conversa rápida com seus clientes ficavam receosos de que isso atrapalhasse o movimento normal do ambiente. Mas entrevistar ao menos um dono de estabelecimento era necessário para identificarmos as suas percepções acerca dos usos da internet sem fios. E seguindo o itinerário dos ambientes fechados que oferecem os referidos serviços, encontrei uma associação cultural que para além de suas actividades, possui um aconchegante ambiente para um café e também a internet sem fios. Já conhecia a associação das minhas buscas por actividades nos fins-de-semana na cidade do Porto. Mas não tinha atentado para o facto da internet sem fios pois nunca havia frequentado o local fora das suas actividades nocturnas (cinema, exposições, palestras sobre temas afins). Foi ao receber uma de suas notificações de actividade através do correio electrónico que atentei para o convite que faziam. Nas quintas e sextas-feiras a associação oferece almoço com um prato pré-definido e abre o espaço logo cedo para que qualquer possuidor de um portátil possa frequentar o ambiente e aceder a internet gratuitamente. Aliás, o serviço de acesso gratuito a internet e o Café da associação estão abertos todos os dias, excepto aos domingos. Pensei então que seria mais fácil entrevistar um possível usuário ou responsável presente, tendo em vista que o movimento do ambiente é bem menor que o de um Café convencional.

Dirigi-me ao local num sábado ao fim da tarde e logo conversei sobre a possibilidade de uma entrevista acerca da minha pesquisa. Marquei então para a semana seguinte, 30 de Março de 2010. Confirmei por telefone no dia e cheguei ao local no horário combinado, às 17h30min. Apesar do calendário já avançado, o tempo continuava cinza, com muito vento e frio, nem parecia primavera, excepto pelas flores que já brotavam. Reconheço

que o calor obliterado pelo clima invernososo, desde há quase seis meses, numa paisagem de certa penumbra não estimulava o bom humor, nem meu, nem das outras pessoas. A Associação Cultural Cadeira de *Van Gogh* está situada na Rua de Morgado Mateus, 44. Ali bem próximo a Biblioteca Municipal e a estação de metro do Heroísmo. Eu cheguei vindo da Praça da Batalha, pois aproveitei uma caminhada pelo centro da cidade. Munida do meu caderno de campo, eu e meus acompanhantes fomos recebidos por um dos organizadores do espaço. Simpaticamente, levou-nos ao Café e ali começamos a nossa conversa. Simão⁷⁵, junto com sua esposa portuguesa, mas que conheceu no Brasil, aportou na cidade do Porto há cerca de oito anos e apenas há dois resolveu oficializar a associação que conta com mais quatro integrantes, todos portugueses. Em outros momentos, havia frequentado a associação para apreciar suas actividades culturais.

Como já havia adiantado o assunto, pergunto-lhe como surgiu a ideia de oferecer naquele espaço a internet sem fios gratuita. “*Por uma ambivalência*”, é a resposta. A associação funciona em três dos cinco andares do prédio. Os outros dois são ocupados por Simão, sua esposa e seus sogros. Escolheram ofertar o serviço pois as despesas já são divididas entre os moradores e a associação, no mais é importante que o grupo possa contactar os artistas, os associados e interessados em geral para divulgar as actividades. Ao mesmo tempo, “*a internet passa a ser mais um atractivo para o lugar, pois reconhecemos o hábito das pessoas irem estudar aos Cafés e usam a internet como ferramenta de estudo*”. A associação ganha assim uma “*mais-valia*”, pois as pessoas além de estudar com o auxílio da internet também podem se entreter.

Pergunto-lhe se é facto frequente as pessoas virem exclusivamente para utilizar a internet. Responde-me que sim, mas nunca ficam grandes grupos a utilizar. Normalmente as pessoas acabam por consumir, mesmo que não seja obrigatório. Após ter adquirido familiaridade com assunto no decorrer da nossa conversa, Simão, geólogo de formação, mas não de prática, começa a expressar o que pensa sobre a internet. “*É interessante isso (sic) do computador pessoal, aliás, há vários aparelhos que além do computador possuem sua internet, como o Ipod, telemóvel. Mas há nesses aparelhos também muito de individualismo, no próprio uso*”. E Continua: “*A gente se envolve com as tecnologias mas tem se afastado de outras coisas, principalmente da afectividade*”. O antigo aparelho de telemóvel denuncia que o nosso interlocutor não é

⁷⁵ Entrevista 11

muito adepto das facilidades tecnológicas, mas não as abandona, pois segundo o que diz, reconhece a importância de conhecer as novas tecnologias e saber utilizá-las. Uma utilização moderada e sempre atenta, pois a maioria das pessoas parece mesmo ser “*escrava do consumo das novidades tecnológicas*”. Assim, cada vez mais as pessoas acabam por se isolar, por buscarem uma identificação com pequenos grupos, estão sempre alertas para que possam logo conhecer as últimas necessidades criadas e apresentadas como básicas, de acordo com Simão.

Nosso interlocutor é também uma espécie de engenheiro do lúdico, desenvolve brinquedos com materiais recicláveis e sobras do quotidiano⁷⁶. Suas peças costumam ter engrenagens e movimentos a partir da interação humana. Expõe e vende seus brinquedos na associação, com algumas peças viaja por feiras culturais tanto em Portugal, quanto na Espanha. Durante uma pequena pausa na nossa conversa, pedimos um café. Tomamos, e em seguida anunciei-lhe minha última questão – já passava de duas horas de conversa e ele havia informado que precisaria sair por volta das 19h30. Lancei-lhe a questão: diante de tantas observações sobre a nossa relação com a tecnologia, consegue perceber uma reconfiguração urbana por conta dos usos dessa tecnologia? “*Não consigo perceber exactamente uma reconfiguração, mas tenho a impressão que tudo na cidade é muito voltado para o imaginário do grande, de ser a maior nisso e naquilo, muitas vezes a maior em coisas pequenas, mas não teria condições de falar numa reconfiguração da cidade*”. Como exemplo, cita o maior desfile do mundo de pais natais, o facto de em 2008 ter tido a maior árvore de natal da Europa.

E assim fechei o ciclo das entrevistas, destaquei em negrito os momentos que considerei mais significativos das falas, a partir destas apresentarei no capítulo seguinte a análise dos resultados juntamente com os dados adquiridos com a aplicação dos questionários que serão desenvolvidos a seguir.

5. A percepção dos usuários a partir dos questionários

Em 40 questionários aplicados na cidade do Porto, 24 de modo digital e 16 pessoalmente, identificamos outras alianças. Os questionários foram aplicados entre Junho e Agosto de 2009 com o objectivo de identificar como se dá a nossa relação com

⁷⁶ É possível observar algumas de suas obras em seu blog: simaofeitoamao.blogspot.

o espaço urbano e a tecnologia, como esse triângulo se relaciona. A escolha por aplicar um questionário que seria em parte através da internet e também pessoalmente veio da intenção de utilizar a ferramenta que é também objecto de estudo, e apreender as respostas de usuários que pudessem, no seu tempo, atender as questões da pesquisa. Assim, iniciou-se a aplicação dos questionários online, que após ter sido elaborado foi inserido na base de dados de um software online parcialmente gratuito.

Através de uma ligação⁷⁷ disponibilizada em sites de relacionamento e também em listas de estudantes e outros grupos da cidade do Porto, foram obtidas 24 respostas de um total de mais de 100 tentativas ao longo de dois meses, período em que o site permite a aplicação e verificação dos dados sem que cobre por esse serviço. Para ser feita a distribuição da ligação foi criada uma conta em um site de relacionamentos, o *orkut*, com detalhes sobre a pesquisa, objectivos do estudo, instituição a qual está vinculada, para aqueles que viessem a ter interesse em responder ao questionário tivessem acesso a especificações que o software não oferece, porém, são informações necessárias aos interlocutores. Como essa pesquisa foi realizada sem custo, tivemos um tempo relativamente curto para colher as informações. De toda forma, levando em consideração a necessidade de parar suas ocupações ou entretenimento para responder questões que parecem triviais, a relação de tentativa e resposta foi proveitosa. A página direccionada pela ligação abria com o título do questionário e logo a seguir uma breve explicação sobre o tema da pesquisa (como podemos verificar na figura abaixo). Algumas poucas pessoas das que responderam o questionário online deixavam recados na página de relacionamentos com sugestões para dinamizar a pesquisa, tanto modificações para algumas perguntas do questionário, quanto outras pesquisas realizadas, outras páginas de internet. Algumas comunidades⁷⁸ pertencentes a página de relacionamentos a qual nos vinculamos durante a pesquisa, não permitiram a veiculação do questionário, provavelmente por desinteresse no assunto ou desconfiança quanto a legitimidade da pesquisa. Para disponibilizar a ligação para o questionário nas comunidades.

⁷⁷ <http://freeonlinesurveys.com/rendersurvey.asp?sid=cne5v6kgt897k7s604189>

⁷⁸ Grupos de pessoas que estão agregadas por um interesse comum e ao aderirem ou formarem comunidades, podem publicamente demonstrar seus gostos e percepções dos assuntos mais variados. Essas comunidades no *orkut* possuem fóruns de discussão onde a ligação foi disponibilizada junto com um breve texto de informação sobre a pesquisa. Para tanto, foi preciso que o perfil criado para pesquisa fosse aceito nesses grupos.

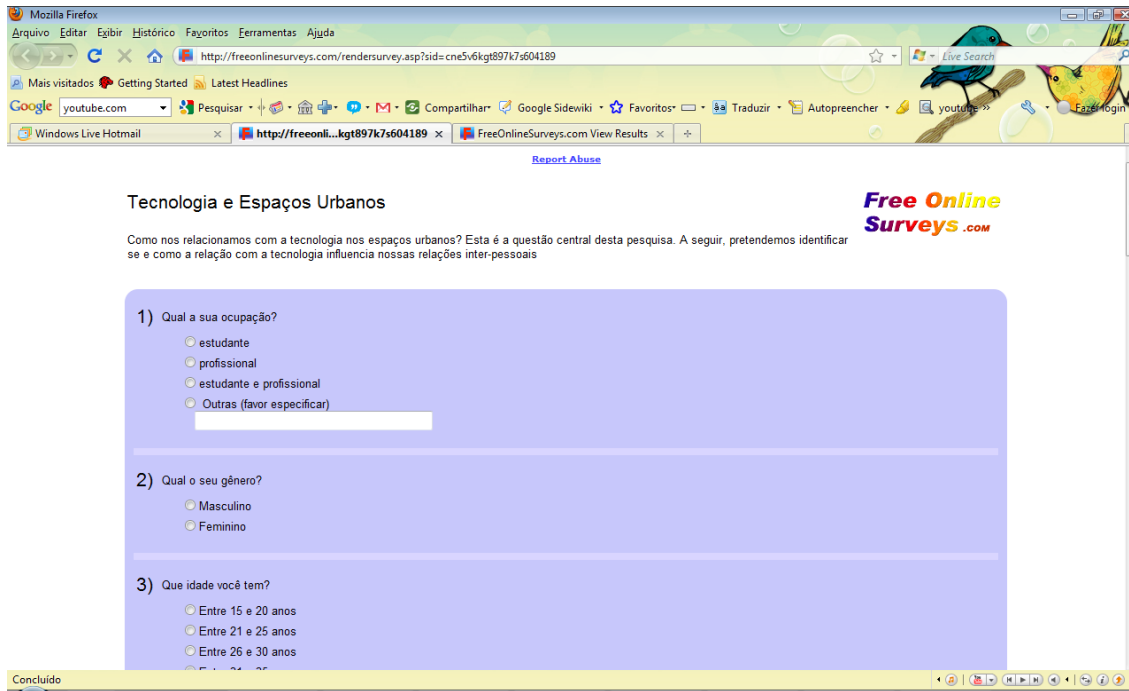
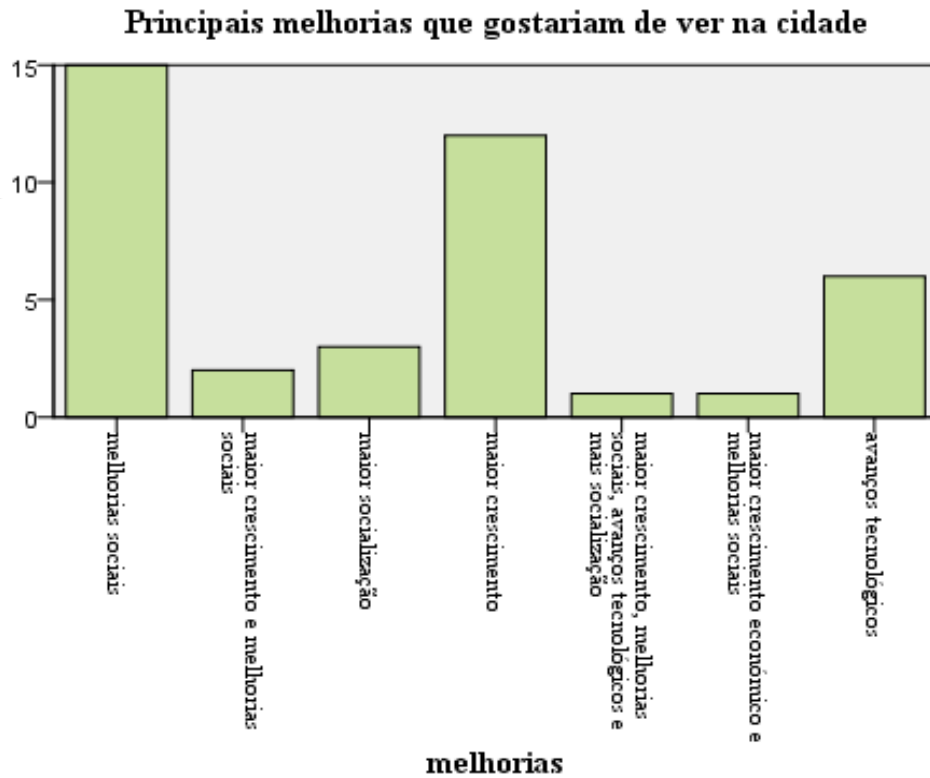


Figura 5: Janela de respostas do questionário online.

Durante o período em que foi iniciada a aplicação dos questionários online também foram impressos e aplicados gradualmente em centros comerciais, parques e outros pontos de hotspot espalhados pela cidade. Ao final do período de gratuidade disponibilizado pelo site, foram fechados 40 questionários respondidos. Tendo em vista o carácter qualitativo da pesquisa, os questionários tinham por objectivo uma percepção mais sistematizada sobre os usos da tecnologia na cidade, sem a pretensão de construir um banco de dados referência para pesquisas de carácter quantitativo. Por isso também, a nossa análise das respostas dos questionários também foi feita sobre o conteúdo das respostas, ressaltando a quantidade de modo relativo: mais, maioria, minoria, menos, equidade.

Os dados recolhidos foram inseridos numa plataforma do *SPSS*, tiveram suas variáveis qualificadas e limpas. Ao final, foram gerados basicamente histogramas (distribuição de frequência) para ilustração daquilo que iremos discutir. O primeiro gráfico a ser analisado traz a relação de importância que os questionados atribuem as melhorias que gostariam de ver no espaço urbano do Porto. O que mais falta na cidade? As alternativas foram disponibilizadas para escolha dos respondentes.



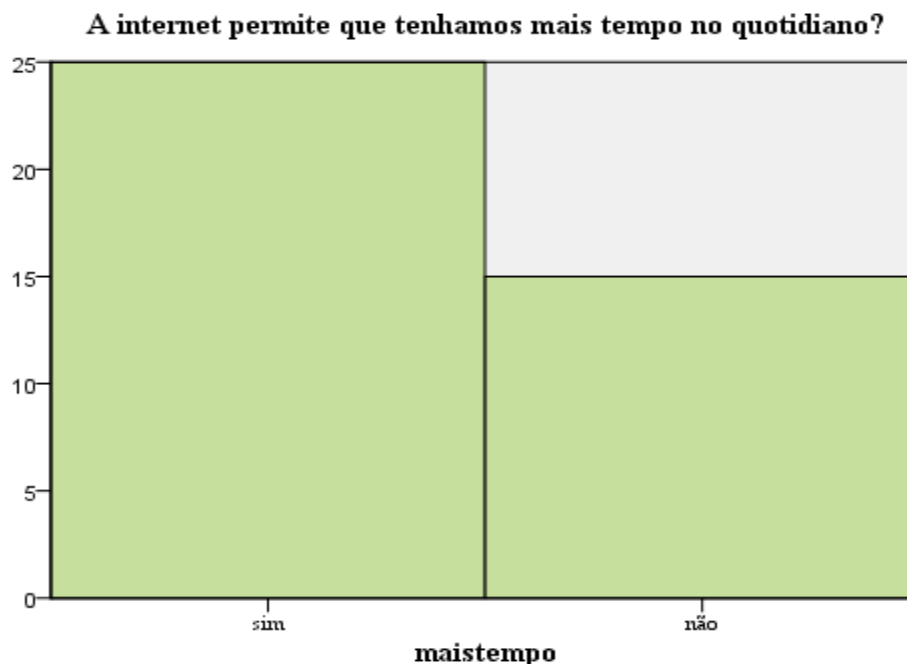
Histograma 1: Respostas às principais melhorias que gostariam de ver na cidade

Era possível escolher até duas respostas, assim, percebemos de modo mais amplo, quais são as melhorias que os cidadãos vêem como mais necessárias. Em primeiro lugar, foi apontada a necessidade de melhorias sociais, a grande maioria dos entrevistados sente a carência das mesmas. A seguir, apontaram como desejo o maior crescimento económico, seguido de avanços tecnológicos. As demais possibilidades de resposta apontavam a reunião de alternativas anteriores, excepto pela “maior socialização”, quase tão pouco escolhida quanto estas. O desejo de cidade que emerge das respostas está directamente relacionado com a necessidade de melhorias sociais, das condições de vivência na cidade, o que não implicaria uma maior socialização entre as pessoas, mas uma condição de melhor qualidade de vida para todos. Essa requalificação da vida na cidade estaria acompanhada de melhorias na condição económica e nos avanços tecnológicos, ambos vistos na contemporaneidade como caminho para o desenvolvimento, o progresso.

A cidade é vista como um grande empreendimento, vivenciada como um espaço comum a todos, mas que ao fim não é a casa. A relação de pertencimento ao lugar apresenta um

carácter incerto, ora parece ser clara a ideia de “ser um portuense”, ora parece solta, ou mesmo disfarçada. Podemos apontar como um traço de flexibilização na identidade local por conta da ideia contemporânea de globalidade.

Nessa perspectiva, os aspectos positivos da tecnologia foram exaltados ao longo das questões, conforme as alternativas de resposta. Apesar de, muitos dos questionados terem afirmado não possuírem o hábito de utilizar espaços gratuitos de acesso a internet, nem mesmo uma vez por semana. Porém, a maioria destaca os benefícios que a internet traz para suas vidas, como por exemplo, quando questionados sobre terem hoje em dia mais tempo para outras actividades por conta da internet. No gráfico a seguir podemos perceber como os arguidos entendem suas vidas tendo um valor agregado com as possibilidades que a internet oferece. Ter tempo é um dos principais desafios da contemporaneidade. Precisamos saber como melhor administrar o tempo para que assim possamos melhor aproveitar o infinito campo de alternativas que a vida nos oferece nos dias de hoje.



Histograma 2: Resposta sobre se temos mais tempo disponível por conta da internet.

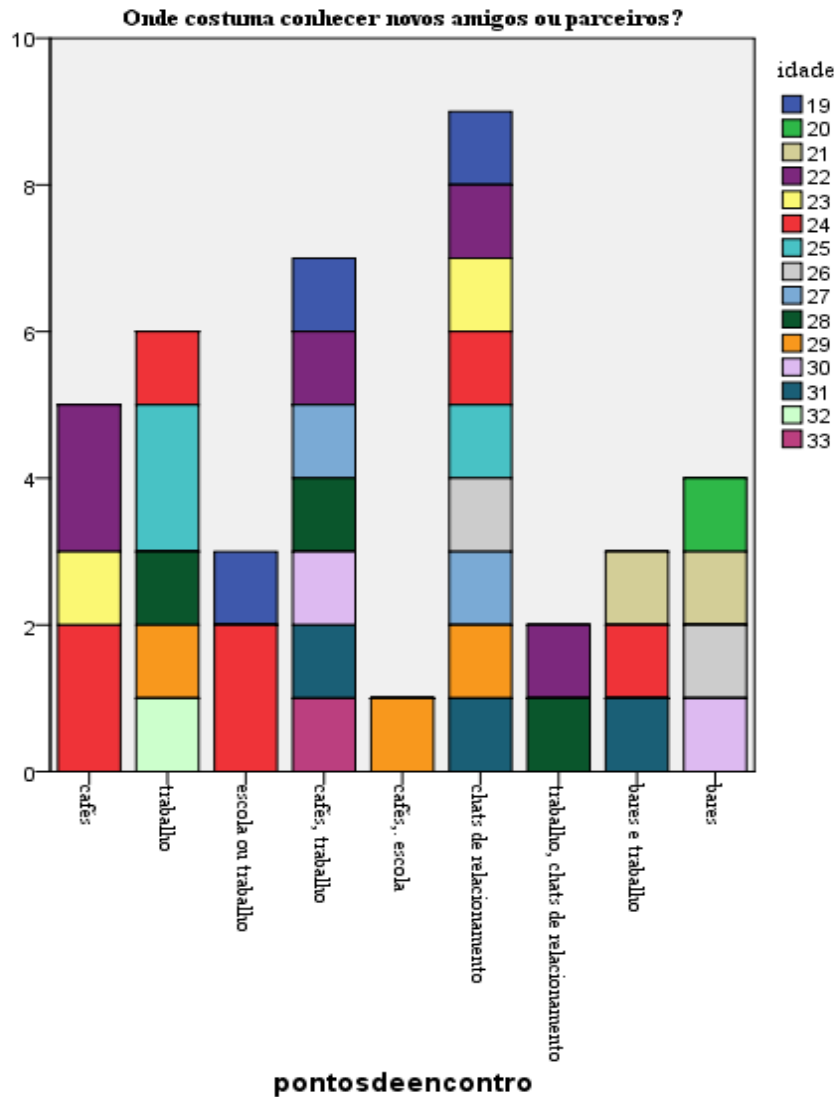
As próprias alternativas que a tecnologia nos oferece, necessitam de mais tempo para serem desfrutadas e a contento, oferecem como recompensa o tempo poupado em actividades vistas hoje em dia como menos importantes.

Os portuenses questionados acreditam que temos mais tempo no quotidiano com as comodidades oferecidas pela internet. Porém, quando indagados sobre ao acúmulo de informações, o resultado apresentado indicou que administrar o tempo para tantos dados novos não é simples como parece. A tecnologia, aparentemente, oferece-nos um tempo que não tínhamos, para usufruir do conhecimento que ela também nos proporciona, conforme apresentamos anteriormente.

Portanto, há um intenso uso da internet sem fios e de forma mais abrangente, um grande uso da internet por parte dos portugueses em geral, sendo eles frequente visitantes de chats de relacionamento⁷⁹, inclusive aqueles que foram arguidos pelo questionário sobre o local onde costuma conhecer pessoas, responderam em grande maioria pelos chats de relacionamento, seguidos dos locais de trabalhos e dos Cafés, resposta presente em outras combinações como “Café e escola”, “Cafés” é um dos locais preferidos dos interlocutores para conhecerem pessoas (Histograma 3). Contudo, os chats de relacionamento são mais utilizados por aqueles que dispõem de internet, o que concretiza

⁷⁹ De acordo com dados do *European Media Score*, enquanto a média de permanência na internet da maioria dos europeus é de 11, 8 horas, enquanto os portugueses ficam 13, 7 horas. A taxa de penetração da banda larga chega aos 93%. “E se o que os europeus mais fazem quando navegam é aceder ao ‘email’ (76%), 66% dos portugueses prefere enviar mensagens instantâneas, um valor 60% superior à média europeia, à semelhança dos blogues, onde Portugal ultrapassa os valores dos 15 países em mais de 100%.”. E ainda são assíduos usuários de sites de compra, chegando a gastar em média 391 euros por semestre. Fonte: http://inovacaomarketing.com/2010/05/04/tecnologia-portugal-e-surpresa-europeia-no-usodainternet/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+BlogInovacaoMarketing+%28Portal+Inovacao+%26+Marketing%29, acessado em 04/05/2010.

já boa parte dos cidadãos – seja através de pontos gratuitos ou banda larga.



Histograma 3: Resposta sobre onde costumam conhecer amigos ou parceiros.

A característica de assíduo utilizador da internet é reforçada quando responderam que acreditam utilizar mais o espaço virtual que o espaço urbano na vivência da cidade. A ideia de uma cidade virtual está imbricada na percepção do papel da internet no quotidiano na quase totalidade dos arguidos. Assim, mesmo que a diferenciação do espaço real e do virtual não seja propriamente possível, pois tanto o aspecto real quanto o virtual são inter-dependentes, podemos utilizar essa informação para observar mais directamente as transformações nos usos do espaço urbano, nos novos desejos de cidade que emergem junto a internet. Encontrar companhias, por exemplo, já não está restrito aos espaços “reais” que costuma frequentar, pois os chats de relacionamento permitem

conhecer pessoas de fora da cidade, mas de dentro também. No gráfico a seguir podemos visualizar a diferença das respostas quanto ao tipo de uso do espaço urbano, como os questionados estão apercebidos do modo de vivência da cidade.



Histograma 4: Respostas sobre como percebem o espaço que mais vivenciam.

Desses muitos adeptos da internet como meio de comunicação e entretenimento, conforme já havia sido citado em uma das entrevistas recolhidas, a maioria é composta por homens. Este dado é possível verificarmos no gráfico na página seguinte, onde os homens aparecem com uma terça parte a mais que a mesma quantidade de mulheres questionadas. Deste dado fica a questão de porque os homens sentiriam maior segurança em estabelecer contactos através da internet, ou mesmo permanecer mais tempo conectado a rede. Os jogos online, filmes, os sites de relacionamento podem ser mais atractivos para os homens, enquanto as mulheres, aparentemente, preferem os encontros ao vivo, e a internet é mais útil para pesquisas e geral para esse grupo. Por outro lado, não podemos descartar a hipótese de os homens estarem mais dispostos a responder os questionários online, a vivenciarem outros aspectos da tecnologia. De toda forma, o que a nossa pesquisa indica, é uma maior predisposição do público masculino pelo uso da internet fora de suas casas.



Histograma 5: Respostas sobre o género dos respondentes.

Assim como andar pelos centros comerciais a observar as montras é um tipo de entretenimento que acaba por atrair mais o género feminino, as ferramentas de interacção que a internet apresenta parecem atrair em maior parte o género masculino. Mas andar pelos centros comerciais não é uma das actividades que perderam sua atractividade para os cidadãos, mesmo porquê, esses centros estão adequadamente equipados para até atrair usuários da internet sem fios. As actividades que os usuários da internet diminuíram a frequência em executá-las foi principalmente visitar ou sair com amigos, seguido de ver televisão e ler, separadamente. Escolhemos para respostas basicamente três alternativas: sair com amigos ou visitá-los, ler, ver televisão, ainda combinamos estas duas últimas alternativas em uma só possibilidade – esta escolha teve por base a percepção das principais actividades praticadas na cidade para o entretenimento. A ideia aqui foi verificar as actividades que se costuma fazer em casa, na intimidade do lar ou com as pessoas mais próximass. E com isso, verificamos que, devido as frequentes saídas de casa, seja para não sentir também a sensação de isolamento social, ou mesmo para as actividades práticas do quotidiano, e também para utilizar a internet, acabou por afastar as pessoas das relações sociais mais intimistas, o

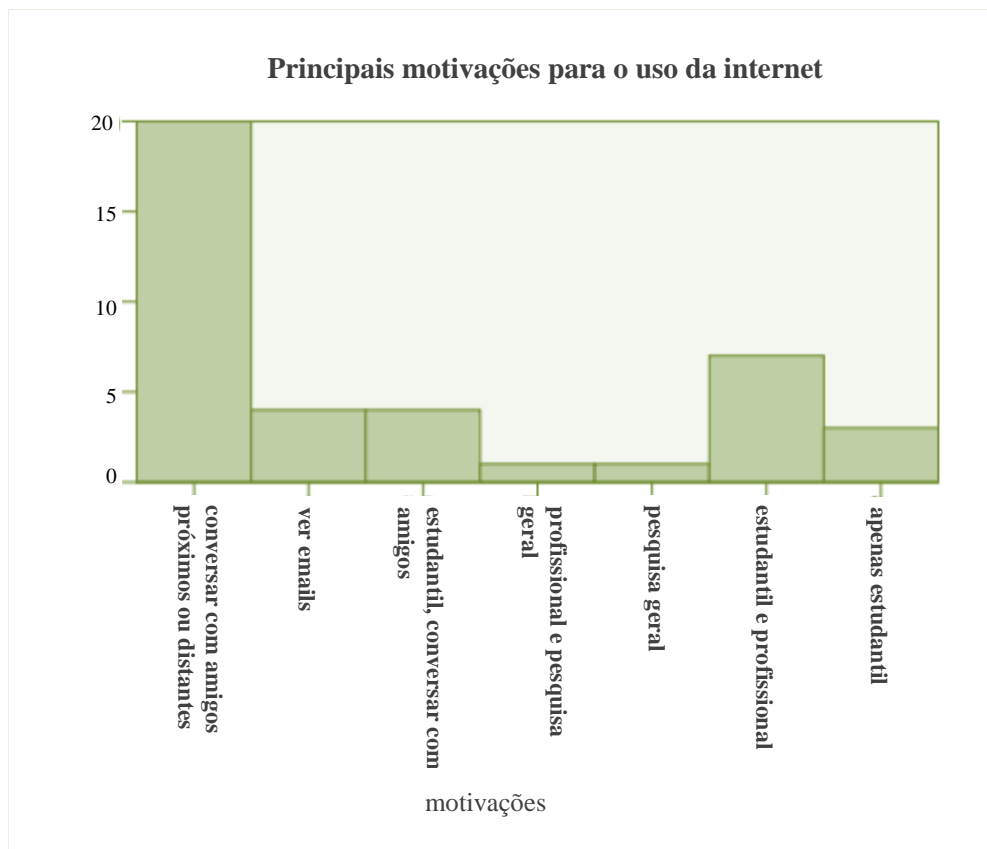
que levou-as a optar por relações mais fluidas. Os parâmetros de instituições sociais sólidas que foram elaborados anteriormente a revolução industrial e vêm sendo transformados desde então, principalmente no período moderno, estão em sua fase mais efémera, mais rarefeita, mais desordenada e por isso mesmo, cada vez mais arisca e difícil de apreender ou mesmo compreender. No gráfico abaixo podemos visualizar esta afirmação.



Histograma 6: Respostas às actividades que costumavam fazer com mais frequência antes do uso da internet.

No histograma seguinte encontraremos as respostas quanto às principais motivações para o uso da internet. Elas aparecem na seguinte ordem de importância: conversar com amigos distantes, realizar actividades profissionais ou estudantis. As conversas com os amigos estão directamente relacionadas com o facto de conhecerem mais pessoas através dos chats de relacionamento. Ainda há aqueles que afirmam utilizar a internet principalmente para verificar o correio electrónico ou conversar com amigos e estudar, e ainda aqueles que afirmam apenas estudar (pesquisar e trocar informações) através da internet. De todas as formas, actividades que faziam anteriormente e dependiam de um contacto físico podem ser facilmente realizadas através da internet.

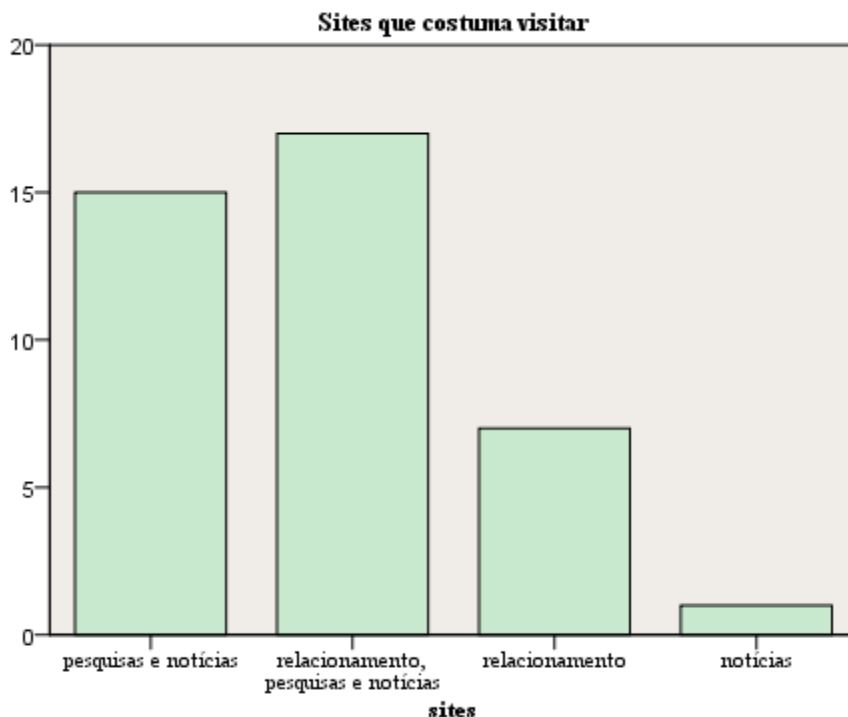
Na ilustração a seguir, podemos visualizar a diferença de motivação para conversar através da internet, comparada a todas as outras motivações que foram elencadas.



Histograma 7: Respostas às principais motivações ao uso da internet.

Portanto, apesar dos tantos outros atractivos que a internet oferece, a possibilidade de comunicar, seja em tempo real ou deixando recados online e gerando assim motivação para logo mais verificarmos as respostas, é o que mais motiva o uso da internet para os portuenses. E esse tipo de motivação leva as pessoas a ficarem cada vez mais horas sentados em um ambiente confortável a realizar pesquisas, por exemplo, apenas enquanto esperam por respostas dos amigos, próximos ou distantes. O ciber mundo como tantas vezes já foi chamado o espaço virtual do qual hoje dispomos, apresenta-se como um universo de possibilidades novas que aparentemente facilitam as nossas actividades quotidianas, como por exemplo, poder digitalizar e enviar um documento por correio electrónico, transformando a operação de fax em algo cada vez menos comum. E também podemos dispor uma câmara de vídeo em casa e monitorar as imagens a quilómetros de distância, algo que não seria fácil se não estivéssemos conectados em rede. Talvez seja mais encantador esse universo de possibilidades do que propriamente as ferramentas que de facto utilizamos. Portanto, na utilização da internet

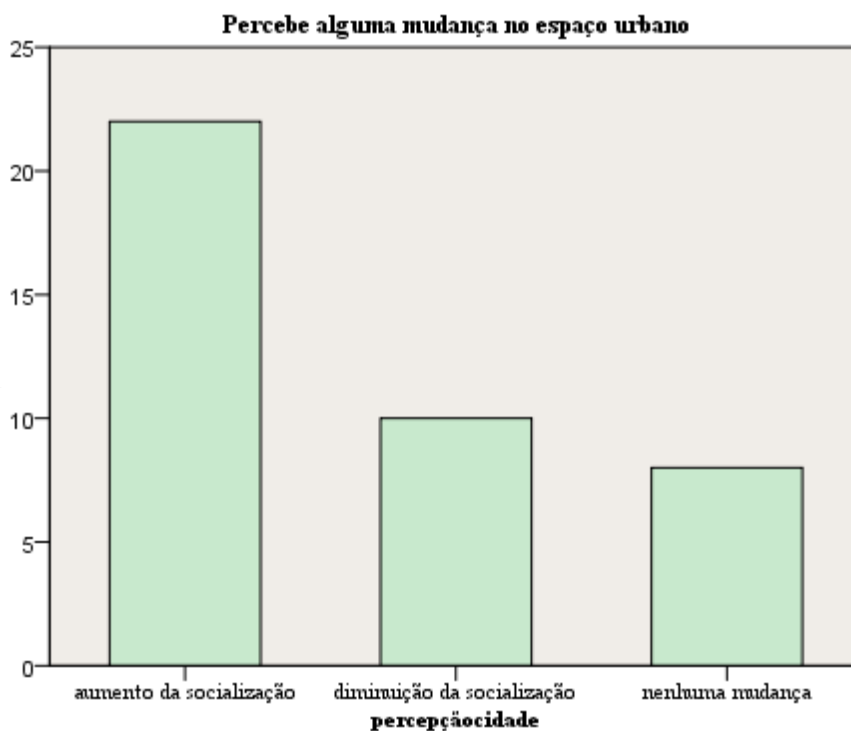
aqueles que responderam aos questionários apontaram os sites de relacionamento, pesquisa e notícias como os seus preferidos na internet (ver ilustração a seguir). Ao separarmos as opções ‘relacionamento’ e ‘pesquisas e notícias’, optaram pela segunda resposta. Ainda assim, tendo em vista que a opção ‘notícias’ separadamente, não teve praticamente adeptos, entendemos que os sites para pesquisas em geral são os mais visitados. Essa resposta é um tanto genérica, se os principais sites disponibilizados não fossem de facto direccionados mesmo para pesquisas de assuntos dos mais diversos, compras, ciências, exoterismo, economia, personalidades, lugares, enfim, os principais motivadores dos utilizadores da internet em geral. Mas são os sites de relacionamento onde estabelecemos as redes de contacto, onde construímos um perfil, seja ele falso (*fake*) ou verdadeiro. Nesses perfis apontamos nossas preferências, associamo-nos a comunidades que indicam quem somos, quais são nossas posturas sociais. E assim tudo vai sendo virtualmente construído. O espaço urbano vai sendo confundido com o virtual das mais diversas formas.



Histograma 8: Tipo dos principais sites que costumam visitar

Formas tão diversas que não conseguimos defini-las facilmente. Tanto que, apesar das observações e da própria vivência na cidade apontarem para o silêncio, o isolamento em

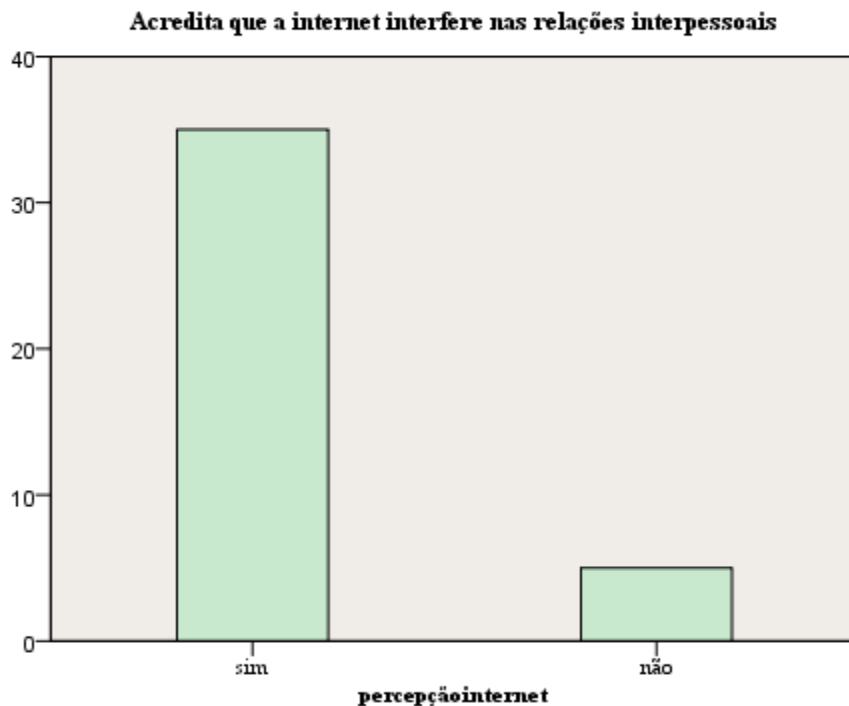
grupos herméticos e pequenos, quando questionados sobre a percepção de alguma transformação no espaço urbano, tendo como alternativas a resposta o ‘aumento da socialização’, a ‘diminuição da socialização’ e ‘nenhuma mudança’, a clara maioria optou pela primeira. Ora, se acreditam viver o espaço virtual mais que o real, e costumam conhecer pessoas, principalmente, através dos chats de relacionamento, somado ao facto de cada vez mais pessoas aderirem ao uso da internet como principal meio de comunicação, irão de facto perceber uma maior socialização na cidade. Entretanto, curioso é que ainda muitos acreditem que não tenham percebido quaisquer mudanças no espaço urbano, seria a velocidade com que muda que acaba por tornar a mudança invisível? O gráfico a seguir ilustra as diferenças de resposta dos questionados.



Histograma 9: Respostas à percepção de mudanças no espaço urbano

Se o aumento da socialização advém das possibilidades de comunicação da internet, que ideia de cidade teriam os cidadãos? Qual o sentido de delimitarmos as fronteiras de território se as pessoas parecem caminhar cada vez mais para uma relação mais universal que particular? Quando indagamos sobre acreditarem que a internet modifica as relações interpessoais a grande maioria respondeu positivamente (ver gráfico abaixo),

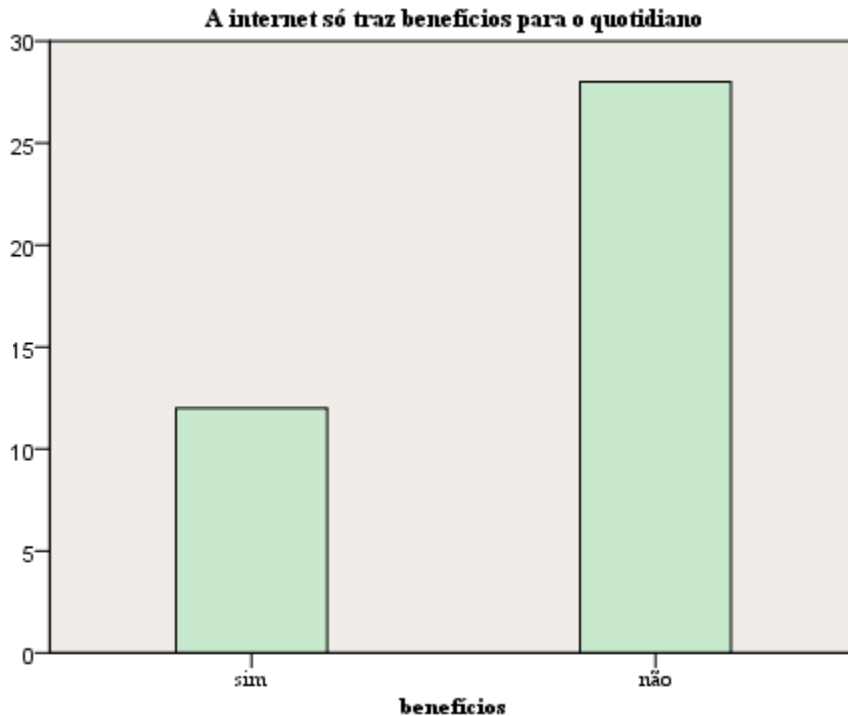
tendo em vista todos os novos itinerários que as redes interligadas do ‘planeta urbano’, ‘da cidade global’ ou do ‘ciberespaço’ oferecem. Esta oferta, muitos estudiosos, conforme verificaremos na sessão de análise dos dados, considera que é mais uma imposição, não necessariamente visualizada da maneira como estamos acostumados a imaginar: alguém impõe, alguém obedece; ou ainda, alguém oprime, alguém é oprimido. Não é uma relação dicotômica, mas sim dialógica. Quando falamos de tecnologias da comunicação não vamos estabelecer um diálogo pensando quem seriam os ‘mocinhos’ e os ‘bandidos’ da história. É uma relação mesmo complexa, muito em parte porque há uma tendência a não questionarmos por exemplo, como essas interferências podem ser mais proveitosas que desastrosas.



Histograma 10: Respostas à interferência da internet nas relações pessoais

Portanto, a seguir a questão sobre as interferências nas relações, fizemos uma outra: a internet apenas traz benefícios para o nosso quotidiano? Em outras palavras, será que questionamos algo da internet? Ou vamos utilizando na crença de que temos o controlo da situação porque podemos desligar a máquina quando quisermos? Mais da metade dos questionados reconhece que não há apenas benefícios na relação com a internet. Como podemos perceber no gráfico a seguir, os efeitos também ‘negativos’, ‘problemáticos’,

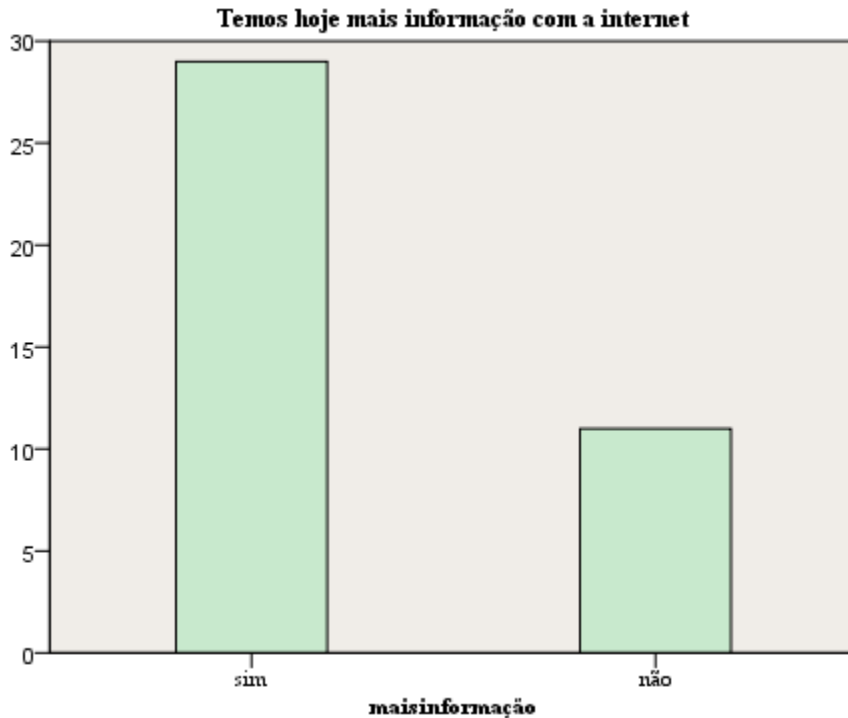
dos usos da internet são reconhecidos, mesmo que a princípio as pessoas não façam largos questionamentos sobre os mesmos e cheguem a pensar em formas alternativas para a comunicação *online*.



Histograma 11: Respostas à percepção da internet

Entretanto, ao passo que pensamos nos problemas que a internet traz não podemos esquecer as vantagens oferecidas por estar interligado a mesma, ao menos aparentemente. No contexto em que o tempo passa a ser o paradigma primeiro e a principal medida para todas as coisas, as tecnologias acabam por nos convencer de que hoje dispomos de mais tempo e de que esse tempo ganho é dado por elas. A grande quantidade de informação disponibilizada pela internet já há muito necessita de um filtro, ou saímos a perder tempo. Isso porque, se questionarmos que tipo de informação dispomos através da rede, iremos verificar que as fontes confiáveis para pesquisarmos sobre quaisquer assuntos são reduzidas e que muitas das informações acabam por alimentar ideias de paranóia, não no seu sentido vulgar, mas no seu sentido literal, um problema de saúde pública mesmo. Ao serem questionados sobre termos hoje mais informação por conta da internet, apenas a quarta parte respondeu que não. De facto, temos a sensação de que ao ‘navegarmos’ na rede estamos a ‘mergulhar’ num universo

construído com todas as informações possíveis sobre a existência. Viver sem o ‘google’, principal ferramenta de pesquisa na internet, não parece mais ser humanamente possível. Na imagem seguinte, temos a demonstração gráfica das referidas respostas:



Histograma 12: Respostas sobre a percepção se a internet acrescenta mais informação ao quotidiano.

Por fim, foi possível reconhecer como os usuários percebem a internet e a tratam no seu quotidiano. Além disso, como essa percepção está inter-relacionada com a ideia de cidade e de possibilidades de uso do espaço urbano. Os desejos de cidade também estão aqui contemplados e cada uma das respostas apontou para questões significativas para pensarmos sobre os paradigmas que estão imbricados na nossa percepção de mundo, tanto em seu aspecto particular quanto universal.

A seguir, serão apresentados dados recolhidos em consultas realizadas na internet sobre a tecnologia Wi-Fi e como ela tem sido divulgada, questionada e utilizada. Entendemos que dessa maneira, será possível termos uma visão mais ampla do assunto, ao mesmo tempo mais direccionada para o nosso tema.

6. Os *hotspots* através da internet

É comum durante a pesquisa sobre um assunto no qual queremos aprofundar nossos conhecimentos e ampliar nossa percepção científica, que façamos uma pesquisa exploratória sobre o tema. Assim, com o intuito de reconhecer de que modo os assuntos “internet sem fios”, “tecnologia Wi-Fi”, “hotspots” são abordados na internet realizei um levantamento dos artigos e principais abordagens trazidas. Acredito que dessa forma podemos ilustrar a pesquisa de campo realizada e auxiliar na interpretação dos dados tendo em vista a possibilidade de sistematização das principais ideias disseminadas sobre nosso tema. Por isso, resolvi apontar em uma tabela as principais informações recolhidas no período de Março a Junho de 2009.

Data de publicação	Data de acesso a informação	Endereço	Conteúdo vinculado
26/01/2006	30/06/2009	www.forumpcs.com.br http://v4.jiwire.com	e Já existem mais de 100 mil hotspots em todo o mundo – 115 países abrigam os pontos de acesso a rede sem fios
22/09/2008	30/06/2009	www.articlesbase.com	<i>“Yet some people blame Wi-Fi exposure for everything from sleep disturbances, headaches and blurred vision, to heart and breathing problems”</i>
04/01/2006	30/06/2009	www.bbc.co.uk/portuguese	“Cidades britânicas vão virar zonas de banda larga sem fio” – Pretensão do serviço é de atingir 4 milhões de pessoas
04/03/2009	28/06/2009	www.cm-porto.pt	“Porto coberto por rede de fibra óptica dentro de cinco anos” – Pretensão de 360 mil utilizadores
03/02/2009	30/06/2009	www.merineews.com	<i>“Misure of wireless network”</i> – Cyber cafés utilizados para envio de emails através da rede sem fios
02/04/2009	30/06/2009	http://olhardigital.uol.com.br	“90% dos <i>smartphones</i> terão <i>Wi-Fi</i> em 2014” – actualmente são 44%.
22/03/2008	30/06/2009	www.questiontechnology.org	<i>“How to adress fear about WiFi heath risks?”</i> – há mais riscos do que as ondas do telemóvel? Há sugestões alternativas e eficientes?
17/04/2008	30/06/2009	www.softpedia.com	<i>“Russia urges wi-fi users to register their devices”</i> – governo pretende o controlo dos usuários
-/06/2008	29/06/2009	www.ecologistasenaccion.org	“Contaminação electromagnética” – qual a intensidade de emissão electromagnética das ondas <i>Wi-Fi</i> ?
29/06/2009	30/06/2009	www.g1.globo.com	“Morro de Santa Marta, uma das

			maiores favelas cariocas, tem <i>WiFi</i> gratuito”
14/04/2009	30/06/2009	www.g1.globo.com	“Orla Digital”- grande área de praias cariocas oferece serviço gratuito de <i>WiFi</i>

Tabela 4 – Notícias relacionadas a tecnologia *Wi-Fi* e *hotspots*.

Para ter acesso aos principais pontos de *hotspot* em todo o mundo e detalhes dos serviços ofertados, é possível aceder a página da empresa *Jiwire*⁸⁰, uma grande corporação do sector da comunicação, em todo o mundo, e verificar os países que dispõem da tecnologia *Wi-Fi*, seus pontos de *hotspot* activos e suas condições de acesso, de são gratuitos ou não, por exemplo. No acesso realizado em 08 de Abril de 2010 pude verificar a existência de 292.862 pontos de *Wi-Fi* em todo globo terrestre, distribuídos por 144 países. Só os EUA detém 69.719, seguido da China (36.000), Reino Unido (26.914), França (26.630), Alemanha (14. 838), Federação Russa (14.707), Korea do Sul (12.817), Japão (11.941), Suécia (7.251) e Suíça (5.542). As informações são constantemente actualizadas e apontam ainda que o principal ponto de hotspot é constituído pelo hotéis/resort s(1), seguido do Cafés (3)⁸¹, Restaurantes (4), Prédios e espaços públicos (5), Lojas e Centros Comerciais (6), Prédios oficiais (7), Hotzones (8), Bares/Pubs (9) e Aeroportos (10).

Pelos altos números de hotspots, a importância que designamos ao acesso à internet é ressaltada. No sentido em que quantificam os hotspots fica mais fácil observarmos o contexto no âmbito da sua comercialização: é um serviço atractivo e um negócio lucrativo. Uma grande rede de alianças que se formam desde que desenvolve a micro engenharia que cria as possibilidades técnicas, a quem compra e desenvolve os projectos, quem comercializa e quem consome.

Desse modo, fechamos o nosso ciclo de apresentação dos dados. A análise dos mesmos é uma interpretação dos principais pontos que estimulam a discussão das questões mais caras ao nosso tempo. Por serem questionamentos significativos para pensar a condição humana, serão trazidos os principais autores que já foram anteriormente apresentados.

⁸⁰ www.jiwire.com. Também é possível fazer uma consulta a partir do site da empresa Wi-Fi Alliance.

⁸¹ Os cafés foram o 3º local na classificação dos principais pontos de oferta dos hotspot. O 2º é classificado como Outros e não aparece especificado.

CAPÍTULO VII – O *HOMO FABER HYBRID* NA CIDADE DO PORTO.

1. Uma relação híbrida: a tecnologia que faz o homem e o homem que faz a tecnologia

Percorrido um longo caminho na tentativa de melhor conhecer a cidade do Porto a partir dos usos da tecnologia e também conhecer mais sobre todas as cidades – já que uma está em todas e vice-versa - deparei-me com a dificuldade em falar de como a cidade percebe a tecnologia. E não apenas a tecnologia, como também a dificuldade de falar sobre quaisquer aspectos da cidade cuja percepção advenha de seus habitantes. A simpatia estampada na face de cada portuense não é exactamente uma porta aberta a recepção do outro como um todo. É como um certo disfarce que protege cada um nas suas actividades quotidianas. Mas nada disso falo como atribuindo um veredicto, ao mesmo tempo que a experiência de campo, com base no princípio hologramático, reflecte o que é vivenciado em outras cidades do mundo, há particularidades da cidade do Porto que tornam a experiência de campo nela bastante peculiar, intrigante. O campo que costumeiramente abre-se aos poucos, a medida que nós o conhecemos e ele também deixa-se conhecer, aqui parece ter um movimento inverso, quanto mais somos notados como próximos, mais o caminho é estreitado.

Contudo, o trabalho de campo não é realizado apenas enquanto conversamos com nossos interlocutores. E todo contexto em que estamos envolvidos acaba por fazer parte de nossas percepções acerca do tema estudado. Assim como Marcus (1995) recomendou que fosse praticado o trabalho de campo seguindo seu itinerário próprio e depois interpretássemos o que esse itinerário diz, o que ele fala da cidade, no nosso caso. E assim o faremos. Com a ajuda dos autores que também já se debruçaram sobre as muitas janelas do Porto, das cidades e da tecnologia, vamos interpretar nosso percurso pela cidade e falar sobre sua relação com a tecnologia e, também, com o novo, que faz parte desta incondicionalmente.

Assim, começamos com o intuito de caracterizar, mas sem delimitar aspectos fixos que falem do Porto. Uma cidade banhada por um rio tão rico, é também fluida e não se permite apreender a não ser em sonhos. Fechar características rígidas de uma cidade é também limitar a possibilidade de compreensão do que ela comunica. Porém, há parceiros que são mais íntimos da cidade, que tiveram destaque a partir do discurso de nossos interlocutores. Diante das nossas entrevistas, questões e observações pudemos identificar temas recorrentes da cidade que notamos a partir da janela da tecnologia. Infinitas são as possibilidades de observação de uma cidade, nós fomos vê-la pela janela do tecnológico, da ideia de progresso e de como essa ideia permeia as nossas relações na cidade. O termo *Homo Faber Hybrid* refere-se ao fazer hibridizado que a interferência da tecnologia imiscui no quotidiano, sem que por isso seja feito um alarde. É tão imbricado que nem notamos, pois já faz parte de nós.

O silêncio, a espera, tecnologia como artefacto serão nossos motes para falar da cidade, que foram seguindo-nos a cada passo que dávamos pelo Porto. Estiveram presentes nas entrevistas, nos questionários, nas observações do terreno e por isso estarão na interpretação. Manuel Teixeira Gomes (1991) será um dos nossos anfitriões a falar do Porto e ilustrar com palavras portuguesas algumas das impressões que tivemos ao longo desse percurso. Em sua passagem pelo Porto em 1893, relatada 40 anos depois, o autor descreve:

Há pequenos burgos acastelados em Espanha e Itália, de composição talvez mais fantástica, mas não têm a variedade que a vastidão do Porto oferece, nem um rio correndo entre muralhas de penedos afeiçoados à manhã por ciclopes, nem a proximidade do mar sempre agitado, que além de lhe alargar o horizonte, humedece-lhe a atmosfera, repassando-se de tons de pérola mimosíssimos.

Em certas manhãs os efeitos da neblina são incomparáveis; erguem-se muito mais os montes em que a cidade assenta; as Igrejas, os edifícios públicos, tomam proporções colossais, dominados pela Sé, e pelo palácio episcopal que parece a ampliação do Vaticano; o movimento nas pontes é de monstruosos vultos; em baixo, no rio, os saveiros abrem caminhos pela cerração, tripulados por gigantes; e os barcos “rabelos”, com as suas formas estranhas, as arrogantes proas de combate, dir-se-ia saídos do espectacular cenário de alguma epopeia, ou pelo menos a conduzir o Lohengrino e o seu cortejo (1991, p. 101)

O Porto tem esse poder de intrigar ao mesmo tempo que desperta uma sensação de estranheza e de quietude. No centro da cidade tudo parece contar uma história de grandiosas conquistas, feitos magníficos, dignos de uma cidade que atinge o seu máximo e pode enfim, repousar a beira de seu rio. O sorriso das pessoas que caminham

a ribeira do Porto é iluminado pelo sol da sua primavera-verão. Distinto de quando subimos as ladeiras do centro histórico e seguimos em direcção à Praça do Marquês, à Campanhã ou à Lapa. O Porto a princípio parece esconder-se na beleza de sua foz, desvia a sua atenção por deslumbrar, com seu ar majestoso. E quando enfim vamos desnudando a cidade, percebemos todo o resto como ornamento, um manto que guarda tesouros e vela por um passado que nunca chegou a sê-lo propriamente.

João Teixeira Lopes afirma que estudar o Porto de hoje sem conhecer o que ele guarda em sua memória é construir uma cidade inexistente. Por isso, num de seus artigos sobre a cidade, ele descreve a história de formação do Porto, quem eram os cidadãos que construíram o espaço urbano. Principalmente, a ideia de cidade evocada pelo Porto do séc. XIX era trazida por uma burguesia com pouca instrução.

Segundo os censos de 1874, a percentagem de analfabetos rondava os 84,4%, descendo nas grandes cidades para 64%. O ensino primário obrigatório apenas surge, no Porto, em 1844, data em que, nesta cidade, somente se conta um liceu (existindo outros quatro em Lisboa, Coimbra, Braga e Évora), exclusivamente direccionado para a população masculina” (1999, p. 32).

O perfil de instrução acima descrito só reforça que as aparências acabam por ser a saída para poder se relacionar com outras culturas. “Mais importante do que o progresso económico e os ganhos em produtividade, parecia ser a obsessão mimética face a nobreza, através da permanente procura de nobilitação, em especial os negociantes e banqueiros recém-chegados à esfera do poder” (Idem). Diante das poucas falas que colhi e dos demais dados, da atenção mais estética à tecnologia do que propriamente curiosa, parece que temos ainda resquícios, heranças dessa sociedade que foi estabelecida no séc. XIX e se perpetuou até então. Não exactamente seguindo os mesmos passos, mas segurando o mesmo fio, Helder Pacheco, descreve da seguinte forma:

Um sentimento de que a História se repete incansavelmente, se perpetua não sob a forma de uma sucessão cronológica e linear de acontecimentos, estilos e realizações urbanas, mas através de coincidências primordiais que transformam os instantes, mesmo os mais fugazes, na persistência de uma certa memória. (1997, p. 13)

Daqueles que descrevem o Porto em seus mais distintos aspectos, Teixeira Lopes abre o coração, não de modo poético como Helder Pacheco, ou voltado mais à descrição como Teixeira Gomes, mas de modo desnudado, curioso, que desperta em nós também a curiosidade pela cidade, por seus segredos, valorizando assim o que o Porto mostra-nos e é apenas Seu.

Percebe-se na história da cidade uma forte intervenção política nas formas de expressão cultural. O papel do governo sempre pareceu mais atrelado aos interesses da Igreja católica do que propriamente às necessidades do povo, como se esta instituição religiosa fosse assim a representante do povo diante da divindade e do governo. Não podemos então, olhar para essa cidade e não mencionar as inúmeras amarras construídas ao longo da história que impulsionam, reforçam e condicionam o comportamento social e acabam por ressaltar suas diferenças.

A cidade em que duas faces, talvez opostas e por isso mesmo complementares,, crescem desigualmente e aos poucos a face mais distinta e discreta vai dando vazão a face intensa e nocturna da cidade, das reuniões animadas dos estudantes no Carmo. Nas palavras de Lopes (Idem, 39):

Se há ruas sossegadas e hábitos domésticos fortemente sedimentados, noutras zonas da cidade as noites são longas e servem de suporte a múltiplos usos, simbologias, representações, papéis e actores: a noite dos comportamentos desviantes, a noite distinta e elegante, a noite juvenil e estudantil, a noite mundana.

Na internet há várias referências à noite do Porto. Há condições de diversão para públicos apreciadores de música alternativa, jazz, rock, aqueles que preferem as discotecas, ou ambientes mais estimulantes de encontros amorosos fortuitos, hetero ou homossexuais. Como qualquer cidade de médio porte possui, mas talvez nem sempre atrelado a manhãs onde o comportamento recatado das senhoras que vão a feira nos mercados, ou dos senhores que vão a praça apreciar ou jogar cartas.

À moda do Porto segue o seu projecto digital. Discreto, quase uma revolução silenciosa trazida pela fibra óptica que nem vemos, e ao mesmo tempo, controverso. Parece muito mais próximo de uma ornamentação política do que propriamente um projecto de intervenção pública. Isso porque, o projecto apresenta o seu desejo de intervir numa cidade ideal. Não há estudo dos impactos que tal tecnologia venha a causar nas relações inter-pessoais, mesmo que todo protocolo oficial seja cumprido e aponte necessidades reais, na prática o projecto parece mesmo mais virtual. Há de facto necessidades reais que aponta: agilidade no atendimento e facilidade no acesso aos serviços básicos, consultas as solicitações feitas à câmara, por exemplo. Inclusive, esse tipo de serviço rendeu a comunidade portuguesa o quarto lugar entre os melhores da EU em serviços

online⁸². Os serviços disponíveis de modo online, que podem ser consultados nas estações de comboio da cidade, lojas como a FNAC, ou quaisquer outros pontos de acesso a internet contribuem para diminuir o volume de processos de atendimento pessoal diário, agilizam e diminuem consideravelmente a burocracia para processos simples, como o pagamento de impostos, entre outros. Porém, a percepção que o poder público tem sobre a interferência da tecnologia Wi-Fi na vida de seus cidadãos está focada na expansão mercadológica e alinhada às perspectivas de crescimento dos acessos Wi-Fi em todo o mundo. Assim, os benefícios a população parecem ser secundários, pois, o caminho feito pela fibra óptica tem dois itinerários principais, primeiro, chegar a condição de oferecer espaços para empresas que estejam interessadas em estabelecer hotspots; segundo, os espaços gratuitos que já estão em funcionamento. A fibra óptica apresenta-se mais como um ornamento da proposta de modernização, de dar ares de cosmopolitismo ao bucolismo do Porto, sofisticando a sua condição de espaço histórico.

A proposta de **minimizar a solidão** acaba por ser um motivo mais distante do projecto, mas a comodidade para aqueles que conheçam os serviços online irá existir. A questão neste caso é como as pessoas terão acesso a esse tipo de informação se não houver uma campanha que comunique? Pois se esses serviços actualmente são divulgados principalmente através da internet, como a população, principal interessada, irá tomar conhecimento? É pertinente ressaltar que a grande maioria dos entrevistados e questionados desconhecia a existência do projecto, ou não conseguem relacionar a expansão dos serviços de Wi-Fi a uma proposta mais complexa feita pela Câmara Municipal para dinamizar e modernizar o acesso a internet. Enquanto isso, os espaços de hotspot que ofertam gratuitamente seus serviços continuam a contribuir com a questionável minimização da solidão. O Sr. Ferreira Fado, por exemplo, apesar de afirmar que *“não precisamos sair de casa para adquirir determinada coisa”*, foi visto por pelo menos mais quatro vezes no mesmo local, no Parque Nascente, com seu portátil, a assistir seus vídeos. Sempre com a mesma simpatia e em uma das vezes chegou a oferecer um dos seus discos gravados e agradecer por ter sido entrevistado. Sempre sozinho. A solidão é triste, mas também necessária, como escreveu Almeida

⁸² A consultora Capgemini foi a responsável pelo ranking. Principalmente no que diz respeito a declaração de IRS feita por cada Junta de Freguesia. Em relação a diversidade de serviços online oferecidos ao público, Portugal ocupa o terceiro lugar no ranking europeu. Fonte: <http://inovacaomarketing.com/blog/noticia/page/3/>

Garret durante seus meses de prisão (2004, p. 236). Talvez essa compreensão faça parte do imaginário da cidade do Porto, pois junto à essa solidão está o silêncio. Mesmo que nela exista algo de controverso. Preserva-se a solidão, mas não sozinho, prefere-se a solidão colectiva. O facto de haver tantas pessoas a frequentar Cafés e a permanecerem neles para ler o jornal, ou utilizar a internet ilustra melhor o que falamos. Independente de não haver interacção, até estudar nas bibliotecas públicas, em silêncio e solidão, mas acompanhados da presença de tantos outros que repetem o mesmo. Lembro a fala do jovem Malojo, quando diz que a internet é uma “*forma cómoda de estar na mesma com os amigos*”, relembro a fala da estudante Maria João: “*Não vejo a net como a melhor forma de lazer*”; bem como, a fala da funcionária Ana Ferreira: “***Internet apenas para quando não está na cidade***” ou mesmo “*ficar muito na internet é não usufruir da cidade*”. As pessoas do Porto, apesar de utilizarem com certa frequência a internet, em casa e em espaços públicos, não a enxergam como uma ferramenta de comunicação para quem esteja tão perto, ou para os mais íntimos tão completa que sejam capazes de trocar as conversas e os encontros por ela.

Sobre o movimento de estar presente mas ao mesmo tempo ausente na interacção, de apreciar uma solidão entre muitos, José Gil comenta como a invisibilidade passou a fazer parte do imaginário português e de como ela está intrinsecamente atada à postura de espera, que comentaremos mais a frente. Segundo o autor, durante o árduo período salazarista que marcou fortemente a sociedade portuguesa que conhecemos hoje, o discurso político foi fortemente carregado do sentido do sacrifício para que assim houvesse a transformação do povo e da história que viviam. Como o sacrifício não seria físico, aconteceu no imaginário de cada um. “A morte simbólica dos portugueses reside no anonimato, isto é, na sua invisibilidade enquanto indivíduos” (1995, p. 30), e assim cada um parece viver como se não existisse simbolicamente. Pois é essa sensação que temos quando tentamos interagir durante o trabalho de campo. Como se a cada palavra proferida estivesse a traçar a invasão de um território muito íntimo e por isso mesmo tudo deveria ser ligeiro, quase como se o contacto não tivesse de facto a acontecer. Mas José Gil vai mais longe, a ideia de sacrificar-se para encontrar o verdadeiro português que há em cada um que nasce nesta terra, gera uma descrença em si mesmo. Pois a “invisibilidade relativa, ou antes, semi-invisibilidade, rebaixamento, amesquinamento de tudo o que parece (porque parecer é parecer grande)” (1995, p. 31)

A discrição é demonstrada como a necessidade de uma invisibilidade, como se o contacto com o outro fosse quebrar o pacto simbólico que a sociedade possui consigo mesma, o compromisso de refazer-se, mesmo que a tal invisibilidade não permita de facto o seu renascimento, a virada total. Isso a deixa entre um passado que cultiva sem que tenha de forma definida o porquê, apenas segue; e entre um futuro que deve alcançar de forma brilhante e destacada, mesmo que não saiba também exactamente aquilo que o “espírito” genuinamente português deseja, pois ele vive adormecido entre esses pólos do passado e do futuro. Seria essa a configuração do tempo nos espaços de fluxo? Como um tempo imperceptível, entre o passado e o futuro, mas deitar no presente?

Esse aprisionamento temporal do imaginário reflecte-se na sensação de espera que temos ao conversar com as pessoas e ao observar a cidade do Porto. A percepção de clausuras e liberdades, de que nos fala Paulo Seixas, que funcionam juntas como uma estrutura de compreensão da cidade dos nossos dias,

É nesta configuração de clausuras e liberdades que provavelmente podemos compreender a cidade pós-moderna em que tudo se junta (Soja, 1993; Harvey, 1991); enquanto por outros entendida como aquela em que dominam os não-lugares (Augé, 1994), a cidade pós-moderna parece instaurar o diálogo na dialéctica entre individualismo e holismo, característica da modernidade, sem no entanto a dissolver por completo (1997, p. 113)

Seria então a ideia de estar isolado e não estar propriamente escondido que se encontra imbricada entre si e no imaginário da cidade contemporânea. De forma oposta e complementar, esses pólos fazem-se existir um pelo outro e assim estão a se perpetua nas ideias efémeras que acompanham o nosso tempo. É como se quiséssemos mesmo estar em dois mundos possíveis, fazer, ser e ter tudo ao mesmo tempo, numa ânsia por vezes desvaierada, tão híbrida que nos leva a separar, como descreve Latour?

As ideias de progresso para a cidade do Porto, desde o começo do século XX e final do XIX trouxeram muitos problemas sociais que se perpetuam até hoje, como é possível observar nos estudos de Teixeira, Lopes, Seixas, Pacheco, entre outros. Para acompanhar o desenvolvimento industrial – o que nunca chegou a consolidar-se – que se impunha à cidade adquiriu sérias dificuldades de habitação, assim como muitas das grandes cidades que entravam no período industrial na Europa⁸³. Assim, as Ilhas do

⁸³ Como define Castells, “a distribuição das residências no espaço produz sua diferenciação social e especifica a paisagem urbana, pois as características das moradias e de sua população estão na base do tipo e do nível das instalações e das funções que se ligam a elas” (2000, p. 249). Nesta mesma obra o

Porto que emergiram silenciosamente e ganharam cada vez mais espaço na cidade poderiam ser uma boa metáfora para compreender o desenho urbano que podemos em linhas muito finas e quase transparentes traçar. Assim podemos pensar, como a cidade apropria-se da tecnologia?

Seria mesmo a tecnologia um ornamento ou a ferramenta mais adequada para fazer a revolução silenciosa? Uma cidade que guarda em sua história movimentos políticos e sociais que nunca calavam diante das controversas decisões políticas do país, não teriam deixado qualquer legado? Como vimos, esse legado está posto, no imaginário português, e de forma bastante peculiar, na cidade do Porto. A tecnologia é aliada no desenvolvimento económico e social das cidades contemporâneas e por isso mesmo, parceira dos principais empreendimentos urbanos de quaisquer sectores.

Diante desse contexto, as empresas percebem uma oportunidade de crescimento de seus mercados através da oferta de serviços Wi-Fi e pontos de hotspot, o que também acontece no Porto. A percepção de que esse é um bom negócio inicia no uso particular dos serviços e no reconhecimento de sua utilidade como ferramenta facilitadora da comunicação quotidiana. Como a ideia do ambiente Café é deveras apreciada pelos europeus em geral e também particularmente na cidade do Porto, ao oferecer a tecnologia Wi-Fi é uma forma de dinamizar os serviços, atrair mais clientes e incentivar o consumo. Os movimentos de translação de que nos fala Latour, onde os produtos são criados a partir de uma necessidade externa aparente, mas seguem os itinerários dos interesses particulares daquele que irá ofertar tais produtos. Ou seja, a tecnologia apresenta-se como caminho de soluções para os problemas quotidianos, inclusive aqueles de sua própria autoria. Contudo, são os interesses particulares que acabam por reger os interesses colectivos, e por isso, nem sempre o produto ofertado ao cliente como necessidade básica, de facto irá saciar suas necessidades.

Outra questão é, a necessidade de aceder a internet tornou-se mesmo uma evidência, mas ainda para um público restrito. Para conhecermos as necessidades tecnológicas de quaisquer grupos, é preciso que haja investimento em pesquisas direccionadas a esse efeito, que haja comunicação. Como vamos lançar um projecto que visa suprir

autor sugere um quadro de observação do espaço urbano através do desenvolvimento de suas habitações ao longo do tempo e discute como a Europa do séc. XIX acabou por comprar grandes problemas de ocupação urbana por falta de planeamento e percepção da importância do modo de morar para a consolidação do desenvolvimento económico que tanto almejava.

necessidades colectivas se desconhecemos tais necessidades? Nesse ponto, a certeza que está em cada um de nós sobre a potência de progresso e desenvolvimento atreladas a quaisquer tecnologias acaba por desviar a nossa atenção de simples questionamentos sobre quais são as nossas reais necessidades e quais serão os efeitos trazidos pela mesma. De outra forma, estaremos a seguir a “onda” tecnológica, mas sem sabermos de facto onde ela pode levar-nos, tanto no ganho de benefícios quanto de complicações. Diante de um quadro de crise económica, apresentar e incentivar investimentos em tecnologia, tendo em vista que esta representa a redenção social neste momento, é também uma forma de ganhar tempo numa circunstância em que muitos governos não sabem como lidar com as necessidades socioeconómicas do quotidiano. A atenção focada nas necessidades desenvolvidas pela tecnologia vai desviando o olhar das carências que parecem ser menores, ou assim são tratadas. Como são menores, aparentemente, também aparentemente são mais fáceis de serem tornadas invisíveis. (Latour, 1997).

Desse modo, para levar a frente o projecto de cidade digital as alianças são de suma importância. Cada elemento agregado é também modo de reforçar a importância da causa. Nesse caso, o poder público corrobora com a construção de factos que irão ser suportados pelas técnicas/objectos dos empresários. Nessa perspectiva,

O problema do construtor de ‘factos’ é o mesmo do construtor de ‘objectos’: como convencer outras pessoas, como controlar o comportamento delas, como reunir recursos suficientes num único lugar, como conseguir que a alegação ou o objecto se disseminem no tempo e no espaço. Em ambos os casos, são os outros que têm o poder de transformar a alegação ou o objecto num todo duradouro (Idem, p.217)

O facto construído de que as nossas necessidades tecnológicas estão em expansão contínua e são cada vez mais notórias, é uma ideia propagada em amplo alcance e assim, a rede que se forma sem ponto de partida propriamente definido, vai expandindo até o consumidores que ainda não trocam estar com os amigos para ficarem à navegar na internet. Mas levam seus portáteis a espaços públicos para que possam reforçar a sua parcela de actores que são nos palcos da cidade que deseja o progresso tecnológico. Uma cidade que mantém seus fios de conexão com o mundo ao seu redor expande também o seu território, o seu próprio alcance e amplia sua visibilidade, ao mesmo tempo que para cada um de seus cidadãos, reforça os desejos de viver na cidade de seus sonhos.

Entretanto, não sabemos quantos sonhos tão distintos entre si habitam as cidades. A opção por empreendimentos que venham solucionar problemas colectivos esbarra na dificuldade de reconhecer até que ponto as necessidades colectivas serão também possíveis de apreender, para que assim pudéssemos ter um sentido de cidade palpável. Mas aí já não seria uma cidade propriamente, pois as cidades em si são fragmentos de heterogéneas formas de organização social (Castells, 2000) que ocupam um espaço em comum, delimitado muito mais por uma convenção do que mesmo por um sentido claro de ruptura, como quando conseguimos distinguir entre elementos de cores distintas.

Assim como os aeroportos, os centros comerciais já foram tratados como exemplo desse mundo sem fronteiras que são as cidades contemporâneas, por serem espaços comuns de quaisquer lugares, por serem não-lugares (Augé, 2005). Na cidade do Porto, os centros comerciais costumam cobrar ou condicionar os usos de seus *hotspots*. Mas os usuários que possuem a sua própria internet móvel, paga dentro de um pacote de serviços de comunicação (internet, televisão, telefone) são os que mais frequentam desses espaços. No caso do Parque Nascente, que oferece o serviço gratuitamente, os horários de maior fluxo de cidadãos acompanhados com seus portáteis é por volta de uma hora a seguir da abertura do centro comercial e assim estende-se até o período de maior fluxo de pessoas para o almoço. A maioria das pessoas que utilizam os espaços é composta homens e estão acomodados, frequentemente, mais próximos aos Cafés da praça de alimentação. Vão aparecendo aos poucos e numa manhã de observação é possível vermos, que logo a praça de alimentação está repleta, como se brotassem continuamente usuários. Estão frequentemente numa aparente solidão em grupo. E esse comportamento mais reservado dos cidadãos usuários do *Wi-Fi*, representativo também dos cidadãos em geral, dificulta apreender suas percepções sobre a cidade. A tecnologia aparece como uma vestimenta que sinaliza a participação daquele cidadão nos grupos da cidade que seguem a ideia de progresso e actualização, quando estamos “por dentro” da situação.

A sociedade introspectiva é emblema do nosso tempo que contrasta com o desejo de progresso. A ideia do desejo está permeada pela vontade de modificação, mudança, transformação. Assim como a descrição de José Gil sobre o discurso salazarista, o comportamento invisível tinha como desejo a transformação reveladora da sociedade portuguesa. A transformação é um processo inerente a vontade de modificação do espaço, dos objectos, dos humanos e esse mesmo desejo é que movimenta de forma tão

dinâmica as cidades do nosso tempo. Mas se o séc XX presenciou a morte da cidade, para injectarmos optimismo em nós mesmos, podemos falar que nosso tempo é um momento de renascimento constante e sem fim da ideia de cidade, e o foco talvez devesse estar mais voltado para uma introspecção reflexiva e não apenas aparente. Porque ninguém será se junto a cidade não for.

A cidade é o que temos dentro de nós, tanto quanto o que temos fora. Para Santos,

a associação com o útero é inevitável: a mulher produz, para si e para os demais, especialmente para os que estão sob os seus cuidados, objectos que abrigam, que guardam, que têm a função de protecção, de conter algo, assim como faz o seu próprio corpo (1998, p. 49).

Essa ideia de cidade como abrigo, como retorno ao útero materno também é apresentada por Bachelard (1978), nos seus estudos sobre o espaço. Da mesma forma que não devemos separar o sujeito da cidade para compreender a sua dinâmica, não devemos separar o espaço real, o aparente, do imaginário, dos devaneios, dos sonhos e desejos. Como nos apresenta o autor delimitar o espaço ao seu aspecto físico é traçar uma linha falsa, negar o que se vivencia, fechar as possibilidades e oprimir os sentidos que construímos, as memórias. Junto aos objectos, às práticas e à construção da cidade estão as nossas percepções do espaço, do outro, dos tantos mundos que criamos, onde cada um de nós dá vida a diferentes cidades.

A todo tempo as pessoas, os objectos, as formas estão mudando. O movimento é inerente ao humano e ao não-humano. Ele é condição para nos sentirmos vivos e actuantes. A cada mudança empreendida percebemos nossas aptidões, encontramos o novo, apropriamo-nos do passado, estabelecemos outras e infinitas relações com o tempo e o espaço que ocupamos. Toda mudança contém em si um desejo, seja ele um sonho dos humanos, dos não-humanos ou dos Deuses. O desejo impulsiona a acreditar, praticar, transformar e enxergar os limites, as linhas imaginárias que apontam os caminhos. Assim, o desejo é capaz de modificar a cidade, infinitas vezes, num movimento incessante de construção/destruição/reconstrução do espaço que ocupamos e de nós mesmos. Por isso formam-se tantas cidades quantas forem as pessoas que a desejarem, como as cidades de Ítalo Calvino (2006).

Nessa perspectiva, cada indivíduo interfere na construção da sua cidade a partir dos seus desejos, por entender que o espaço urbano e seus habitantes vivem uma relação dialógica, são interdependentes e formam um sistema aberto. Indivíduo e espaço urbano

interferem simultânea e reciprocamente. Constituem um nó górdio, que se torna impossível falar de um sem estar falando do outro. Assim falar da cidade implica desvelar seus sonhos, seus desejos, bem como entender como estes imprimem sentido às práticas.

Cada vez que nos referimos aos motes que também identificam a nossa própria relação com a cidade, estamos falando dos desejos que foram percebidos na cidade. A sensação de espera indica o desejo intrínseco de mudança das condições actuais e da maneira que o imaginário português encontrou para fazê-lo. A espera está no tempo de invisibilidade que revelará a “verdadeira” vontade, o “real” desejo de cidade que há em cada portuense. As descrições quase melancólicas de Helder Pacheco (1997, p. 68-9) ilustram com maestria o Porto que ele tem desejo de ver e como o seu desejo também transforma o Porto que ele vê:

O Porto é na sua aparente fixação a um modelo estruturado de cidade burguesa, produto multifacetado de lenta e constante interpenetração de protagonismos sociais (e logo, culturais) que influenciaram o seu modo de ser, o carácter da sua evolução urbana e, não raro, a génese dos seus comportamentos políticos em defesa de aspirações que considerava legítimas.

São essas características multifacetadas que promovem o já referido sentimento de envolvimento e estranhamento com o Porto, a cidade atrainos, o sorriso receptivo dos portuenses chama-nos, mas logo o silêncio indica que se quisermos ver o que a cidade tem para nos mostrar, devemos também entrar num momento de espera. Esperar o momento em que as pessoas estejam com disposição e disponibilidade para conversar sobre alguns de seus hábitos, de seus gostos e desejos.

Esse sentimento de espera promove uma indefinição daquilo que observamos, libera uma penumbra no que observamos e tudo que possa parecer claro, óbvio torna-se fluído, disperso, fragmentado e oscilante entre o visível e o invisível. Essa mesma sensação já fora descrita por Teixeira Gomes (1991, p. 102) – conforme citamos anteriormente – que essa paisagem – também em sentido simbólico - oscilante do Porto confunde-nos pois “tudo reveste tão incerto aspecto, aparências tão pouco sólidas, que em certos momentos quase se espera que uma rajada de vento arrase e desfaça para sempre aquele quimérico espectáculo”. E nos tempos que presenciamos, “tudo que é sólido se dissolve no ar”⁸⁴, “o rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; os sistemas de

⁸⁴ Título do livro de Marshall Berman, publicado em português de Portugal em 1982.

comunicação de massa, dinâmicos no seu desenvolvimento, que envolvem e amarram os mais variados indivíduos e sociedades” (Berman, 1982, p. 16). A cada esforço que é feito na direcção da estabilidade económica e social, mais nos aproximamos do efémero, das incertezas.

Isso daria motivo para pensarmos também que, quanto mais introspectivo parece, mais imbricado no todo também, e assim, mais vulnerável ao colectivo, o que reforça a teoria de proliferação dos híbridos de Latour (2005). Eis porque não podemos separar a ideia de individualismo da ideia de um planeta urbano que se sustenta pelo todo, pelas referências colectivas em âmbito de mundo. As cidades não são pensadas de acordo com suas particularidades, pois os modelos, por mais fluido que seja nosso tempo, não perderam a sua condição estruturante.

O sujeito de direito, o cidadão actor do Leviatã, a face perturbadora da pessoa humana, o ser de relações, a consciência, o cogito, o homem de palavra que busca sua expressão, o hermeneuta, o eu profundo, o você e o você mesmo da comunicação, a presença em si mesmo, a intersubjectividade, são todas figuras magníficas que os modernos souberam desenhar e preservar. Todas, porém, permanecem assimétricas, uma vez que são as pendências do objecto das ciências, que jaz órfão, abandonado às mãos daqueles que tanto os epistemólogos quanto os sociólogos dizem ser redutores, objectivos, racionais. (...) O humano, como podemos compreender agora, só pode ser captado e preservado se devolvermos a ele esta outra metade de si mesmo, a parte das coisas (2005, p. 134)

A própria percepção da grande maioria dos questionados de que vivenciam mais o espaço virtual do que o urbano coloca em questão a nossa ideia de separação do que seria abstracto ou concreto na construção da cidade. Mais da metade daqueles que responderam ao questionário online era do sexo masculino e profissionais. Por volta de 30% tinha entre 26 e 30 anos de idade, e por volta de 75% utilizavam espaços gratuitos de acesso a internet. Ao invés de deixarem de estar com os amigos, a maioria dos respondentes tanto online quanto pessoalmente, deixaram a televisão de lado para andar a navegar na internet. A internet é de facto um portal, uma grande janela muito mais dinâmica e interactiva do que a televisão. Podemos assistir aos nossos programas e séries favoritas através da internet, na hora que nos apetecer. É mais uma concorrência sem precedentes, tanto que os próprios canais de televisão disponibilizam em suas páginas na rede vídeos dos seus programas e informações ao vivo sobre tudo que acontece em sua programação, inclusive as notícias. Outro aspecto que não podemos negar, é a velocidade com que as informações podem ser disponibilizadas em rede e assim repassadas quase em tempo real para os quatro cantos do globo. A rapidez com

que podemos fazer uma amizade, descobrir como se fala determinada palavra numa língua estrangeira comum ou exótica, acaba por fazer com que os problemas advindos dessa busca constante pela velocidade e tudo que a represente.

Um outro aspecto interessante é que mais de 70% dos respondentes reconhece que a internet interfere nas suas relações interpessoais, mas 50% destes acredita que essa interferência é positiva. Muitos ainda buscam amizades e outras formas de relação social através de chats e sites de relacionamento. Inclusive para fazerem amizades que depois possam encontrar num Café, por exemplo, preferem conhecer pessoas em bares, Cafés, no trabalho ou local de estudo. Os avanços tecnológicos contribuem para que as nossas relações no geral sejam mais flexíveis, ao mesmo tempo que exigimos mais das nossas relações na intimidade. De outra forma, “há a ilusão de uma velocidade salvadora, a ilusão de que a aproximação exagerada das populações não vai levar a conflitos mas ao amor, que deve amar-se o seu longínquo como a si mesmo (Virilio, 2000, p. 21)”. e a seguir essa perspectiva, medimos a funcionalidade dos objectos pela velocidade que eles oferecem para cumprir suas acções, assim acreditamos que somos tão velozes quanto o objecto.

Este novo paradigma está presente também naquilo que esperam da cidade que apresentam nos questionários. Dadas as opções de escolha múltipla, maior crescimento económico foi o principal desejo para a cidade junto aos avanços tecnológicos. Um *urbis* caracterizada pelo seu envolvimento com os elementos da velocidade, os grandes eixos do presente-futuro, ou melhor, de todo tempo. Isto reflecte o que as pessoas desejam para elas mesmas nesse momento de instabilidade económica e incertezas quanto ao futuro profissional, familiar. Cresce o número de desempregos, de divórcios, de intolerâncias com questões corriqueiras que antes pareciam mais fáceis de dispersar, talvez dentro de um contexto mais estável. O que parece restar é mesmo essa sensação de espera que a cidade acaba por transmitir, como se a vida aqui estivesse pausada, a espera de alguém que accione um botão de continuidade, de alguma manobra que faça a cidade sair do *intermezzo* (pausa), entre o som⁸⁵ e o silêncio.

⁸⁵ É a vibração de um sinal de onda, captado pelo nosso cérebro que lhe atribui sentido. “(...) é, assim, o movimento em sua complementaridade, inscrita na sua forma oscilatória”. As variações/ oscilações na vibração da onda sonora conferem-lhe outros atributos, ou seja, dão-lhe a possibilidade de transformação. (Wisnik, 2004, p.18)

Esse momento de *intermezzo* vivenciados no teatro entre cada acto, é perceptível na forma como lidamos com o espaço urbano e connosco. É como um momento de ausência de movimento, ausência de fluxo. A ambiência de incertezas leva ao um mar de pausas seguidas, que continuam a anunciar o som que virá, após o renascimento e assim será anunciado o novo indivíduo, a nova cidade. “Continuamos a espera, acabando a suspensão do tempo por se tornar um traço característico da temporalidade do regime” (Gil, 1995, p. 33) vivido pelos portugueses. Mas essa temporalidade transmutada é parte dos capítulos escritos por cada cidade, a seu modo, que por não poder ser apagada, agora espera ser transladada em motivação para algum movimento.

Enquanto espera por uma transformação silenciosa, num estado de pausa da identidade, não uma pausa para a sua identidade, para um momento de reflexão como nos fala Paul Virilio. É um momento de pausa que caminha de mãos dadas com um saudosismo, uma nostalgia⁸⁶ que não se sabe de modo definido do quê, gerando uma ansiedade sob o mundo, sob o fazer parte deste mundo – de modo micro-simbólico, sob o fazer parte da cidade. E no âmbito de nosso interesse nesta pesquisa, o modo de utilizar a tecnologia. É essa contradição que a velocidade traz em si mesma. Buscamos tanto por ela, aplaudimos tanto a cada pequena conquista de um segundo a menos, que não percebemos para onde os interesses particulares estão sendo caminhados, pois eles é que permanecem pausados, a espera do melhor momento para serem despertados.

Esse movimento entre a busca pelo mais veloz e a percepção da pausa, acaba por reduzir a possibilidade de vivência da ideia de cidade. Não a cidade perfeita idealizada por Platão, mas já a cidade moderna, ela também acaba por transformar-se uma reunião de pequenos mundos, ao invés de muitas cidades constituírem o mundo, são muitos mundos que fazem uma cidade e suas rápidas transformações, junto ao ambiente de incertezas, exigisse cada vez maior agilidade, uma incrível habilidade de cada um. Em outras palavras, “o tempo excessivo da cidade moderna é um elemento de desintegração e de desconstrução – como diria Derrida – da unidade de povoamento. Daí resulta uma espécie de guerra civil fria (Virilio, 2000, p. 69)”. Há o estranhamento agora em ambos os lados, tanto na proximidade quanto na distância. Toda a confusão instaurada pela velocidade em que vivenciamos o contexto, leva-nos a crer que há um culpado por tudo

⁸⁶ A Saudade Portuguesa, título de uma obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1990), onde conta a história da rainha Inês que recebeu sua coroa depois de morta e descreve como o termo ‘saudade’ foi supostamente construído e implicado pelos portugueses em primeira mão.

isso. No nosso íntimo sabemos que o esgotamento físico e emocional não é representativo de uma vida plena. Vivenciar a simplicidade das coisas tornou-se privilégio de poucos. Ter tempo para ter filhos, para chegar a dar importância em saber quem é a professora do filho, ter condições de acompanhar o crescimento das plantas do próprio jardim. A aproximação desmedida ao virtual distancia-nos da ideia de cidade, acaba por transformar a ideia ‘sólida’ de cidade em ‘fumaça’, dissolvendo-a no ar.

Entretanto, chegamos a um apontamento comum aos que estudam as transformações no espaço urbano. A reconfiguração dos modos dos indivíduos perceberem a si próprios como parte de um espaço fisicamente delimitado, da ideia de pertencimento a um lugar ou a um grupo, traduz o urbano em algo cada vez mais complexo, uma rede de muitas redes, de infinitas conexões e possibilidades que parecem tão amplas a ponto de instituir uma crise paranóica: ora, se tudo é possível, é possível que qualquer coisa me aconteça; é possível que eu faça acontecer qualquer coisa. E nunca é possível para o outro antes de sê-lo para mim. De facto, já não podemos distinguir o que é um delírio ou um projecto na contemporaneidade. Resta saber se temos condições de dar conta de relações tão complexas.

Por exemplo, o facto dos questionados terem por costume conhecer pessoas através de chats de relacionamento é um indicativo dessa reconfiguração. Ao mesmo tempo que, o facto dos ‘Cafés e Trabalho’ aparecerem como a segunda opção mais escolhida, demonstra que não há de todo uma prioridade designada aos meios tecnológicos, mesmo que eles venham a ser utilizados para dar continuidade ao amadurecimento das relações. Entretanto, os meios tecnológicos estarão presentes mais cedo ou mais tarde, mais especificamente, a internet. Não apenas para encontrar novos amigos e parceiros como também para consumir outros serviços e bens.

O consumo dos bens é indicativo das nossas referências de organização social, pois “os bens [em si] são neutros, seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes (Douglas; Isherwood, 2006, 36)”. A Antropologia do consumo, herdeira da Antropologia económica, segue em busca dos significados que o acto de consumir reserva e como é possível discutirmos as questões de nosso tempo e das várias culturas a partir de seus hábitos de compra e de seus interesses criados. O trabalho de Mary Doulgas e Baron Isherwood intitulado “O mundo dos bens” discute o lugar do consumo na sociedade e seu carácter hora de redentor – através da força de trabalho que o permite

– hora de traído – por conta do consumismo visto como patologia ecológica (cultural e social). Mais especificamente, para observarmos o quanto o tema “consumo” está imiscuído em nosso campo simbólico, antropólogos já são contratados de grandes corporações para utilizar as ferramentas metodológicas que conhecem – observação de terreno, entrevistas abertas, observação participante, por exemplo – para contribuírem com informações sobre as necessidades e os hábitos de consumo, o que auxilia as corporações na elaboração estrategicamente direccionada de seus produtos, desde a criação, a produção até a forma de oferecê-los.

Os usos da tecnologia também em seu aspecto de consumo são indicativos dos interesses que a sociedade privilegia no nosso tempo. O próprio carácter efémero da tecnologia, um dinamismo temporal difícil de acompanhar pelos consumidores, o que os leva a estarem sempre “desactualizados” e “em busca das últimas novidades”. Cada vez mais o tempo tornou-se um vilão, que além da vivacidade física e da beleza estética, leva-nos à condição de competir, pois sempre o tempo parece estar um passo à frente. E essa condição imposta pela tecnologia acaba por fascinar, inebriando-nos com a possibilidade de controlarmos o tempo a partir de um aparelho elaborado com “tecnologia de ponta”.

Os chats de relacionamento são o principal local de consumo desse tempo que os questionados dispensam a internet. Talvez uma forma de dispersar os problemas do quotidiano, do chefe, dos amigos ou da família exigentes. Porque quanto mais perto mais íntimo, mais pode vir a cobrar. Quanto mais distante, mais ‘fantasiável’. E assim podemos resolver os problemas emocionais mais profundos com os desconhecidos que aparentemente não vão nos julgar, nem cobrar de nós uma solução prática, muito menos que paguemos a conta da luz ou da própria internet. Seria então o mundo ‘real’ que se tornou um fardo insustentável? Ou os ‘objectos’ intangíveis que se tornaram nossos fetiches?

Latour nos fala dos fe(i)tiches de nosso tempo, como criamos artefactos e damos a eles sentidos quase religiosos. Quando eram os artefactos dos tribais, eram aberrações religiosas, ofensas directas a deus. Mas hoje o que representa a nossa admiração e total dependência dos telemóveis? E mesmo da internet? São como partes de nós, extensões do nosso corpo, dos sentimentos e pensamentos. Expressões dos desejos, tanto superficiais quanto os mais profundos. Porém, são mais que desejos, são as criações

humanas manuseáveis, controláveis, ou que deixam a ideia de que o controle é nosso, de que é também feito por nós. Daí a ideia do fe(i)tiche ser encaixada nessa perspectiva, pois contemplamos os momentos de feitura de nossas novas vidas junto a internet como momentos de tradução/translação da nossa figura humana para uma divina, aquela que decide e controla destinos por deter o poder em suas mãos. Além disso,

As relações entre os homens, fetichizadas ou não por intermédio das mercadorias,, não parecem mais simples nem mais transparentes que as relações entre as divindades. Se as mercadorias perdem sua aparente autonomia, ninguém recupera, em função disso, o domínio, muito menos o trabalhador incansável (2002, p. 28)

Assim, as interferências negativas da internet são percebidas, mas não propriamente consideradas. As horas dispensadas na frente do computador crescem cada vez mais, há estímulo a isso em toda parte e acabamos por aproveitar para estarmos sempre disponíveis às possibilidades que surjam através da grande rede, uma nova relação, uma nova informação que mesmo não sendo importante, pode servir de alguma forma, enfim, saímos a procura de algo que preencha a ideia de tempo da contemporaneidade.

Portanto, quando as respostas dos questionários nos informam que os cidadãos consideram que houve um aumento da socialização na cidade, estão a referir a socialização em todas as possibilidades, inclusive e principalmente, através da internet. A cidade e seus “cidadãos” crescem para além de seu território e a percepção de socialização também é modificada. Quem é o meu vizinho? Aquele com quem converso todos os dias após o jantar, sentado em frente ao meu computador, ou aquele que cumprimento sempre que vejo? Quem sabe mais sobre mim? Quem aparentemente está mais interessado nos meus problemas e angústias do quotidiano? A principal crítica de Paul Virilio (2000) é quanto ao fim da cidade, em sua perspectiva de vizinhança, de juntar pelo que está perto. Porém, são as novas perspectivas de território, onde a ideia de perto e longe é perpassada pela velocidade com que queremos comunicar. Assim, mesmo que o silêncio pareça a ausência do som e numa conversa represente certa limitação da comunicação, nas conversas pela internet é o silêncio que predomina. Sem precisar dispensar diferentes volumes de voz acompanhados de gestos que caracterizam o teor daquilo que queremos transmitir, podemos ficar horas a conversar com distintas pessoas, aprender sobre diferentes países, reconhecer problemas íntimos, ou mesmo discutir sobre problemas crónicos em comunidades dos sites de relacionamento, ou mesmo através do Messenger e seus grupos. Podemos enquanto conversamos sobre

tudo isso, saber o placar dos jogos, as últimas notícias, ver uma receita exótica, planear uma viagem (incluindo comprá-la), enfim, podemos. Tanto podemos que essa ferramenta de comunicação nos encanta, inebria nossas percepções sobre o espaço, o tempo. E que força seria capaz de amenizar esse fetiche pela ferramenta que nos permite ser omnipresentes? De acordo com Latour, antes havia o pensamento crítico.

O pensamento crítico funcionava, se quisermos, como uma gigantesca bomba aspirante e refluyente. Sob o pretexto de que ajudamos a fabricar os seres nos quais acreditamos, tal pensamento esvaziava todos os objectos-encantados, expulsando-os do mundo real, para transformá-los, uns após os outros, em fantasias, em imagens, em ideias. O pensamento crítico, se se deseja, funcionava como uma gigantesca pompa aspirante e refluyente. Sob o pretexto de que os objectos-feitos, uma vez elaborados no laboratório, parecem existir sem a nossa presença, ele alinhava os factos em batalhões compactos, compondo um ‘mundo real’, contínuo, sem lacuna, sem vazio, sem humano. O pensamento crítico estabelecia, assim, o pleno. Ao evitar por duas vezes, a curiosa prática que exige que os objectos-encantados como os objectos-feitos sejam fabricados por humanos, essa pompa aspirante e refluyente criou simultaneamente, por subtracção e por adição, por sucção e por pressão, por esvaziamentos e por preenchimento, a interioridade como a exterioridade (Latour, 2002, p. 75)”

Desse modo, parecemos mesmo num labirinto. Pois o avesso também é igual ao que aparenta, a ideia de progresso leva-nos até este labirinto. Não sabemos mais o que representa estar próximo ou distante, nem mesmo quando nossos amigos íntimos são aqueles mais próximos fisicamente ou não. Então o que seria de facto a cidade? A cidade é o que vemos nela, é quem conhecemos nela, ou a representação do mundo diante dos nossos olhos? Talvez todos os elementos juntos.

Nigel Rapport, um dos principais pesquisadores da Universidade de Saint Andrews, na Escócia, em artigo publicado na revista de Antropologia da Universidade de São Paulo, descreve o contexto contemporâneo como o momento dos hóspedes, onde todos estariam imersos num processo de desenraizamento e mais, de turistas, viajantes, estrangeiros, sem terra própria, como os judeus. Dessa forma, “não haveria volta ao lar para ninguém no mundo moderno, porque a ‘consciência moderna’ seria em si ‘alienada ou marginalizada’, suportando a instabilidade radical da ruptura, do abandono, da partida e do deslocamento” (2002, p. 90). E a cidade é hoje também a representação dessa desorganização espaço-temporal, para onde o todo conflui, onde queremos usufruir da possibilidade de estar ou não visíveis, mesmo estando ali, onde queremos poder vivenciá-la como se ela tivesse o tamanho do mundo.

E gradativamente, nenhuma cidade, por menor que seja, escapará dessa reconfiguração. Isto porque, basta que tenha acesso à internet para que seu espaço seja transformado. Entretanto, quando nos referimos à ideia de transformação do espaço, devemos nos lembrar que esta não passa apenas pelos aspectos visíveis; afinal, a mesma está na memória que se constrói. A cidade se espalha pelo impacto de uma memória sempre presente a fomentar um para-além da urbanidade materializada. Aqui, convém abandonar a pueril quantificação da extensão da *urbis*. Portanto, as ruas tornam-se grandiosas mais pelo que nos informam que pela desenfreada contagem de suas bifurcações e transversais. Tal facto torna-se claro quando lembramos do famoso *petit Julien* de Bruxelas. A estátua do garoto, esculpida em humildes proporções, pode frustrar um visitante mal avisado! Porém, é a força de seu emblema, sustentado pela singular e demente figura do garoto, que finca impressões grandiosas e descompassadas com o tamanho real da imagem. Com efeito, o *petit Julien* se constitui de uma oficialização histórica e cultural da memória colectiva. Contudo, esses estilhaços de memória, pulverizados nos mais inesperados pontos, engrandecem em carácter monumental as mais diversas impressões colectivas e individuais. Cabe aqui situar este exemplo como metáfora para os excessivos monumentos sentimentais que pincelam uma série de recônditos instantes urbanos.

As mesmas proporções que estão distorcidas na percepção da cidade, voltadas para as possibilidades que a internet oferece, acabam por aumentar o seu volume. Desse modo, olhamos para o espaço cibernético com olhos diferentes daqueles que olhamos para o espaço urbano. A cidade do Porto, ainda pequena em relação aos maiores centros urbanos do mundo, apesar de possuir um bom desenvolvimento socioeconómico, ainda não apresenta sinais abruptos das transformações que a tecnologia imprime na contemporaneidade. Entretanto, já demonstra para onde caminha a cidade, que itinerários vislumbra e deseja que sejam os seus.

Para melhor compreendermos a dimensão do que é descrito, podemos citar uma pesquisa divulgada pela BBC⁸⁷, requisitada pelo Serviço Mundial, para verificar em 26 países com 27 mil pessoas entrevistadas, a necessidade que os usuários e não usuários atribuem a internet. O curioso é que 87% das pessoas acreditam que a internet é um direito fundamental de todos. Esse dado leva-nos a reforçar toda a ideia que existe

⁸⁷ Divulgada em 08 de Março de 2010. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100307_pesquisabbc_internetml.shtml

sobre a internet trata-se de uma ferramenta indispensável. Contudo, dada a dimensão que o assunto tem atingido – sem perspectivas de regressão – podemos sugerir a afirmação de que a internet é mesmo um bem que estaria na base das necessidades que temos para a sobrevivência. E mais, se pensarmos numa escala de qualificação das necessidades, quanto aos níveis de utilidade, comodidade, bem-estar adquirido, a internet pode ultrapassar os serviços de SPA, centros terapêuticos e muitas ferramentas de dispersão e entretenimento que auxiliam no relaxamento e bem-estar necessários a boa execução das tarefas quotidianas.

Para além de todas as possibilidades, a internet completa a ideia de individualismo que prevalece em nosso contexto. De acordo com Louis Dumont, independentemente das características socioculturais de cada lugar do mundo, *“d’autres sociétés, en tout cas la nôtre, alorisent en premier lieu l’être humain individuel: à nos yeux chaque homme est une incarnation de l’humanité tout entière, et comme tel il est égal à tout autre homme, et libre”* (1985, p. 12). Exactamente esta relação entre individualismo e liberdade que prevalece e facilmente alcança todos os pontos do globo. Qual homem não gostaria de ser livre? De controlar sua própria vida? Haveria uma outra solução que não reconfigurar as relações interpessoais? Para um homem ser livre é preciso que seja independente e essa independência só é conquistada quando percebemos que podemos caminhar sozinhos, escrever sozinhos a nossa própria história e guiar nossos olhos pelo mundo. Desejar a liberdade, principalmente quando politicamente ela representa o contrário das hierarquias pré-estabelecidas, quando o direito de ir e vir, construir, criar, é assegurado, parece mesmo muito justo.

Mas estamos a seguir um caminho rumo a independência de cada indivíduo ou a refugiar a impossibilidade de tal independência nas ferramentas de comunicação sofisticadas pela tecnologia? A liberdade está em apertar os comandos? Até então nenhuma das respostas que elencamos ao longo de todo o texto foi capaz de satisfazer a toda complexidade que envolve essa questão. Se por um lado temos a dinamização do comunicar, por outro temos a desestabilização do mesmo. De um modo simplista, não é possível degustar uma boa omeleta sem partir os ovos. Não que essa afirmação popular resolva a nossa questão, mas talvez direcione para que não fiquemos sempre presos ao labirinto, sem saber se seguimos as setas que indicam para que sigamos utilizando sem muito reflectir sobre a internet, as suas ferramentas e aquelas outras que dizem para que neguemos os benefícios que ela traz pois o nosso bem-estar está sob ameaça.

Talvez essa corrida para ocupar um dos lados da balança dificulte que pesemos ambas as partes de forma a verificar, dentro do possível, como potencializar os benefícios sem que isso signifique uma ameaça à nossa integridade social e individual. Dessa forma, o sentimento de espera que percebemos na cidade poderia ser justificado dessa maneira: esperar por um toque de racionalidade diante de tanta emoção que estimula os interesses de cada um. Pois,

A conciliação entre o desenvolvimento e o progresso da cidade decorre da percepção estratégica do planejador e do estabelecimento da interdisciplinaridade gestora, no sentido de fazer um estudo preliminar sobre a vocação económica da cidade e seu impacto na vida do cidadão, considerando que é o acesso à propriedade que define a ocupação do espaço físico e a ordem social na cidade (Douglas, 2006, p. 36)

Quem supõe representar política ou socialmente o colectivo tem nas mãos a responsabilidade de ponderar e tomar suas decisões em busca de um melhoramento constante, pela continuidade dessa colectividade. Mesmo porque, “não há política sem cidade. A cidade é a forma política maior da história” (Virilio, 2000, p. 43). Embora não possamos designar todo encargo pelos bons resultados aqueles que empreendem uma ideia, sabemos que a intenção da criação pode trilhar itinerários completamente adversos. O poder público e os empresários que tenham interesse de investir na tão promissora ferramenta de comunicação, item de primeira necessidade, devem buscar formas de adaptar, questionar até onde precisam de tais ferramentas e como elas poderão ser mais úteis, sem que isso acabe por dissolver a ideia de colectivo.

A ideia de colectivo passa pela ideia de construção e transmissão da memória da cidade, que de facto é uma grande parte do ‘ser’ da mesma. O modo como é arrumado o espaço ao nosso redor, incluindo as relações encadeadas por nós que constitui a imagem guardada da cidade. Ou seja, “a organização material do espaço aparece assim como uma espécie de garantia da manutenção e da transmissão da memória do grupo. Primeiro, porque o grupo ‘molda’ o espaço, ao mesmo tempo que se deixa ‘moldar’ por ele” (Silvano, 2007, p. 13). Nesse sentido, o espaço moldado na cidade do Porto passa pelo individualismo que reproduz o silêncio como elemento químico componente do ar que circula na *urbis*.

De acordo com Teixeira Fernandes, na sociedade ocidental actual “o desenvolvimento e a extensão do individualismo afectam, em larga escala, as sociabilidades e as convivialidades. Vão grassando o isolamento, a solidão e a desolação no interior de um

mundo cada vez mais urbano ou urbanizado” (1999, p. 71). Para o autor, as formas de organização social que escolhemos para vivenciar e ao mesmo tempo, que nos foram impostas, acabam por serem modelos de auto-desolação do ser social. Não que haja um modelo fechado de sociedade que podemos aplicar e assim galgarmos o caminho da felicidade em comunhão com todos. Mas há uma voz a implorar por atenção as formas de organização social e questioná-las, modificá-las, em busca de uma forma que tais organizações incluam em seus projectos a condição humana, individual e socialmente dita. Nas palavras do autor (Idem, p. 266-7), ainda podemos enfatizar a seriedade do assunto. Ao tipificar os três principais momentos da contemporaneidade ele aponta:

As sociedades do individualismo radical deixam as pessoas cárem nas formas mais extremadas de isolamento. Se as sociabilidades inspiradas pelo espírito dionisíaco alimentam a sensualidade oferecida pelas convivialidades, algumas delas à volta do vinho, as sociedades do individualismo radical negam e destroem toda a modalidade de sociabilidade, nomeadamente com a queda em situações de droga, que é o total isolamento e a completa desolação

Esta afirmação combinada com a nossa experiência empírica leva-nos a reflectir sobre os efeitos contrários que a busca por modelos de ordenação espacial, social e cultural acabaram por gerar. O planeta criativo que queremos, apenas sobreviverá se criarmos possibilidades de valorização da convivência, pois ainda estamos presos na dicotomia das relações sociais como sendo formalidades convenientes ou invasão de privacidade. Os interesses colectivos, comuns, flutuam sem espaço e acabam por desordenar os espaços. Por mais óbvias que pareçam certas questões de necessidade de socialização, não apenas da troca quotidiana de palavras educadas, boa vontade e sorrisos, são exactamente elas que motivam e justificam o pensamento de que algo pode ser modificado para melhor, de que a esperança não está de todo perdida. Além desta forma de agregar valor a vida comum do dia-a-dia e desfazer em parte a ideia de que temos todos que ser especiais para sermos considerados vivos, a socialização estimula a criação de novos caminhos práticos para as inúmeras situações de imprevisto que lidamos todos os dias no actual contexto de incertezas. São as alianças que acabam por dar sentido ao que é projectado, planeado e a própria existência de cada elemento do sistema social.

Na perspectiva das alianças – representadas na figura a seguir - foi elaborada a representação da ideia de espaço urbano que verificamos na cidade do Porto e é também representativa das cidades como um todo. Com base nas ideias de aliança elaboradas por Bruno Latour em toda sua obra, entendemos que a tecnologia faz parte do espaço

urbano do mesmo modo que os já conhecidos elementos: família, amigos, entre outros designados na figura abaixo. Todos os elementos estão interligados através das alianças que constituem e por isso também tornam-se interdependentes. Não que eles formem a cidade pura, perfeita ou qualquer característica do género, contudo, são elementos que aparecem mais intimamente relacionados na cidade dos tempos presentes, com anseios de cidade do futuro que é impulsionada pela nostalgia de um passado glorioso, que não necessariamente existiu.



Figura 6: Representação das alianças constituintes do espaço urbano

Nesse esquema de nossa autoria, estão os principais elementos humanos e não-humanos aliados das mais diversas formas, aliás, as inter-relações entre os mesmos são possibilidades múltiplas, tão amplas e complexas quanto o contexto contemporâneo. E quanto mais esse contexto é complexificado, mais complexas são as alianças. Se pensarmos mais especificamente na *urbis*, para Virilio “logo que a cidade se estende demasiado, desenha-se uma urbanização catastrófica” (2000, p. 44). Nesse caso, substituímos a ideia da catástrofe pela desordem e teremos a nossa cidade, teremos também o Porto. Que cresce em projectos, mas também em problemas como o desemprego e a falta de perspectiva para seus jovens e adultos. Ao mesmo tempo em que se transforma numa cidade com ares de metrópole, com anseios progresso e ao mesmo tempo necessidades de percepção de sua identidade; entre a busca pelas referências da terra e as promessas de “dias melhores” da tecnologia.

Não é tarefa fácil descrever qualquer cena da cidade do Porto. Principalmente se o foco estiver nos seus personagens. É como se cada um tivesse o seu papel camuflado, disfarçado, ou escondido. Como se não conseguíssemos falar dos personagens reais. Mas não temos mesmo como saber quais as reais intenções de uma cidade, pois,

A alma das cidades é sempre uma alma feminina. E em cada uma delas, velhas ou novas cidades, loiras como Florença, morenas como Sevilha, um olhar de uma mulher sorri, soluça, se entrega ou se recusa ao nosso olhar errante, ao nosso olhar ardente, ao olhar amoroso que a procura (Castro, 1971, p. 9)

Uma alma indecifrável, inapreensível, que pode inventar uma calma para esconder o fogo. Pode seduzir e depois aprisionar. Mostra-se amável e logo a seguir, cruel, fria, como a realidade de Albert Camus. Essa sensação de desequilíbrio, como que causada por uma embriagues, seguida de vertigens é o que nos causa a cidade do Porto. Desnudá-la através da mão da tecnologia pode não ser tarefa fácil, aliás, é mesmo uma tarefa impossível. Mas mesmo que não retiremos todas as peças que a cidade veste, tentamos deixa-la mais a vontade aos nossos olhos, procurando primeiro conhecer os seus caminhos, para depois despir de facto. Por outro lado, a intimidade que temos com as cidades - pois nascemos nelas e temos sempre a ideia de que tudo sempre fora daquela forma – torna desnecessário o nosso esforço, ou mesmo em vão. A cidade só mostra o que quer e muito do que parecemos ver, não passa do nosso desejo. E se a cidade é feita de nossos sonhos, ela vai sendo feita dessa forma, a cada sonho.

Do Porto, procuramos entender através do silêncio dos portuenses os sentidos de suas buscas, de suas esperas e seus desejos de cidade, quando confrontados com a tecnologia. Se muitas das particularidades do Porto não podem ser levadas aos quatro cantos do mundo como representações da *urbis* global, acaba de toda forma por nos falar mais do país. Dos sonhos que animam esta terra. Das mudanças que esperam. Da esperança pelo dia em que revelaram suas outras faces.

Quando falamos da perspectiva de Gil sobre o povo português e do seu processo de transformação social que caminha desde o salazarismo até hoje, ele nos diz:

Impedindo a metamorfose que preconizava, ele [Salazar] continuava a produzir silêncio, fazia calar nas pessoas a compreensão e a expressão da sua situação real, conduzindo-os a uma oscilação entre juízos extremos e opostos: ‘não somos nada, não valem nada’, e ‘somos os melhores, génios, heróis’. Entre um e outro, mesmo no centro da consciência, oculto, já corroído por um silêncio incompreensível, o próprio ser dos portugueses (Gil, 1995, p. 55)

O mesmo ser que ergue cada uma das pedras que fundamenta as cidades, na esperança de que o novo traga junto a boa nova. Que alguém invente maneira de refazer a fé em si e nos outros, de longe e de perto.

**BREVES APRECIACES SOBRE A CIDADE, A TECNOLOGIA E OS
HÍBRIDOS.**

Assim como na vida, o caminho percorrido neste trabalho não acaba nele mesmo, o tema não é esgotado nele mesmo, mas sempre precisamos definir um ponto de chegada, mesmo quando este ponto não fecha quais possibilidades de continuação e, principalmente, não encerra quaisquer aspectos do assunto. Nesta última parte textual do estudo serão abordadas as condições para o desenvolvimento do mesmo, os principais pontos de discussão que ele expôs e as lacunas que acabou por deixar, por ser humanamente impossível abraçarmos um assunto em todas as suas perspectivas, seria como falar sobre todas as coisas em apenas um texto, pensado e desenvolvido em tão pouco tempo. Para falar de todas as coisas, nem uma vida basta.

Contudo, sabemos de recursos que ajudam na expressão de sentimentos tão intensos e no falar o que não seria possível dizermos de modos convencionais. Assim, para estas considerações sobre o trabalho, na tentativa de representar o significado de seu conteúdo, identificamos um mito que poderá soprar aos nossos ouvidos a imagem dinâmica que é construída no estudo: o homem que busca a superação de suas possibilidades através da técnica e cria com ela uma rede de significados sobre o sentido de sua existência e a importância que queira exprimir a mesma. Assim, todas as suas criações serão também forma de perpetuar a sua existência: escrever, pintar, construir, discursar, elaborar formas, objectos, descobrir necessidades e os modos de supri-las vão fazendo parte dessa rede de significados para sua existência. O curto tempo que o corpo dispõe de vida poderia ser um dos principais motivos para que quiséssemos perpetuá-la. Ou seria mesmo porque a presença da vida é o que importa, como sugeria Santo Agostinho? Ou porque só nos resta ocupar o tempo dos nossos dias? Sejam quais forem

os motivos, o que vemos é uma profusão dessas criações, como se, de alguma forma, todos fossemos arquitectos, assim como o Dédalo.

De acordo com a mitologia grega, o arquitecto é inventor e óptimo escultor, tanto que suas esculturas adquiriam vida própria e por isso precisava amarrá-las. A sua fama espalhou-se e o rei de Creta, Minos, convidou-o a morar em sua cidade e lá ele construiu belos palácios. Porém, quando o rei descobriu que sua esposa Pasífae o havia traído com um touro e dessa relação gerou-se o Minotauro, pediu a Dédalo que construísse um labirinto e não contasse o segredo a ninguém. Mas o arquitecto contou a Ariadne, filha do rei, que por sua vez, contou a Teseu, seu amante. Descoberta a desobediência de Dédalo, o rei mandou prendê-lo junto com seu filho, Ícaro. Com sua habilidade, o inventor construiu asas de cera, e pediu ao filho que não voasse tão alto, para que as asas não derretessem. Infelizmente Ícaro não ouviu seu pai e acabou por morrer. Mas Dédalo conseguiu libertar-se e pousar na Sicília. Enquanto isso, o segredo que havia contado a Ariadne, amarrar um fio na entrada do labirinto e levá-lo consigo para depois achar o caminho de volta, libertou-a do labirinto onde havia sido colocada por seu pai.

Toda criação foge das possibilidades de controlo de seu criador. Dédalo já sabia disso, já desenvolvia junto das suas criações outras formas de controlo, mesmo que estas não fossem capazes de dar conta de tudo. O labirinto que formamos junto coma técnica e a tecnologia seria então composto por um conjunto de criações nossas, que cada vez mais se complexificam, como numa espiral, a cada volta já estão maiores, com novas ligações. E essas ligações são como novas portas que se abrem para além daquilo que imaginamos, até mesmo porque, nossa imaginação não alcança todas as possibilidades.

Portanto, a tecnologia é um labirinto construído por todos nós, pelos que criam as técnicas, as máquinas, pelos que usam, aprimoram, demonstram a sua importância, pelo acaso, enfim. O mito de Dédalo sinaliza: é preciso dispor do fio, ele fará a ligação entre nós e a saída, para que não percamos a noção da diferença entre nós e os outros, mas que principalmente não percamos a noção da semelhança entre “eu e o outro”. Pois se a perdemos, perdemos-nos de nós mesmos. Vivenciamos vários labirintos sociais em simultâneo, labirintos internos e externos a nós, cada vez mais complexos, que cada vez nos fazem mais sozinhos e ao mesmo tempo carentes, da técnica, da tecnologia e do outro, do semelhante.

Em um dos seus textos que compõe o livro *Análise Estrutural Dois*, Claude Lévi-Strauss menciona Jean Jacques Rousseau, e aborda os questionamentos deste quanto à condição de grandiosidade que o homem atribui aos feitos de seu tempo. Para Rousseau, a dificuldade em reconhecer os feitos humanos enquanto grandiosos está no facto de que, como podem fazer grandiosidades se os humanos não conseguem fazer pequenas coisas, como olhar para as carências de um outro? É debruçando nosso olhar sobre o diferente e as diferenças que encontramos a nós mesmos. Nas dificuldades e adversidades que o campo de pesquisa nos oferece, é possível reconhecer quem de facto somos, pois, na fórmula de Rousseau, “eu é um outro” podemos reconhecer que as diferenças que queremos alargar entre nossa condição e a de outros apenas nos aproxima de nós, como universalismos que reforçam as particularidades. E assim, as diferenças que cada um de nós tenta acrescentar em relação ao outro, não alcançam de facto seu objectivo. Segundo o que pensava Rousseau a este propósito, para pensarmos tais diferenças de forma tão significativa, precisaríamos dispor de meios que permitissem identificar níveis de importância para essas diferenças, que as caracterizassem para além de uma necessidade de diferenciação para o reconhecimento das particularidades. Uma forma que pudéssemos reconhecer na minha ou na existência do outro, uma importância maior ou menor por conta das diferenças que eu estabeleço. E isso, não nos parece possível.

Então, a sugestão Lévi-Strauss (1993, p. 46) é que nesse movimento de busca pela identificação das diferenças, mergulhado nessa experiência de reconhecer o que é distinto, “o homem começa portanto a experimentar-se idêntico a todos os seus semelhantes”. E nessa perspectiva, quanto mais nos identificamos com os outros, inclusive com os animais, mais recusaremos a ideia de nos aceitarmos como seres providos de existências especiais. Ou seja, “o homem deve conhecer-se como um ‘ele’ antes de ousar pretender que é um ‘eu’ (Idem, p. 47). Esse é o fio de Ariadne que devemos sustentar em nossas mãos, para que não sejamos devorados pelos labirintos que insistimos em criar. Para as diferenças que insistimos em ressaltar como se fossem passíveis de classificação e hierarquização, como se pudéssemos definir o que é melhor e pior, em relação a um outro. Como se o facto de ser outro já o desmerecesse.

Portanto, esse fio condutor auxiliaria a pensarmos para além dos interesses particulares, a ampliar o olhar sobre os benefícios e problemas da tecnologia, e também a utilizarmos seus recursos sem o manto de divindade que temos colocado nela. Muito embora, esse

fio de Ariadne não sirva apenas para repensarmos a nossa relação com a tecnologia, mas também a nossa relação com “o outro” em amplo espectro: humanos e não-humanos.

Todo percurso realizado para o trabalho foi de grande importância para o amadurecimento profissional e também pessoal. Pois esta perspectiva de buscar ver o “eu como um outro” foi deveras enriquecedora, não apenas pensando o que “o outro” deveria ampliar em sua percepção, mas também “eu” enquanto pesquisadora/antropóloga/humana. Esse também deve ser um dos papéis da ciência, que o cientista questione o mundo e a si mesmo e assim justifique, de modo ampliado, sua importância.

Acreditamos que os objectivos propostos para esta pesquisa foram devidamente alcançados. O principal objectivo, reconhecer de que forma a disseminação das novas tecnologias móveis da comunicação interferem nas relações interpessoais foi largamente discutido ao longo do trabalho e vastamente pesquisado no âmbito da tecnologia Wi-Fi, escolhida como ponto de referência para o estudo. E nessa perspectiva, observamos de que forma essas interferências eram reflectidas na percepção e uso do espaço urbano. Cada vez mais as pessoas passam a utilizar seus portáteis em espaços públicos da cidade, uma ideia que é incentivada também por um projecto da Câmara Municipal. E com o avanço dessa utilização as formas de vivenciar a cidade vão-se modificando, bem como as formas de percepção do “outro”.

É uma das características do espaço urbano: a mudança. Porém, os avanços tecnológicos, suas premissas e ambições acabam por acelerar tais mudanças, por incentivar percepções cada vez mais impulsivas sobre o espaço que vivemos e as demais pessoas que habitam nele. Urge a necessidade de rever, de avaliar tudo que tem sido desenvolvido em benefício dos referidos avanços, pois sem saber quais são os interesses que eles guardam não teremos como sair da cortina de incertezas que o nosso tempo já nos deixa como legado.

Quanto ao desenho urbano traçado a partir dos usos da tecnologia Wi-Fi, cada vez mais ele amplia-se, mas não quer dizer que esteja de facto disponível para todos. Além da necessidade de possuir um portátil ou outro aparelho que viabilize o uso da referida tecnologia, os pontos de *hotspots* estão concentrados nos espaços de maior

movimentação, assim como acontece com a maior parte das actividades sociais e comerciais das cidades em geral.

Contudo, apesar das transformações que a tecnologia Wi-Fi traz para a cidade, a reconfiguração do espaço urbano está ainda fragmentada nos espaços de socialização internos. Nos Cafés onde há o costume de frequentá-los para conversar ou ler os jornais, é comum que estas práticas sejam aos poucos substituídas pelo uso, cada vez mais frequente, da internet gratuita. Muito em parte pelo próprio incentivo que o poder público confere aos *hotspots*. Incentivo este, que abrange todo um projecto de desenvolvimento pautado em largos empreendimentos espelhados na tecnologia como um todo. Embora a tecnologia seja uma das principais fontes de inspiração para a concretização do bem-estar na contemporaneidade, os projectos para os quais ela serve de base não trazem necessariamente este bem-estar. Conforme observamos, um dos maiores entraves para a percepção deste facto é a dificuldade que temos em questionar a tecnologia.

Para tanto, é preciso atribuir valores simétricos a todas as partes que compõem o inteiro chamado tecnologia, principalmente quando cada vez mais ele se encontra aproximado de nossos valores íntimos, assim como das mais usuais actividades quotidianas. Junto a isso, o forte interesse económico no desenvolvimento da tecnologia deixa-a intrinsecamente relacionada com o poder público e seus interesses. A tecnologia, aliada ao discurso de um governo, auxilia no reforço das ideias de optimização do tempo, dos recursos materiais, da reciclagem, da eficiência dos serviços, enfim, valores imensamente actuais, que podem tornar-se reais, mas podem facilmente ficar apenas no plano dos projectos. Isso acontece pela própria flexibilidade imposta pelos recursos tecnológicos, assim como pela sua característica fluida e desvanecente.

Logo, a interferência da tecnologia na forma como percebemos as nossas vivências foi identificada de maneira intensa durante toda a construção do estudo, tanto na revisão de literatura quanto no trabalho de campo. Mesmo quando os interlocutores descartam a interferência dos artefactos tecnológicos no modo como preferem conversar com seus amigos, por exemplo, está implícita a adesão aos mesmos como ferramentas essenciais para os fazeres quotidianos. Por outro lado, os benefícios amplos e ambiciosos da tecnologia Wi-Fi na cidade, não são percebidos directamente, nem mesmo vistos como necessidade primeira, diante dos outros problemas sociais vivenciados.

Diante dessa configuração, onde estaria o fio de Ariadne? Talvez, ele não faça parte da contemporaneidade, que tanto nos tem brindado com termos como complexidade, incerteza, crises, caos, mudança, insegurança, híbridos. Enfim, todo movimento contemporâneo tende para o risco, como se a garantia de todos os esforços que empreendemos para o desenvolvimento científico e tecnológico deixou-nos fosse a utilização para um “lance de dados” e tentarmos a nossa sorte.

Para pesquisas futuras sobre o tema, sugerimos uma abordagem mais intensa nas empresas que ofertam os serviços de hotspots, pois devido à configuração do nosso campo de pesquisa não foi possível detalhar este aspecto bastante significativo e complementar dos fazeres do sector público.

BIBLIOGRAFIA

- Abu-Lughod, Lila. (2006). *Interpretando la(s) cultura(s) después de la televisión: sobre el método. Iconos, Revista de Ciencias Sociales, nº 24. Quito, pp. 119-141.*
- Alves, André Azevedo; Moreira, José Manuel. (2004). *Cidadania Digital e Democratização Electrónica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação - SPI.
- Amzalak, Moses B. (1959). *Sêneca e as suas ideias económicas*. Lisboa : Universidade Técnica.
- Arendt, H. (1995). *Verdade e Política*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Arendt, H. (2001) *A condição humana*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Atlan, Henri. (2004). *A Ciência é Inumana? Ensaio sobre a livre necessidade*. São Paulo: Cortez.
- Augé, M. (1999). *O sentido dos outros: atualidade da Antropologia*. Petrópolis: Vozes
- Augé, M. (2001). *As formas do esquecimento*. Lisboa: Íman Edições.
- Augé, M. (2005). *Não-Lugares: uma introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Papyrus.
- Bachelard, Gaston.(1978) *A Filosofia do Não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural.
- Balandier, G. (1997). *A Desordem: Elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Balandier, G. (1997). *O Contorno: Poder e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.
- Balandier, G. (1969). *Antropologia Política*. São Paulo: Editora da USP.
- Bateson, Gregory. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Baudrillard, Jean. (1976).*A troca simbólica e a morte: arte e comunicação*. Lisboa: Edições 70, Vol I e II.

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Bauman, Z. (1999) *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Bauman, Z. (2005) *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio d'água
- Bauman, Z. (2005) *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bauman, . (1995) *A Vida Fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'água
- Belk, Jeffrey. (2003). *Adventures in the Public Hotspot Wi-Fi World. Qualcomm Incorporated. San Diego, USA.*
- Benedict, Ruth. (1983). *Padrões de Cultura*. São Paulo: Ed. Livros do Brasil.
- Benjamin, W. (2000). *A Modernidade e os Modernos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Benjamin, Walter. (1994) *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense,. Obras escolhidas.
- Benjamin, Walter. (1996) *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense,. Obras escolhidas, vol. 1
- Berman, Marshall. (1982). *Tudo o que é sólido se dissolve no ar*. Lisboa: Edições 70.
- Bhabha, Homi. (1985). *Signs Taken Wonders: Questions of Ambivalence an Authority under a Tree Outside Delhi, May 1817*. Critical Inquiry, Vol. 12, N. 1.
- Boas, Franz. (1964). *Cuestiones Fundamentales de Antropología Cultural*. Buenos Aires: Ediciones Solar.
- Borges, Jorge Luis. (2003). *Poemas Escolhidos*. Lisboa: Dom Quixote.
- Brown, Radcliffe. (1989). *Estrutura e função nas sociedades primitivas*. Col. Perspectivas do Homem. Lisboa: Edições 70.
- Bruckner, Pascal. (2002). *A Euforia Perpétua: ensaio sobre o dever de felicidade*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Burgess, E. W. (2002). *The Growth of the City*. In: Bridge, G; Watson, S. (editors). *City Reader*. Malden: Blackwell publishing.
- Cabral, João Pina. (1991). *Os Contextos da Antropologia*. Lisboa: Difel
- Calvino, Ítalo. (2006). *As cidades invisíveis*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras.
- Canclini, Nestor Garcia (2006). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Edusp.

- Canevacci, Massimo. (1993). *A Cidade Polifônica: Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana*. São Paulo: Studio Nobel.
- Castells, M. (1991). *The Informational City: Information technology, economic restructuring, and urban-regional process*. New York:Wiley-Blackwell.
- Castells, M. (1999). *Sociedade em Rede*. 2ªEd. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2000). *A Questão Urbana*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2002). *O Poder na Identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- Castells, M. (2003). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Castells, M. (2010). *End of Millenium: The Information Society, and Culture Vol III*. Sec Edition. USA: Balcwell Publishers.
- Castells, M; Himanem, Pekka. (2002). *El Estado del bienestar y la sociedad de la información: El modelo finlandês*. Madrid: Alianza Editorial.
- Castoriadis, Cornelius. (2003). *O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto*. Lisboa: Campos da Comunicação.
- Castro, Augusto de. (1971). *As Mulheres e as Cidades*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Certeau, M. (1996). *A invenção do Cotidiano: Morar, cozinhar*. 6ªed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Certeau, M. (2005). *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 11ªed. Petrópolis, RJ: Vozes
- Cícero, Marco Túlio. (2001). *Da Amizade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Clifford, J. (1988). *The predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography, Literature, and Art*. USA: Harvard College.
- Clifford, J. (1991). *Sobre la autoridad etnográfica*. In: Geertz & Clifford (Coords). *El surgimiento de la antropología posmoderna*. España, Universidad de la Rioja.
- Copans, J; Tornay, S; Godelier, M, et al. (1971). *Antropologia: Ciência das sociedades primitivas?* Lisboa: Edições 70, 1971.
- Deborg, Guy. (1997). *Perspectivas de modificações conscientes na vida quotidiana*. In: *Antologia Internacional Situacionista*. Lisboa: Antígona.
- Deleuze, G; Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Derrida, Jacques. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- Dornelles, Jonatas. (2004). *Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, nº 21, pp. 241-271.
- Douglas, Mary (1976). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectivas
- Douglas, Mary; Isherwood, Baron. (2006). *O mundo dos bens: para uma Antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Drucker, P. (1996). *Administrando em Tempos de Grandes Mudanças*. 3ªed. São Paulo: Cengage Learning.
- Durkheim, Emile. (2007). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dumont, Louis. (1985). *Essais sur l'individualisme*. Paris: Seuil.
- Espinas, A. *As origens da tecnologia*. Revue philosophique, 1890, II, 115-116.
- Evans-Pritchard, E. (1951). *Some Features of Nuer Religion*. The Journal of Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. Vol 81, N 1/2 .
- Evans-Pritchard, E. (1972). *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- Faulhaber, Priscila. (2008). *Etnografia e Tradução Cultural em Antropologia*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum., Belém, V 3, N 1.
- Fernandes, António Teixeira. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Lisboa: Campo das Letras.
- Fernandes, António Teixeira. (1998). *O Estado Democrático e a Cidadania*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fernandes, António Teixeira. (2003). *Dinâmicas urbanas e poder político*. Revista Sociológica da Faculdade de Letras UP. Vol 13.
- Fernandes, José A. V. Rio. (2002). *Porto: um percurso urbano*. In: *Porto e Salvador: dois percursos urbanos distintos*. O Tripeiro, N 8.
- Filósofo cria língua universal para Web e prevê nova revolução do conhecimento*. Leopoldo Godoy do G1 entrevista Pierre Lévy em São Paulo. 29/08/2009. Disponível em www.globo.com.
- Fichte, Johann Gottlieb & Schelling, Friedrich Von. (1973). *Coleção “Os Pensadores”*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M. (1997). *A ordem do discurso*. Lisboa: Relógio D'água

- Foucault, Michel. (1966). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70
- Foucault, M. (2004). *Vigiar e Punir*. Lisboa: 29ªEd. Rio de Janeiro: Vozes.
- Freire, Letícia de Luna. (2006). *Seguindo Bruno Latour: notas para uma Antropologia simétrica*. *Comum – Rio de Janeiro*, v.11, nº 26, p. 46 a 65. Janeiro-Junho.
- Frúgoli Jr, Heitor. (2005). *O urbano em questão na Antropologia: interfaces com a Sociologia*. São Paulo: Revista de Antropologia, USP, v. 48 nº 1.
- Gadamer, Hans-Georg. (1999). *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer – revisão da tradução de Ênio Paulo Giachini. 3ª Edição, São Paulo: Editora Vozes.
- Gaspar, Andrea. *Uma controvérsia como objecto etnográfico*. Comunicação apresentada no 3º congresso da APA.
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Georges Guille-Escuret, « Efficacité technique, efficacité sociale. Le technique est-il dans le social ou face à lui ? », *Techniques & Culture* [En ligne], 40 | 2003, mis en ligne le 13 juin 2006.
- Giddens, Anthony. (2000). *Dualidade da Estrutura: agência e estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- Gil, José. (1995). *Salazar: a retórica da invisibilidade*. Lisboa: Relógio D'água.
- Godelier, M; et al. (1971). *Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas?* Lisboa: Edições 70.
- Goitia, Fernando. (1982). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gomes, Manuel Teixeira - *Obras Completas de (1991). Regressos*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Graham, S. (2001). *Information Technologies and Reconfigurations of Urban Space. International Journal of Urban and Regional Research*. Vol 25, N 2.
- Guerreiro, Evandro Prestes. (2006). *Cidade digital: infoinclusão social e tecnologia em rede*. Ed Senac: São Paulo.
- Hannerz, U. (1986). *Exploración de la ciudad*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- Hannerz, U. (1997) *Fluxo, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional*. *Mana* (online). Vol. 3, n. 1, pp. 7-39. ISBN 0104-9313
- Hannerz, U. (1998). *Conexiones transnacionales*. Cátedra, 1998
- Hannerz, U. (1999). *Entrevista: Os limites de nosso auto-retrato*. *Antropologia Urbana e Globalização*. MANA Vol 5, N 1. Pp. 149-155.

- Harris, M. (1971). *Town and Country in Brazil*. New York: WW. Norton & Co.
- Harris, M. (1979). *El desarrollo de la teoria antropológica: história de las teorías de la cultura*. España/México: Siglo Veintiuno Editores, s.a.
- Hegel, Friederick. (1980). Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural.
- Heidegger, Martin. (2002). *Ser e Tempo*. 12ª Edição Universidade São Francisco.
- Hommels, A. (2005). *Studying obduracy in the city: toward a productive fusion between technology studies and urban studies*. Science, Techonology & Human Values, Vol 30, pp. 323-51.
- Houtman, G; Zeitlin, D.(1996) *Information Technology and Anthropology*. *Anthropology Today*, Vol. 12, N. 3, pp. 1-3. Royal Anthropology Institute of Great Britain and Ireland, 1996.
- Husserl, Edmund. (1980). *Investigações Filosóficas Sexta Investigação*. Seleção e tradução de Zeliko Loparié e Andréa Maria Altino de Campos Loparié. São Paulo: Abril Cultural.
- Janoschka, Michel; Borsdorf, Axel. (2004). *Condomínios fechados and Barrios privados: the rise of private residencial neighbourhoods in Latin America*. In: *Glasze, G; C. Webster & K. Frantz (Ed): Private Neighbourhoods. Global and local perspectives*. London: Routledge, in press.
- Jarronson, Bruno. (1996). *Humanismo e Técnica: O humanismo entre economia, Filosofia e ciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kant, Emmanuel. (1995). *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 4 ed. São Paulo : Martins Fontes.
- Keeble, David; Wilkinson, Frank. (1998). *Collective Learning and Knowledge Development in the Evolution of Regional Clusters of High Technology SMEs in Europe*. *Regional Studies*, Vol. 33, nº 4, pp. 295-303.
- Kottak, Conrad. (1999). *The New Ecological Anthropology*. *American Anthropologist, New Series*, Vol. 101, nº 1, pp. 23-35.
- Latour, B. (1994). *On techical Mediation: Philosophy, Sociology, Genealogy*. *Common Knowledge*. Fall, Vol. 3. No. 2.
- Latour, B. (1996). *On Interobjectivity*. *Mind, Culture and Activity*. Vol 3, nº 4.
- Latour, B; Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Latour, B. (2000). *Ciência em Ação*. São Paulo: Editora Unesp.
- Latour, B. (2002). *Ethnografy of a “Hich Tech” case*. In: *Lemonnier, Pierre. Techonological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*. Great Britain: TJ International Ltd.

- Latour, B. (2002). *Morality and Technology: The End of the Means. Theory, Culture & Society* (SAGE, London, Thousand Oaks and New Delhi) Vol. 19 (5/6): 247-260.
- Latour, B. (2004). *Por uma Antropologia do centro*. Entrevista. MANA, Vol 10, nº 2, pp. 397-414.
- Latour, B. (2007). « *Paris ville invisible : le plasma* », *entrée pour le catalogue de l'exposition Airs de Paris, 30 ans du Centre Pompidou, sous la direction de Christine Macel, Daniel Birnbaum, Valérie Guillaume, ADGP, Paris, pp. 260-263*.
- Latour, Bruno. (2002). *War of the Worlds: What about Peace?* Chicago: Prickly Paradigm Press, LLC.
- Latour, Bruno. (2005). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Leach, Edmund. (1976). *Cultura e Comunicação*. Lisboa: Edições 70.
- Lemonnier, P. (1986). *Bark capes, arrowheads and Concorde: on social representations of technology*. In: Hodder, I (1986). *The meanings of things: material culture and symbolic expression. II On World Archaeological Congress. Southampton, England*.
- Lemonnier, P. (1993). *Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*. USA/London: Routledge.
- Lemonnier, P. « *Mythiques chaînes opératoires* », *Techniques & Culture [En ligne]*, 43-44 | 2004, mis en ligne le 15 avril 2007. URL
- Leroi-Gourhan (1984). *Evolução e técnicas: o meio e as técnicas*. Lisboa: Edições 70.
- Leroi-Gourhan (1993). *Gesture and speech*. Massachusetts Institute of Technology.
- Lévi-Strauss, C. (1955). *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70.
- Lévi-Strauss, C. (1993). *Antropologia Estrutural Dois*. 4ªEd. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lévi-Strauss, C. (2003). *Antropologia Estrutural*. 6ªEd. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- Lévi-Strauss, C. (2004). *O cru e o cozido: Mitológicas vol 1*. São Paulo: Cosac & Naify
- Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Costa. São Paulo: Ed 34.
- Levy, P. (1994). *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte.

- Levy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (1998). *A Inteligência Coletiva*. São Paulo: Loyola
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Levy, P. (2001). *Conexão Planetária*. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (2009). *Entrevista*. Globo News. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1284962-6174,00-LEIA+A+INTEGRA+DA+ENTREVISTA+COM+O+FILOSOFO+PIERRE+LEVY.html>
- Levy-Bruhl, Lucien. (2008) *Mentalidade Primitiva*. 1ª ed. São Paulo: Paulus Editora.
- Lopes, João Teixeira. (1999). *Do Porto romantico à cidade dos centros comerciais: Breve viagem pelo tempo*. Revista da Faculdade de Letras, UP: Sociologia, Vol 9, pp. 27-61.
- Lopes, João Teixeira; et al. (2003). *A Cultura em Acção - Impactos Sociais e Território*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lopes, João Teixeira. (2008). *Andante, Andante: tempo para andar e descobrir o espaço público*. Revista da Faculdade de Letras, UP: Sociologia, Vol 17/18.
- Low, Setha. (1996). *The Anthropology of Cities: Imagining and Theorizing the City*. *Annual Review of Anthropology*, Vol 25, pp. 383-409.
- Luhmann, Niklas. (1991). *O Amor como Paixão: para codificação da intimidade*. Lisboa: DIFEL.
- Maffesoli, M. (2000). *O Tempo das Tribos: Declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Magnani, José Guilherme. (1996). *Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole*. In: Magnani, J & Torres, L. (orgs.) *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP.
- Magnani, José Guilherme. (2002). *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49
- Magnani, José Guilherme. (2003). *A Antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Aula inaugural em 10 de Março de 2003. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
- Makenzie, Adrian. (2004). *From café to parkbench: Wi-Fi na technological overflows in the city*. Lancaster University: Institute for Cultural Research.
- Malinowski, B. (1978). *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

- Malinowski, Bronislaw. (1997). Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record
- Marcus, G; Cushman, D. (1982). *Ethnographies as texts*. Am. Rew. Anthropology. Vol 11, pp. 25-69.
- Marcus, G. (1994). *After the Critique of Ethnography: Faith, Hope, and Charity, But the Greatest of These Is Charity*. In: Borofsky, Robert (editor). *Assessing Cultural Anthropology*. New York: McGraw-Hill, pp. 40-54.
- Marcus, G. (1995). *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography*. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24, pp. 95-117
- Marcus, G; Holmes, D; Westbrook. (2006). *Intellectual Vocations in the City of Gold*. 13. Pol. 29. 1, pp. 154-179.
- Marques, Helder; Fernandes, José A. Rio; Oliveira; J. M. Pereira. (1990). *Porto, percursos nos espaços e nas memórias*. Porto: Apontamento.
- Maturana, H. & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, SP: Editorial Psy II.
- Mauss, Marcel. (1974). “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP.
- Mauss, Marcel. (1974). *As Técnicas Corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP.
- Mead, Margaret. (1988). *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Medeiros, Bianca; Cavalcanti, Mariana. (2010). *Entrevista com Arjun Appadurai*. Est. Hist., Rio de Janeiro, Vol 23, N 45, pp. 187-198.
- Morin, E. (2002). *O Método 3 – O conhecimento do conhecimento*. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina.
- Neves, Carla; Portugal, Francisco Teixeira. *O Orkut como elemento instituído da vida social: entremeando as dimensões online – offline na contemporaneidade*. Anais XIV ENA.
- Nietzsche, Friedrich. (2005). *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Novaes, Henrique; Dagnino, Renato. (2004). *O Fetiche da tecnologia*. Revista Organizações & Democracia. Marília: Editora da UNESP, nº5.
- Oliveira, Denise S – Ed. (1990). *Tecnologias e Socialidades*. Logos: Comunicação & Universidade. Vol 1, nº 1. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social.
- Pacheco, Helder. (1997). *Porto: da Outra Cidade*. Porto: Campo das Letras.

- Park, R. Burgess, E. W. (1967). *The City*. The University of Chicago Press, Chicago. 1st Edition 1925.
- Peirano, Marisa. (1995). *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pfaffenberger, Bryan. (1988). *Fetishised Objects and Humanised Nature: Towards an Anthropology of Technology Source: Man, New Series, Vol. 23, No. 2 (Jun., 1988), pp. 236-252 Published by: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*
- Pfaffenberger, Bryan. (1992). *Social Anthropology of Technology. Annual Review of Anthropology, Vol. 21, pp. 491-516 Published by: Annual Reviews.*
- Pimentel Filho, Ernesto; Vasconcelos, Edson. (2007). *Foucault: da microfísica a biopolítica*. Revista Aulas. Dossiê Foucault. N 3. Dezembro 2006/Março 2007.
- .
- Pitigrilli. (1954). *A necessidade de se iludir*. Rio de Janeiro: Casa Vechi.
- Rapport, Nigel. (2002). *Em louvor do cosmopolita irónico: Nacionalismo, o “judeu errante” e a cidade pós-nacional*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 45 nº 1.
- Ratcliffe, Jerry. (2004). *The Hotspot Matrix: A Framework for the Spatio-Temporal Targeting of Crime Reduction. Police Practice and Research, Vol. 5, nº 1, pp. 05-23.*
- Reville, David. (1992). *The roaring silence: John Cage, a life*. New York: Arcade Pub.
- Revista Superinteressante. (2010). *Juventude Frustrada*. Sessão Sociedade. N 142.
- Rosnay, J. (1995). *Introdução – O Macroscópio*; Cap. I – Através do Macroscópio, In: O Macroscópio – Para uma visão global. Lisboa: Estratégias Criativas.
- Rosnay, J. (2001). *Conceitos e operadores transversais*, In: A Religação dos saberes: o desafio do século XXI (Jornadas Temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Rudström, A; Höök, K; Svensson, M; (2005). *Social positioning: Designing the Seams between Social, Physical and Digital Space*. Swedish Institute of Computer Science.
- Santos, Lúcia Leitão (1998). *Os Movimentos Desejantes da Cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- Sassen, Saskia (editor). (2002). *Global networks, linked cities*. New York: Routledge.

- Seixas, Paulo C. (1997). *Identidades de uma Cidade: As Ilhas e o Porto*. In: Jorge, Vítor Oliveira; Iturra, Raul (Coords). *Recuperar o espanto: O Olhar da Antropologia*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 103-115
- Seixas, Paulo C. (1999). *Outros mapas: impactes sócio-culturais e Antropologia de urgência*. In: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Ano 81º, Vol. 39, pp. 45-59.
- Seixas, Paulo C. (2003). *O Viajante Enclausurado: Esboço da nova figura metropolitana*. In: Oliveira, Jorge Vitor (Coord). *Arquitectando Espaços: Da Natureza à Metrópolis*. Porto e Coimbra: FNLP/DCTP/CEAUCP.
- Seixas, Paulo C. (2006). *A Urbanização nas regiões desenvolvidas e nas regiões em desenvolvimento*. In: Horta, Ana Paula Beja (Coord). *Manual de Sociologia Urbana*, Lisboa: Univ. Aberta.
- Sheldrake, R. (1997). *A Vida num mundo Vivo*, In: *O Renascimento da Natureza: o florescimento da ciência de Deus*. São Paulo: Cultrix.
- Sherry Jr, J. Place, *Technology and Representation*. *Journal of Consumer Research*. Vol 27, Sep. 2000.
- Silvano, Filomena. (2007). *Antropologia do Espaço: uma introdução*. Lisboa: Celta Editora.
- Soja, E. W. (2000). *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. U K: Blackwell Publishing.
- Soja, E. W. (2003). *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. New York: Verso.
- Strathern, M. (1987). *Fuera de contexto: las ficciones persuasivas de la Antropología*. En: Reynoso, C. (Ed.) . *El surgimiento de la antropología posmoderna*. Op Cit, pp. 214-274.
- Tucker, Matthew. (2008). *The cultural production of cities: Rhetoric or reality? Lessons from Glasgow*. *Journal of Retail and Leisure Property*. 7, 21-33.
- Tylor, Edward B. (1970). *Anthropology. 3th. USA: The University of Michigan*.
- Utterback, J; Ebadi, Yar. *The effects of Communication on Technological Innovation*. *Management Science*. Vol. 30, n. 5, pp. 572-585. May, 1984.
- Vanderbilt, Tom. (2002). *Walker in the Wireless City*. *New York Times*, November 24. Disponível em: <http://www.casa.ucl.ac.uk/cyberspace/walkerinthewirelesscity.pdf>
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis. (1990). *A Saudade Portuguesa*. Aveiro: Estante Editora.
- Velho, Gilberto. (2009). *Antropologia Urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas*. *Sociologia, problemas e práticas*, N 59, pp. 11-18.
- Virillio, Paul. (1993). *A inércia polar*. Lisboa: Dom Quixote.

- Virillio, Paul. (2000). *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio D'água.
- Virillio, Paul. (2000). *Cibermundo: A Política do Pior*. Lisboa: Teorema.
- Voltaire. (1978). Coleção “*Os Pensadores*”. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural.
- Wacquant, Loïc. (2000). *As Prisões da Miséria*. Oeiras: Celta Editora.
- Wedel, J; et al. (2005). *Toward an Anthropology of Public Policy*. In: Pearson, R; Sherman, L. (eds). *The Use and Usefulness of The Social Sciences: Achievement, Disappointments, and Promise*. Philadelphia: The Annals of the American Academy of Political and Social Science, Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Vol 600, pp. 30-51.
- Weinberg, D. (2002). (ed). *Qualitative Research Methods*. Massachusetts, USA: Blacwell Publishers.
- Wilson, S. M; Peterson, L. C. (2002). *The Anthropology of Online Communities*. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 31, pp. 449-467 Published by: Annual Reviews
- Wisnik, José Miguel. (2004). *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- White, Leslie. (1959). *The Evolution of Culture: The development of civilization to fall of rome*. New York: McGraw-Hill Book Company, INC.
- White, Leslie. (1978) *O conceito de sistemas culturais: como compreender tribos e nações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Willians, Raymond. (2000). *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- Zartarian, Vahé; Noël, Emile. (2002). *Cibermundos: que futuro?* Porto: Ambar.
- Zhang, Yin. (1999). *Using the Internet for Survey Research: a Case Study*. *Journal of the American Society for Information Science*. 51(1), pp. 57-68.

APÊNDICE

Questionário sobre a Relação nos espaços urbanos, tecnologia e humanos.

Este projecto é patrocinado pelo Program Alban



Universidade Fernando Pessoa - Doutoramento em Ciências Sociais

Área: Antropologia Urbana e Tecnologia

Tema de pesquisa: Relação dos espaços urbanos, tecnologia e humanos

Objectivo: Reconhecer como, quando e porquê dá-se o acesso às redes de wirelles nos espaços de hotspots espalhados pelo espaço urbano da cidade do Porto

- 1) Características gerais do interlocutor
 - 1.1) Idade _____
 - 1.2) Profissão/ Ocupação _____
 - 1.3) Género () Masculino () Feminino
- 2) Costuma usar os espaços gratuitos de acesso à internet?
() sim () não
- 3) Se sim, com que frequência? _____(vezes por semana)
- 4) Quais as principais motivações para acessar a internet nesses espaços:
() estudantis; () profissionais; () conversar com os amigos próximos;
() conversar com os amigos distantes; () outras (mencionar) _____
- 5) Que actividades costumava fazer antes de frequentar os espaços de acesso gratuito (marque as duas mais significativas):
() visitar ou sair com amigos; () ler; () ver televisão;
() outras (mencionar) _____
- 6) Que sites costuma aceder (marcar as duas mais significativas):
() de relacionamento ou expressão de opinião (orkut, hi5, twitter, youtube);
() pesquisas em geral, curiosidades; () notícias/actualidades;
() outros (mencionar) _____
- 7) Conhece algum programa de inclusão digital desenvolvido na sua cidade:
() Porto Digital; () nenhum; () Outros (mencionar) _____
- 8) Percebe alguma mudança no cenário urbano advinda da tecnologia:
() aumento dos espaços de acesso gratuito (cafés, praças);

Trajecto da tecnologia Wi-Fi na cidade do Porto: uma rede de híbridos

- () aumento dos espaços de socialização; () diminuição dos espaços de socialização;
() nenhuma mudança; () outras (mencionar) _____
- 9) Você acha que o crescente acesso a internet interfere nas relações pessoais?
() sim () não
- 10) Se sim, acha que interfere de forma positiva ou negativa?
() positiva () negativa
- 11) Onde costuma conhecer pessoas com mais frequência:
() chats de relacionamento; () cafés; bares; () escola/universidade; () trabalho;
() centros comerciais;
- 12) O que acha que seria melhor para a sua cidade:
() maior crescimento económico; () melhorias sociais; () avanços tecnológicos; () maior socialização
- 13) Você acredita que a toda tecnologia traz apenas benefícios?
() sim () não
- 14) Você acha que a tecnologia ajuda para que tenhamos mais tempo?
() sim () não
- 15) Você acha que a tecnologia traz uma grande quantidade de informação que diminui nosso tempo?
() sim () não
- 16) Você acha que hoje em dia as pessoas vivenciam mais o espaço urbano ou o espaço virtual?
() espaço urbano () espaço virtual

Observações:

Muito obrigada pelas suas respostas.